



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FE)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

DANIELLY CARDOSO DA SILVA

**HISTÓRIA E MEMÓRIA: O ACERVO DE FOTOGRAFIA ESCOLAR DO CENTRO
DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO - CEPAE/ UFG (1968-2018)**

GOIÂNIA
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

DANIELLY CARDOSO DA SILVA

3. Título do trabalho

História e memória: o acervo de fotografia escolar do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação - CEPAE/ UFG (1968-2018)

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Diane Valdez, Usuário Externo**, em 09/12/2024, às 20:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Danielly Cardoso Da Silva, Discente**, em 09/12/2024, às 20:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5026917** e o código CRC **A117C056**.

DANIELLY CARDOSO DA SILVA

HISTÓRIA E MEMÓRIA: O ACERVO DE FOTOGRAFIA ESCOLAR DO CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO - CEPAE/ UFG (1968-2018)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação — Doutorado, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, como requisito para obtenção do título de Doutora em Educação.

Área de concentração: Educação.

Linha de pesquisa: Estado, Políticas e História da Educação.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Diane Valdez.

GOIÂNIA

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Silva, Danielly Cardoso da
História e Memória: o acervo de fotografia escolar do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação - CEPAE/ UFG (1968-2018) [manuscrito] / Danielly Cardoso da Silva. - 2024.
CCCXIII, 313 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Diane Valdez.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação (FE), Programa de Pós Graduação em Educação, Goiânia, 2024.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.
Inclui siglas, fotografias, abreviaturas, gráfico, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Fotografia. 2. CEPAE. 3. História da Educação. 4. Memória. 5. Fontes visuais. I. Valdez, Diane, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE TESE

Ata nº 76 da sessão de Defesa de Tese de **DANIELLY CARDOSO DA SILVA**, que confere o título de **Doutora em Educação** pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás - PPGE/FE/UFG, na *área de concentração em Educação*.

Aos **vinte e um dias do mês de novembro do ano de dois mil e vinte e quatro (21/11/2024)**, a partir das **14:00h**, em formato presencial, nas dependências do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação - CEPAE/ UFG, realizou-se a sessão pública de Defesa de Tese intitulada **“História e memória: o acervo de fotografia escolar do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação - CEPAE/ UFG (1968-2018)”**. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora **Diane Valdez (PPGE/FE/UFG)**, doutora em **Educação** pela **UNICAMP**, com a participação dos demais integrantes da Banca Examinadora: Professora Doutora **Rita Márcia Magalhães Furtado (PPGE/FE/UFG)**, doutora em **Educação** pela **UNICAMP** - integrante titular interna; Professora Doutora **Ana Raquel Costa Dias (UnB)**, doutora em **Educação** pela **UFG** - integrante titular externa; Professor Doutor **Allysson Fernandes Garcia (CEPAE/UFG)**, doutor em **História** pela **UnB** - integrante titular externo e Professor Doutor **Cristiano Nicolini (FH/UFG)**, doutor em **História** pela **UFSM** - integrante titular externo. Durante a arguição, os integrantes da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título da tese. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da tese, tendo sido a candidata aprovada pelos integrantes da banca. Proclamados os resultados pela Professora Doutora **Diane Valdez**, presidenta da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos integrantes da Banca Examinadora, aos vinte e um dias do mês de novembro do ano de dois mil e vinte e quatro.

Banca Examinadora:

Professora Doutora Diane Valdez

Professora Doutora Rita Márcia Magalhães Furtado

Professora Doutora Ana Raquel Costa Dias

Professor Doutor Allysson Fernandes Garcia

Professor Doutor Cristiano Nicolini

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Diane Valdez, Usuário Externo**, em 25/11/2024, às 15:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rita Marcia Magalhaes Furtado, Professor do Magistério Superior**, em 27/11/2024, às 15:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Raquel Costa Dias, Usuário Externo**, em 29/11/2024, às 09:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cristiano Nicolini, Professor do Magistério Superior**, em 29/11/2024, às 16:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Allysson Fernandes Garcia, Professor do Magistério Superior**, em 09/12/2024, às 12:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4980168** e o código CRC **4EDDECC4**.

Referência: Processo nº 23070.059329/2024-34

SEI nº 4980168

*Dedico para as mulheres sonhadoras, trabalhadoras,
lutadoras.
Que sonham estudar, cursar graduação e pós-graduação.
Que ousam encarar os enfrentamentos necessários para
ocupar seu lugar no mundo.
Às mulheres negras que fazem de seus sonhos realidade.
Enfrentar sem perder a doçura.*

AGRADECIMENTOS

*Agradecer a Deus, que a gente ainda não sabe amar direito,
A harmonia que a gente sente, vê e ouve.
A beleza que a gente vê saindo das rosas;
a dor saindo das feridas.
Agradecer tanta coisa que a gente não pode acreditar
que esteja acontecendo.*

Manoel de Barros¹

A Deus toda honra, toda glória, até aqui Ele nos ajudou, colocou pessoas no caminho para somar com essa jornada. Esta tese é fruto de muitas mãos, uns semearam, outros regaram, mas o crescimento veio de Deus. Quem plantou e regou teve um só propósito, e meu desejo é que sejam incomparavelmente abençoados/as.

À minha mãe, Neide e ao meu pai, Benedito, que se uniram na missão de me trazer ao mundo, me ensinaram minhas primeiras palavras, sempre estiveram ao meu lado me incentivando, meu amor e minha admiração por tudo que são. Obrigada por me ensinar a não desistir, a buscar outras rotas, por me mostrar que sou capaz de alcançar aquilo que colocar em meu coração. Essa tese é fruto da escolha de vocês em criar uma família, em educar com princípios, em zelar pelo nosso estudo, pelo nosso futuro. Sou grata pela educação que deram a mim e minha irmã Denize. A você *chaveirinho* sou grata por me ver com olhos de admiração, por evidenciar o melhor de mim, você é minha melhor amiga. Que você nunca se esqueça que tem potencial para alcançar àquilo que se dispor a conquistar.

Ao meu companheiro e sócio de vida, o homem que escolhi para estar ao meu lado, meu amor Wesley. Obrigada por aceitar compartilhar essa jornada, pelo apoio incondicional, por cada refeição servida junto ao computador. Seu companheirismo fez a diferença diante do desejo de me lançar novamente a pós-graduação, em cada decisão que tomamos nesses últimos cinco anos. Como aprendemos juntos e crescemos nesse interstício, que possamos continuar suportando um ao outro.

As minhas companheiras do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Tatiana, Verônica, Viviane, Eduarda, Elis Regina, Alessandra, Ana Raquel, Keides e Jaquelline, vocês compartilham tanto de suas vidas, de suas pesquisas, suas histórias, tenho elas todas dentro de mim, na minha vida, nesta escrita. Vou deixar um abraço especial para Jaque, que chegou sendo caçulinha da

¹ Manoel de Barros, Fragmentos de Canções e Poemas, em *Obra Completa*, p. 63, São Paulo: Leya, 2000.

turma. Obrigada pelos cafés, almoços, lanches e piadas, por não me deixar abandonar a mim nessa jornada.

As pessoas que fizeram dessa tese uma escrita melhor, minha sincera gratidão. A professora Diane Valdez, minha orientadora, obrigada por estender a parceria do mestrado, por acolher minhas dúvidas. Há quem duvide de que sejas paciente, mas eu sei que és, por isso agradeço. Como Cora Coralina falava de Mestra Silvina, talvez eu possa dizer: tive eu uma mestra, que ensinou gerações de meninos e meninas, muitos destes professores/as. Seus métodos eram os mais diversos possíveis, superados apenas pela sua capacidade de contar histórias. Obrigada por fazer parte da minha história, por costurar comigo as narrativas do CEPAE com as fotografias. Por segurar em minha mão, me ensinar com meus erros, apresentar outras possibilidades e caminhos. Por equilibrar entre sensibilidade e assertividade. Estou orgulhosa dessa “peça” que produzimos juntas, que possamos seguir bordando e fazendo outras artes.

A professora Anna Maria Dias Vreeswijk, obrigada pela leitura criteriosa, pelas indicações no texto, e por se dispor a dialogar conosco num momento tão singelo de sua vida.

Ao professor Cristiano Nicolini pela participação na banca de qualificação e defesa, por propor leituras e ajustes que contribuíram para aumentar o desafio e melhorar a profundidade e clareza desta tese.

A professora Rita Márcia Magalhães Furtado, que esteve conosco na qualificação e defesa, nos convidou a mergulhar na sensibilidade, ensinando que a escrita científica também pode ser poética e sensível.

A professora Ana Raquel Costa Dias, que conheceu esta tese desde o projeto, com quem tive a honra de partilhar a trajetória na pós-graduação e tê-la na qualificação e defesa. Ana, obrigada por estar ao meu lado, me incentivando, pelas contribuições assertivas na tese, por compartilhar conhecimentos, alegrias, conselhos.

Ao professor Allysson Gonçalves Garcia, por aceitar o convite para compor a banca de defesa, ter um professor do CEPAE, sobretudo com o olhar de quem pesquisa e ensina história, que acompanha as relações com a educação, para nós é motivo de honra. Obrigada por se dispor ao diálogo na reta final desta tese.

A Elisângela Figueiredo pela revisão e compreensão diante das intercorrências enfrentadas. Você é uma profissional sensacional, admirável, sensível e criteriosa, é sempre um prazer trabalhar com você.

Aos meus colegas do CEPAE, em especial minhas companheiras da secretaria: Claudiane, Karine e Roberta Akemi, sou grata pelo trabalho que fizemos juntas. Meus agradecimentos ao Irineu, que buscando fotografias da sua turma, chamou minha atenção para as fotografias que se tornaram objeto da tese.

As pessoas que participaram das entrevistas, ofertando de bom grado suas memórias, afetos e vivências. Minha gratidão por se disporem, por separar um tempo para conversarmos diante de tantas atividades, por abrirem a porta de suas casas para mim. Alcir, Ataíde, Sônia, Neisi, Telma e Edivânia, as narrativas de vocês trouxeram elementos que direcionaram nosso olhar durante a pesquisa, contribuíram para pensar o lugar da lembrança e do esquecimento na história narrada pelas fotografias.

Deixo aqui um abraço especial para algumas pessoas que expressaram das mais diferentes formas sua amizade e cuidado nessa caminhada: Bruna, pois companheira é companheira, Thales Cavalcanti, Wederson Carlos, Rosângela Ferreira, Camila Cardoso, Valéria Ferreira e Selma Ferreira, minhas vizinhas que cuidam de mim, Lucimar Toscano, Célia Antunes, Elizabeth (Betinha), Mariana Marques e William, Itamar e Magda.

Para amigos/as e familiares que souberam compreender minhas ausências, que ofereceram seu carinho e apoio nessa caminhada, agradeço por fazerem parte da minha vida, e da escrita desta tese.

A pessoa, o lugar, o objeto estão expostos e escondidos ao mesmo tempo, sob a luz, e dois olhos não são bastantes para captar o que se oculta no rápido florir de um gesto. É preciso que a lente mágica enriqueça a visão humana e do real de cada coisa um mais seco real extraia para que penetremos fundo no puro enigma das imagens.

Carlos Drummond de Andrade (1985)

SILVA, Danielly Cardoso da. **História e Memória: o acervo de fotografia escolar do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação - CEPAE/ UFG (1968-2018)**. 2024. 313 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2024.

Resumo:

A fotografia é uma evidência do passado, uma fonte que dá suporte a narrativa histórica com conteúdo perceptível visualmente. Não há uma ordem pré-definida para ser lida, seu único requisito é acessar o código visual. Cada pessoa a interpreta de acordo com sua cultura e sentimentos, no tempo em que a acessa. Esta tese vincula-se à linha de pesquisa Estado, Políticas e História da Educação, no Programa de Pós-Graduação Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Goiás. Teve como objetivo buscar o que o acervo de fotografias do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação [CEPAE/UFG] pode expressar acerca da história dessa instituição educacional dedicada ao ensino, pesquisa, extensão e a formação inicial de docentes na oferta de estágio as licenciaturas da universidade. Esses registros, acumulados desde a criação da escola, em 1968, se constituíram em tempos e espaços que impactaram sua conservação e organização. Tomou-se como recorte temporal o marco do cinquentenário da instituição em 2018, a fim de se delimitar as produções a serem analisadas na pesquisa. As fotografias do CEPAE indicam permanências e mudanças em diferentes aspectos da cultura escolar, nas relações entre docentes, discentes, famílias e com comunidade que a cerca. Para compreendê-las foram realizadas entrevistas com seis docentes que aparecem com maior recorrência nos registros. As imagens foram mapeadas e categorizadas em cinco temáticas: arquitetura, ambiente escolar, eventos, aulas campo e retratos. Simultaneamente a este trabalho de análise procedeu-se a limpeza e organização do acervo, visando melhorar as condições de armazenamento e acomodação do material. As fotografias constituem-se como lugares de memória, dispositivos que guardam situações que são rememoradas ao contemplar as imagens, despertando emoções e lembranças, neste sentido, buscou-se dialogar com autorias que possibilitassem estabelecer relação com as temáticas do passado, memória e história, Hobsbawm (1998), Burke (2011); Pierre Nora (1993), Paul Ricœur (2003, 2007). No âmbito da pesquisa com imagens e fotografias nos amparamos nos trabalhos de Boris Kossoy (2012), Burke (2017) e Susan Sontag (2004). Na relação da fotografia com o ambiente escolar nos referenciamos nas pesquisas de Andrade (2004), Abdala (2013), Aguiar (2021), Eberhardt (2013) e outras publicações a partir do levantamento de teses e dissertações realizado com foco na temática. Investigar as fotografias do CEPAE demonstrou-se um desafio de pôr em palavras o que somente imagens podem comunicar. Os registros pormenorizados em aulas, momentos de socialização, eventos dentro e fora da escola, como apresentações, jogos, cursos, exposições e palestras, passeios, retratos coletivos ou de pessoas que ocuparam lugar de autoridade na comunidade cepaeana, demonstram que a vida escolar se inscreve num ambiente social e ciclos diversificados.

Palavras-chave: Fotografia. CEPAE. História da Educação. Memória. Fontes visuais.

SILVA, Danielly Cardoso da. **Historia y Memoria: el acervo fotográfico escolar del Centro de Enseñanza e Investigación Aplicadas a la Educación - CEPAE/UFG (1968-2018)**. 2024. 313. Tesis (Doctorado en Educación) – Facultad de Educación de la Universidad Federal de Goiás, 2024.

Resumen:

La fotografía es evidencia del pasado, una fuente que sustenta una narrativa histórica con contenido explícito. No hay un orden predefinido para ser leído, su único requisito es acceder al código visual. Cada persona lo interpreta según su cultura y sentimientos, en el momento en que accede a él. Esta tesis está vinculada a la línea de investigación Estado, Políticas e Historia de la Educación, del Programa de Postgrado de la Facultad de Educación de la Universidad Federal de Goiás. Su objetivo fue buscar lo que es la colección de fotografías del Centro de Enseñanza e Investigación. Aplicada a la Educación [CEPAE/UFG] puede expresar sobre la historia de esta institución educativa dedicada a la docencia, la investigación, la extensión y la formación inicial de docentes en la oferta de prácticas como graduados universitarios. Estos registros, acumulados desde la creación de la escuela en 1968, constituyeron tiempos y espacios que impactaron su conservación y organización. Se tomó como marco temporal el hito del quincuagésimo aniversario de la institución en 2018, con el fin de delimitar las producciones a comprobar en la investigación. Las fotografías de CEPAE indican permanencias y cambios en diferentes aspectos de la cultura escolar, en las relaciones entre docentes, estudiantes, familias y la comunidad circundante. Comprender las entrevistas realizadas a seis docentes que aparecen con mayor frecuencia en los registros. Las imágenes fueron mapeadas y categorizadas en cinco temas: arquitectura, ambiente escolar, eventos, clases de campo y retratos. Paralelamente a este trabajo de análisis, se procedió a la limpieza y organización de la colección, con el objetivo de mejorar las condiciones de almacenamiento y alojamiento del material. Las fotografías se constituyen como lugares de la memoria, dispositivos que almacenan situaciones que se recuerdan al contemplar las imágenes, despertando emociones y recuerdos, en este sentido se buscó dialogar con autores que permitieran establecer una relación con las temáticas del pasado. memoria e historia, Hobsbawm (1998), Burke (2011); Pierre Nora (1993), Paul Ricœur (2003, 2007). En el ámbito de la investigación con imágenes y fotografías, nos apoyamos en los trabajos de Boris Kossoy (2012), Burke (2017) y Susan Sontag (2004). En la relación entre fotografía y ambiente escolar nos remitimos a las investigaciones de Andrade (2004), Abdala (2013), Aguiar (2021), Eberhardt (2013) y otras publicaciones basadas en el levantamiento de tesis y disertaciones realizadas con un centrarse en el tema. Investigar las fotografías de CEPAE resultó ser un desafío para poner en palabras lo que sólo las imágenes pueden comunicar. Los registros detallados de clases, momentos de socialización, acontecimientos dentro y fuera de la escuela, como presentaciones, juegos, cursos, exposiciones y conferencias, recorridos, retratos colectivos o de personas que ocuparon un lugar de autoridad en la comunidad cepaëña, demuestran que la escuela la vida participa en un entorno y ciclos sociales diversos.

Palabras clave: Fotografía. CEPAE. Historia de la Educación. Memoria. Fuentes visuales.

SILVA, Danielly Cardoso da. **History and Memory: the school photography collection of the Center for Teaching and Research Applied to Education - CEPAE/UFG (1968-2018)**. 2024. 313. Thesis (Doctorate in Education) – Faculty of Education of the Federal University of Goiás. Goiânia, 2024.

Abstract:

Photography is evidence of the past, a source that supports a historical narrative with explicit content. There is no pre-defined order to be read, your only requirement is to access the visual code. Each person interprets it according to their culture and feelings, at the time they access it. This thesis is linked to the line of research State, Policies and History of Education, in the Postgraduate Program Faculty of Education, at the Federal University of Goiás. Its objective was to search for what the collection of photographs of the Center for Teaching and Research Applied to Education [CEPAE/UFG] can express about the history of this educational institution dedicated to teaching, research, extension, and the initial training of teachers in offering internships as university graduates. These records, accumulated since the school's creation in 1968, constituted times and spaces that impacted its conservation and organization. The milestone of the institution's fiftieth anniversary in 2018 was taken as a period, to delimit the productions to be proven in the research. CEPAE photographs indicate permanence and changes in distinct aspects of school culture, in the relationships between teachers, students, families and the surrounding community. To understand, the interviews carried out with six teachers who appear most frequently in the records. The images were mapped and categorized into five themes: architecture, school environment, events, field classes and portraits. Simultaneously with this analysis work, the collection was cleaned and organized, aiming to improve the storage and accommodation conditions of the material. Photographs are constituted as places of memory, devices that store situations that are remembered when contemplating the images, awakening emotions and memories, in this sense, we sought to dialogue with authors that made it possible to establish a relationship with the themes of the past, memory and history, Hobsbawm (1998), Burke (2011); Pierre Nora (1993), Paul Ricœur (2003, 2007). In the scope of research with images and photographs, we rely on the works of Boris Kossov (2012), Burke (2017) and Susan Sontag (2004). In the relationship between photography and the school environment, we refer to the research of Andrade (2004), Abdala (2013), Aguiar (2021), Eberhardt (2013) and other publications based on the survey of theses and dissertations conducted with a focus on the theme. Investigating CEPAE's photographs turned out to be a challenge in putting into words what only images can communicate. The detailed records of classes, moments of socialization, events inside and outside the school, such as presentations, games, courses, exhibitions and lectures, tours, collective portraits or of people who occupied a place of authority in the Cepaeian community, demonstrate that school life, participating in a diverse social environment and cycles.

Keywords: Photography. CEPAE. History of Education. Memory. Visual sources.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Cerimônia de despedida da Creche UFG	31
Fotografia 2 – Estudantes do 1º Grau do Colégio de Aplicação.....	59
Fotografia 3 – Construção do Colégio Aplicação	65
Fotografia 4 – A fragilidade do documento fotográfico	76
Fotografia 5 – Livro Colégio Aplicação 40 anos de Educação em Goiânia	96
Fotografia 6 – Mosaico página 3	97
Fotografia 7 – Situação das fotografias do CEPAE antes da pesquisa.....	101
Fotografia 8 – Separação, limpeza, catalogação e organização das fotografias...	103
Fotografia 9 – Exemplo de envelope para foto.....	103
Fotografia 10 – Caixa organizadora dos conjuntos	104
Fotografia 11 – Disposição dos conjuntos/álbuns na caixa.....	105
Fotografia 12 – Conjunto 16; Apresentação 1997	113
Fotografia 13 – Conjunto 21; Apresentação s/d	114
Fotografia 14 – Conjunto 82; Apresentação 1997	114
Fotografia 15 – Conjunto 78; Bilhete	115
Fotografia 16 – Conjunto 87; Glória a Deus nas alturas.....	117
Fotografia 17 – Conjunto 79 Crianças em frente à igreja	119
Fotografia 18 – Fachada: Faculdade de Educação	133
Fotografia 19 – Lateral direita pátio interno: Faculdade de Educação	134
Fotografia 20 – Rua 235 em frente à Faculdade de Educação	134
Fotografia 21 – Av. Presidente Kennedy com o início da GO-080	135
Fotografia 22 – Vista Panorâmica da cidade de Goiânia GO-080.....	136
Fotografia 23 – Estudantes e professora caminhando as margens da GO-080....	136
Fotografia 24 – Estudantes na Av. Ver. José Monteiro Setor Negrão de Lima	137
Fotografia 25 – Alunos em frente a construção do Colégio de Aplicação	137
Fotografia 26 – Alunos no corredor segundo piso prédio principal.....	139
Fotografia 27 – Aula em espaço externo.....	140

Fotografia 28 – Parque infantil na lateral do prédio principal	141
Fotografia 29 – Inauguração do Colégio Aplicação.....	141
Fotografia 30 – Fachada prédio principal	142
Fotografia 31 – Registro de pintura na fachada do prédio principal	144
Fotografia 32 – Fachada DEI	145
Fotografia 33 – Corredor de acesso lado direito Faculdade de Educação.....	147
Fotografia 34 – Sala de Aula Faculdade de Educação	147
Fotografia 35 – Laboratório de Ciências	148
Fotografia 36 – Sala de material de expediente	148
Fotografia 37 – Sala de Aula.....	149
Fotografia 38 – Sala de aula com vidros pintados.....	151
Fotografia 39 – Escada do CEPAE	152
Fotografia 40 – Escada vista lateral	152
Fotografia 41- Atividade no auditório do CEPAE.....	153
Fotografia 42 – Atividade no auditório do CEPAE 2008.....	154
Fotografia 43 – Auditório do CEPAE reformado.....	154
Fotografia 44 – Biblioteca da Faculdade de Educação	155
Fotografia 45 – Atividade na biblioteca 1994	156
Fotografia 46 – Biblioteca CEPAE 2003.....	156
Fotografia 47 – Balcão da Biblioteca 2011	157
Fotografia 48 – Biblioteca 2018.....	157
Fotografia 49 – Porta de entrada segundo piso acesso via rampa	159
Fotografia 50 – Sala de Aula anos iniciais	161
Fotografia 51 – Alunos(as) em pequenos grupos.....	162
Fotografia 52 – Aula de Filosofia.....	162
Fotografia 53 – Aula de Ginástica Ginásio FEFD.....	164
Fotografia 54 – Vôlei de Balão	164
Fotografia 55 – Aula no Pátio com temática de povos originários.....	165
Fotografia 56 – Aula de Artes com convidada.....	166
Fotografia 57 – Aula com o Cartunista Jorge Braga.....	166

Fotografia 58 – Aula de música com teclado.....	167
Fotografia 59 – Aula de Música com instrumentos.....	167
Fotografia 60 – Aula sobre alimentos naturais e plantas.....	168
Fotografia 61 – Crianças em momento de leitura.....	169
Fotografia 62 – Estudantes Anos Iniciais retirando livros na biblioteca.....	169
Fotografia 63 – Equipe da biblioteca organizando o acervo.....	170
Fotografia 64 – Recreio.....	171
Fotografia 65 – Alunos anos iniciais organizando lanche.....	171
Fotografia 66 – Apresentação lúdica de professoras.....	172
Fotografia 67 – Saúde Geral Avaliação Otorrino Laringológica.....	173
Fotografia 68 – Saúde Odontológica: escovação e bochecho com flúor.....	173
Fotografia 69 – Oficina de modelagem.....	176
Fotografia 70 – Mostra Pedagógica: capoeira e cultura afrobrasileira.....	177
Fotografia 71 – Estudantes usando microscópio em exposição.....	177
Fotografia 72 – Lançamento da Coleção Gwaia.....	178
Fotografia 73 – Coral de docentes do CEPAE.....	179
Fotografia 74 – Apresentação Musical.....	179
Fotografia 75 – Professora T.O. tocando teclado.....	180
Fotografia 76 – Futebol de sabão.....	180
Fotografia 77 – Roda de Capoeira.....	181
Fotografia 78 – Jogos 2005.....	181
Fotografia 79 – Coral Natalino.....	182
Fotografia 80 - Musical Natalino.....	183
Fotografia 81 – Festa da Chuva.....	184
Fotografia 82 – Festa da chuva: entrevista com reportagem de TV.....	184
Fotografia 83 – Sorteio 1.....	185
Fotografia 84 – Sorteio 2.....	186
Fotografia 85 – Sorteio: público.....	186
Fotografia 86 – Sorteio: mesa.....	187
Fotografia 87 – Sorteio: pátio.....	188

Fotografia 88 – Sorteio 2017	188
Fotografia 89 – Reunião com pais e docentes	189
Fotografia 90 – Reunião com pais e docentes	190
Fotografia 91 – Festa Junina 1996.....	191
Fotografia 92 – Festa Junina 1999.....	191
Fotografia 93 – Festa Junina Country	192
Fotografia 94 – Festa da Família 2016.....	193
Fotografia 95 – Reunião no hall de entrada.	194
Fotografia 96 – Professora M.P.E.F.F.....	194
Fotografia 97 – Troca de presentes	195
Fotografia 98 – Professoras Z.D.A. e M.S.C.	196
Fotografia 99 – Abraços e despedidas.....	196
Fotografia 100 – Reunião Março 2000	197
Fotografia 101 – Reunião Março 2000	197
Fotografia 102 – Ex-diretoras e trabalhadoras do CEPAE	198
Fotografia 103 – E.B.T.R. e ex-professoras do CEPAE	199
Fotografia 104 – Fora Collor.....	201
Fotografia 105 – Caminhada fora Collor	202
Fotografia 106 – Estudantes em grupo	202
Fotografia 107 – Professor acompanhando	203
Fotografia 108 – Apresentação Sítio do Picapau Amarelo	204
Fotografia 109 – Apresentação Revoada Descobrimento	205
Fotografia 110 – Apresentação Justiça Federal	206
Fotografia 111 – Gwaya: Noite Eros Uma vez	207
Fotografia 112 – Encontro de Educadores da Educação Básica: abertura	208
Fotografia 113 – Encontro de Educadores da Educação Básica: N.M.G.S.....	208
Fotografia 114 – Encontro de Educadores da Educação Básica	209
Fotografia 115 – Encontro de Educadores da Educação Básica: A.H.S.	209
Fotografia 116 – Encontro de Educadores da Educação Básica: A.F.S. e S.S.C.	210
Fotografia 117 – Organização do evento	211

Fotografia 118 – Oficina professora E.B.T.R.....	212
Fotografia 119 – Mesa 54 ^a SBPC	213
Fotografia 120 – Participantes da Reunião SBPC	213
Fotografia 121 – Participantes SPBC.....	213
Fotografia 122 – Participantes SPBC.....	214
Fotografia 123 – Mesa SBPC.....	214
Fotografia 124 – Formatura 2014.....	216
Fotografia 125 – Formatura 2017.....	217
Fotografia 126 – Formatura 2019.....	217
Fotografia 127 – Viagem a Bertioga (SP).....	220
Fotografia 128 – Viagem a Bertioga (SP): ônibus	220
Fotografia 129 – Ouro Preto (MG): grupo	221
Fotografia 130 – Ouro Preto (MG): Museu da Inconfidência.....	221
Fotografia 131 – Visitando e construindo o conhecimento: Cinepirineus.....	222
Fotografia 132 – Visitando e construindo o conhecimento: Pirenópolis(GO)	223
Fotografia 133 – Pirenópolis (GO) cerrado	223
Fotografia 134 – Brasília (DF).....	224
Fotografia 135 – Grupo em visita ao zoológico	225
Fotografia 136 – Animais do zoológico: aves no lago	225
Fotografia 137 – Ônibus da UFG	226
Fotografia 138 – Crianças no ônibus.....	226
Fotografia 139 – Registro de visita ao zoológico.....	227
Fotografia 140 – Registro de visita ao laboratório de anatomia	228
Fotografia 141 – Registro de retorno do passeio	228
Fotografia 142 – Visita ao viveiro	229
Fotografia 143 – Região Sul Goiânia: Embratel	229
Fotografia 144 – Região Sul Goiânia	230
Fotografia 145 – Estudantes no gramado da FE.....	232
Fotografia 146 – Estudantes no auditória da FE	232
Fotografia 147 – Professores e alunas.....	233

Fotografia 148 – Professora e grupo de estudanes na biblioteca	234
Fotografia 149 – Professoras sentadas no chão	235
Fotografia 150 – Professoras em exposição de trabalhos	235
Fotografia 151 – Equipe docente Anos iniciais.....	236
Fotografia 152 – Turma professor R.P.M.	237
Fotografia 153 – Turma A.F.S.: Feliz Natal	237
Fotografia 154 – Família	238
Fotografia 155 – Professora S.A.M.C.; 1ª Diretora.....	241
Fotografia 156 – Professora A.C.T.S.; 3ª Diretora	242
Fotografia 157 – Professor L.J.M., 8º e 10º diretor.....	244
Fotografia 158 – Professor A.A.C., 11º diretor	244
Fotografia 159 – Professora E.B.T.R.; 12ª diretora	245
Fotografia 160 – Professora M.J.O.F.A.; 13ª e 14ª diretora.	246
Fotografia 161 – Professor A.H.S.; 15º e 16º diretor.	247

LISTA DE QUADROS

Quadro nº 1 – Pesquisas sobre Fotografia Escolar: o uso da fonte	79
Quadro nº 2 – Pesquisas sobre o CEPAE: categorias	85
Quadro nº 3 – Pessoas entrevistadas	99
Quadro nº 4 – Quantidade de fotografias por década	118
Quadro nº 5 – Categorias observadas no acervo fotográfico do CEPAE	121

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Percentual de Dissertações e Teses localizadas.....	77
Gráfico 2 – Quantidade de trabalhos por ano.....	77
Gráfico 3 – Distribuição dos trabalhos por Programas de Pós-Graduação	78
Gráfico 4 – Dissertações e Teses sobre o CEPAE	83
Gráfico 5 – Concentração dos trabalhos por Programa de Pós-Graduação	84
Gráfico 6 - Recorte temporal das pesquisas sobre o CEPAE	84
Gráfico 7 – Percentual de fotografias por década	118

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo de Pasta para entrega de documentos acadêmicos.....	134
Figura 2 – Capa da Revista Polyphonia.....	134
Figura 3 – Capa do livro CEPAE 50 Anos de História.....	135

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

ANNUFEI – Associação Nacional das Unidades Universitárias de Educação Infantil

APM – Associação de Pais e Mestres

C.F.E – Conselho Federal de Educação

CA – Colégio de Aplicação

CAs – Colégios de Aplicação

CEPAE – Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação

Cidarq – Centro de Informação e Arquivo da UFG

CNEA – Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo

CPM – Círculo de Pais e Mestres

DEI – Departamento de Educação Infantil

EBTT – Ensino Básico, Técnico e Tecnológico

Embratel – Empresa Brasileira de Telecomunicações

FE – Faculdade de Educação da UFG

FFCHL – Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras

ICHL – Instituto de Ciências Humanas e Letras

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MA – Museu Antropológico

NC – Cruzeiros Novos

PDIGs – Planos de Desenvolvimento Integrados

PPGEEB – Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica

PRAE – Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis

Procom – Pró-Reitoria de Assuntos da Comunidade Universitária

SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

Secom – Secretaria de Comunicação

SEI – Sistema Eletrônico de Informações

UFG – Universidade Federal de Goiás

SUMÁRIO

Introdução	23
Uma fotografia tem vários significados e um potencial de fascínio.....	28
Pensar a história sob diferentes perspectivas: muito mais do que os olhos podem ver	30
Imagem fotográfica: escrita imagética da memória	32
Chamar o passado para eternizar lembranças: a organização da tese	36
Capítulo I – História e Memória: A Escola e A Fotografia	38
1.1 Colégios de aplicação no Brasil: mudar, formar e experimentar.....	39
1.2 Organização pedagógica em mudanças: de Colégio de Aplicação à Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE).....	47
1.3 “Testemunhar o que não pode ser colocado em palavras”: fotografando o passado	60
1.4 Reconhecer o que já foi realizado: ineditismo é um ato de ingenuidade	73
1.4.1 Pesquisas sobre fotografia escolar	75
1.4.2 Pesquisas sobre o CEPAE	82
Capítulo II – O tempo congelado: “Fotografia é memória e com ela se confunde”	90
2.1 O tratamento das fotografias: acondicionar para conservar	91
2.2 A memória da imagem e a memória da palavra	97
2.3 Esquecer impede de acessar os guardados da memória	101
2.4 Práticas institucionais de conservação de arquivo na UFG	113
Capítulo III – “Olha o Passarinho!!!”: narrativas sobre o acervo fotográfico do CEPAE	117
3.1 Histórias da educação em imagens: o acervo fotográfico do CEPAE	117

3.2 Entre casas e escolas: o difuso caminho da arquitetura escolar	122
3.2.1 O espaço material educativo e a arquitetura externa	123
3.2.2 Lugares e formas de educar: Arquitetura interna.....	137
3. 3 Relações traçadas no ambiente escolar: mais representar e explicar de que contar verdades.....	151
3.3.1 Práticas de Ensino	152
3.3.2 Formação intelectual, cultural e cidadã: imagens do cotidiano	160
3.4 Dentro e fora da escola: sociabilidades e aprendizagens.....	166
3.4.1 Celebrações pedagógicas: eventos escolares.....	167
3.4.2 Projetos que se encontram: eventos externos.....	191
3.5 <i>Passeando pelos arredores</i> : vivências fora da escola.....	209
3.6 <i>Retratos de antepassados, solenes, empertigados</i>	220
3.6.1 Retratos Coletivos	221
3.6.2 O retrato que modela o desenho: as poses individuais	228
Considerações finais	238
Referências	243
Fontes.....	243
Bibliografia	244
Sites e Links	256
Apêndices	258
Apêndice A – Lista de pessoas citadas	258
Apêndice B – Quantidade de fotografias distribuídas por ano:	260
Apêndice C – Lista de docentes que ocuparam o cargo de direção no CEPAE:.....	261
Apêndice D – Teses e Dissertações sobre Fotografia Escolar	262

Apêndice E– Teses e Dissertações sobre o CEPAE	276
Apêndice F – Lista de identificação das fotografias do acervo	286
Apêndice G – Roteiro de entrevista:	292
Apêndice H – Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TECLE).....	294
Anexos	298
Anexo 1 – Parecer consubstanciado CEP	298

INTRODUÇÃO

*Difícil fotografar o silêncio.
 Entretanto tentei. Eu conto:
 Madrugada a minha aldeia estava morta.
 Não se ouvia um barulho, ninguém passava entre as casas.
 Eu estava saindo de uma festa.
 Eram quase quatro da manhã.
 Ia o Silêncio pela rua carregando um bêbado.
 Preparei minha máquina.
 O silêncio era um carregador?
 Estava carregando o bêbado.
 Fotografei esse carregador.
 Tive outras visões naquela madrugada.
 Preparei minha máquina de novo.
 [...]
 A foto saiu legal.
 Manoel de Barros²*

É difícil fotografar a vida, assim como Manoel de Barros descreveu ser difícil registrar o silêncio, isso não nos impede de alcançarmos nosso objetivo, eternizar em fotografias instantes em silêncio. A fotografia sempre esteve presente em nossa vida familiar, crescemos cercados de registros que deveriam ser manuseados com todo cuidado. Além dos álbuns montados com nossas poses e momentos, outras fotos compunham os porta-retratos e quadros na parede. Lembro-me da máquina fotográfica analógica *Kodak* de minha mãe, que, para ter o prazer de segurar por alguns instantes, escutávamos mil recomendações: “Cuidado! Não pode deixar cair!”. Tínhamos muita curiosidade para saber o que se via no quadradinho, de ver a cena fotografada, sob o som de mais conselhos: “Não pode tampar o *flash!*” ou “Não pode tampar a lente!”.

Quando acabava o rolo de filme, nossa mãe rebobinava com cuidado, para depois abrir a tampa e retirá-lo. Era um ritual cuidadoso e importante, pois ter uma máquina, comprar filme, tirar fotografias e revelá-las não era uma prática acessível. Fotografar era para guardar momentos considerados importantes, como aniversários, nascimentos, festas escolares, férias, etc. Ao olhar essas lembranças, voltamos ao tempo passado e lembramos o quanto o processo de registrar situações, pessoas e lugares se transformou.

Com a máquina que rebobinava automaticamente, a emoção era ouvir o barulhinho do filme sendo recolhido. A grande expectativa ficava por conta de pegar

² BARROS, Manoel de Barros. *O Fotógrafo*, In: **Obra Completa**. São Paulo: Leya, 2000

o envelope nas casas especializadas em revelação com as fotos e ver os resultados. Éramos inteira inquietação para saber como ficou aquela fotografia imaginada e registrada. A ansiedade era tamanha que mal esperávamos para colocar as fotos nos álbuns. Mais regras de cuidados: “Não pode pegar em cima da foto para não manchar!”. A série de recomendações persistia até que todas as fotografias ocupassem um lugar com suas legendas e datas. A melhor parte era visitar os álbuns para correr nossos olhos e ver aquelas imagens congeladas no tempo. Tentávamos reconhecer e identificar as pessoas conhecidas e as que não conhecíamos. As cenas da família chamavam nossas curiosidades, ali descobríamos que as pessoas mais velhas haviam sido jovens, elas usavam roupas, cabelos, adereços diferentes da atualidade, e as poses e os lugares eram marcas de um passado. A história era diferente.

Ter a vida fotografada e eternizada em seu próprio produto era uma experiência contraditória e ansiosamente aguardada, estimada e celebrada. Experimentávamos o enfado da espera, do posicionamento em busca do registro perfeito. Reuniões de família, festividades na escola, aniversários, casamentos, batizados, passeios e viagens eram alguns dos momentos elegidos para a categoria do memorável, como registrou o historiador Peter Burke (2011), algo que merecia ser eternizado. Depois, era viável, às vezes necessário, retomar as imagens e recordar com saudades daquelas pessoas no papel, mas não na realidade, gente que se foi, laços desfeitos, sentimento de tristeza que nos faziam guardar aquele suporte de lembrança. A máquina pequena de nossa mãe cabia um mundo de memórias. Sua *Kodak* foi substituída pela câmera digital, depois pelo celular. E nós, seguimos fotografando nossas vidas!

Durante a escrita dessa tese, os álbuns familiares, que estão desaparecendo, foram retomados sob o olhar de quem pesquisa essa fonte. É visível na maioria dos registros onde estamos presentes, especialmente nas fotografias escolares, que são provenientes de festividades, sobretudo as realizadas nos meses de junho. Era a oportunidade que nossa mãe tinha de estar presente com sua câmera para fazer os registros. Para iniciar nosso diálogo com essa fonte, escolhemos uma das fotografias de origem no universo educacional que converge ao encontro do objeto de nossa pesquisa:

Fotografia 1 – Cerimônia de despedida da Creche UFG



Fonte: Acervo da Família, 1995.

Trata-se de uma celebração de encerramento do período em que fui aluna da Creche da UFG, atualmente Departamento de Educação Infantil do CEPAE³. Nesse período, a equipe da instituição costumava realizar uma cerimônia de despedida com apresentações culturais e uma espécie de rito de passagem que encerrava o vínculo das crianças e famílias que frequentavam a instituição. Minhas primeiras fotografias escolares foram nas festividades deste espaço, que passou a integrar o CEPAE a partir do ano 2013.

Ou seja, há um estreito diálogo entre nossa história, nossa memória e a temática desta tese, que carrega raízes institucionais e objetivou problematizar o acervo fotográfico de uma escola de educação básica da Universidade Federal de Goiás, o Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação – CEPAE/ UFG, que no período de 1968 a 1994, era nominado de Colégio de Aplicação – CA. A comunidade docente, diante da compreensão que o novo nome definiria melhor a identidade institucional e as atividades desenvolvidas, elegeu o nome CEPAE, neste aspecto, ao longo dessa tese, optamos por utilizar a nomenclatura escolhida a partir de 1994, com vistas a respeitar essa escolha.

³ Ver mais no Capítulo 1.

Desde a graduação no curso de Pedagogia, atuando como bolsista de iniciação científica da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), as experiências de pesquisas no campo da história da educação possibilitaram leituras e aprendizados que foram a base dessa tese⁴. Fazer um curso de licenciatura em contato com o ensino, pesquisa e extensão foi fundamental para dar continuidade, tanto no mestrado como no doutorado, as investigações que problematizaram fontes com seus contextos e significados ao longo da história.

No ano de 2013, após concluir o curso de Pedagogia, fui aprovada em um concurso público no CEPAE. Assumi o cargo de Técnica em Assuntos Educacionais (TAE), na secretaria escolar dessa unidade responsável pela educação básica na Universidade Federal de Goiás (UFG). Com a trajetória acadêmica somada ao trabalho na escola, iniciamos o confronto do papel dessa instituição e suas produções ao longo de sua história.

De acordo com Zaíra da Cunha Melo Varizo⁵ (2020), o CEPAE buscou se constituir como um espaço democrático de formação. Ao longo de sua história, produziu uma diversidade de documentos que registram sua história, são relatórios de atividades, regimentos, artigos, fotografias, diários escolares, dossiês de alunos/as, professores/as e servidores/as da administração federal, e, muitas outras fontes que registram parte da trajetória dessa instituição.

As raízes institucionais são frutos dessa relação laboral, traçada paralelamente a projetos de pesquisa e extensão. Durante o mestrado, realizado entre 2017-2019, cogitamos uma mudança de tema em direção a documentação da escola. No entanto, o tempo curto para produzir uma dissertação e outros fatores, como a necessidade de estabelecer um recorte de objeto e de tempo, demonstraram que aquele não era o momento propício. Simultaneamente à realização do mestrado, e após sua conclusão, ampliamos o conhecimento acerca dos documentos da instituição em busca de algo que nos inquietasse a ponto de produzir uma problemática de pesquisa.

Inicialmente, sob orientação da equipe do Centro de Informação e Arquivo da UFG (Cidarq) procedemos à troca, limpeza e reorganização das caixas do arquivo

⁴ Ver mais em SILVA, Danielly Cardoso. “Você deveria ter vergonha de viver num país com tantos analfabetos”: a campanha publicitária do Mobral na Revista Veja (1970-1975). 2019. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

⁵ Optamos por referenciar os autores e autoras com o nome completo na primeira vez que aparecerem no texto como forma de reconhecer sua identidade e gênero. Caso sejam retomados/as, colocaremos apenas o último sobrenome.

deterioradas pelo tempo, visando a otimização do espaço disponível sem descartar as fontes relevantes da memória institucional. No entanto, no cenário do serviço público, as demandas do cotidiano sufocam os projetos que, por mais necessários que sejam, não se mostram urgentes para a administração. Assim, a tarefa de organização dos arquivos se impôs para a posteridade.

Após o término do mestrado, diante da solicitação de um colega de trabalho, ex-aluno do CEPAE nos anos 1980, que demandou localizar fotografias de sua turma no período, nos deparamos com um problema de umidade que acometeu a sala destinada aos arquivos permanentes na escola. A escola havia passado por uma reforma recente, sendo disponibilizada uma sala para acomodar o arquivo permanente, de pouco uso pela equipe administrativa. Acreditávamos que o local seria seguro e pertinente para acomodar os documentos. Foi uma surpresa ruim encontrarmos as fotografias umedecidas, algumas já mofadas, o que nos motivou a retomar sua recuperação e analisar que elementos acerca da historicidade da instituição poderiam estar ali registrados.

Nos deparamos com a fragilidade do registro fotográfico, descortinou um desejo investigativo com foco nessa fonte. As imagens, até a proposta do projeto, não estavam digitalizadas e não possuíam cópias em negativo, trata-se de registros únicos de um período específico da história e memória da escola e da universidade. Estavam armazenadas em duas caixas de papelão⁶, de modo impróprio e desorganizadas. Percebeu-se a tentativa de organizá-las em álbuns e reunir os conjuntos documentais em folhas ou cartazes, mas a maioria das imagens estava misturada.

Deparar com essa documentação culminou em um estado de inquietação que resultou na construção de um projeto submetido ao Programa Qualificar⁷, Edital n.º 01/2020, destinado ao ingresso na turma de Doutorado no Programa Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFG. As experiências anteriores, no âmbito da graduação e da pós, despertaram interesse para com as condições de armazenamento e organização desses documentos.

⁶ Ver Fotografia 7 – Situação das fotografias do CEPAE antes da pesquisa.

⁷ O *Programa Qualificar* é fruto da reivindicação de trabalhadores/as técnicos/as-administrativos/as em educação na referida universidade, visa ampliar vagas em programas de pós-graduação a fim de possibilitar a formação do quadro administrativo da instituição. No edital, candidatos/as passam pelo mesmo processo de seleção com análise de projeto, entrevista, prova de suficiência em língua estrangeira. Desde 2022, a seleção no programa Qualificar acontece de modo unificado ao edital de processo seletivo destinado ao ingresso nos cursos que fazem adesão ao projeto.

Percebemos que o modo de disposição do acervo do CEPAE foi resultante de diversas modificações no ambiente destinado aos documentos escolares da instituição. As fotografias não tinham uma caixa, gaveta ou armário destinado unicamente ao seu armazenamento. Ao longo dos anos, foram transferidas sucessivamente de local e, por fim, com a necessidade repentina de preparar o espaço para receber uma reforma, foram aglutinadas em duas caixas a fim de manter todo o material correspondente àquele tipo reunido.

Em determinado momento, foram expostas a agentes naturais e umidade, comprometendo sua forma e a qualidade das imagens. Foram coladas em folhas de diferentes espessuras para exposições, dobradas e unidas com cliques e grampos. O material carecia de periodização, identificação e acondicionamento apropriado às suas especificidades, os dados observados não indicavam possibilidade de determinar o contexto dos registros e identificar as pessoas presentes. Todos esses elementos compuseram um desejo crescente em tomar esse material e colocá-lo em perspectiva de pesquisa, pois víamos o potencial historiográfico desses registros.

Uma fotografia tem vários significados e um potencial de fascínio⁸

O potencial narrativo das fotografias, seus múltiplos elementos, técnicas, aparelhos tecnológicos aperfeiçoados ao longo do tempo, contexto de criação, são fatores que motivaram a construção da tese em torno desse objeto. Ao se considerar as condições de produção e armazenamento do acervo fotográfico do CEPAE percebemos que, de acordo com Rachel Duarte Abdala (2013), poderíamos alcançar aspectos do cotidiano, da subjetividade, da intencionalidade, da comunidade escolar, e problematizar se essas imagens seriam um produto da espontaneidade ou teriam demandado um planejamento, evidenciando contradições e ambiguidades inerentes a história dessa instituição.

Na busca por ferramentas para registrar o que antes se perdia na oralidade e na memória, percebe-se a função social, coletiva e individual do registro em imagens que, segundo Maíra Leão de Campos Andrade (2004), promoveu a criação e transformação de hábitos na sociedade. A imagem é uma evidência do passado, um elemento que permite pensar a história sob diferentes perspectivas, esse tipo de fonte tem um impacto na imaginação, são “indícios do passado no presente”, como

⁸ “Toda foto tem múltiplos significados; de fato, ver algo na forma de uma foto é enfrentar um objeto potencial de fascínio” (Susan Sontag, 2004, p. 18).

afirmou Burke (2004, p. 17) e “assim como textos e testemunhos orais, constituem-se numa forma importante de evidência histórica”, isso porque, “elas registram o testemunho ocular”.

Qualquer imagem pode ser utilizada como evidência histórica e oferecer informações que permitam acessar mensagens específicas, independentemente de sua qualidade estética. Na perspectiva de Andrade (2004), é apresentado o que foi registrado e o que foi ocultado a quem a acessa. Para, Eliane Marta Teixeira Lopes e Ana Maria de Oliveira Galvão (2011) as imagens são fontes a serem incluídas no âmbito das pesquisas em história da educação, sendo necessário observar às exigências postas a sua especificidade, sem se perder de vista as condições pertinentes a cada contexto histórico e social.

No que diz respeito à fotografia, o desenvolvimento tecnológico aperfeiçoou e contribuiu para a popularização desse tipo de registro. Na medida em que o hábito de fotografar foi se popularizando, esse instrumento também adentrou no campo educacional e, segundo Abdala (2013, p. 27), possibilitou registrar relações do cotidiano e da cultura escolar:

A conformação de uma cultura escolar guarda estreitas relações com a forma como a sociedade projeta e constrói imagens de si mesma nos diversos cenários e ações de seu cotidiano. A escola produz imagens representadas pelas fotografias que, ao mesmo tempo em que refletem suas práticas, mantêm um padrão de representação social que articula a cultura escolar aos condicionamentos sociais.

Desse modo, as fotografias no espaço escolar indicam uma perspectiva acerca das práticas pedagógicas. Na ausência de pessoas nos registros fotográficos, ainda reside a possibilidade de questionar a disposição e o uso de mobiliários e outros instrumentos da cultura material escolar⁹. Diante disso, é importante compreender quem eram aquelas pessoas, o que essas fotografias podem dizer da história da instituição nos momentos pedagógicos registrados, que elementos incidem sobre essas fontes e como elas contribuem na constituição de uma memória escolar.

Considerando o processo histórico de transformação das tecnologias, a fim de evitar anacronismos, é preciso manter em perspectiva que registrar algo em foto

⁹ A cultura material escolar compreende tudo que compõe a escola, desde os edifícios e salas de aula, como mobiliários, cartões, livros, e quaisquer outros materiais utilizados no processo de ensino aprendizagem. É um elemento fundamental para compreensão das dinâmicas sociais das experiências individuais dentro da escola de acordo com François Dubet e Danilo Martuccelli (1998), ao discutir a sociologia da experiência escolar.

tem diferentes significados conforme seu contexto histórico. Para Abdala (2013, p. 44), o hábito de fotografar faz parte da cultura, assim como também integra as relações de produção e consumo, haja vista que:

Vivemos imersos em “contextos visuais”, portanto o “material visual” deve ser compreendido como produto de um contexto sociocultural e econômico de produção e consumo. As imagens são produzidas a partir desses referenciais e circulam entre eles, sendo apropriadas e reapropriadas.

Dessa forma, fotografar na atualidade, na era dos celulares digitais, das redes sociais, repletas de selfies, difere de tirar uma foto há dez, vinte ou cinquenta anos, com um equipamento totalmente diferente. Fazer e acompanhar este movimento na escola é inerente a essas transformações.

O potencial subjetivo, autônomo e interpretativo percebido pelo campo visual de uma imagem, leva-nos a indagar o que um conjunto de fotografias, armazenadas ao longo do tempo podem dispor acerca de uma família, um grupo de pessoas, uma instituição, e, no caso dessa pesquisa, sobre o CEPAE uma escola de educação básica de uma universidade federal.

O recurso fotográfico é um instrumento válido no campo da história da educação, de acordo com Andrade (2004, p. 13), possibilita acesso “[...] a compreensão do fato, por intermédio da leitura visual, demonstra sua pluralidade, seja pela diversidade dos recursos técnicos empregados, seja pela multiplicidade dos valores sociais e culturais”. Oferece assim uma perspectiva que nem sempre é possível acessar por documentos escritos ou pela oralidade.

Pensar a história sob diferentes perspectivas: muito mais do que os olhos podem ver¹⁰

As fotografias apresentam um potencial investigativo, com múltiplas possibilidades de interpretação a serem feitas sobre o acervo escolar. Podem indicar evidências acerca da construção do espaço físico, das relações entre educadores(as) e os estudantes. São produções originadas no espaço público da instituição, que retratam momentos pedagógicos das atividades de ensino, pesquisa e extensão, fontes históricas de interesse da comunidade, ainda que muitos registros se encontrem no âmbito privado.

¹⁰ Ana Maria Mauad, 1996, p.3.

De acordo com Alcir Horácio da Silva (2018), essa escola, um centro educacional e campo de estágio da UFG, produziu em sua trajetória diversos documentos, regimentos, artigos, projetos de ensino e de pesquisa no âmbito da educação básica, da graduação, da pós-graduação *lato sensu* e do mestrado profissional nas mais diversas áreas de ensino.

Nesse universo sentiu-se falta de produções¹¹ acerca de sua constituição histórica, trabalhos que demonstrassem aspectos historiográficos da instituição, uma vez que, no geral, aparecem nas pesquisas dados pontuais, marcos temporais, data de criação, início das atividades, localização e outras informações, que permitem contextualizar a escola e sua proposta pedagógica diante de outros objetos.

De acordo com Thiago Granja Belieiro (2021, p. 276), a pesquisa historiográfica se caracteriza por uma análise da escrita da história, que considera as diferentes abordagens e interpretações sobre o passado, e suas relações com o presente e o futuro. Assim, considerarmos que o CEPAE, “insere-se no tempo, tem uma história enquanto campo de conhecimento, denota a diferença histórica e historiográfica”, ou seja, um objeto historiográfico, a ser pesquisado e analisado com suas fontes, tensões e complexidades.

Diante desses pressupostos, problematizamos: O que o acervo de fotografias do CEPAE evidencia sobre a história dessa instituição? Quais permanências e mudanças podem ser problematizadas tomando essas fontes como referência do passado educacional da escola? Seria possível compreender aspectos da prática pedagógica, dos espaços formativos, da dinâmica social dessa instituição a partir de seus registros fotográficos? Ao olhar para este acervo, questionamos o que significava registrar momentos dessa escola dita “experimental”, implementada a princípio como órgão suplementar da Faculdade de Educação da UFG? Que possibilidades essas fotografias apresentam sobre a história do CEPAE?

A fim de delimitar o processo de pesquisa, objetivamos o recorte dos cinquenta anos de existência da instituição, considerando o início de suas atividades em 1968 e o marco do cinquentenário em março de 2018, quando a escola completou meio século desenvolvendo atividades de ensino, pesquisa e extensão, na tentativa de perceber como essas ações foram registradas em suas fotografias. A opção pelo limite estabelecido diz respeito à ausência de data nos registros do acervo. Optamos por considerar como marco temporal o início das atividades da

¹¹ Ver mais no tópico 1.3.2 Pesquisas sobre o CEPAE.

escola e limitar o final a uma data específica, afinal são diariamente produzidos novos registros.

Os registros utilizados foram recolhidos no acervo da secretaria escolar, selecionamos o que foi possível localizar no acervo da escola até o final do ano de 2023, quando iniciamos a coleta das entrevistas e finalizamos o mapeamento do material. Para fins de comparação e correlação das categorias estabelecidas na análise do acervo, recorreremos a imagens disponibilizadas digitalmente pela Secretaria de Comunicação da UFG.

Imagem fotográfica: escrita imagética da memória¹²

A imagem fotográfica é uma forma de registro imagético da memória, temporariamente esquecida, como afirmou Furtado (2020), que emerge quando rememorada diante das experiências de leitura. Assim, a fotografia é uma fonte que dá suporte à narrativa histórica com um conteúdo perceptível visualmente. Segundo Andrade (2004), esse conteúdo revela e oculta elementos de modo simultâneo, evidenciando aspectos subjetivos, econômicos, sociais, culturais, materiais acerca do contexto observado, neste caso o ambiente escolar. Para Sontag (2004), é considerada um objeto de fácil manuseio e transporte, e, do mesmo modo, facilmente perecível diante de fatores ambientais que incidem sobre sua conservação.

O acesso às fontes é uma condição crucial para a pesquisa histórica, é preciso acessar os elementos do passado, que permaneceram mediante um suporte, para propor questionamentos que possibilitem reconstituir as narrativas, pois conforme afirmou Pierre Nora (1993, p. 9) “a história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais”. O passado reside nos lugares de memória, fontes, suportes, nos quais as pessoas depositaram o testemunho de sua existência, nos mais diversos lugares, seja no âmbito da vida pública ou privada.

Diante disso, as estratégias para conservação e preservação dos arquivos institucionais são uma preocupação que se impõe a quem pesquisa no âmbito historiográfico, e no caso dessa pesquisa, problematizamos como essa organização impacta na preservação de fontes como as fotografias. Há de se considerar ainda que a desorganização do acervo fotográfico coloca esses registros em situação de fragilidade, sendo necessário encaminhar propostas que contribuam para a

¹² Rita Márcia Magalhães Furtado, 2020, p. 44.

conservação e conseqüentemente, possibilitem outros acessos para realização de novas pesquisas.

Além disso, observou-se que, devido à falta de informações acerca da produção do acervo, como já registrado, há dados de conhecimento de pessoas na instituição por um período determinado, algumas próximas do desligamento ou já aposentadas. Isso coloca em risco a possibilidade de acesso a essas informações, uma vez que sem o auxílio de quem participou ou soube dos acontecimentos contidos nas imagens, não é possível compreender o que está registrado.

O trabalho com as fotografias do CEPAE contribuiu para localizar, organizar, identificar, classificar e disponibilizar acesso a esse material que possibilitaria compreender parte da história institucional da escola. Proporcionou visibilidade às atividades desenvolvidas ao longo dos anos e, ao estabelecer melhores critérios de conservação diante das possibilidades, assegurou a preservação das fontes armazenadas em condições precárias.

Considerando essa multiplicidade de fatores, o que está oculto e o que é evidenciado nos registros fotográficos, talvez seja possível construir uma memória social do passado e compreender como essa fonte foi produzida. Que situações as imagens registram? Que fatores impactaram a preservação e a organização desse registro? O que as fotografias podem dizer acerca da construção do espaço escolar, das relações entre educadores e educadoras com estudantes?

Esta tese tem como suporte teórico metodológico referenciais que consideram a perspectiva ampliada de uso das fontes e o diálogo entre diversos elementos históricos na constituição do passado. Buscamos dialogar com as publicações de Eric Hobsbawm (1998), Burke (2011), Pierre Nora (1993), Paul Ricoeur (2003, 2007), para fundamentar a relação passado, história e memória. Para discutir a pesquisa com imagens e fotografias, nos amparamos nos trabalhos de Alberto Manguel (2001), Boris Kossoy (2012), Burke (2004) e Susan Sontag (2004). Na relação da fotografia com o ambiente escolar, nos referenciamos nas pesquisas de Andrade (2004), Abdala (2013), Ângelo Antônio Aguiar (2021) e outras publicações a partir do levantamento de teses e dissertações realizados com foco na temática.

Outra fonte fundamental para esta pesquisa foram as legislações produzidas em âmbito nacional e publicadas pela UFG. Segundo Lopes e Galvão (2001), durante muito tempo na escrita da história da educação, recorreu-se às fontes oficiais escritas, leis, decretos, portarias, atos do poder executivo, regulamentos, etc.; como referência para compreensão das transformações ocorridas na organização escolar

e no estudo do pensamento pedagógico. Com a ressalva de observar os documentos na perspectiva de que são objetos feitos pelo poder público e, como outras fontes, devem ser confrontadas e problematizadas. São fontes da historiografia política e administrativa, que além de serem problematizadas, devem ser confrontadas com outras evidências, potencializando a análise do passado educacional.

Também utilizamos publicações de jornais, principalmente informativos impressos e digitais, de circulação institucional no âmbito da UFG. São relatórios, informativos, revistas e outros tipos de informações que, em sua busca, apresentam dificuldade na localização ao se considerar as mudanças nos dispositivos de armazenamento, sobretudo os sites, em constante atualização.

As fotografias são nosso foco principal, conforme afirmou Andrade (2004, p. 22), esse documento ocupa uma função, “[...] que capta, e registra, fatos e eventos e, os caminhos da pesquisa se constituíram a partir do olhar e dos questionamentos depositados nos registros”. As entrevistas, a identificação do acervo e sua consequente categorização¹³, se constituíram a partir do olhar, e de indagações feitas diante do conteúdo que as fotografias apresentavam, ou escondem, em suas naturezas contraditórias.

Nesse movimento, nos questionávamos como as imagens possibilitam explorar as narrativas da história do CEPAE com suas realidades, lacunas, ausências e tensões em diferentes momentos históricos. Para Andrade (2004, p. 63, grifo nosso), ao permitir vislumbrar o que é visível, e o que não é, carregam o poder de síntese, indicando relações congeladas em pequenos fragmentos recortados de momentos, a mesma autora estabeleceu que este tipo de registro seria uma espécie de documento/monumento:

Assim, passou-se a observar a fotografia, enquanto fonte documental de pesquisa, e sua relação com a construção da memória coletiva, a relação entre memória e projeto do futuro e, por fim, a fotografia enquanto **documento e monumento**. Aponta-se, portanto, aqui, as fotografias como **monumentos** que expressam valores, ideias, tradições e comportamentos que contribuem para a identidade de uma sociedade.

Desse modo, a fotografia se insere no conceito de Jaques Le Goff (1990), definindo como documento/monumento, algo que evoca o passado perpetuando recordações, um legado da memória coletiva que reverbera testemunhos, sendo esse movimento voluntário ou não. Ao comunicar valores, ideias, informações, a

¹³ Ver mais no Capítulo 2.

expressão é um elemento fundante na fotografia. Segundo Kossoy (2012) são registros produzidos com finalidade documental, um meio de conhecimento que carrega um conteúdo iconográfico, que exige esforço de compreensão constante diante do estudo documental, com sério risco de jamais se alcançar a totalidade de seu potencial informativo e seus limites.

A finalidade documental, no entanto, para o mesmo autor, não isenta a fotografia de seus valores estéticos. Pelo contrário, toda foto é um testemunho criado a partir de uma percepção visual, com um filtro cultural que, para Kossoy (2012, p. 52): “[...] representa o testemunho de uma criação. Por outro lado, ela representará sempre a criação de um testemunho”. De modo ambíguo, contraditório e, inexoravelmente inseparável, ao mesmo tempo que se cria uma memória, se fabrica uma imagem de um determinado acontecimento. Se congelam, na mesma fatia, objetos, pessoas, elementos estéticos, culturais e emocionais de quem fotografa e de quem é fotografado, conforme afirmou Kossoy (2012, p. 52):

Esses registros se tornam documentos expressivos quando o fotógrafo percebe o **potencial estético inerente** ao animado e ao inanimado, ao político e ao sociológico, ao jornalístico e ao ficcional. Refiro-me a uma articulação de valores: técnicos, estéticos, **culturais, psicológicos, emocionais, ideológicos**, constituintes do repertório, personalidade e visão de mundo do fotógrafo que são transmitidos no instante da produção do registro, momento de sua criação; um **amálgama** que se cristaliza com a formação da imagem numa intersecção singular de espaço e tempo

Nesse sentido, ao se olhar para uma fotografia do ponto de vista histórico, não se busca o fato cristalizado na fatia do tempo, mas também aspectos simbólicos que precisam ser recuperados, por ser “o pensamento que levou o homem à determinada ação” (Idem, p. 151) compreender razões sociais e emocionais que originaram o acontecimento. Uma das dificuldades nesse sentido diz respeito a forma como as instituições guardam esse tipo de fonte, com pouca ou nenhuma informação acerca de sua composição, comprometendo as possibilidades investigativas, conforme afirmou Kossoy (2012, p. 31):

As instituições que guardam este tipo de documentação devem perceber que, à medida que esta se distancia da época em que foi produzida, mais difíceis as possibilidades de suas informações visuais serem resgatadas, e, portanto, menos úteis serão ao conhecimento, justamente por não terem sido estudadas convenientemente desde o momento em que passaram a integrar as coleções.

Quanto menor o número de informações o arquivo de origem dispõe mais desafiador se torna captar elementos abstratos para além da realidade visível do objeto ou situação fotografada. É possível ler uma fotografia de muitas maneiras, como bem afirmou Burke (2017), as imagens podem ser explicadas, traduzidas, ainda que erroneamente, idealizadas ou adaptadas de diferentes formas. Se o princípio documental da imagem é comunicar algo, como seria possível dialogar com acervos, nos quais dados sobre pessoas e fatos não estão acessíveis?

Tanto Burke (2017), como Kossoy (2012) defendem uma abordagem de análise combinativa de conteúdo no qual iconografia e iconologia se complementam num exame técnico-iconográfico de interpretação sistemática. Para ambos a iconografia diz respeito ao detalhamento sistemático do conteúdo, o inventário informacional da fotografia, o cenário, personagens, fatos. Um processo intuitivo, especulativo, realista, no qual se observa e lê o que se apresenta na imagem.

A iconologia, derivada dos estudos de Panofsky, segundo Burke (2017) seria uma análise ainda mais especulativa, pressupondo que a imagem se insere numa cultura e que para lê-la é preciso familiarizar-se com os códigos culturais de seu contexto, “ler imagens como expressões do “espírito da época”” (Idem, p. 56). A proposta de Burke (2017) de combinar iconografia com iconologia de modo sistemático, se aproxima do que Kossoy (2012, p. 59) define como o exame técnico-iconográfico interpretativo das fotografias, que:

[...] prestam-se definitivamente para a recuperação das informações. Assim as imagens que contêm um reconhecido valor documentário são importantes para os estudos específicos nas áreas da arquitetura, antropologia, etnologia, arqueologia, história social e demais ramos do saber, pois **representam um meio de conhecimento da cena passada** e, portanto, uma possibilidade de **resgate da memória visual** do homem e do seu entorno sociocultural. (Kossoy, 2012, p. 59)

Esse tipo de análise contribuiria para alcançar a realidade interior da fotografia, potencializada no entrecruzamento com outras fontes, manuscritos, impressos, entrevistas, etc.; compondo a visão da pesquisa com seus questionamentos e anseios. Não podemos ainda desconsiderar as contribuições da semiótica para a análise das fotografias, conforme reforçou Nascimento (2012, p.49):

Independentemente das funções que a informação exerça na fotografia, faz-se necessário pensar e refletir sobre quais sentidos que as fotografias catalogadas suscitam: sendo um fragmento da verdade contundente que ela traduz inegável e inconfundível. Numa busca, por assim dizer, de uma **análise semiótica**, a fotografia como

um produto de um **processo discursivo**, entende que há um sujeito que enquadra a informação do mundo, outro ou o mesmo que seleciona e trata essa informação, logo, revelam sistemas de valores, portanto, uma ideologia social, uma visão posicionada de mundo.

Consideramos que a fotografia apresenta uma narrativa, que pode ser lida, com suas representações, relacionadas a um contexto culturalmente estabelecido. Tomamos essa leitura diante das categorias de análise que estabelecemos ao observar os “fatos de repetição” (Kossoy, 2012), presentes no acervo do CEPAE, assim as fotografias não são lidas em unidade, mas sempre como um conjunto sequencial que permite compreender uma série de acontecimentos.

Chamar o passado para eternizar lembranças: a organização da tese

Com a proposta de compreender a história do CEPAE, tomando como referência as narrativas apresentadas nas fotografias produzidas durante os primeiros cinquenta anos dessa escola, a tese se organiza em três capítulos. No primeiro, intitulado *História e memória: a escola e a fotografia*, apresentamos como a criação dessa instituição de educação básica na universidade se insere numa dinâmica nacional historiográfica, dialogando com o contexto político nacional e a necessidade de propor locais de efetiva prática no que tange a formação de docentes. Discutimos como a história do CEPAE dialoga com a história da UFG, analisando o processo de criação da instituição, seus conceitos e concepções.

Ainda neste capítulo, apresentamos reflexões acerca da narrativa e os sentidos do passado, como memória e história estão intrincadas, e, ainda, como a fotografia se constitui como testemunho daquilo que não pode ser colocado em palavras, com suas especificidades, potencialidades e limites. Para concluir a primeira parte da tese, reconhecemos as produções acerca da fotografia escolar e do CEPAE, como escola destinada à produção de pesquisas e práticas experimentais educacionais.

No segundo capítulo, *O tempo congelado: “Fotografia é memória e com ela se confunde”*, nos dedicamos a detalhar os procedimentos metodológicos que orientaram a pesquisa. Evidenciamos como fotografia e memória se relacionam em uma simbiose. Recorremos às entrevistas realizadas com as pessoas que apareceram com maior frequência nos registros identificados, na busca por acessar e compreender o máximo possível acerca dos contextos e situações. Destacamos as práticas institucionais de conservação de arquivo a que tivemos acesso na

universidade, e como essas orientações contribuíram na organização do acervo do CEPAE.

No terceiro capítulo, denominado “*Olha o Passarinho!!!: narrativas Sobre O Acervo Fotográfico do CEPAE*”, apresentamos um panorama acerca da composição do acervo pesquisado. Na sequência, são analisadas as categorias construídas com base nas narrativas fotográficas observadas, que demonstram um conjunto de padrões que se repetem ao longo do tempo.

Por fim encerramos com algumas considerações finais, que não se esgotam na conclusão desse trabalho, que indicam as possibilidades encontradas nessa investigação e que possíveis lacunas continuam postas ao futuro, na interlocução com essas fontes, para a escrita da história da educação do CEPAE e da UFG.

CAPÍTULO I – HISTÓRIA E MEMÓRIA: A ESCOLA E A FOTOGRAFIA

Fala-se tanto de memória porque ela não existe mais.
Pierre Nora¹⁴

Qual o lugar do passado e como retê-lo? Ao questionarmos sobre como lembrar e não esquecer, nos perguntamos o que é digno de ser memorável. Tomando emprestado a frase que abre o capítulo, de Pierre Nora (1993), a memória é objeto de investigação diante da fragilidade de sua existência. Esta pesquisa fala das imagens da memória, de um lugar que se visita em álbuns escolares ou de família: a fotografia escolar. Em que ponto história, memória, fotografia e escola convergem? Como se relacionam? Este capítulo apresenta como esses conceitos conversam diante do objeto da tese.

Iniciamos com a contextualização da instituição pesquisada, o CEPAE, como essa escola se insere na história da educação brasileira e se constituiu como um espaço de ensino, pesquisa e extensão de uma universidade federal de Goiás. Em seguida, discutimos o lugar das fotografias na escrita da história, fontes para acessar o passado e lugares de memória que guardam diferentes recortes do que aconteceu. Apresentamos suas potencialidades e limites, demonstrando como lidamos com esse artefato histórico durante a pesquisa.

Na sequência, dispomos um panorama acerca das pesquisas no âmbito da fotografia escolar e do próprio CEPAE, reforçando as contribuições da tese para a escrita da história da instituição e demonstrando como este estudo dialoga com outras produções. Encerramos o capítulo reconhecendo o que outras pessoas já estabeleceram antes desta proposta, destacando o diferencial que estamos constituindo.

O Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) é responsável por desenvolver atividades de ensino na educação básica, da Universidade Federal de Goiás (UFG), compreendendo as etapas de educação infantil, ensino fundamental e médio (CEPAE/UFG, 2018). Segundo o estatuto da UFG (2013, p. 6) se constitui também “campo de estágio dos diversos cursos de graduação que fazem interfaces com a educação básica e, também, visará à produção de conhecimentos

¹⁴ NORA, Pierre. Entre Memória E História: A Problemática Dos Lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. In: **Projeto História**: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História, 10. São Paulo: PUC-SP. N° 10. 1993, p. 7.

e o desenvolvimento de atividades de pesquisa e de extensão” sendo supervisionado pela Pró-Reitoria de Graduação.

A história do CEPAE se situa no contexto de criação dos Colégios de Aplicação (CAs) no Brasil, sendo esta sua primeira denominação institucional, alinhado com um projeto de formação de professores/as que por sua vez se pautava num ideário de nação e numa proposta de ensino voltada a formação integral do cidadão. Vejamos a seguir como esses processos se relacionam.

1.1 Colégios de aplicação no Brasil: mudar, formar e experimentar

A criação dos Colégios de Aplicação ocorreu em um contexto de transformações que expressaram mudanças nos pensamentos políticos, sociais e educacionais no Brasil. Segundo William Fernandes Molina e Vera Lúcia Bertoni dos Santos (2020), essas mudanças resultam de anos de debates, publicações, propostas que, desde o final do Império, circulavam na sociedade. Diante das problemáticas do Estado, como a crescente urbanização e industrialização, seria impossível dissociar tais mudanças do contexto educacional que demandava por uma escola que fosse capaz de atender uma parcela maior da sociedade.

O desejo por uma nação modernizada, de acordo com Rita de Cássia Prazeres Frangella (2000), colocou em perspectiva a busca por mais professores e a discussão por uma profissionalização docente. Esse “entusiasmo educacional” ocupou espaço no contexto político após um período de crescente expectativa.

De acordo com Jorge Nagle (1976, p.3), o que se observa a partir dos anos 1920 é um conjunto de sistemas e possibilidades que envolveu o país “em um clima de efervescência ideológica e de inquietação social”. O crescimento do setor industrial, a ampliação das camadas médias, abriram alternativas no setor econômico e criando espaço para transformações nos modos de pensar e organizar a vida social, reestruturando formas de controle já estabelecidas, mas também estabelecendo condutas institucionais que não alteraram as condições sociais da maioria da população pobre.

Marta Maria Chagas de Carvalho (2015, p. 232) apontou que a proposta modernizadora destacada por Nagle (1976) se fazia como uma estratégia de “estruturar mecanismos de controle das populações pobres nos grandes centros urbanos”. Nesse sentido, a autora apontou que a preocupação com a educação

disfarçava o intuito de “moralizar” cidadãos conforme os costumes citadinos, tomando como referência uma elite urbana letrada.

O processo imigratório, pautado no movimento de branqueamento em uma tentativa de substituição do trabalho escravo por pessoas brancas, de preferência europeia, foi um dos elementos que alterou o mercado de trabalho e as relações trabalhistas. Somado a outras pressões, conforme apontou Petrônio Domingues (2007, p. 105, grifo nosso), como o crescente movimento negro no Brasil, emergente desde a abolição da escravatura e a Proclamação da República, a demanda por integração social, reconhecimento de direitos e outros, se expressava na criação de grupos, clubes, associações, que, além de outras demandas, recorriam à imprensa periódica para divulgar ideias, defesas e necessidades:

Esses jornais enfocavam as mais diversas mazelas que afetavam a população negra no âmbito do **trabalho**, da **habitação**, da **educação** e da **saúde**, tornando-se uma tribuna privilegiada para se pensar em soluções concretas para o problema do racismo na sociedade brasileira. Além disso, as páginas desses periódicos constituíram **veículos de denúncia** do regime de “segregação racial” que incidia em várias cidades do país, impedindo o negro de ingressar ou frequentar determinados hotéis, clubes, cinemas, teatros, restaurantes, orfanatos, estabelecimentos comerciais e religiosos, além de algumas escolas, ruas e praças públicas.

Era um novo corpo de trabalho que reivindicava novas formas de relação. Sem outras opções, pois após a abolição, a população negra não foi incorporada nos projetos de modernização, ocuparam núcleos urbanos da industrialização, atuando na aceleração das formas de produção do modelo artesanal para o industrial. Neste movimento, de luta e enfrentamentos, desenvolveram uma consciência de classe operária, reivindicando transformações sociais, participação na vida política e direitos básicos como o acesso à educação.

De acordo com Vanilda Paiva (2003), o movimento a favor da difusão do ensino visava à alfabetização de crianças e contemplava o público adulto, exigindo a ampliação da oportunidade de instrução e educação profissional. A autora apontou que mesmo os estados mais ricos do país, como Minas Gerais e São Paulo, não atendiam a população em idade escolar e, tampouco, investiram no enfrentamento para diminuir o analfabetismo.

A intensificação do sentimento nacionalista, segundo Paiva (2003), contribuiu com a defesa de valores para “pensar o Brasil” e o “brasileiro”, constituindo um

sentimento que por sua vez alcançou o cenário educacional, definido por Nagle (1976, p. 99) da seguinte forma:

A escolarização é tida, como um dos elementos do subsistema cultural; portanto, um elemento que deve ser analisado e julgado em combinação com os demais elementos da cultura brasileira, e com as condições da existência social definidas na exposição dos setores político, econômico e social. Aceitando-se a ideia de que a sociedade brasileira do tempo passa de uma “sociedade fechada” para uma “sociedade aberta”, torna-se necessário identificar o papel que a escolarização desempenhou, no sentido de favorecer ou dificultar a passagem. Diante do fenômeno de liberalização institucional, que provoca a abertura de novos caminhos no plano do pensamento e da atuação, é preciso conhecer o sentido da contribuição desse processo civilizatório, tanto sob a forma de padrões do pensamento e da atuação, é preciso conhecer o sentido da contribuição desse processo civilizatório, tanto sob a forma de padrões de pensamento, quanto sob a forma de padrões de realização escolar.

As transformações observadas no âmbito político, cultural e social no contexto brasileiro nos anos iniciais da República, gradualmente, favoreceram a difusão de um otimismo pedagógico que extingiria todos os problemas nacionais. Esse possível novo modelo de país, exigia outro padrão nas relações de convivências, no qual a escolarização teria um papel central na “reforma” de homens e mulheres.

Nesse sentido, Carvalho (2015) apontou iniciativas de ensino como um sistema orientador, apresentando propósitos de progresso da República. Isso pode ser observado no estado de São Paulo, que expandiu, e impôs, o sistema adotado como exemplar para ser propagado em outras localidades. Esta, e outras reformas educacionais praticadas no país ao longo da história, objetivava construir, e impor, modelos educacionais alinhados ao projeto modernizador da República, sobretudo via São Paulo. Envolveu profissionais da educação, professores/as, inspetores, diretores/as em campanhas de reorganização da instrução pública, como se não houvesse iniciativas anteriores ao período republicano.

São propostas que representaram um movimento de tentativa de resposta à situação política, social e cultural do país naquele contexto. De acordo com Carvalho (2015), a Reforma Caetano de Campos (1890), no estado de São Paulo, sinalizou a presença de uma escola modelo, anexa à escola normal, para aplicação das práticas pedagógicas, estudo e observação de métodos de ensino e estratégias de organização da vida escolar. Modelo substituído pela Reforma Sampaio Dória (1920), que buscava instituir formas de controle e padronização dos procedimentos

na formação de professores/as, tomar decisões no âmbito do ensino com base nos informes técnicos, como o censo por meio das delegacias regionais de ensino.

Dessa forma, as ações decorrentes desse movimento, demonstravam uma tendência em reestruturar valores, padrões de cultura, difundir um modelo educacional e reformar a sociedade. Ao analisar a reforma, a mesma autora destacou o impacto da proposta no desenvolvimento da educação paulista, e conseqüentemente no cenário nacional, haja vista sua intencionalidade nos termos dos debates políticos que a Reforma de Dória suscitou acerca de uma possível democratização da escola.

Outra proposição a ser destacada é a Reforma Carneiro Leão (1922–1926) instituída no Rio de Janeiro, capital federal naquele período, e em 1929 em Pernambuco¹⁵. Foi uma proposta que, segundo André Luiz Paulilo (2011), buscou a otimização dos programas de ensino, pensando os cursos profissionais e normal¹⁶ articulados à educação primária. O autor reiterou que Carneiro Leão, em sua proposta, defendeu métodos ativos de ensino, que contemplassem a observação e a experiência, ampliou o período de escolaridade para sete anos, mantendo a gratuidade do ensino como uma forma de garantia de direitos.

Com escassos recursos financeiros a sua disposição e com enfrentamentos políticos, Carneiro Leão consolidou princípios de sua reforma, que de acordo com Carvalho (2015, p. 240) conferiam a escola um poder, não só de educar, mas de difundir valores morais e formar o caráter, por meio do currículo, como uma forma de “intervir pelo conhecimento das anomalias sociais e suas causas”.

Outra reforma instituída na sequência, no estado de Minas Gerais, a Reforma Francisco Campos (1931), de acordo com Maurilane de Sousa Biccas (2011), do ponto de vista política ambicionava retomar a hegemonia política mineira, no âmbito educacional, apresentava o objetivo de conciliar o futuro das instituições

¹⁵ Ver mais em ARAÚJO, Maria Cristina de Albuquerque. A Reforma Carneiro Leão em Pernambuco. In: MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck; Vidal, Diana; Araújo, José Carlos Souza. (Orgs.) **Reformas educacionais**: As manifestações da escola nova no Brasil (1920-1946). Uberlândia: Editora EDUFU, 2011.

¹⁶ Segundo o Parecer CEB nº: 01/99, aprovado em 29/01/1999, “o curso Normal, forma docentes para atuar na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, tendo como perspectiva o atendimento a crianças, jovens e adultos, acrescendo-se às especificidades de cada um desses grupos, as exigências que são próprias das comunidades indígenas e dos portadores de necessidades especiais de aprendizagem.”. Além de assegurar a habilitação e titulação, o curso tem a validade do ensino médio brasileiro, para eventual prosseguimento de estudos. Ao longo da história da educação brasileira, o curso normal foi a primeira preparação dos profissionais que exerciam a docência no país, até a criação das universidades com o curso superior de pedagogia e demais licenciaturas.

democráticas com o projeto educacional ampliando o acesso à educação e melhorando a qualidade do ensino.

Essa proposta tinha um diferencial por incluir um conjunto de orientações voltada à formação de professores. Para Biccás (2011, p. 157), “a formação de professores, o método, o currículo, a concepção de atividade como trabalho educativo foram os principais aspectos priorizados na nova Reforma”. Neste contexto, implicaria convocar o professorado a mudar o país por meio da alfabetização, uma vez que, sua falta, seria um empecilho à civilização e à cultura. Para Anísio Teixeira (1994, p. 60–61), a educação deveria se estender a todos, de forma democrática, pressupondo que todos os indivíduos são educáveis, e teriam, minimamente, alguma habilidade para participar da experiência social e contribuir com a sociedade:

O dever do governo – dever democrático, dever constitucional, dever imprescritível – é o de oferecer ao brasileiro uma escola primária capaz de lhe dar a formação indispensável ao seu trabalho comum, uma escola média capaz de atender à variedade de suas aptidões diversificadas de nível médio, e uma escola superior capaz de lhe dar a mais alta cultura e, ao mesmo tempo, a mais delicada especialização.

Esse discurso dá a entender que a forma democrática se manifestaria na convicção na razão humana devidamente cultivada, na participação de todos na formação da sociedade e no desenvolvimento de cada um até o máximo de suas potencialidades. A democracia seria um regime de inteligência e liberdade estendido a todos, de extrema eficácia (qualidade) e pautado num sistema de pesquisas científicas livres, um sistema de formação pelo livro (conhecimento historicamente construído), pelas mídias (jornal, rádio, televisão) rigorosamente livres e de imparcialidade garantida. Uma educação assim possibilitaria construir uma nova nação, tornando cada cidadão um produto nacional de valor.

No entanto, o que se observa é que, ao mesmo tempo que se propunham a estender a todos uma escola de base comum e democrática, há sempre os interesses em formar para o trabalho, moldar a massa empregada, num direcionamento que permitisse o controle e a manutenção das regras políticas e econômicas.

O desejo por uma educação de qualidade, que não poderia ser dissociada de mudanças na formação de professores e professoras, os responsáveis, em primeira instância, pela execução desse ensejo diretamente com alunos/as, e para isso era

preciso investir em um projeto formativo que os preparassem para tal. Esse contexto de ampliação do acesso à educação, somado ao desejo por uma educação de qualidade incentivado pelo otimismo educacional culminaram, de acordo com Luiz Antônio Cunha (2015), no aumento da procura pela educação secundária e superior, para promover a formação de trabalhadores necessários ao desenvolvimento da nação e conceder as famílias prestígio, uma vez que a classe trabalhadora via na escolarização uma forma de melhorar as condições de vida.

A partir da década de 1930, observa-se um movimento de organização das ideias até então discutidas no âmbito da educação. A abordagem política desse momento, é definida por Boris Fausto (2006) como generalista e centralizadora, com iniciativas autoritárias, de promover a organização da educação “de cima para baixo”, por meio de legislações que misturavam valores hierárquicos e conservadorismo.

Ainda assim, observaram-se marcos importantes para a história da educação como a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública em 1931, a criação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) em 1938, a expansão do ensino superior com a criação de novos cursos, a unificação das faculdades em universidades, a ampliação da oferta do ensino secundário no país, com um currículo seriado, em dois ciclos e frequência obrigatória.

É nesse contexto de reordenamento do país, que Frangella (2000) observou a necessidade de fortalecimento da profissionalização no magistério e mudanças no cenário educacional em direção à valorização da formação no ensino superior, conforme também é destacado por Molina e Santos (2020, p. 8-9):

Recém-saído do período denominado historicamente como Estado Novo, sob a presidência de Getúlio Vargas, mas ainda sob um regime de governo conservador, o Brasil vivencia alguns avanços que apontam para uma possível redemocratização. Transformações significativas no pensamento político da administração pública são efetuadas, promovendo modificações nos rumos da educação nacional.

No que diz respeito à formação docente, havia uma preocupação em proporcionar habilidades apreendidas em situações reais, contemplando a necessidade de estabelecer um campo de experimentação pedagógica para a renovação e melhoria do ensino. É nesse contexto, a partir do final da década de 1940, que são pensados e implementados os Ginásios de Aplicação, um espaço que oportunizasse aos estudantes dos cursos de didática aprender o ofício de ensinar.

Segundo Frangella (2000), essa necessidade partiu das aulas de prática de ensino ministradas nas Faculdades de Filosofia, e remetia aos objetivos estabelecidos nos estatutos das universidades brasileiras direcionando para além da formação e habilitação ao ensino, o preparo técnico científico, no qual além de aprender o ofício de ensinar, os (as) docentes em formação também seriam capazes de pensar e propor novas estratégias pedagógicas. Para tanto, seria necessário estabelecer colégios de demonstração pedagógica, visando se constituir um espaço de formação através da experiência de trabalho e de experimentação de novas técnicas e metodologias.

É nesse cenário que foi instituído em 1946 o Decreto-lei n.º 9.053/46 (Brasil, 1946) que estabeleceu a obrigatoriedade do funcionamento dos Ginásios de Aplicação destinados à prática de Ensino para estudantes de licenciatura nos estabelecimentos anexos às Faculdades de Filosofia. O decreto estabelecia um prazo de um a três anos para adequação às normativas, o que segundo Minoru Martins Kimpara (1997) se justificava por dois motivos: ter alunos/as matriculados nos cursos de didática para atuar nessa etapa prática e dar tempo para organizar recursos e colocar esses ginásios para funcionar, com prazo de adequação de um ano, prorrogado para três.

Uma possível explicação para a ampliação no prazo de criação dos colégios seria a necessidade de ter pessoas matriculadas nos cursos de didática. Apesar da denominação ginásio designar os primeiros anos escolares, como a maioria das escolas ministrava tanto o ensino ginásial quanto o colegial, o nome que se propagou foi Colégios, como registrou Kimpara (1997, p. 40, grifo nosso):

Os Colégios de Aplicação devem seu nome à função essencial que lhes ditou a existência, ou seja, ser um tipo de estabelecimento de ensino em que os alunos do curso de Didática fizessem a **aplicação**, numa situação real de ensino-aprendizagem, dos conhecimentos teóricos adquiridos durante seu curso de graduação.

Assim, embora o principal objetivo fosse a prática dos licenciandos, estas escolas também tinham por objetivo ser campo de experimentação pedagógica, buscando alternativas metodológicas nas redes de ensino, uma forma de contribuir com a renovação e melhoria do ensino secundário.

O Decreto Lei n.º 9.053/46 estabelecia ainda a possibilidade de cobrança para taxa de matrícula, com valor pré-fixado, a contratação de professores licenciados conforme a área de atuação de cada especialidade, fixava normas acerca da gestão

dos Colégios pelas respectivas faculdades ao qual estavam vinculados. Dentre finalidades comuns a esses colégios, Kimpara (1997, p.48) apontou: ministrar o ensino ginásial e colegial a adolescentes de ambos os sexos; oportunizar atividades de pesquisa e experimentação pedagógica e proporcionar aos licenciados um campo adequado para observação e realização da prática de ensino.

Apesar de terem de forma geral melhores condições materiais do que a maioria das escolas da comunidade, os Colégios de Aplicação tiveram de superar as dificuldades, ocasionadas pela falta de recursos materiais e humanos para realização de experiências inovadoras, para o atendimento satisfatório do estágio e para o cumprimento de suas atividades de ensino.

O mesmo autor ressaltou que as limitações orçamentárias, o curto prazo previsto no decreto, a falta de instalações e equipamentos adequados à proposta escolar fizeram com que a maioria dos estabelecimentos começasse a funcionar de forma precária. Os Colégios de Aplicação (CAs) enfrentam dificuldades de recursos assim como outras escolas públicas do país, porém, Kimpara (1997) destacou que o desempenho da categoria de estudantes, em comparação com outras instituições públicas, apresentava uma média melhor em razão do vínculo com as universidades. Uma vez que nesses lócus em específico, o corpo docente teria preocupações pedagógicas mais atualizadas, resultante da vinculação entre ensino e pesquisa e melhores condições de trabalho, diferente do observado em outras escolas.

Em 1962, com o parecer 292/62 (Brasil, 1962), houve mudanças no cenário educacional a partir de dispositivos postos pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, n.º 4.204/61 (Brasil, 1961). Orientou-se que as atividades de Prática de Ensino deveriam ser realizadas preferencialmente em escolas das comunidades, retirando-se a exigência legal de criação dos Colégios de Aplicação. De acordo com Kimpara (1997), o parecer criticava essas instituições, classificando-as como elitistas, inacessíveis à maioria da população educacional, no qual o padrão de ensino destoava da realidade.

Além disso, o custo para se criar e manter esses colégios era alto. Sem a obrigatoriedade, os custos para a realização das atividades de prática pedagógica seriam menores, facilitando a criação de mais faculdades de Filosofia no âmbito público e privado. O parecer definia que a realização do estágio em escolas locais, o que ampliaria as possibilidades de vínculo entre as escolas e as universidades, favorecendo a renovação dos padrões de ensino.

Essa medida, que visava desafogar o peso das atividades dos CAs, não resultou em melhoria dos procedimentos didático pedagógicos experimentais. Os Colégios continuaram atendendo os estágios das licenciaturas, de acordo com Kimpara (1997), e se dedicando às atividades do ensino básico, como já faziam anteriormente.

Com relação às críticas relacionadas ao elitismo e ao distanciamento da realidade das escolas locais, o mesmo autor, reforçou que os Colégios de Aplicação demonstraram aspectos democráticos ao estender para as redes de ensino experiências bem-sucedidas. Este movimento, propiciou uma renovação pedagógica na comunidade docente a partir de práticas construídas em ambiente de rigor e objetividade científica. Tarefa difícil de se constituir nas esferas macro do sistema das redes, porém possíveis no ambiente de uma escola-laboratório.

Uma escola regida pelo princípio didático da demonstração poderia ser um campo de comparação com as estratégias utilizadas nas demais redes de ensino e ser multiplicadora em abordagens necessárias na qualidade educacional. Além disso, ao propor ações de extensão em parceria com as redes públicas, possibilitaria a formação de docentes em exercício, promovendo o uso de novas tecnologias e a discussão acerca da melhoria da qualidade do ensino, da avaliação escolar e da reestruturação dos currículos.

Apesar da desobrigação da criação dos Colégios de Aplicação, para oferta das práticas de ensino a partir de 1962, não foi assegurado pelo parecer a obrigatoriedade das redes públicas em receber estudantes para realização dessas atividades, ficando a cargo dessas a decisão de receber ou não as turmas. Como as escolas das redes não possuíam um vínculo formal com as universidades, e a legislação educacional não estabelecia obrigatoriedade de receberem as atividades de práticas de ensino, segundo Kimpara (1997), outros colégios foram criados, como o Colégio de Aplicação da UFG em 1968 que, posteriormente, transformou-se em CEPAE.

1.2 Organização pedagógica em mudanças: de Colégio de Aplicação a Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE)

O Brasil possui vinte e quatro (24) colégios de aplicação (Brasil, 2022). O Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), se insere nesse modelo, haja vista sua criação, em 1968, com a denominação de Colégio de

Aplicação da Universidade Federal de Goiás. A organização pedagógica mantém o compromisso de ofertar ensino na educação básica, de forma indissociável às atividades de pesquisa e extensão, conforme preconiza a Portaria n.º 959, de setembro de 2013, que fixou as diretrizes e normas gerais para o funcionamento dos colégios de aplicação vinculados às universidades federais.

A recém-criada Universidade Federal de Goiás¹⁷ reuniu, em dezembro de 1960, as faculdades de Direito, Engenharia, Medicina, Farmácia e Odontologia e o Conservatório Goiano de Música em uma instituição de ensino superior federalizada. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras — FFCHL, criada em dezembro de 1962, propunha em seu regimento (UFG, 1962) a existência de um Colégio de Aplicação que funcionaria como local de estudo e prática docente dos cursos de licenciatura, pesquisas, demonstrações educacionais e campo de estágio. Além disso, deveria oferecer vagas para o ensino secundário, conforme a legislação vigente naquele contexto, com instalação gradual de mais turmas conforme as necessidades da prática de ensino.

A direção e orientação didática desta instituição, ficaria a cargo de quem ocupasse a cadeira de didática geral e especial da Faculdade de Filosofia, sendo as funções docentes exercidas por demais profissionais admitidos/as para este fim. O CA teria suas atividades de secretaria e a equipe administrativa constituída de forma independente e, seguindo os parâmetros do Decreto-lei n.º 9.053/46 (Brasil, 1946), atenderia estudantes de ambos os sexos, não excedendo o número máximo de trinta por turma.

Em 1964, após o golpe militar imposto, a universidade manteve o papel de resistência durante os anos da ditadura. Segundo José Willington Germano (2011), o modelo ditatorial apresentava um discurso de valorização da educação como estratégia para ascensão e transformação social. As reformas educacionais empreendidas nos anos seguintes ao golpe foram tentativas de impor o discurso da ditadura de vigiar, e controlar, a formação de estudantes e docentes. Nas palavras de Celso Rui de Beisiegel (1974, p. 33): “é nesse período que se difunde a ideia segundo a qual a educação forma o homem brasileiro se o transforma num elemento de produção, necessário à vida econômica do país e importante para a elevação dos padrões de vida individuais”. Assim, os espaços de educar seriam um instrumento

¹⁷ Ver mais: <https://jornal.ufg.br/n/135985-a-criacao-da-ufg-uma-ousadia-historica> Acesso em: 20/04/2024.

de barganha com setores da sociedade que apoiaram o golpe, na expectativa de também exercer o poder.

É nesse contexto, complexo e conflitante, que o Colégio de Aplicação começou a ser pensado. A professora e ex-diretora do CA, Zaíra da Cunha Melo Varizo (2020), destacou que a ideia de uma escola experimental democrática começou a ser discutida em 1966, dois anos após o golpe militar, num contexto de perseguição, e repressão da ditadura no ambiente universitário. No entanto, seria essa escola um possível reduto de pensamento democrático em um tempo escuro e violento? Segundo Germano (2011), o Estado militar não era capaz de manter o controle ideológico precisamente em todos os níveis, sendo assim, intui-se que havia a possibilidade de criar e manter brechas de oposição ao regime.

O CEPAE começou suas atividades como Colégio Universitário que, de acordo com Jean Jones Freire Viana de Oliveira (2000), tinha a finalidade de preparar estudantes para o ingresso no ensino superior. Em 1965, segundo o regimento do Colégio Universitário, o objetivo da escola seria uma iniciativa para diminuir os problemas de passagem do ensino secundário¹⁸ para a universidade, sendo ministradas aulas para a 3ª série do ciclo colegial. Dentre seus objetivos, propunha colaborar para a melhoria do ensino no estado de Goiás e contribuir na formação de candidatos/as ao ensino superior, destoando do projeto do Colégio de Aplicação e dos seus princípios expressos por Varizo (2020).

O Processo n.º 04814, de 30/06/1967 (UFG, 1967, p. 5), que dava providências quanto à criação do Colégio, retomava o Regimento de 1962 da FFCHL (UFG, 1962), para requerer a criação da escola, e estabelecia que:

[...] além de exercer a função de ensino médio que lhe é inerente, servirá: ao estudo e à prática docente do Curso de Licenciatura; às pesquisas, estudos e demonstrações de interesse educacional; ao estágio de professores e especialistas em serviços educacionais e à demonstração sobre experiências do ensino secundário.

Desde sua gênese, permaneciam definidos a relação do ensino com a formação de professores e a pesquisa como bases fundantes da instituição. Conforme o documento, o Colégio de Aplicação ofereceria os cursos ginásial, clássico, científico e o curso normal, destinado à formação de professores. As

¹⁸ De acordo com Eurize Caldas Pessanha, Wanderlice da Silva Assis e Stella Sanches de Oliveira Silva (2017) o termo secundário foi utilizado com sentidos variados ao longo da história da educação brasileira, sendo sinônimo para um nível intermediário de escolarização, uma designação geral dada a etapa média de voltada à juventude, equivalente ao 2º Grau ou Ensino Médio atualmente.

atividades iniciaram a princípio na rua 20, n.º 17, Centro, passando para o prédio da rua 235, no Setor Universitário. Até concluir a construção do prédio próprio, estabeleceu-se que a UFG deveria dispor de um imóvel aos cuidados da FFCHL para a realização das atividades do Colégio.

Os autos do processo apresentavam o regimento interno da instituição e uma estimativa orçamentária para o início das atividades, que incluía gastos com folha de pessoal, inicialmente estimada em NC\$ 155.676,00 (Cruzeiros Novos). Consoante o relatório do departamento contábil da universidade, o único empecilho para o início das atividades da escola era a dotação orçamentária, haja vista que, não havia recursos para tal finalidade, sugerindo que as despesas fossem limitadas em NC\$ 74.000,00 (Cruzeiros Novos).

Em novo parecer, outra sugestão de limitação de gastos deu início às atividades autorizadas com orçamento de NC\$ 51.892,00 (Cruzeiros Novos), aproximadamente um terço do solicitado. Isso demonstra que o crescimento da universidade, em qualquer instância, depende de disponibilidade de recursos que, muitas vezes, ao serem liberados, são menores do que o montante solicitado e esperado.

A dotação financeira liberada para o início das atividades do CEPAE foi de aproximadamente um terço do solicitado no processo original. Diante das alterações no sistema monetário brasileiro, não foi possível dimensionar o que o valor final corresponderia em termos do exercício vigente¹⁹. No entanto, com relação ao montante geral solicitado, é possível tecer algumas observações por meio das pesquisas levantadas acerca da implementação de Colégios de Aplicação em território nacional. Na revisão feita por Kimpara (1997), Frangella (2000) e Oliveira (2000), é possível verificar que muitos colégios iniciaram suas atividades de forma precária devido à falta de financiamento.

Este é um importante aspecto a se considerar diante da necessidade de construção de um prédio específico, contratação de pessoal e aquisição de equipamentos necessários às atividades no CA. A construção de um espaço educacional, com perspectivas ambiciosas como se observa no projeto educacional posto no processo (UFG, 1967), demandava recursos que foram concedidos muito

¹⁹ As múltiplas alterações no sistema monetário brasileiro não conseguem expressar o montante no valor atual, diante das alterações inflacionárias que impactaram a moeda, como intervalo de comparação o que se pode estabelecer é que o valor recebido para o início das atividades do CA equivale a aproximadamente quinhentas (500) vezes o salário-mínimo praticado na Região do Estado de Goiás de acordo com o Decreto nº 62.461, de 25 de março de 1968.

abaixo do que fora solicitado, o que possibilitou examinar os aspectos que precisaram ser adaptados a essa condição.

O corte orçamentário, no entanto, não demonstrou impacto quanto as expectativas da comunidade universitária, conforme pode se observar no parecer (UFG, 1967, p. 53) de um dos relatores favoráveis a criação do Colégio de Aplicação, professor Jofre Marcondes de Rezende), um dos pioneiros da UFG²⁰, o projeto despertava prestígio e interesse:

É louvável, sob todos os pontos de vista, a criação do Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFG. A grande crise do ensino no Brasil reside, a nosso ver, exatamente no ensino secundário e na falta de articulação deste com o ensino superior. O Colégio de Aplicação além de propiciar campo de aprimoramento dos novos professores será um traço de união entre o ensino médio e o ensino superior, servirá ainda de laboratório para experiências pedagógicas com reflexos salutareos nos demais colégios públicos e particulares e constituirá mais um serviço que a Universidade irá prestar à comunidade goianiense.

O parecerista encerrou o texto aprovando a imediata criação do Colégio de Aplicação, mantendo em suas palavras expectativas de que a escola, além de contribuir na formação docente, estabeleceria vínculo com outras instâncias formativas da educação pública e privada na comunidade goiana. Uma possibilidade de articular e, talvez, diminuir a distância entre o ensino superior e o secundário.

Os debates, estudos e preparativos para o início das atividades do Colégio, de acordo com Zaíra da Cunha Melo Varizo e Maria Judy de Mello Ferreira (2010), iniciaram em 1966. Considera-se como marco fundador do CA a data de 19 de março de 1968, haja vista a aprovação do conselho universitário que acolheu os pareceres do processo (UFG, 1967), instituindo-o como órgão suplementar da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FCHL). De acordo com Varizo e Ferreira (2010, p. 21), o processo foi concluído em 1972:

Em 1966, o Colégio de Aplicação da UFG surge como órgão complementar da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, possuindo licença legal para funcionamento conforme art. 4º, Cap. I, §2º do Regimento Geral da universidade, aprovado pelo Egrégio Conselho Universitário, na sessão contínua do dia 27 de abril de 1972, aprovado pelo Conselho Federal de Educação pelo parecer 724/72 (Processo 687/72 - C.F.E), e homologado pelo Ministro de Estado da Educação e Cultura, em 8 de setembro de 1972.

²⁰ Sobre o professor Jofre Marcondes ver mais em: DE REZENDE, J. M. Entrevista: professor Joffre Marcondes de Rezende. Revista UFG, Goiânia, v. 9, n. 1, 2017.

As autoras destacaram que, após a consolidação da Reforma em 1970, a FCHL foi desmembrada em duas unidades, o Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL) e a Faculdade de Educação (FE), na qual o Colégio de Aplicação estava vinculado. A aula inaugural foi no dia cinco de março de 1968 com uma turma do primeiro ginásial e uma turma do primeiro ano do curso normal. A Fotografia 2 apresenta crianças do 1º Grau que estudavam no Colégio, quando este ainda dividia o prédio com a FE no ano de 1979, demonstrando a ideia de um espaço de ensino voltado para a pesquisa, um local no qual licenciandos/as da universidade poderiam “aplicar” teorias e técnicas aprendidas nas disciplinas de Didática Geral e Especiais e desenvolver prática de ensino.

Fotografia 2 – Estudantes do 1º Grau do Colégio de Aplicação



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 01, 1979.

O Colégio de Aplicação da UFG foi criado sobre o ideário da Escola Nova e, de acordo com Varizo (2020, p. 77), seu objetivo era “ser para a comunidade um núcleo de orientação e renovação da prática educativa”. Uma escola experimental, ou escola-laboratório, com uma proposta de pesquisa-ação na qual saber teórico e prático teriam uma relação dialética. Para a autora, o CA seria uma escola democrática, igualitária e solidária, que proporcionaria vivenciar experiências

relacionando a vida ao ambiente social pertencente a seu público, respeitando culturas e individualidades. Na perspectiva de Varizo (2020), o Colégio expressava uma visão de comunidade na qual docentes acompanhariam o desenvolvimento das práticas pedagógicas das licenciaturas integradamente, com currículo e proposta de ensino centrados em estudantes da educação básica²¹.

Em todos os aspectos, Varizo (2020, p. 81) defendeu a organização democrática da escola, desde a gestão na qual professores(as) estariam em constante diálogo e construção com a Faculdade de Educação, até no planejamento e organização das atividades de ensino em sala de aula com estudantes.

Acreditávamos que o conhecimento precisava partir da experiência do aprendente, da observação e da exploração da realidade a qual este pertencia, mas, sobretudo, que permitisse aos nossos discípulos condições de descobrir, organizar e avaliar de forma crítica esse conhecimento, dentro de uma prática colaborativa e responsável que favorecesse a vida democrática.

A autora expressou que a escola ideal deveria ter um espaço democrático de formação com inspiração em intelectuais como Anísio Teixeira, que fundamentou o Escolanovismo no Brasil. Varizo, afirmou o vínculo entre currículo, métodos e técnicas de ensino com crenças e fundamentos de docentes e a relação com a sociedade na qual a escola se insere. Neste sentido, não se pode ignorar que a criação do Colégio se deu durante a ditadura militar em um contexto de supressão de direitos e autonomia docente. Há de se questionar se seria possível manter um ambiente democrático diante da perseguição e ameaças que a ditadura trazia ao ambiente universitário. A esse respeito, o professor Geraldo Faria Campos (2010, p.3) indicou uma possibilidade de resistência diante da repressão:

Era pelos anos setenta. A Redentora já se instalara no país desde 1964. Um medo grande no ar. Mas havia uma escola que queria ser competente, embora em seus primeiros tempos: escola de elite. Até os professores eram escolhidos por concurso... e havia *Summer Hill*, um perfume de Paulo Freire no ar – mesmo banido oficialmente por “decreto”. Estudava-se também Karl Rogers. E até um grupo de estudos – do qual participavam professores da FE e do CA – chamava-se “Escolas sem paredes”.

²¹ De acordo com Carlos Roberto Jamil Cury (2002) o termo educação básica, como definição da etapa educacional que compreende educação infantil, ensino fundamental e médio, é uma denominação que passa a ser utilizada após a promulgação da constituição federal de 1988, sobretudo após a LDBEN 9.394/96.

Essa era uma das contradições presentes no Colégio de Aplicação, a afirmação de Campos confronta com o período de perseguição ao pensamento livre e democrático, apontando que havia resistência, ainda que fosse de grupos e não contemplasse o coletivo em uma escola que, possivelmente, não queria ter paredes. Dentre o grupo de educadores responsáveis por gerir e pensar as relações com a prática de ensino, Varizo (2020) destacou que alguns defendiam a realização do estágio em escolas da comunidade, em razão de sua proximidade com as situações reais a serem enfrentadas por futuros professores/as, e outros que defendiam a realização do estágio no CA.

A autora evidenciou tensões entre docentes da Faculdade de Educação e do Colégio, havia confrontos de práticas de relação. Diante das demandas que compartilhavam, Varizo (2020, p. 55) registrou: “[...] acreditávamos que os professores da FE deveriam participar de outras atividades no CA compatíveis com a natureza dessa instituição, além da existente naquele momento. Percebem-se tipos de enfrentamentos que refletiam relações educativas e de poder, que se estenderam por um bom tempo, até mesmo para a atualidade, considerando as especificidades do tempo histórico.

Outro ponto de tensionamento se referia ao que se chamava, e criticava, no processo de elitização do público discente do CA. Quando o Colégio foi criado, no formato universitário, atendia exclusivamente alunos da 3ª série do ciclo colegial. Com a formalização da criação do CA, as turmas iniciadas em 1968 passaram a atender o ensino de 1º e 2º graus, conforme a legislação vigente²² (Oliveira, 2000).

Quanto à forma de ingresso, Varizo e Ferreira (2010, p. 24) apontaram que, nos primeiros anos, diante da baixa procura, não havia exame de seleção para ingresso de estudantes, situação que se alterou a partir de 1972:

Nos primeiros anos do Colégio, não era realizado exame de seleção de alunos para os cursos Ginásial e Normal, uma vez que o número de alunos que procuravam se matricular no Colégio era menor que o número de vagas oferecidas. À medida que o CA foi se tornando conhecido, a procura tornou-se maior e houve a necessidade de se fazer um exame de seleção para ingresso, tanto para o Ginásial como para o Colegial.

Na medida em que esta escola expandiu, a demanda de atendimento cresceu. O exame de seleção, de acordo com Oliveira (2000), privilegiava o ingresso de estudantes pertencentes a famílias com condições de vida favoráveis

²² Sendo equivalente aos Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental e Médio.

econômica e culturalmente. Essa classe social, quando colocada em competição com filhos/as das classes trabalhadoras, se sobressaiam.

Com o passar do tempo, diante das críticas e cobranças para atender o aspecto de uma instituição pública, a escola repensou o critério de ingresso. Na tentativa de transparecer o ideal democrático, buscou outras estratégias como atender famílias de trabalhadores/as da UFG em igualdade com a comunidade externa, destinando cinquenta por cento (50%) das vagas para cada grupo. O privilégio de destinar vagas em uma instituição pública para filhos/as da comunidade UFG, em detrimento de ser pública de fato, mantinha um grupo em situação vantagem com relação à distribuição das vagas, e não apresentava mudança com as críticas.

A igualdade de oportunidade para quem se candidatava, aconteceu com a adoção do sorteio público, sem reserva de vaga, no ano de 1988, conforme registraram Varizo e Ferreira (2010, p. 25, grifo nosso):

No início da década de 1980 **havia uma preocupação** pelo fato de o critério de seleção ser feito por meio de **exame de admissão** aberto à comunidade, o que segundo alguns caracterizava uma forma de elitização. Após discussões sobre o tema, foram levantadas várias possibilidades para o ingresso no CA, como: sorteio para filhos de servidores da universidade ou sorteio que dividisse equitativamente o número de vagas entre servidores da universidade e membros da comunidade. O Egrégio Conselho Universitário definiu a política de distribuição de vagas do Colégio de Aplicação pela resolução nº 002 em 23.12.82, a qual foi alterada pela resolução n.º 03/84, que prevê o “atendimento prioritário dos filhos e demais dependentes dos servidores da UFG na seleção de alunos no Colégio de Aplicação” (Monteiro, 1986, p. 88). Finalmente, o Egrégio Conselho Universitário determina, no art.2º da Resolução 001/88, que as vagas do CA **sejam oferecidas à comunidade com igualdade de oportunidade a todos.**

A adoção de sorteio público permitiu, de acordo com Oliveira (2000, p. 144), o ingresso de estudantes de diferentes camadas sociais, com experiências e estágios de aprendizagem diversificados. Para o autor, essa decisão foi um avanço acerca das concepções de agentes educacionais, no que diz respeito aos princípios democráticos para ingresso de estudantes, evidenciando “uma forma de ruptura com o clientelismo e corporativismo na escola.”

Ao longo de sua história, o CA assumiu diversas demandas além de suas atividades rotineiras, como a recuperação de discentes aprovados em vestibular para cursos da graduação, de diferentes unidades, em situação de defasagem

acadêmica²³. Desenvolveu, continuamente, ações de formação continuada para professores/as das redes públicas, conforme explicitou Campos (2010, p. 3-4):

O Aplicação às vezes recebia tarefas dadas pela própria UFG: a) Num ano a recuperação de alunos defasados da universidade – muito trabalho de leitura e escrita, em diversas disciplinas; b) a escola criava coragem e começava a debater o ensino com a rede estadual, os professores mais afoitos já faziam encontros; c) os professores da rede, embora estes sempre se referissem ao CA como escola de elite (havia muitos alunos de elite; menos alunos em sala de aula; menos aulas para os professores do CA; salário maior).

Uma crítica do professor Campos (2010, p. 4) era a de que no mesmo ambiente em que operava o debate, o estudo e a pesquisa com rigor, preocupações com os fundamentos de ensino, com os processos de aprendizagem, avaliação e currículo, imperava também o foco em resultados, como o ingresso de estudantes no ensino superior:

[...] como se toda a preparação, todo aquele estudo aprofundado sobre ensino, aprendizagem, avaliação, ingresso no campo da leitura e escrita [...] só tivessem como fim o vestibular. Às vezes culpavam o sorteio – para não dizer a clientela.

Essa afirmação evidencia como a escola foi se constituindo ao longo do tempo como um espaço de múltiplas finalidades, ora voltada para um ensino democrático e diversificado, ora recebendo demandas de formação da universidade. Movimentos que demonstravam a fragilidade, e a necessidade de debates e mudanças nos sistemas públicos de ensino.

Com relação à organização docente, e administrativa, o Regimento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (UFG, 1962) previa que o Colégio de Aplicação teria uma secretaria própria com profissionais designados para este fim. A direção e orientação didática da escola seriam de responsabilidade de um docente da área de Didática Geral e Especial da respectiva faculdade e o/a diretor/a seria responsável por fiscalizar as atividades desenvolvidas. Os assuntos referentes ao

²³ Segundo Varizo (2020) a escola instituiu em 1973 um Grupo de Trabalho de Recuperação de Insuficiências Demonstradas no Vestibular (GTRIV). O curso foi designado de Sistema Programado Individualizado de Recuperação de Vestibulandos (SPIRV), e tinha como objetivo realizar individualmente atividades de recuperação ajudando discentes da graduação a superar suas dificuldades e “deficiências”, num curso flexível e concomitante à vida universitária. Essa iniciativa é citada por Varizo e Ferreira (2010) e Campos (2010) como atividades realizadas pelo CA, sendo considerada polêmica e alvo de críticas dos cursos universitários por realizar recuperação de estudantes do ensino superior, até ser revogada pelo governo federal

Colégio seriam assessorados por uma equipe de três docentes que atuariam em um conselho integrado, um grupo consultivo da direção da Faculdade.

O CA teria verba própria no orçamento da FFCHL para sua manutenção, cabendo à direção autorizar a movimentação financeira. O mesmo regimento, definia que as funções docentes seriam realizadas por assistentes e auxiliares de ensino da cadeira de didática da FFCHL juntamente com outros profissionais admitidos para este fim. O Colégio teria um regimento próprio que definiria atribuições de profissionais, prevendo normas de organização. Apesar das determinações acerca da organização do quadro docente, Varizo e Ferreira (2010, p. 23–24) destacaram que o Colégio sofria de falta de pessoal, dada a movimentação destes profissionais no quadro da universidade:

No início do ano de 1970 foram realizados concursos para docentes do CA na categoria de Auxiliar de Ensino, que aprovaram 20 professores. No entanto, a partir do ano de 1971, doze **destes professores foram requisitados para prestar serviço** na FE, um foi requisitado pelo Instituto de Ciências Humanas e Letras, um para o Instituto de Química, outro para o de Geografia, o que **deixou o quadro docente do CA com um déficit de 15 docentes**. No início de 1971, como era previsível, a transferência desses docentes trouxe sérios problemas para a administração do Colégio, devido à falta de professores para ministrar as aulas dos cursos Ginásial, do Curso Normal e do recém-criado curso Colegial.

Mesmo em situações em que o Colégio era contemplado com vagas e recursos para atender suas necessidades, as autoras demonstraram que outras situações no âmbito da universidade contribuíam para que o quadro docente da escola voltasse à situação deficitária. Outro aspecto observado, nesse conjunto profissional, era a coexistência de professores/as de diferentes categorias, exercendo funções semelhantes, com remunerações diferentes.

Entre 1968 e 1980 o CA compartilhava o prédio com a Faculdade de Educação, o que representava uma dificuldade para a expansão das atividades da escola, segundo Varizo e Ferreira (2010). A construção das novas instalações, entre 1978 e 1980, era acompanhada, como podemos observar nos registros fotográficos no acervo da instituição:

Fotografia 3 – Construção do Colégio Aplicação



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 01, 1979.

A conquista de um espaço específico para o desenvolvimento das atividades educacionais do colégio, para as autoras, trouxe a possibilidade de desfrutar de uma estrutura adequada ao público recebido, crianças e adolescentes, e nesse contexto contribuiu para o desenvolvimento de uma identidade própria e uma crescente autonomia.

Após um movimento de greve, em 1981, Varizo e Ferreira (2010) destacaram que houve uma reivindicação que reclassificou todos os docentes do CA para a carreira do Magistério Superior, de acordo com a titulação acadêmica de cada um. Atualmente a maioria dos professores são dessa categoria, com exceção de quem atua na educação infantil (01 a 05 anos) que pertencem à categoria de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT²⁴).

Em 1982, o Colégio Aplicação mudou da categoria de órgão suplementar para Departamento de Estudos Aplicados à Educação da Faculdade de Educação da UFG (UFG, 2018). Na década de 1990, com a redemocratização, pós-ditadura militar no Brasil, com a elaboração do Plano Decenal de Educação Para Todos, Kimpara

²⁴ O reingresso de professores da categoria EBTT no CEPAE, se deu na ocasião da incorporação do Departamento de Educação Infantil a estrutura organizacional da escola. Um projeto que nessa perspectiva da carreira docente suscitou debates acerca desse passado complexo, no qual lembraram essa condição de trabalho que colocava docentes em situação de desigualdade no que tange a gestão de suas carreiras e divisão do trabalho.

(1997) afirmou que os Colégios de Aplicação passaram a demandar maior autonomia didática, administrativa e orçamentária na gestão universitária.

Diante disso, em 1994, passou a ser denominado Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), através da portaria n.º 713, de 18 de março de 1994²⁵ (UFG,1994), que transformou “em caráter experimental, a estrutura acadêmica” da instituição, como afirmado por Varizo e Ferreira (2010, p. 37). Uma mudança que transcendeu a troca de nomenclatura:

A construção da identidade do CA, que procuramos apresentar, de alguma forma evidenciou a concretização de concepções de um grupo de professores da FE e do próprio CA, que em determinado momento **tomou as rédeas de seu destino**. Desvincula-se da FE, torna-se um Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada a Educação, considerando a abrangência e profundidade das pesquisas realizadas naquela instituição, desenvolvidas por um corpo docente altamente qualificado – pesquisas estas que têm por matéria prima a Educação Básica do próprio CA. Isso, sem deixar de lado o fato de ser campo de estágio das licenciaturas; agora não mais restrito às licenciaturas da UFG, mas atendendo outras IES.

Essa transformação representou a consolidação de uma identidade institucional construída ao longo de décadas de trabalho, reiterando o lugar do CEPAE como unidade específica de atendimento da educação básica na universidade, a partir de 1994, vinculado a Pró-reitora de Graduação, mantendo-se assim até o presente.

No ano de 2013 o CEPAE passou a ofertar atendimento na educação infantil, pois a Creche da UFG, vinculada a Pró-Reitoria de Assuntos da Comunidade Universitária²⁶, passou a ser um departamento do CEPAE, o Departamento de Educação Infantil (DEI), de modo que a escola passou a oferecer o ciclo completo da educação básica, com ingresso a partir de um ano de idade por meio de sorteio público. Essa mudança, segundo as professoras Rafaela de Moraes Ramos e Camila Cerqueira dos Santos Silva (2018), foi fruto de um conjunto de discussões realizadas em âmbito nacional acerca da função das creches vinculadas às universidades federais, fomentado pela Associação Nacional das Unidades Universitárias de Educação Infantil (ANUUF EI).

²⁵ Algumas publicações como Silva (2010) (2018) e Oliveira (2000) ao refazer a história institucional da escola citam a Portaria 063 de 1994 como documento que transforma o CA e em CEPAE. Em nossa pesquisa não localizamos essa portaria no acervo da instituição nem do Cidarq, reforçando o que Varizo e Ferreira (2010) apontaram que a portaria correta, que corresponde ao que foi localizada em nossas buscas, é esta que foi citada.

²⁶ Procom, atualmente denominada PRAE – Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis.

A inclusão da educação infantil como etapa inicial de ensino no CEPAE foi fruto de debates realizados na instituição, que demandou estudo da legislação da universidade, da escola, dessa etapa específica e da educação básica. Para Ramos e Silva (2018), como a antiga Creche da UFG era um espaço de efetivo estágio curricular, com trabalho pautado no ensino, pesquisa e extensão, sua integração ao CEPAE representou o reconhecimento da educação infantil como um direito subjetivo de todas as crianças, transcendendo o seu lugar anterior de pertencimento à comunidade universitária como programa assistencial.

Essa agregação do DEI ao CEPAE foi um processo complexo, que suscitou, e ainda suscita, discussões na comunidade cepaeana e da UFG. As mesmas autoras reconhecem que ainda existem algumas questões que precisam ser historicamente construídas nessa relação entre os departamentos da escola e da própria universidade. Um exemplo é a conquista recente, após mais de dez anos de luta, por mais vagas de docentes para atuar na educação infantil.

O CEPAE segue desenvolvendo atividades de ensino, pesquisa e extensão, contemplando atualmente a educação básica, sendo campo de estágio para diversas licenciaturas na UFG e atendendo outras instituições de ensino superior da cidade de Goiânia. Ofertou ao longo de sua história cursos de especialização *latu sensu* nas modalidades presencial e à distância em diferentes áreas do conhecimento.

Desde 2013, também oferece vagas no curso de Mestrado Profissional em Ensino e na Educação Básica (PPGEEB/CEPAE/UFG), que de acordo com Deise Nanci de Castro Mesquita e Elisandra Filetti-Moura (2018, p. 132) é uma forma de “atender à necessidade de qualificação dos profissionais da educação das redes públicas e particulares de ensino básico, em nível *stricto sensu* e conforme a demanda regional”. O mestrado, segundo as autoras, teria por objetivo:

[...] formar profissionais que atuam no ensino básico com capacidade analítica, crítica e de transformação de sua prática; fortalecer a articulação entre teoria e prática na formação e atuação do profissional da educação básica; aplicar conhecimento e proposições inovadoras para o ensino básico nas dimensões do processo de escolarização; desenvolver conhecimentos e habilidades de pesquisa na área da Educação Escolar Básica; instrumentalizar os profissionais da educação básica para a participação crítica no redirecionamento e/ou fortalecimento de políticas públicas educacionais e da Escola Básica; e capacitar os profissionais da educação para a busca constante de eficiência no processo de escolarização, por meio da identificação de problemas e geração de propostas de inovação.

O PPGEB/CEPAE/UFG tornou-se uma possibilidade de formação continuada para professores/as das redes públicas e privadas, promovendo diálogo entre educação básica, graduação e pós-graduação. Reforçando o vínculo entre ensino e pesquisa presente nos fundamentos da criação da escola. Além disso, conforme podemos observar no tópico 1.3.2 acerca das pesquisas sobre a escola, o mestrado profissional contribui para fomentar produções acerca deste espaço educacional.

Essa trajetória evidencia a constituição do CEPAE traçada nos limites do consenso e do dissenso que reiteram a proposta de escola democrática defendida por Varizo (2020). Para que, de fato, essa concepção se realize, é preciso haver espaço para o debate, para a livre manifestação de ideias, para os tensionamentos e conflitos. São esses elementos que possibilitam a circulação de conceitos plurais e fazem com que a educação e a gestão democrática sejam vividas na teoria e na prática.

1.3 “Testemunhar o que não pode ser colocado em palavras”: fotografando o passado

As fotografias do acervo do CEPAE são evidências do passado que se inserem na dinâmica relacional que temos com o tempo. A consciência do passado é uma característica única e inerente de seres humanos, para Hobsbawm (1998) essa particularidade é fruto da socialização e da convivência com pessoas mais velhas. O passado é uma dimensão permanente da subjetividade humana e um elemento inevitável de tudo que as sociedades produzem, instituições, valores, cultura, dentre outros. O desafio imposto à análise da natureza e dos “sentidos do passado” é localizar e compreender os pontos de transformações e as permanências inscritas ao longo do tempo.

Lembrar, e escrever sobre o passado não é uma atividade simples, conforme Burke (2011) destacou, a lembrança, mesmo como algo individual, se constitui em coletivos. São os grupos sociais que determinam e recordam o que é memorável, a partir da construção de representações culturais coletivas, conforme, reafirmou Cristina Ribeiro dos Santos (2017, p. 67, grifo nosso):

São as memórias de um **indivíduo**, de **um grupo**, de **uma região** ali **materializada**, registradas em **narrativas, imagens, documentos**, que **revelam as experiências de vida**, da função ou das atividades desenvolvidas **durante um determinado tempo**, enfatizando em

seu discurso as pessoas e os eventos considerados significativos e **constituindo uma forma de registro**.

Nesse sentido, memória e história andam juntas, apesar de distintas, e permitem observar o que muda e o que persiste com o passar do tempo, através das fontes que materializam e registram as experiências. Diante da especificidade humana que necessita explicar e compreender sua existência, seja pela tradição oral, pelo desenho, ou pela escrita, a humanidade registrou suas formas de ser e estar no mundo. As formas de registrar e transmitir o passado, constituíram-se coletivamente, destacando da cotidianidade elementos que tornaram um fato memorável, por marcar mudanças ou estabelecer continuidades no âmbito político, econômico, social, cultural, religioso, dentre tantas outras áreas da vida humana.

Essas evidências, segundo Hobsbawm (1998), possibilitaram perceber como as sociedades foram construídas e valores foram moldados e consolidados. Em diferentes perspectivas, distintos grupos construíram uma memória coletiva a partir da sociabilidade com elementos singulares e diversos que se impregnaram na memória, e acabaram por tornar-se objeto de estudo da história, como demonstrou Burke (2011, p. 73):

Os historiadores se interessam pela memória como um fenômeno histórico; pelo que se poderia chamar de história social do lembrar. Considerando-se o fato de que a memória social, como a individual, é seletiva, precisamos identificar os princípios de seleção e observar como eles variam de lugar para lugar, ou de um grupo para outro, e como mudam com o passar do tempo. As memórias são maleáveis, e é necessário compreender como são concretizadas, e por quem, assim como os limites dessa maleabilidade.

Conforme o autor, a memória é uma fonte social, que varia conforme o tempo histórico, a comunidade e a localidade. É complexa e seletiva, sendo influenciada pelas organizações sociais, pelos meios de comunicação e transmissão. Memória e história não são sinônimas, segundo Nora (1993), pode-se definir a primeira como algo vivo, pulsante, carregada por grupos. A memória paira entre a lembrança e o esquecimento, é um fenômeno atual. A história, para o mesmo autor, seria a reconstrução de algo que já não existe, uma operação intelectual que demanda estabelecer um método de análise e um estudo crítico. Enquanto a memória tem um caráter pessoal, compartilhado com membros de um grupo, a história se apresenta de forma universal, comum a toda humanidade.

O que ambas têm em comum é a necessidade de suporte, fontes, lugares em que seja possível ancorar elementos do passado, a fim de que se possa acessá-lo,

movimento que, para Nora (1993, p. 12–13), “[...] são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora”. São estes lugares de memória que testemunham o passado, e possibilitam reconstituí-lo para ser analisado, “museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são marcos testemunhas de outra era, das ilusões de eternidade” (idem, p. 13).

Os lugares de memória lembram a necessidade de criar arquivos, organizar e registrar celebrações do passado, pois, ainda que necessário, não é algo natural. Na medida em que as sociedades se complexificam, a memória viva, transmitida geracionalmente, enfraquece. São os lugares de memória, os repositórios da memória coletiva que possibilitam acesso ao passado, para cristalizá-lo diante da lente da história.

O movimento historiográfico se apropria dos lugares de memória para questioná-los, transformá-los e, então, torná-los momentos de história, “a memória dita e a história que escreve” (Nora, 1993, p. 24). São esses lugares que intermediam o acesso aos fragmentos do passado, as fontes, sem elas, de acordo com Burke (2017), são impossíveis realizar a escrita historiográfica.

José Assunção Barros (2020) definiu como fonte histórica toda produção humana que apresenta amostras de suas interferências, e possibilita acesso ao passado. São conjuntos de vestígios que fornecem testemunho da existência da humanidade em diferentes suportes, documentos, imagens, relatos orais, etc.

Dentre as muitas possibilidades de testemunho do passado destacam-se as imagens que, de acordo com Burke (2017, p. 24), “nos permitem “imaginar” o passado de forma mais vívida”, transmitem representações visuais de informações, e são uma importante forma de evidência histórica. Por se fazerem presente no cotidiano, permitem acesso a elementos que não estão disponíveis em manuscritos e impressos, com potencial de alcance, conforme afirmou Santos (2017, p. 33):

Tais imagens recebem influências e influenciam a sociedade. Tem-se, por exemplo, as imagens parietais que, no mundo antigo, contavam os mitos e os atos de heróis à sociedade. Trata-se de obras de artes, carimbos e tantas outras formas de criá-las, além das apropriações. Por isso, as imagens chegam até nós com sua familiaridade e produção e alcançam as crianças, que são direcionadas a entendê-las, modificá-las e produzi-las ainda mais. Assim, há uma rede imagética que percorre a história da humanidade em simbiose e não tem como ignorar o conhecimento ali registrado.

O silêncio não significa que se está desprovido de informações, elas apenas estão em um sistema paralelo ao escrito.

A presença das imagens na história é algo tão intrínseco que não pode ser ignorado, está tão próximo ao texto escrito, ao ponto de acompanhá-lo. Um exemplo é o uso destas em textos religiosos. Maria Cristina Correia Leandro Pereira (2008), ao tratar da presença de imagens “marginais” nos manuscritos medievais, ressaltou que durante muito tempo essas ilustrações foram ignoradas em estudos. No entanto, as pesquisas sobre o tema revelaram que, esse era um recurso que buscava conferir uma espécie de “credibilidade” às imagens ao associá-las ao prestígio do universo da escrita. Passou-se a observar a presença dessas ilustrações em manuscritos medievais a partir dos séculos XII e XIII e, segundo a autora, muitas vezes as imagens estavam associadas a alguma palavra em específico, ou uma temática geral, que não estava contemplada no texto da página em que se encontrava.

Segundo Manguel (2001), a imagem evoca memórias, constrói narrativas, informa, e o único pré-requisito para compreendê-la é a habilidade de ver. É um elemento que se difere do texto escrito, mas apresenta igual potencial narrativo, conforme afirmou Mirtes Cristina Marins de Oliveira (2002. p. 21):

As imagens visuais não têm o mesmo estatuto do texto escrito, mas é necessário observá-las como um diferente, como um interlocutor privilegiado do texto escrito, compartilhado no texto cultural, com suas especificidades materiais e formais e *história* própria. Muitas pesquisas na área da História têm avançado nesse campo, elaborando o que poderíamos chamar de uma história da visualidade.

Na perspectiva de uma narrativa visual histórica, encontram-se representações, desenhos, gravuras, pinturas, fotografias, etc.; cada qual com seu modo de produção e leitura. Os avanços tecnológicos e culturais possibilitaram novas formas de registros imagéticos, que foram apropriados e difundidos nas sociedades.

Segundo Manguel (2001, p. 27) “quando lemos imagens – de qualquer tipo, sejam pintadas, esculpidas, fotografadas, edificadas ou encenadas —, atribuímos a elas o caráter temporal da narrativa”, ou seja, independente do material que se tem à disposição, o espectador acaba construindo uma narrativa do que vê numa linguagem compreensível para si.

Cada produção imagética carrega as características tecnológicas, sociais e culturais de seu tempo. No acervo do CEPAE, por exemplo, observamos²⁷ que na década de 1990, há um crescimento no número de fotografias impressas, que nos anos 2000–2010, sofre uma queda abrupta, indicando a presença de outra forma de registro, as câmeras digitais, que permitiam o armazenamento das fotos em dispositivos, desobrigando a impressão para que se pudesse contemplar o resultado das fotos.

As imagens oferecem um testemunho do passado, segundo Burke (2017), foram criadas para noticiar uma mensagem específica, no entanto, é possível a quem as leia se apropriar desse conteúdo e acessar mais do que se esperava. Em sua ambiguidade, é possível encontrar o que está presente e questionar o oculto. Andrade (2004) afirmou que as imagens preenchem diversas funções no espectro da cultura, com potencial de compreender, desvendar, disseminar e compartilhar informações.

Burke (2017, p. 18–19, grifo nosso) ressaltou que, mesmo diante do processo de ampliação das fontes a partir da escola dos *Annales*²⁸, comparada com outros materiais, são poucos os que optam pelo trabalho da chamada história visual, e quando a colocam em intersecção com outras fontes, acabam por fazê-la como ilustrações, conforme o mesmo autor destacou:

Relativamente poucos periódicos históricos trazem ilustrações e, quando o fazem, poucos colaboradores aproveitam essa oportunidade. Quando utilizam imagens, os historiadores tendem a tratá-las como **meras ilustrações**, reproduzindo-as nos livros sem comentários. Nos casos em que as imagens são discutidas no texto, essa evidência é frequentemente **utilizada para ilustrar conclusões** a que o **autor já havia chegado por outros meios**, em vez de oferecer novas respostas ou suscitar novas questões.

O hábito de reduzir o potencial da fonte imagética limita o alcance das pesquisas, criando dúvida sobre sua confiabilidade. Assim como qualquer outra

²⁷ Ver mais sobre no Capítulo III.

²⁸ Na obra *A Revolução Francesa da Historiografia: A Escola dos Annales (1929-1989)*, Burke (1991), definiu esse movimento como uma nova perspectiva de pesquisa histórica que busca ampliar fontes e temáticas não contempladas pelo modelo tradicional. Seus fundadores criaram uma revista para promulgar essa nova forma de analisar e escrever história, são intelectuais que não necessariamente viveram no mesmo período ou local, mas que partilhavam de um mesmo compromisso, dentre eles Marc Bloch e Lucien Febvre, Georges Duby, Jacques Le Goff e Emmanuel Le Roy Ladurie e outros. Segundo Burke (2021) a *Escola dos Annales* apresentou como diferencial a construção da narrativa histórica contemplando a colaboração de outros campos do conhecimento como a Geografia, a Sociologia, a Psicologia, a Antropologia etc., possibilitando incluir grupos invisibilizados anteriormente como a história das mulheres, das infâncias e outros atores sociais antes silenciados.

evidência do passado, faz-se necessário questionar até que ponto as imagens seriam esse instrumento de credibilidade. Michel Certeau (1982, p. 231) afirmou que “o olho está a serviço de uma “descoberta do mundo”, assim, a imagem seria um tipo de registro que se antecede ao código escrito. Seria difícil escrever sobre a história sem seus registros pictóricos, em diferentes tempos e localidades, de acordo com Burke (2017, p. 24), que também reforçou o potencial representativo dessa evidência:

O uso de imagens, em diferentes períodos, como objetos de devoção ou meios de persuasão, de transmitir informação ou de oferecer prazer, permite-lhes testemunhar antigas formas de religião, de conhecimento, crença, deleite, etc. Embora os textos também ofereçam indícios valiosos, imagens constituem-se no melhor guia para o poder de representações visuais nas vidas religiosa e política de culturas passadas.

As representações visuais do passado apresentam um impacto emocional, sejam elas de contexto universal ou de grupos coletivos, elas têm o poder de “testemunhar o que não pode ser colocado em palavras” (Burke, 2017, p. 51). A sensibilidade que emana pode ser evocada como simbologia em anúncios publicitários, campanhas políticas, discursos de ódio ou movimentos de pacificação. Quando dizem respeito a temas sensíveis, ou acontecimentos traumáticos, afetam a sensibilidade dos indivíduos e consegue conduzir grupos sociais em processos de tomada de decisão.

As imagens são parte da constituição humana, no mesmo sentido que a linguagem falada ou escrita, de acordo com Manguel (2001). O autor afirmou que àquilo que se vê é traduzido subjetivamente nos termos da experiência pessoal. Enquanto a escrita exige o domínio de um idioma ou de um conjunto de códigos específicos, a imagem pode ser lida por qualquer pessoa, independentemente de seu nível de escolaridade, sua localidade, sua idade ou idioma, haja vista que, cada um a interpretará de acordo com suas emoções e práticas culturais.

Ao discutir as fontes fotográficas no ensino de História, Aguiar (2021) reiterou que as imagens canônicas, ou as que registram temas sensíveis, acontecimentos traumáticos, tais como guerras, fome e outras formas de violação da dignidade humana, podem ser empregadas com múltiplos propósitos, o que permite questionar se seria possível ter um sistema para guiar a leitura dessa fonte específica. Para responder a essa pergunta, Manguel (2001) afirmou que o código que habilita ler

imagens provém dos conhecimentos anteriores de quem as lê, diante de seu imaginário e significações próprias.

Diante das diferentes composições imagéticas, para esta pesquisa tomou-se a fotografia como fonte escolhida para observar um aspecto específico do passado. Segundo Raquel Duarte Abdala (2013) esse tipo de registro constitui suportes de memória. Vejamos as especificidades desse material que influem sobre sua produção, consumo, e circulação, possibilitando-a ser uma das evidências do passado.

A escolha da imagem a ser analisada deve considerar as mudanças nos tipos disponíveis, lugares e contextos específicos e especialmente o desenvolvimento tecnológico que incide sobre seu uso e disponibilidade. A aparência das imagens mudou ao longo do tempo, o que, de acordo com Burke (2017), aumentou a diversidade disponível comumente. A fotografia²⁹ passou por um processo tecnológico de mudanças, tornando-se um registro popular, conforme Aguiar (2021, p. 27):

Como podemos perceber, desde a sua invenção a técnica fotográfica sofreu transformações, seja do ponto de vista tecnológico ou de suas aplicações. Cada vez mais populares, sobretudo a partir da virada para o século XX, as máquinas tornaram-se menores e de uso mais prático, passando a produzir fotografias de melhor qualidade e de maneira mais rápida. Seu uso difundiu-se cada vez mais entre o grande público e nos meios científicos.

Essa difusão, segundo o mesmo autor, tomou proporções rápidas na era digital, as câmeras nos celulares, as redes sociais e aplicativos, adentraram espaços públicos e privados abrangentemente, tornando qualquer pessoa capaz de produzir e veicular imagens fotográficas. A fotografia exerce um fascínio de captura do real, Burke (2017, p. 36) questionou: “poderia tal e tal fato, como foi narrado, ter sido fotografado?”, a mídia jornalística toma esse testemunho como o real, sedução que incide sobre os retratos. O testemunho fotográfico parte do pressuposto de que algo existiu semelhantemente ao que é exposto, conforme afirmou Sontag (2004, p. 9, grifo nosso):

Uma foto equivale a uma **prova** incontestável de que determinada coisa **aconteceu**. A foto pode distorcer; mas sempre existe o **pressuposto de que algo existe, ou existiu**, e era semelhante ao que está na imagem. Quaisquer que sejam as limitações (por

²⁹ Outros trabalhos se aprofundam na história da fotografia e seu desenvolvimento, o que não é o objetivo dessa tese, para saber mais sugere-se Burke e Brigs (2006), Burke (2017), Kossoy (2020).

amadorismo) ou as pretensões (por talento artístico) do fotógrafo individual, uma foto — qualquer foto — parece ter uma relação mais inocente, e, portanto, mais acurada, com a realidade visível do que outros objetos miméticos.

Ainda que sejam consideradas as limitações presentes no registro, a autora destacou que tudo parece ser comprovado quando se apresenta uma foto. Isso porque, esse registro consegue capturar pequenas parcelas do mundo em um determinado contexto, como se fosse “uma fina fatia de espaço, bem como de tempo” (Sontag, 2004, p. 18). Nesse sentido, para a autora, tirar uma foto seria como participar da mortalidade, da vulnerabilidade e da mutabilidade do mundo, pois ao recortar essa “fatia” seria como congelar a coisa fotografada, seja uma pessoa, um objeto ou paisagem, em um determinado momento, tornando o efêmero em imortal.

A fotografia se tornou uma das principais formas de demonstração das experiências, segundo Sontag (2004), reforça o sentimento de participação, sendo impossível pensar alguns momentos como celebrações de casamento, aniversários, viagens, etc., sem fotos. Ao mesmo tempo que comprova a “verdade” a câmera também incrimina, sendo um instrumento de vigilância e controle das populações, tornando os indivíduos, de acordo com Barthes (1984), seres vigiados.

O hábito de fotografar desvela um interesse pela manutenção das coisas como elas são/estão, afinal, implica na observação e captura de um registro, designado digno de memória, ainda que seja uma demonstração de dor ou desgraça, conforme apontou Sontag (2004, p. 12, grifo nosso):

Fotografar é, em essência, um ato de não intervenção. Parte do horror de lances memoráveis do fotojornalismo contemporâneo, como a foto do monge vietnamita que segura uma lata de gasolina, a de um guerrilheiro bengali no instante em que golpeia com a baioneta um traidor amarrado, decorre da consciência de que se tornou aceitável, em situações em que o fotógrafo tem de escolher entre uma foto e uma vida, opta pela foto. **A pessoa que interfere não pode registrar; a pessoa que registra não pode interferir.**

As interferências no registro fotográfico transitam na ambiguidade da manipulação e da manutenção. A mesma autora defende que a realidade capturada pode ser manipulada, ao mesmo tempo que realizar o registro implica na tomada de decisão de agir ou parar e observar. Kossoy (2012, p. 119–120, grifo nosso) reforçou essa dualidade:

O alto grau de iconicidade que é característico do registro fotográfico não deixa de ser **uma faca de dois gumes**. Não raramente essa semelhança “acentuada” entre a representação e o assunto torna-se

“incômoda”, dependendo dos fins a que se destina, razão por que ela é **objeto de manipulação**, afastando-se da verdadeira aparência física ou natural do seu referente. As possibilidades **de o fotógrafo interferir na imagem** - e, portanto, na configuração própria do assunto no contexto da realidade - existem desde a invenção da fotografia.

Dessa forma, o trabalho com a fonte fotográfica exige atenção e rigor com suas potencialidades e fragilidades. Burke (2017) alertou quanto à falsa sensação de realismo na representação daquilo que se fotografa, haja vista os sentidos simbólicos que essa fonte carrega. Para o autor, os registros são simultaneamente essenciais e pérfidios, “compensam essa desvantagem ao oferecer substancial evidência num outro nível, de tal forma que historiadores possam transformar um defeito numa qualidade” (Burke, 2017, p. 50). Ou seja, ao mesmo tempo que são uma testemunha potente, devem ser questionadas com rigor, pois têm o poder de falsear o que apresenta, diante do recorte da lente.

Outro aspecto dessa ambiguidade é reforçado por Sontag (2004) com relação à portabilidade e precibilidade das fotos. Ao mesmo tempo que são objetos pequenos, fáceis de guardar, preservar, são também frágeis, suscetíveis de se perder, rasgar, queimar ou sofrer danos, devido à ação de agentes naturais. O que pode ser observado na Fotografia 4, do acervo do CEPAE, que diante das condições precárias de armazenamento, sofreu diversos prejuízos.

Fotografia 4 – A fragilidade do documento fotográfico



Fonte: Acervo do CEPAE, conjunto 41, s/d.

A foto acima experimentou a fragilidade de sua existência, foi amassada, perfurada, colada em outro papel com adesivo forte, exposta à umidade que manchou a lateral esquerda. Apesar dos riscos, sua manipulação contribuiu com a circulação da fotografia, trazendo impactos em âmbito cultural, social e econômico. Segundo Kossoy (2012, p. 28), esse movimento propiciou o surgimento e expansão de impérios industriais e comerciais, além de possibilitar acesso a produções culturais através da exteriorização dos povos:

A expressão cultural dos povos exteriorizada através de seus costumes, habitação, monumentos, mitos e religiões, fatos sociais e políticos **passou a ser gradativamente documentada pela câmara**. O registro das paisagens urbana e rural, a arquitetura das cidades, as obras de implantação das estradas de ferro, os conflitos armados e as expedições científicas, a par dos convencionais retratos de estúdio - gênero que provocou a mais expressiva demanda que a fotografia conheceu desde seu aparecimento e ao longo de toda a segunda metade do século XIX -, são alguns dos temas solicitados aos fotógrafos do passado.

O autor acrescentou que o crescente hábito de fotografar permitiu ampliar as fronteiras da criação artística, e possibilitou experiências de autoconhecimento e recordação pessoal. Como Vânia Carneiro de Solange Ferraz de Lima e Vânia Carneiro de Carvalho (2009) reiteraram, com essas práticas de registros, a partir da segunda metade do século XIX, e ao longo do XX, o mercado fotográfico ampliou-se e especializou-se, principalmente no que tangia a prática documentarista, utilizada nos meios de comunicação de massa, nos impressos e nos periódicos ilustrados. As autoras afirmaram que esse tipo de imagem se difundiu fortemente nas mais diversas esferas públicas e privadas.

Desse modo, tamanha diversidade de uso gerou arquivos e coleções e, graças à natureza testemunhal dos registros, a história ganhou um novo tipo de documentação como fonte, sendo necessário combater preconceitos quanto ao uso da fotografia, como Kossoy (2012, p. 32) observou:

A primeira é de ordem **cultural**: apesar de sermos personagens de uma “civilização da imagem” -e neste sentido alvo voluntários e involuntários do bombardeio contínuo de informações visuais de diferentes categorias emitidas pelos meios de comunicação -, existe **um aprisionamento multissecular à tradição escrita** como forma de transmissão do saber. [...] A segunda razão decorre da anterior e diz respeito à expressão. **A informação registrada visualmente** configura-se num sério obstáculo tanto para o pesquisador que trabalha no museu ou arquivo como ao pesquisador usuário que frequenta essas instituições. O problema reside justamente na sua **resistência em aceitar, analisar e interpretar a informação**

quando esta não é transmitida segundo um sistema codificado de signos **em conformidade com os cânones tradicionais da comunicação escrita.**

Os convencionalismos relacionados ao uso historiográfico da fotografia advêm, de sua comparação com a cultura escrita, podendo ser superados ao se considerar que são fontes distintas, com informações em códigos e suportes diferentes. O mesmo autor declarou que a “revolução documental”, observada nas últimas décadas, com a ampliação do conceito de fontes, permitiu que a fotografia fosse utilizada na investigação histórica, haja vista que esta é um produto “resultante da ação do homem, o fotógrafo, que em determinado espaço e tempo optou por um assunto em especial e que, para seu devido registro, empregou os recursos oferecidos pela tecnologia” (Kossoy, 2012, p. 39).

Sendo assim, são necessários três elementos para uma fotografia existir, de acordo com Kossoy (2012): o assunto, o fotógrafo e a tecnologia. O assunto é o tema a ser registrado, viagens, celebrações, paisagens, etc. O fotógrafo é aquele quem define o que será recortado pelas lentes da câmera, pode ser um profissional, que aplicará técnicas e conhecimentos específicos, ou um amador, interessado no registro do que lhe é pessoal. A tecnologia diz respeito à condição que viabiliza o registro, a aplicação da ciência humana que fabrica os instrumentos que permitem realizar o registro, que varia conforme o tempo e a localidade. São processos que convergem para a constituição do registro fotográfico e se entrelaçam em um determinado contexto histórico, como reforçou Kossoy (2012, p. 42, grifo nosso):

A fotografia é uma **representação plástica** (forma de expressão visual) **indivisivelmente incorporada ao seu suporte** e resultante dos **procedimentos tecnológicos** que a materializaram. Uma fotografia original é, assim, um *objeto-imagem*: um *artefato* no qual se pode **detectar em sua estrutura as características técnicas típicas da época** em que foi produzido. Um original fotográfico é uma fonte primária.

O testemunho fotográfico incentiva tomar por verdadeiro aquilo que foi capturado graças aos procedimentos tecnológicos possíveis em determinado contexto. No entanto, esse registro é uma representação do real, definido por Roger Chartier (1988, p. 20) como “um instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma “imagem” capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é”. Embora seja aparentemente semelhante à representação, difere do representado, quase sempre se mostra distorcida e menos realista daquilo que reflete.

Nessa perspectiva, Lima e Carvalho (2009) colocam, em outros termos, a capacidade testemunhal da fotografia, ao confrontá-la diante da abordagem semiótica. Para as autoras, a fotografia não é tomada como verdade, é vista como um índice, um tipo de signo, um vestígio de algo que já esteve presente em algum momento, num determinado lugar e tempo. O signo, seu referente, o real, interagem com o interpretante, aquele que lê a imagem. Este, por sua vez, ao lê-la, pode interpretá-la atribuindo-lhe diferentes significados, cada um de acordo com sua cultura e segmento social. Diante disso, a fotografia, enquanto signo relacionado a um referente, não ocasionalmente pressupõe vero semelhança, haja vista que será sempre uma representação.

Esse é o poder da fotografia, evocar, representar, trazer aos olhos um recorte do passado, possibilitando indagar, observar mudanças e permanências no espaço e no comportamento humano. Segundo Santos (2017), o uso e consumo desse tipo de imagens se adequou ao cotidiano das sociedades, principalmente das instituições, vinculando-se aos documentos produzidos, registrando experiências, preservando informações e traços do imaginário. Ainda que uma única fotografia consiga evidenciar uma narrativa histórica, esse tipo de registro se potencializa na organização e na lógica do álbum fotográfico, conforme apontou Abdala, (2013, p. 24):

Entre o abrir e o fechar de um álbum há uma história contada a partir dos objetos, textos e fotografias nele ordenados e fixados, mas também permeada pela narrativa oral que acompanha, invariavelmente, o folhear das páginas. As fotografias individualmente constituem suportes de memória e suscitam **uma narrativa que é potencializada pela organização e pela lógica do álbum fotográfico**, que ordena as fotografias em uma série.

Os elementos presentes nas fotografias, pessoas, instituições, celebrações, entre outros, quando inseridos em um conjunto, se entrelaçam e formam uma narrativa única. Dessa forma, segundo Santos (2017, p.11), o álbum fotográfico poderia ser definido como:

[...] um arquivo imagético, uma junção, um acúmulo de fotografias e de informações com a intenção de evidenciar a trajetória de uma família, de um governo, de celebridades, de uma instituição, entre centenas de possibilidades de assuntos que podem estar contidos.

Assim, sua definição não se resumiria a uma unidade semelhante a um livro, mas se estenderia a todo conjunto documental fotográfico, pertencente a uma pessoa, um grupo ou uma instituição. De acordo com Lima e Carvalho (2009), o

álbum é mais que um depositário de fotos, nele encontramos pequenos objetos, cabelos, bilhetes e outros itens memoráveis. Para as autoras, mais do que registrar os ritos sociais, estes conjuntos participam da sua produção.

A fotografia invadiu o cotidiano e passou a compor situações que não podem ser realizadas sem esse tipo de registro, como viagens, celebrações, e a identificação de pessoas em documentos oficiais. Pode-se dizer que o hábito fotográfico se expandiu, adentrando ao ambiente escolar, revelando uma vontade individual ou coletiva de arranjar memórias, ou instrumentalizar formas de ler o passado educacional.

Segundo Camila Eberhardt (2013), são muitos os registros fotográficos educacionais que procuram evidenciar como as modalidades de ensino eram desenvolvidas em contextos diferentes. As fotografias escolares, de acordo com Abdala (2013), contêm uma representação de educação, de escola e de como as pessoas que a integram desempenham seus papéis sociais e profissionais.

Produzidas por fotógrafos profissionais, professores (as), estudantes, familiares e outros participantes da comunidade educacional, ou de fora dela, esses registros representam espaços e formas de educar em consonância com o contexto do qual emergem, conforme a mesma autora (Idem, 2013, p. 46) afirmou:

A escola não só produz imagens, como também foi alvo, ao longo do tempo, da produção de imagens refletidas pelo olhar social, urbano e histórico. A escola constituiu-se como uma das maiores instituições responsáveis pela produção e difusão de imagens mentais e documentais, e pela influência direta em nossa percepção de mundo.

A autora defende que enquanto lócus de produção fotográfico sejam discutidos e investigados aspectos acerca das condições de produção, circulação, “condicionantes históricas, estéticas e intencionais que permearam a composição das imagens que se pretendia conservar e, ao mesmo tempo, o modo como foram apropriadas” (Idem, p. 29) no ambiente escolar.

Assim como foi apresentado no tópico 1.1, sobre o contexto político de implementação das reformas escolares no território brasileiro, Abdala (2013) sinalizou a possibilidade de que esse fenômeno, de discussão em torno da situação educacional tenha fomentado o início, e posteriormente, o aumento, das produções fotográficas no contexto escolar. Era preciso mostrar a situação das escolas, os modelos ideais, e difundir as ideias que estavam sendo construídas naquele contexto.

Mesmo com uma produção expressiva e significativa, as pesquisas no âmbito da história da educação com a fotografia como fonte são poucas em comparação com outras formas de registro escolar pesquisadas, como sinalizou Burke (2017), demonstrando um campo crescente com possibilidades não exploradas.

A fotografia é um instrumento pedagógico útil, frequentemente presente nas aulas, ainda mais diante da portabilidade das câmeras presentes nos telefones celulares. No entanto, quando o assunto é a pesquisa, a fotografia como fonte historiográfica, o levantamento realizado de teses e dissertações acerca dessa temática, sobretudo no âmbito educacional, apontou o quanto essa fonte é pouco explorada.

1.4 Reconhecer o que já foi realizado: ineditismo é um ato de ingenuidade

Para discutir as fotografias escolares do CEPAE/UFG, realizou-se um levantamento de teses e dissertações acerca da temática, utilizando como plataforma de buscas o Banco de Teses e Dissertações da Capes³⁰. Consideramos, para este fim, a obrigatoriedade dos programas de pós-graduação em publicar as teses e dissertações defendidas³¹ desde 2006, fazendo desta plataforma uma base de dados em constante atualização. Em alguns momentos, foi utilizada a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações³² (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) para contrapor os dados e acessar um número maior de trabalhos.

A escolha desses dois principais repositórios de teses e dissertações em preferência ao uso de artigos de periódicos, anais de eventos, livros ou outras publicações, se justifica no fato das teses e dissertações representarem a exposição de pesquisas na íntegra, uma vez que essas outras manifestações tendem a fragmentar esse tipo de texto em discussões menores, multiplicando-as diante de suas múltiplas vertentes. Outro aspecto evidenciado quanto ao uso desses repositórios por Dias (2023), é o fato de suas produções serem resultantes de pesquisas realizadas no âmbito da pós-graduação. Para a autora, acumular teses e dissertações, sem utilizá-las e problematizá-las, além de lamentável, é um impedimento para a construção historiográfica do objeto pesquisado.

³⁰ Ver mais em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/> Acesso em: 20/02/2021.

³¹ Portaria nº 13, de 15 de fevereiro de 2006.

³² Ver mais em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/> Acesso em: 20/02/2021.

O acesso aos repositórios digitais tem se apresentado como um banco de dados acessível, gratuito, diante do vasto território brasileiro e da quantidade de publicações, o que permite verificar as produções mais recentes. O levantamento das pesquisas sobre fotografia escolar e sobre o CEPAE foi iniciado no processo de elaboração do projeto de pesquisa e seguiu com atualizações até fevereiro de 2024.

É importante que esse procedimento, também denominado de revisão bibliográfica, seja efetivamente realizado, pois de acordo com Barros (2005, p.54) “ninguém inicia uma reflexão científica ou acadêmica a partir do ponto zero”, todo trabalho parte de conquistas ou questionamentos realizados em pesquisas anteriores, seja para dar continuidade ou criticá-los. O mesmo autor reforçou que iniciar uma trajetória investigativa com o pressuposto de ineditismo é um ato de ingenuidade ou prepotência, uma vez definido o tema, faz-se necessário realizar um levantamento exploratório da bibliografia já existente. Nesse sentido, ainda que o recorte escolhido se revele original, é possível encontrar pesquisas com trajetórias aproximadas que não devem ser negligenciadas diante do problema de pesquisa.

Uma revisão cuidadosa para Barros (2005) contribui para evitar o constrangimento de repetir propostas, evidenciar lacunas, inspirar outras abordagens e contribuir com o aperfeiçoamento das pesquisas desenvolvidas. O autor ainda reforçou que, mesmo diante da impossibilidade de abarcar a totalidade da produção do tema escolhido, haja vista os limites do próprio trabalho, o papel da revisão de literatura é indicar o atual estado das produções acerca do recorte pesquisado, demonstrando que o pesquisador (a) está a par das publicações existentes.

O balanço de pesquisas, de acordo com Dias (2023) é uma precaução metodológica, que evita desconhecer contradições e ajuda a tomar ciência de consonâncias do campo pesquisado. De acordo com Saviani (2007) esse movimento funciona como uma radiografia, que possibilita uma descrição do estado que se encontra uma área do conhecimento. Assim, para este autor é possível evidenciar os progressos na constituição e desenvolvimento da área de estudo, contribuindo com a sistematização de sua historiografia.

Além disso, ao realizar o levantamento bibliográfico é possível buscar argumentos para reforçar ou contrastar com a pesquisa realizada. Este é um exercício de crítica, no qual quem pesquisa busca interlocutores/as para dialogar com seu trabalho, tornando-o plural, exercitando sua habilidade de construção coletiva na comunidade científica, tal qual delineou Barros (2005, p. 64):

Trata-se, como dissemos até aqui, de estabelecer um diálogo com outros autores, de comparar os seus pontos de vista com os nossos para buscar apoios e contrastes, de respaldar algumas opiniões que não queremos emitir sozinhos, de reaproveitar as ideias destes autores no contexto de nosso trabalho para torná-lo mais rico, mais plural, interconectado com a comunidade científica da qual fazemos parte.

Essa revisão pode ser realizada com foco em diferentes materiais, livros e capítulos, artigos de periódicos, jornais especializados, dissertações e teses, ficando a critério de quem pesquisa escolher a plataforma mais adequada, atualizada e acessível. Com relação à organização da revisão de literatura, Barros (2005) pontuou que o mais importante é assegurar que haja coerência lógica e a literatura selecionada discuta o tema em seus principais aspectos.

1.4.1 Pesquisas sobre fotografia escolar

Realizar uma pesquisa sobre fotografia escolar requer conhecimento acerca do que se produz em torno dessa temática. Realizar um levantamento referente a bibliografia do tema é a primeira etapa do trabalho historiográfico com essa fonte, de acordo com Kossoy (2012, p. 68), as fotografias que sobrevivem ao tempo são o que interessam de imediato quem a toma como objeto de pesquisa, porém o processo metodológico impõe que:

[...] também devem ser localizadas outras fontes que possam transmitir informações acerca dos assuntos que foram objeto de registro em dado momento histórico, dos fotógrafos que atuaram nos diferentes espaços e períodos e das tecnologias particulares empregadas nas várias épocas.

Para alcançar os trabalhos nas plataformas citadas, foram utilizadas palavras-chave, que, de acordo com Dias (2023), conferem especialidade ao levantamento e possibilitam encontrar uma gama extensa de trabalhos. A autora estabelece que esse termo se relaciona com os metadados³³ das pesquisas e depende da escolha

³³ De acordo com Eduardo Ribeiro Felipe (2012) Metadados são informações que descrevem outras informações, estruturas com função de representar e/ou descrever os itens que compõe um acervo seja ele físico ou digital.

que suas respectivas autorias fazem para o título, resumo e demais elementos usados na indexação dos dados³⁴.

Considerando que a fotografia é uma fonte multifacetada, com diferentes usos didáticos na escola, e o recorte dessa pesquisa no âmbito da história da educação, na seleção dos trabalhos, priorizaram-se os que tivessem a abordagem historiográfica. Esse recorte foi um critério estabelecido diante da necessidade de compreender como as pesquisas acerca da fotografia escolar têm se constituído ao longo do tempo.

De acordo com Belieiro (2021), toda produção apresenta uma historicidade, que carece de uma análise realizada criteriosamente diante de princípios teóricos e metodologias correspondentes às suas especificidades. Ao reconhecer um objeto como artefato historiográfico, é possível vislumbrar suas vicissitudes, os desafios postos, as pesquisas produzidas, localizar eventos, temáticas, publicações e recortes estabelecidos.

No catálogo de teses e dissertações da Capes foram inseridas as palavras-chave “fotografias escolares” resultando em dezessete (17) trabalhos. O mesmo termo foi inserido na BDTD, resultando em catorze (14) trabalhos, dos quais três (3), que não se repetiam, foram incluídos na pesquisa. Nessa primeira etapa, resultou em vinte e oito trabalhos, dos quais, um (1) foi excluído por não se enquadrar na perspectiva historiográfica, seis (6) não foram localizados e vinte e dois (22) trabalhos foram acessados.

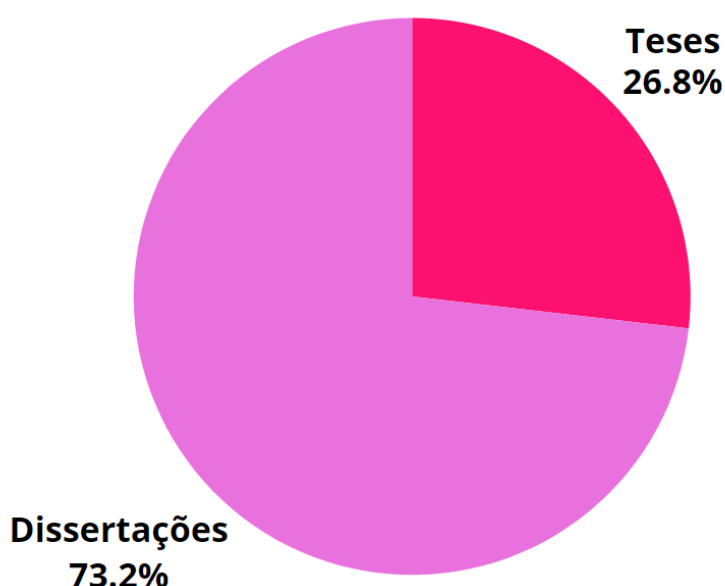
Na segunda etapa, combinou-se os termos “fotografias escolares; fotografia; escola; álbum fotográfico; registro fotográfico”, no catálogo de teses e dissertações da Capes, retornando seiscentos e vinte e cinco (625) trabalhos. Aplicou-se o filtro na área de concentração, optando-se por: educação, educação escolar, educação básica, história e ensino de história. Foram excluídos quatro (4) trabalhos por não se enquadrarem na perspectiva de pesquisa historiográfica, e dois (2) trabalhos não

³⁴ Segundo Felipe (2012) o processo de indexação consiste estratégias de linguagens e vocabulários controlados para auxiliar no tratamento do item no acervo e na recuperação de informações. A indexação é um fator orientador do processo de organização informacional, visa identificar o conteúdo de um documento ou item por meio da análise de assuntos interligados e a representação destes por meio de conceitos. Para o autor, quando realizada por pessoas é um processo intelectual subjetivo, e quando bem-feita permite recuperar de forma assertiva o que se busca. São elementos de maior importância na leitura para se realizar a indexação: a) título; b) resumo, se houver; c) sumário; d) introdução, frases e parágrafos de abertura de capítulos, e as conclusões; e) ilustrações, gráficos, tabelas e respectivas legendas; f) palavras ou grupos de palavras que apareçam sublinhados ou grafados com tipos diferentes.

foram localizados, foram acrescentados dezoito (18) trabalhos acessados, um total de quarenta e um (41) considerando ambas as etapas.

As pesquisas³⁵ foram analisadas primeiramente quanto ao tipo de trabalho, ano de produção e programa de origem. Num segundo momento, foram consideradas como se posicionavam quanto ao uso das fotografias como fonte nas pesquisas. Com relação ao tipo de trabalho (Gráfico nº 1), a maioria, 73,2%, ou trinta (30) trabalhos são dissertações, produzidas num interstício menor, e geralmente a porta de entrada na pós-graduação *stricto sensu*. O restante, 26,8%, ou onze (11) trabalhos, são teses.

Gráfico nº 1 - Percentual de Dissertações e Teses localizadas

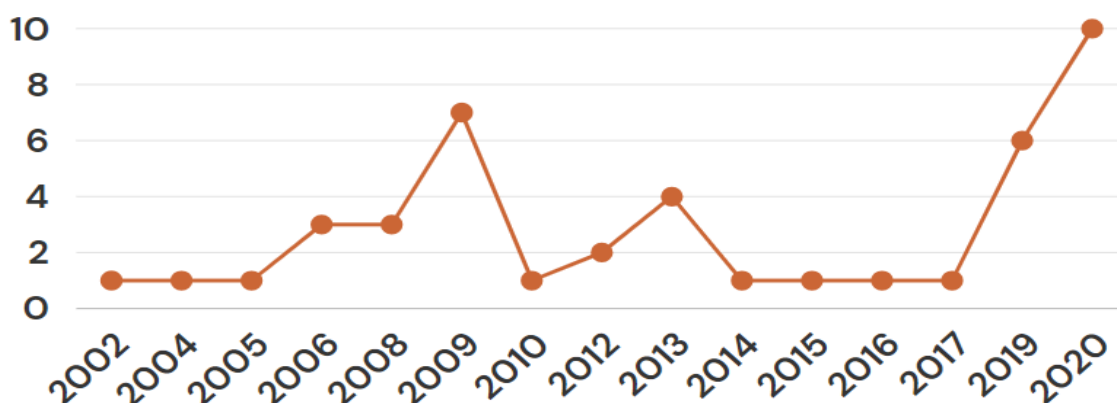


Fonte: Silva, 2024.

Referente ao número de trabalhos por ano (Gráfico nº 2), observa-se que há um aumento dos trabalhos levantados pelas palavras-chave escolhidas, que se concentra nas últimas duas décadas, sobretudo após o ano de 2017, o que não significa que não haja trabalhos anteriores a 2002, ao se iniciar o recorte.

³⁵ Ver lista completa no Apêndice D.

Gráfico nº 2 – Quantidade de trabalhos por ano

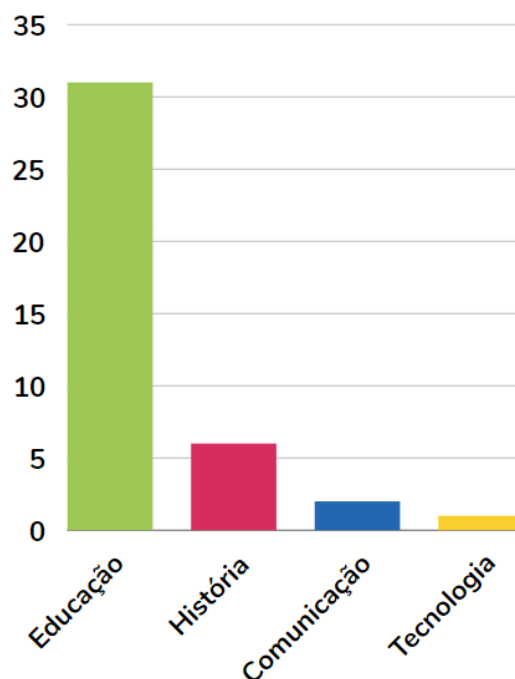


Fonte: Silva, 2024.

Há várias hipóteses que explicam essa falta. Primeiro, a obrigatoriedade de depositar dados na plataforma, que se inicia em 2006 com a primeira portaria que dispõe sobre essa dinâmica. É possível haver outras teses e dissertações anteriores ao período que não tenham sido localizadas, diante das mudanças de apresentação dos trabalhos, da escolha dos termos buscados, ou intercorrências na alimentação dos bancos de dados utilizados. Ainda que seja uma ferramenta de busca rápida e acessível, os repositórios digitais não são uma tecnologia infalível. No entanto, quando consideramos o número de pesquisas alcançadas, notamos que as limitações observadas não comprometem o levantamento das produções.

Observa-se um crescente no ano de 2009 que se repete no ano de 2019 e 2020, reforçando o que Burke (2017) apontou sobre a fotografia ser um campo de pesquisa historiográfico recente em comparação com outras fontes, em expansão, o que se observa no âmbito da História da Educação. Por fim, em relação aos programas de origem, considerando a temática da fotografia escolar, observa-se o Gráfico nº 3:

Gráfico nº 3 – Distribuição dos trabalhos por Programas de Pós-Graduação



Fonte: Silva, 2024.

Nota-se que, aproximação com os programas de pós-graduação, Educação é inevitável, principalmente nas instituições em que há uma linha de pesquisa específica para a História da Educação, isso explicaria a concentração dos trabalhos trinta e um (31) nesse campo. Na área de História, localizamos seis (6) produções que se dividem em subcategorias nesse campo, dois (2) em programas da História, de modo geral, um (1) na História Social (1), o mesmo número novamente na História, Cultura e Identidades (1), e por fim dois (2) no Ensino de História (2).

No âmbito da Comunicação, no qual se encontraram dois (2) trabalhos, que se dividem na Ciência da Comunicação (1) e da Informação (1). Por fim, foi possível localizar um (1) trabalho no programa de Educação e Tecnologia. Essas três áreas, história, comunicação e tecnologia, evidenciam a potencialidade de interlocução da fonte fotográfica como objeto de pesquisa de diferentes campos do conhecimento.

Com relação a forma como a fotografia é utilizada como fonte nas teses e dissertações acessadas, a leitura dos trabalhos indicou quatro (4) categorias de análise, conforme exposto no Quadro nº 1: fotografia como fonte principal, fotografia como fonte complementar, fotografia como recurso didático e fotografia como ilustração, sendo que nesta última prevalece uma perspectiva de imagem não discutida no texto.

Quadro nº 1 – Pesquisas sobre Fotografia Escolar: o uso da fonte

Categorias	Trabalhos	Quantidade
Fotografia: fonte principal	Abdala (2013); Andrade (2004); Barbosa (2019); Bileski (2021); Eberhardt (2013); Martins (2008); Mendes (2020); Nascimento (2012); Oliveira (2002); Rodrigues (2006); Santos (2017); Araújo (2006); Costa (2008); Gatti (2020); Lima (2020); *; Luiz (2012).	16
Fotografia: fonte complementar	Almeida (2016); Cintra (2005); Aird (2015), Alves (2020); Balbino (2020); Cristo (2019); Delboni (2020); Gabriel (2020); Gusmão (2020); Morais (2020); Oliveira (2019a); Silva (2019); Oliveira (2019b); Velasco (2019); Galvão (2015).	14
Fotografia: recurso didático	Aguiar (2021); Fontoura (2013); Rossoni (2009); Sgobin (2013); Silveira (2005); Souza (2014); Amaral (2020); Lima (2020) *; Pagnan (2010).	9
Fotografia: ilustração	Pineda (2009); Wunder (2008).	2

Fonte: Silva (2024).

Com relação ao uso da fotografia como fonte principal, observou-se nos trabalhos que estes carregam no título, nas palavras-chave ou no resumo essa denominação de forma escrita. São trabalhos que fazem análise da narrativa visual fotográfica para compreender situações históricas no ambiente escolar Abdala (2013); Eberhardt (2013) e Sara de Lima Mendes (2020); memória das instituições, em contextos diferentes, e buscaram compreender representações e práticas educacionais a partir de indícios fotográficos.

Outro exemplo, é a dissertação de Leo dos Reis Rodrigues (2006), que foi incluída na amostra a partir da leitura de outro trabalho, por apresentar uma proposta de educação visual da memória utilizando a fotografia como instrumento. A dissertação de Andrade (2004) se destacou por apresentar uma revisão bibliográfica acerca das relações da fotografia com a história da educação, como esta se constituiu fonte de pesquisa nesse campo. Os trabalhos de Audrey Franciny Barbosa (2019) e José Reinaldo Castro Martins (2008) são exemplos de como acervos particulares de fotógrafos podem demonstrar uma compreensão da educação num determinado tempo e espaço.

Os trabalhos da categoria de fotografia como fonte complementar se diferem da primeira categoria por combinarem a fotografia com outros indícios do passado,

ficando estas em segundo plano. Assim, a pesquisa se desenvolve a partir de entrevistas, de fontes documentais e outros registros. Um exemplo são os trabalhos de Milene Aparecida Padilha Galvão (2015), Suzele Sany Lacerda Alves (2020), Moises Levy Pinto Cristo (2019) e Renata dos Santos Gusmão (2020), que usam narrativas orais, jornais locais, livros de registro, diários de classe e outros documentos escolares. A fotografia complementa informações como registros de localidades, pessoas, arquitetura e objetos da cultura material escolar.

A terceira categoria, a fotografia como recurso didático, se caracteriza por pesquisas em que as imagens, além de fonte historiográfica, são utilizadas como dispositivo pedagógico durante a pesquisa, seja como produção pelos alunos para serem comparadas com registros históricos, como na pesquisa de Adilson Carlos de Lima (2020), ou a de Aguiar (2021) sobre ensino de história, e a dissertação de Rosemeire Maria de Souza (2014) na qual as imagens dialogam com o ensino de Artes na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e se cruzam com a temática da história e memória nos ambientes intraescolares.

Por fim, na categoria de fotografia como ilustração estão as pesquisas de Silvana Schuler Pineda (2009) e Alik Wunder (2008). A tese de Pineda (2009) apresentou as trajetórias escolares de alunos de um Colégio Militar de Porto Alegre, destacou o papel da escola no sucesso profissional dos ex-alunos, como o ingresso na educação superior, em cursos como engenharias e medicina, ou sucesso profissional em outras áreas. O trabalho apresenta 112 imagens, que poderiam reforçar aspectos positivos da escola, como o respeito à pátria, a honra, ao civismo, à disciplina, porém, as imagens não são problematizadas ou discutidas no texto, são inseridas com legenda, sem apresentar comentários.

O trabalho de Wunder (2008) discute o que reside no hábito de fotografar escolas e problematiza as diferentes temporalidades da fotografia escolar, partindo de uma poética visual. Apresenta uma diagramação artística que foge das regras formais de formatação, uma abordagem criativa, porém, as imagens não são listadas, nem enumeradas. Tem um referencial teórico fundamentado em autores clássicos como Gilles Deleuze e Roland Barthes, e outros teóricos da linguagem, porém, assim como a outra tese que compõe a categoria, não discute as imagens que compõe a pesquisa.

Quando utilizadas como ilustrações, o potencial narrativo das fotografias é subexplorado, restando ao leitor a experiência estética da leitura visual, desconexa do texto escrito. Os trabalhos de Pineda (2009) e Wunder (2008) poderiam

acrescentar outras perspectivas caso se aprofundassem na relação com as fotos apresentadas, principalmente por apresentar uma linguagem criativa. Porém, na leitura dessas produções, a falta de uma perspectiva na análise das fontes apresentadas pode induzir a uma sensação de confusão.

O levantamento de dissertações e teses reforça o que pesquisadores como Burke (2017), Sontag (2004) e Kossoy (2012) afirmaram sobre a pesquisa histórica com fotografias, essa é uma fonte potente, capaz de apresentar uma infinidade de informações acerca de diferentes campos do conhecimento. É uma fonte frágil, facilmente perecível, mas também popular, de fácil acesso e portabilidade. Carece de um rigor na organização da pesquisa, e precisa ser contextualizada com os aspectos políticos, culturais e sociais de seu tempo, conforme se pode observar nos trabalhos levantados.

As categorias escolhidas para analisar as formas com que os trabalhos se relacionam com a fotografia demonstram escolhas metodológicas que podem ser aproveitadas ou não, como Eberhardt (2013) que estabeleceu categorias de análise para pensar os registros fotográficos escolares da instituição analisada. Ainda que o levantamento nos repositórios digitais apresente pontos de fragilidade, não se pode negar que tais ferramentas expressam um panorama do universo pesquisado, possibilitando inferir dados que reforçam e justificam a necessidade desse trabalho.

No próximo tópico será apresentado o que dizem as teses e dissertações sobre a localidade em que as fotografias pesquisadas se encontram, o Centro de Ensino e Pesquisa aplicada à Educação – CEPAE.

1.4.2 Pesquisas sobre o CEPAE

Assim como foi prudente realizar um levantamento de dissertações e teses acerca da fotografia escolar, procedeu-se o mesmo com a temática do CEPAE, considerou-se que a finalidade dessa escola foi fomentar experiências de pesquisas educacionais e ser campo para a realização delas. Como na experiência anterior, adotamos o critério de uso de palavras-chave inserindo no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes.

Colégio de Aplicação da UFG e “Colégio de Aplicação da UFG”³⁶ encontraram-se quatro (4) trabalhos, sendo que um (1) destes não foi localizado.

³⁶ Alternar as palavras-chaves pesquisadas para opções com e sem aspas (“”), pode contribuir para mudar o alcance dos trabalhos de acordo com os instrumentos de busca das plataformas.

Alteramos para a nomenclatura “Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação”. Na mesma plataforma, foram alcançadas vinte e cinco (25) publicações, porém, dessas, cinco (5) não foram localizadas. Ao aplicar as mesmas palavras-chave na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD encontraram-se oito (8) trabalhos.

Uma das dificuldades em localizar pesquisas com a temática do CEPAE³⁷, além das evidenciadas na busca pelos trabalhos sobre fotografia escolar, pode ser explicada pelo fato de, nem sempre, as atividades desempenhadas na escola desencadearem um projeto de pesquisa que resulte em tese ou dissertação. Ainda há a possibilidade de alguns trabalhos partirem de inquietações do cotidiano escolar e se direcionarem a temática do currículo, políticas educacionais ou temas mais amplos que fogem do recorte da escola. Há também o problema da falta de indexação correta nos resumos e palavras-chave. A dissertação da professora Andréa Alves da Silva Souza (2015), apesar de defendida no Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do CEPAE (PPGEEB), e ter sua pesquisa desenvolvida na escola, não apresenta esse termo no resumo e nas palavras-chave.

Após repetir como palavra-chave “Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação” no Banco de Teses e Dissertações da Capes, e separar dos trabalhos defendidos do PPGEEB àqueles que não foram realizados no CEPAE, ao reunir com o levantamento anterior totalizou-se trinta e nove (39) trabalhos sobre o CEPAE, aos quais se acrescentou a tese de Marilene Barcelos Moreira (2022), divulgada na lista de e-mails da comunidade escolar, que, embora seja localizada pelo título no repositório da Capes, não foi encontrada com as palavras aplicadas, nem com as variações CEPAE, CEPAE UFG, CEPAE da UFG e CEPAE/UFG com e sem aspas.

Cinco trabalhos não foram localizados na íntegra, e não estavam disponíveis nas plataformas ou nos repositórios institucionais, foram acessados por resumo, ou localizados em publicações homônimas, que permitiram confirmar a realização da pesquisa na escola, são eles: a dissertação das professoras Cristina Batista de Araújo (2007); Maria Alice de Sousa Carvalho (2000); Nilvânia Damas Silva Lima (2008); Diva Araújo B. Anjos (1994) e a tese de Barbara do Rosário Sabota Silva Nunes (2008).

³⁷ Ver lista completa no Apêndice E.

No total, foram localizados quarenta (40) trabalhos sobre a escola, que quanto ao tipo, como apresentado no Gráfico nº 4, tem como maioria dissertações, um percentual de 85%, ou trinta e quatro (34) trabalhos, e seis (6) teses, 15%:

Gráfico nº 4 – Dissertações e Teses sobre o CEPAE



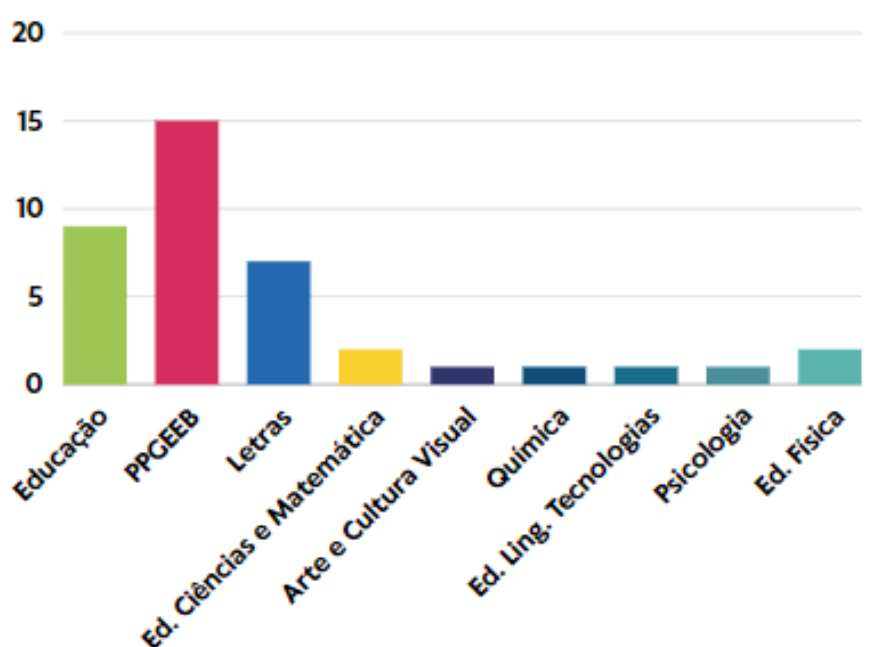
Fonte: Silva, 2024.

Ao listar a autoria dos trabalhos, notou-se que quinze (15) foram realizados por pessoas que trabalharam no CEPAE em algum momento de sua trajetória profissional: Maria Alice de Souza Carvalho (2000), Cleydon Araújo de Carvalho (2020); Lusirene Costa Bezerra Duckur (2003); Poliana Carvalho Martins (2019); Rafaela de Moraes Ramos (2016); Andrea Alves da Silva Souza (2015); Vanda Domingos Vieira (1997); Lusinete Vasconcelos de Souza (1995); Sônia Santana Costa (1997); Ataíde Felício dos Santos (2001); Joana Darc de Souza (2020); Marisa Medeiros Ferreira (2019), Beatriz Pita Stival (2020); Rosemarilany Barbosa Guida (2018) e Maria Silvério da Silva Siqueira (2023).

Com relação a teses o percentual foi de 15%, ou seis (6) trabalhos, dessas quatro (4) foram produzidas por docentes do CEPAE: Maria Alice de Carvalho (2011); Marilene Barcelos Moreira (2022); Ilse Leone Oliveira (2012) e Alcir Horácio da Silva (2010). Esse número de teses e dissertações atesta resultado da ideia de que o CEPAE contribísse com a experimentação de práticas pedagógicas e a realização de pesquisa no âmbito da educação. No que diz respeito aos programas de pós-graduação, dos quais as teses e dissertações se originam (Gráfico nº 1)

observa-se uma diversidade que mais tarde se aplica também a categoria temática das pesquisas:

Gráfico nº 5 – Concentração dos trabalhos por Programa de Pós-Graduação

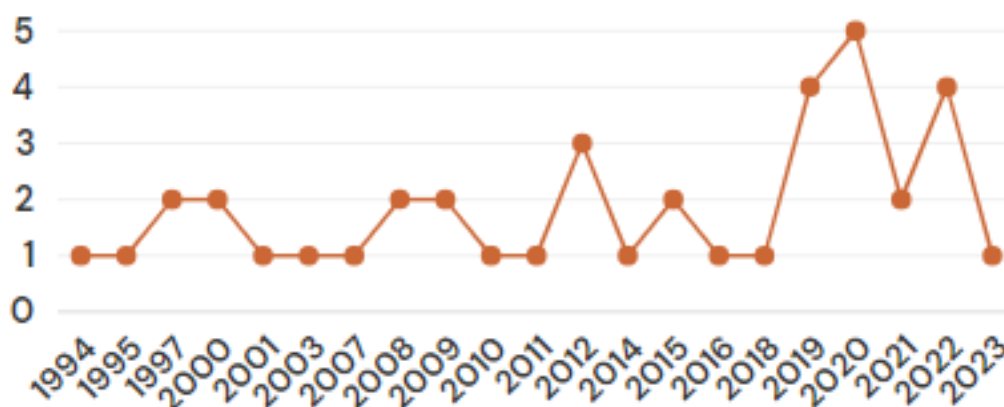


Fonte: Silva, 2024.

A prevalência do Programa de Pós-Graduação em Ensino e na Educação Básica (PPGEEB/CEPAE/UFG) se destaca no gráfico, desde 2013 o mestrado profissional do CEPAE contribuiu para que mais pesquisas fossem realizadas na escola, superando os programas de educação de outras instituições. A pluralidade de programas demonstra a possibilidade de diálogo com diferentes áreas do conhecimento e o trânsito dos pesquisadores pela escola, em especial as pesquisas em letras e linguística.

O recorte temporal dos trabalhos localizados o Gráfico nº 6 apresenta um interstício de quase três décadas de produção:

Gráfico nº 6 - Recorte temporal das pesquisas sobre o CEPAE



Fonte: Silva, 2024.

Durante trinta anos, mais da metade do tempo de existência da escola, os trabalhos levantados, demonstram que o CEPAE tem contribuído para com a realização de pesquisas no âmbito da educação. Acompanhando o crescimento da pós-graduação a partir dos anos 2008, com políticas como o Reuni que aumentaram os investimentos nas universidades públicas, observa-se um aumento expressivo, principalmente a partir de 2013, que novamente reflete o trabalho do PPGEEB.

Com relação ao universo temático das pesquisas sobre o CEPAE (Quadro nº 2) observa-se uma diversidade de assuntos, sendo a área de língua portuguesa, leitura, escrita e literatura a que concentra mais trabalhos.

Quadro nº 2 – Pesquisas sobre o CEPAE: categorias

Categorias	Trabalhos	Quantidade
Matemática	Amorim (2019); Leite (2009); Vieira (1997)	3
Ciências	Rezende (2012);	1
Língua Portuguesa, Leitura, Escrita e Literatura	Araújo (2007); Carvalho (2000) e (2011); Costa (1997); Demesa (2019); Guida (2018); Oliveira (2012); Oliveira (2022); Ribeiro (2009); Silva (2012); Silva (2021); Siqueira (2023); Silva (2015); Souza (1995); Anjos (1994); Souza (2015).	16
Línguas Estrangeiras	Lima (2008); Nunes (2008).	2
Educação Especial	Castro (2020); Morais (2021).	2
Arte (Artes Visuais, Dança, Teatro, Música)	Souza (2020)	1
Educação Infantil	Martins (2019); Ramos (2016); Stival (2020).	3

Formação / Atuação Docente	Cabral (2020); Frazão (2022).	2
Educação Física	Carvalho (2020); Duckur (2003); <i>Martins (2019)</i> ; <i>Silva (2010)</i> .	4
Organização Pedagógica	Oliveira (2000); Silva (2018b); <i>Silva (2010)</i> .	3
Ensino de História	Santos (2001)	1
Psicologia	Ferreira (2019)	1

Fonte: Silva, 2024.

Destaca-se ainda que, as dissertações de Guida (2018); Oliveira (2022); Silva (2021) e Siqueira (2023), embora se enquadrem na temática de literatura, também poderiam compor uma subcategoria sobre biblioteca escolar. Os trabalhos de Martins (2019) e Silva (2010) dialogam com duas categorias, ambos fazem uma discussão a partir do campo da Educação Física, sendo o primeiro voltado para a educação infantil e o segundo para a organização pedagógica, cabendo até pensar sua relação com a categoria de formação e atuação docente.

Não foram localizadas pesquisas sobre o CEPAE na perspectiva historiográfica e no âmbito da História da Educação. A dissertação de Santos (2001) foi categorizada como Ensino de História, no entanto, foi defendida em um programa de pós-graduação em educação, e seus objetivos são direcionados a formação de conceitos históricos por estudantes do ensino fundamental, especificamente 5ª série no ensino fundamental de oito (8) anos.

De modo geral, o que se observa nos trabalhos é uma aproximação com o movimento histórico que aparece, nas teses e dissertações, na contextualização da escola, sendo abordados dados como data de fundação, a mudança do nome de Colégio de Aplicação para CEPAE, concentrando-se em datas e citando quase sempre os mesmos documentos, ratificando a necessidade de trabalhos que dialoguem com a História da Educação.

Localizamos um livro que apresenta uma síntese da história do CEPAE, com diversas fotografias do acervo. Uma produção em comemoração ao quadragésimo (40º) aniversário do CEPAE (Fotografia 5) que apresenta uma síntese da história da escola:

Fotografia 5 – Livro Colégio Aplicação 40 anos de Educação em Goiânia

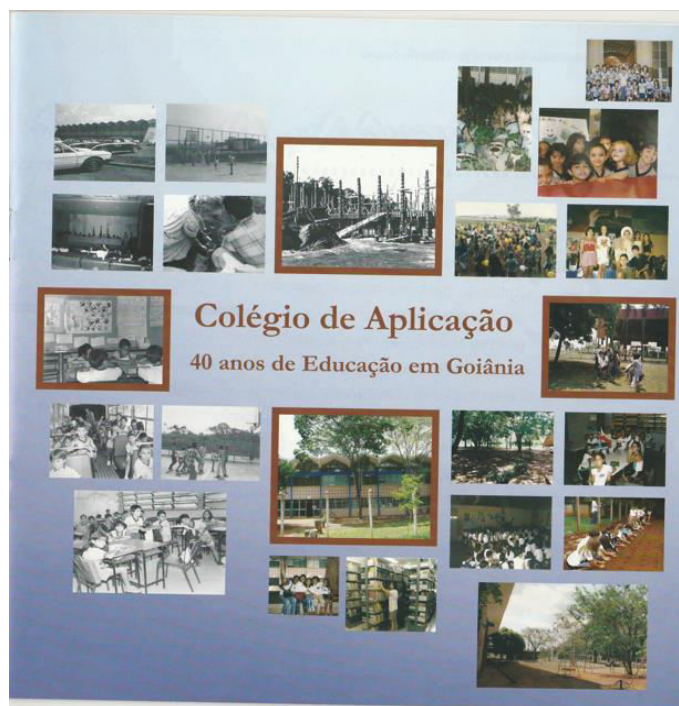


Fonte: Capa do livro Colégio Aplicação: 40 anos de educação em Goiânia, 2008.

Essa produção é um livreto de divulgação institucional, organizado por docentes da escola, com vinte e quatro (24) páginas, que se assemelha a um álbum fotográfico e não tem ISSN ou ISBN. O material acessado indica ser uma sobra da tiragem distribuída à época, que foi guardada na sala da direção, não há informações sobre o quantitativo impresso para distribuição. Esta foi a única publicação localizada que usa o acervo de fotografias do CEPAE, utilizadas como ilustração das atividades relatadas na história da escola.

Conforme podemos observar, o nome da escola se apresenta de três formas no livreto. Na capa consta “Colégio Aplicação”, na folha de rosto (p.1) e no mosaico da página 4, “Colégio de Aplicação” (Fotografia 6). Na página 2, onde constam os dados acerca da organização da publicação, gestores da universidade e da escola, consta a nomenclatura “Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação”.

Fotografia 6 – Mosaico página 3



Fonte: Livro *Colégio de Aplicação: 40 anos de Educação em Goiânia*; 2008; p. 3.

A diferença de grafias quanto ao nome da escola constata com a mudança implementada em 1994 que, conforme já apresentado, demonstrou uma transformação estrutural que correspondia a uma identidade institucional construída ao longo de uma historicidade, não só a mudança de nome. Com relação ao uso da preposição “de”, ausente na capa, entre os termos colégio e aplicação, ressalta-se que esta é comumente utilizada para demarcar origem ou finalidade, estabelecendo uma relação de dependência entre as palavras, logo, colégio de aplicação, de práticas didáticas, conforme evidenciado no contexto de criação da escola.

O que podemos inferir seria, o fato dessa ausência da preposição ser uma falha na revisão, ou ainda, uma reprodução observada no senso comum quando as pessoas se referem a instituição falando rapidamente “colégio aplicação da UFG”. A publicação carece de informações acerca dos critérios de sua organização, como e por que essas fotografias foram escolhidas, ou o que teria motivado essa seleção.

Conforme apresentado neste capítulo, percebe-se que o CEPAE é uma instituição que se insere num tempo e espaço próprio, com suas concepções, tensões e consonâncias. Ao longo dos anos, esta escola apresentou contribuições no âmbito da pesquisa, do ensino e da extensão, produzindo conjuntos documentais dos mais variados. É neste contexto que as fotografias escolares do CEPAE se

inserir, como lugares de memória que registraram espaços, interações, pessoas e objetos.

Para compreender essa partícula do passado procedemos a precauções metodológicas no que tange a conservação e ao cuidado das fontes e buscamos dialogar com pessoas que participaram dessa construção a fim de compreender as informações que essas fotos nos entregavam. Cuidar, dialogar e organizar foram etapas fundamentais nesta pesquisa que possibilitaram olhar para as fotografias e contemplar as narrativas que estas apresentavam.

CAPÍTULO II – O TEMPO CONGELADO: “FOTOGRAFIA É MEMÓRIA E COM ELA SE CONFUNDE”

Tomamos emprestado o título acima de Kossoy (2012, p. 168) que, para além de registrar que fotografia e memória se confundem, ressaltou outros intensos, e poéticos, lugares da fotografia:

Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. Registro que cristaliza, enquanto dura, a imagem - escolhida e refletida - de uma ínfima porção de espaço do mundo exterior. É também a paralisação súbita do incontestável avanço dos ponteiros do relógio: é, pois, o documento que retém a imagem fugidia de um instante da vida que flui ininterruptamente.

Ou seja, a fotografia está na fronteira entre memória e história, pois, ao mesmo tempo que se apresenta como fonte de informação, emana emoção referente ao tempo vivido. É uma realidade estática congelada no tempo que, na memória, pode fluir movimentos de lembranças, evocando cheiros, sabores e sensações que podem ser trazidos de volta.

Neste capítulo, apresentamos as escolhas metodológicas tomadas para atingir os objetivos da pesquisa, como interagimos com as fotografias do acervo do CEPAE para conhecer e ler as narrativas presentes nos registros. Para tanto, procedemos a duas etapas importantes e concomitantes, organizar e prolongar a vida útil dessas fontes e dialogar com as pessoas que apareceram com maior frequência nas imagens³⁸.

A organização e prática de conservação que instituímos no acervo foi uma opção por melhorar as condições de armazenamento das fotografias no arquivo da instituição. Nas pesquisas que levantamos no capítulo anterior, é comum que ao chegar ao local que será pesquisado, observamos que prevalece o costume do material acessado dispor de uma organização prévia ou de uma prática de preservação das fontes, o que não foi a realidade encontrada no CEPAE. Diante disso, visamos dialogar com outros profissionais da UFG buscando auxílio que contribuísse com a pesquisa.

Com relação às entrevistas realizadas, trata-se de um exercício para situar melhor as fotos, entender as representações ocultas e encontrar respostas para

³⁸ No Apêndice F listamos o maior número de pessoas que conseguimos identificar, um critério subjetivo que se restringe ao nosso conhecimento diante daqueles que atuaram no CEPAE.

algumas questões acerca de autoria, data, pessoas presentes nos registros e momentos registrados. Tivemos em vista analisar como o grupo elaborou relação entre fotografia e memória e como essa relação nos ajuda a conhecer, problematizar e compreender as fotos encontradas.

Por fim, encerramos o capítulo discutindo como as propostas de conservação de arquivos da UFG impactaram no acervo do CEPAE.

2.1 O tratamento das fotografias: acondicionar para conservar

Para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa adotamos procedimentos metodológicos que resguardassem a proteção das fotografias do acervo, bem como assegurar que todo o processo obedecesse às normativas no que tange a ética em pesquisa. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFG, recebendo parecer favorável, sendo criado um processo na UFG³⁹, para registro e organização de parcerias internas.

De acordo com Rita de Cássia de Matos Magueta (2011), a pesquisa com fotografias institucionais, requer conhecer o acervo do estabelecimento como referência para levantar dados acerca de características implícitas como: condições de conservação, características físicas das imagens, grau de deterioramento e fatores que incidem sobre esses aspectos. A mesma autora (Idem, 2011, p. 115, grifo nosso), destacou a necessidade de atenção aos procedimentos estabelecidos para o trabalho com as fotografias:

[...] a necessidade de **verificar as recomendações e normas existentes de instituições arquivísticas e/ou de áreas correlatas** que abordem o tratamento de fotografias, trazendo como contribuição instrumentos para serem utilizados durante a etapa do diagnóstico.

Diante do exposto por esta pesquisadora, buscou-se orientação com especialistas para seguir procedimentos que permitissem manusear e usar as fotografias seguramente, tanto do ponto de vista de uso da fonte, na perspectiva de resguardar os documentos, prolongando sua durabilidade, quanto da segurança de quem as manuseava. Para isso, estabeleceu-se parceria com duas unidades da

³⁹ Processo SEI nº 23070.004439/2023-88.

Universidade Federal de Goiás: o Centro de Informação, Documentação e Arquivo (Cidarq), e o Museu Antropológico (MA)⁴⁰.

A parceria para orientação técnica foi fundamental para a etapa de diagnose das fotografias. Primeiramente, a equipe do Cidarq, apresentou o próprio trabalho, dando como exemplo o que realiza com as fotografias da UFG. Nos orientaram para observar, e separar o material conforme o estado de conservação, seguindo regras de proteção com uso de máscaras, luvas, avental, óculos e touca. Nesse momento, procedemos à separação das fotos mais afetadas, das que apresentavam menos sinais de deterioramento. Recebemos indicações de leituras técnicas, normas e procedimentos de arquivo fotográfico, e orientações para estabelecer um modelo de ficha para catalogar o acervo.

Nesse movimento, observamos que algumas imagens continham marcas de delimitação temporal, legendas, anotações, e algumas descrições nos álbuns. O material que se encontrava em duas (2) caixas retangulares (Fotografia 7), foi reorganizado em três (3) caixas de papelão, semelhante as utilizadas para folhas A4.

Fotografia 7 – Situação das fotografias do CEPAE antes da pesquisa



Fonte: Acervo de pesquisa, Silva, 2021.

⁴⁰ Foi encaminhado ao Cidarq e ao MA, propostas de parceria para cooperação, para receber orientação técnica quanto ao processo de diagnóstico, higienização, organização, acondicionamento e digitalização do acervo fotográfico. Além de condições e equipamentos para o processo de digitalização.

As caixas situavam três níveis de conservação:

1. Fotos sem comprometimento ou de baixo comprometimento: em bom estado de conservação, sem sinais, ou com poucos sinais que comprometessem o conteúdo.
2. Fotos de médio comprometimento: com poucas manchas, levemente aderidas ao plástico, ou papel, demonstrando fácil remoção.
3. Fotos altamente comprometidas: coladas com adesivo ou cola forte em folhas de álbuns; aderidas por umidade e com manchas que impossibilitam a identificação.

Nessas últimas, descolar ou remover as marcas citadas poderia deteriorar ainda mais os documentos. Fomos encaminhadas para o contato com uma especialista em conservação e restauração no Museu Antropológico. No diálogo com a equipe do MA, foi possível constatar as técnicas de organização previstas nas normativas orientadoras.

Nesse diálogo foi possível compreender como o Museu da UFG trata seu acervo documental, quando há recurso para o material específico, e quando se faz necessário se adaptar às condições possíveis da instituição pública. Pesquisas com financiamentos, dispõe de melhor qualidade nos insumos de conservação, prolongando a vida útil das fontes, porém, no cenário do serviço público, no qual muitas vezes o orçamento não permite a aquisição desses materiais específicos é possível realizar adaptações semelhantes. As experiências do Museu, de organização das fontes reforçou a necessidade de o CEPAE dispor de um ambiente seguro para abrigar seu acervo. Ainda nessa oportunidade, discutiu-se sobre estratégias de armazenamento de informações, composição da ficha de catalogação e o uso de um banco de dados que possibilitasse dispor as fotografias ao público⁴¹.

Com relação às fotografias, mantendo os parâmetros de segurança anteriores, a responsável pela conservação, orientou um trabalho de conservação básica do acervo (Fotografia 8), confeccionando envelopes em folhas de papel ofício⁴², para separar⁴³ as fotografias (Fotografia 9). Foi indicado realizar a limpeza

⁴¹O Museu utiliza a plataforma *Tainacan* como base documental digital uma ferramenta alimentada pela equipe, que permite organização interna e selecionar que informações são de domínio público e restrito, ver mais em (<https://acervo.museu.ufg.br/missao> e <https://tainacan.org/>).

⁴² O ideal seria um tipo de papel específico para este fim, porém o papel ofício disponível para uso geral na UFG, se adequa para esse trabalho por ser menos alcalinizado se aproximando do recurso ideal.

⁴³ Quanto a essa atividade, fomos orientadas que somente deveriam ser descoladas umas das outras fotografias que não apresentassem condições complexas de precariedade. Ao descolar um documento do outro o principal era garantir a integridade física do material e sua conservação.

das fotos com uma trincha macia antes de armazená-las. Esse trabalho, foi realizado visando uma nova forma de guarda do material.

Fotografia 8 – Separação, limpeza, catalogação e organização das fotografias



Fonte: Silva, 2023, acervo pessoal de registro da pesquisa.

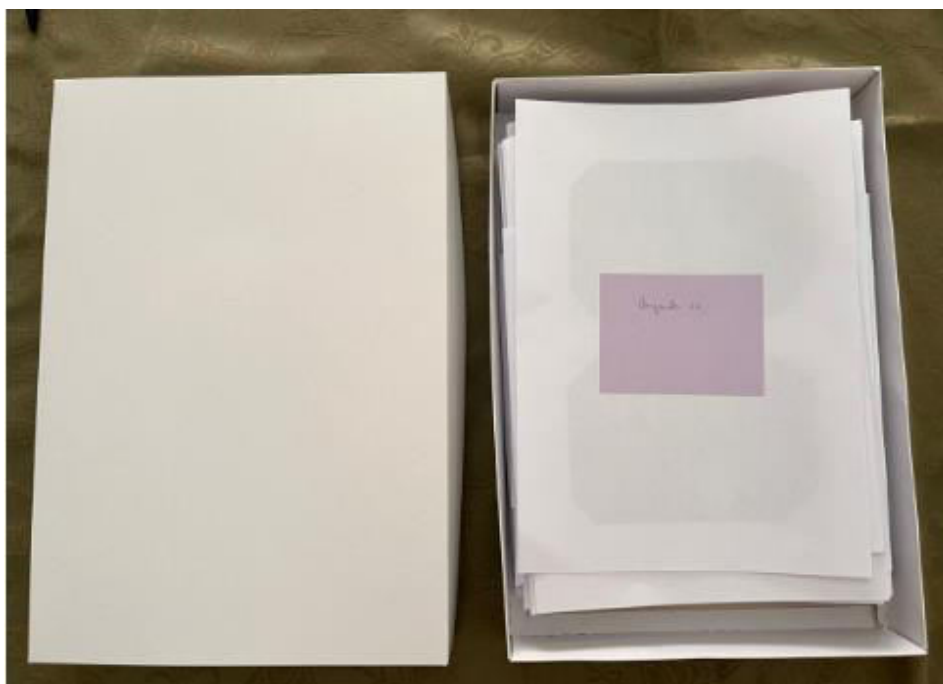
Fotografia 9 – Exemplo de envelope para foto



Fonte: Silva, 2023, acervo pessoal de registro da pesquisa.

Os envelopes foram confeccionados de acordo com a medida das fotos, foi necessário marcar, e cortar pontos previamente estabelecidos, para encaixar as bordas de cada fotografia, em uma folha ofício dobrada, o que as impediu de amassar, dobrar e colar umas nas outras novamente. As fotografias, foram acondicionadas em novas caixas, adquiridas para distribuir e diminuir o peso dos registros uns sobre os outros (Fotografia 10).

Fotografia 10 – Caixa organizadora dos conjuntos



Fonte: Silva, 2023, acervo pessoal de registro da pesquisa.

Nesse novo acondicionamento, buscamos respeitar a composição original do agrupamento dos registros (Fotografia 11). Cada grupo de fotografia foi denominado conjunto, e as informações acerca destes foram inseridas em uma planilha. Aproveitamos esse momento inicial de contato com o acervo para fazer uma catalogação panorâmica: contar as fotos do; identificar os conjuntos, localizar padrões de repetição, identificar as pessoas presentes nos registros; anotar situações, elementos, marcas temporais, locais e outros dados possíveis de se acessar na primeira leitura, enquanto se higienizava as imagens

Fotografia 11 – Disposição dos conjuntos/álbuns na caixa



Fonte: Silva, 2023, acervo pessoal de registro da pesquisa.

Foram utilizadas dez (10) caixas no tamanho 36 centímetros de comprimento, 25 cm de largura e 4 cm de altura, para organizar as fotografias, mantendo uma caixa de armazenamento de papel A4 para as fotos em estado avançado de deterioração que dependeria de acompanhamento presencial da equipe de conservação do Museu Antropológico para trabalho.

Nessa etapa tomamos consciência de duas coisas, primeiro com relação a necessidade de inventariar cada item localizado, com informações precisas, tamanho, descrição, etc., usando uma ficha de catalogação. Essa ação se estenderia para além do tempo de doutoramento, considerando o quantitativo alcançado. A segunda, diz respeito ao processo de digitalização do acervo durante a pesquisa, procedimento que se mostrou mais complicado e demorado do que o esperado.

Tanto o Cidarq, como o Museu, passaram por reformas que comprometeram a disponibilidade de pessoal, bem como o uso dos espaços. Essas duas atividades foram designadas para outro momento diante das demandas relacionadas à conclusão da tese. De modo que, nos concentramos na identificação das pessoas e na localização de elementos narrativos que se repetissem a fim de buscar entender o que as fotografias indicavam sobre o CEPAE. Para isso, foi necessário dialogar

com as pessoas que apareceram com maior frequência na identificação dos registros.

2.2 A memória da imagem e a memória da palavra

A princípio, um dos maiores desafios ao nos depararmos com o acervo fotográfico do CEPAE foi identificar os contextos e as pessoas presentes nas fotografias. Esta reação parece imediata quando nos deparamos com as imagens registradas, sobretudo em uma pesquisa científica, por parecer que é fundamental reconhecer a cena, o tempo e as pessoas para poder fazer qualquer tipo de análise. No entanto, há pesquisas que usam as imagens sem necessidade de assimilações desta natureza.

O fato de trabalhar no CEPAE há uma década, contribuiu para reconhecer algumas pessoas, como, por exemplo, docentes presentes nas imagens. Porém, diante de cinquenta anos de história, uma década representava uma fração da totalidade, precisaríamos de auxílio para compreender ao menos partes dos registros.

Retomando o que Lima e Carvalho (2009) afirmaram sobre a fotografia ser uma construção da cultura visual, e que, para compreendê-la, é preciso ter em perspectiva que o significado de uma imagem pode se alterar para cada um, para cada cultura e segmento social. Procuramos dialogar com as pessoas que identificamos nas fotografias para acessar as informações do discurso visual, ocultas ou disfarçadas diante dos códigos culturais, das práticas e sistemas institucionais envolvidos na produção das imagens.

Reconhecer a relação simbólica entre o que foi produzido e seus referentes, implica, como reforçou Almeida (2016, p. 26), assumir que há uma relação entre a memória, os referentes, os signos e significados presentes na fotografia. Pois:

Ainda, quando há uma preocupação com a preservação da memória, a fotografia é completamente dependente dos referentes e da transmissão oral, pois enquanto houver na escola pessoas que se recordem dos acontecimentos retratados ou fotografados, sobressairá um pouco mais o conteúdo latente da fotografia, cujo desaparecimento dos referentes emudece a imagem que sobrevive apenas em seu conteúdo manifesto. (Almeida, 2016, p.26)

Ao registrar momentos, neste caso de parte da vida na escola, era possível que o conteúdo simbólico do acervo apresentasse algumas situações sociais não

evidentes. Nos depoimentos coletados, buscamos nas memórias das pessoas participantes compreender determinados ambientes, haja vista o que Leite (1993, p.18, grifo nosso) relacionou entre memória e imagem:

Ficou claro, também, que, **a memória da imagem** não só **difere da memória da palavra** como chega, em alguns casos, a **substituir a própria memória**. Algumas pessoas **não se lembram do que aconteceu**, mas do retrato do que aconteceu. Observou-se ainda que a memória da imagem **pode ser completa ou parcial**, o que não impede **que evoque uma série de outras imagens** análogas ou **contrárias**.

Nessa perspectiva, a autora reiterou que, ao se lembrar de um fato, é comum as pessoas se lembrarem do momento como um retrato, um recorte parcial, ou completo, do que aconteceu. A lembrança, que pode ser moldada de acordo com sentimentos e outros elementos pessoais, pode evocar outras imagens do passado e substituir a memória. Ao observar uma fotografia, o momento é trazido de volta do passado, podendo inclusive substituir a própria memória. Daí a importância de dialogar com as pessoas que vivenciaram o momento, considerando o que Leite (1993, p. 34) também destacou:

As fotografias, conhecidas ou não, são apresentadas aos sujeitos da pesquisa e, inspirados no que veem, ou em outras imagens evocadas pela memória, os sujeitos **são estimulados a falar de si** mesmos ou de questões propostas indiretamente pelas fotografias.

Ou seja, diante da foto, as pessoas são estimuladas a falar de suas memórias através do estímulo visual provocado. Nesse diálogo, é possível captar emoções, ou informações, acerca de outros sujeitos, como nomes, locais, contextualização temporal, espacial e outros elementos que escapam das imagens. De acordo com Leite (1993) a coleta de depoimentos acerca dos contextos fotografados permite situar as condições de produção dos registros, propiciam outras formas de indagações e amplia as possibilidades de compreensão sobre as fotografias.

Esta não é uma pesquisa de metodologia da história oral. Porém, é possível recorrer a seus instrumentos, tais como entrevistas, escuta de relatos, na interlocução com as fontes que já destacadas. Ao tomarmos as indicações feitas por Verena Alberti (2013), que se destaca no Brasil pelo trabalho realizado junto ao acervo da Fundação Getúlio Vargas (FGV), nosso intuito é tomar precaução metodológica, nos inteirar acerca de posturas e procedimentos necessários para a realização de entrevistas, a fim de seguir os preceitos éticos e respeitar o que se

estabelece quanto padrão de coleta de dados diante dessa fonte, que carrega suas especificidades.

Diante disso, buscamos, ao contactar as pessoas escolhidas para as entrevistas, situá-las com clareza com relação ao nosso projeto de pesquisa e quanto os objetivos, riscos⁴⁴ e potencialidades que seus depoimentos poderiam oferecer, enviando previamente o projeto de pesquisa, o roteiro e o termo de consentimento livre esclarecido (TCLE)⁴⁵. O roteiro incluía apresentação pessoal e, na sequência, eram dispostos os conjuntos documentais nos quais a pessoa havia sido previamente identificada. Diante da complexidade de imagens, disponibilizávamos, caso houvesse tempo, alguns conjuntos datados, ou não, de períodos próximos das atuações em exercício. Encerramos indagando a pessoa, sobre a experiência de contemplar aquelas fotografias.

As entrevistas foram agendadas conforme a disponibilidade de cada pessoa, após assinatura das formalidades apresentávamos as fotografias⁴⁶ e dialogávamos sobre elas, buscando estabelecer uma relação respeitosa e atenta ao que cada um apresentava, conforme orientou Alberti (2013, p. 102)

O ideal, numa situação de entrevista, é que se caminhe em direção a um diálogo informal e sincero, que permita a cumplicidade entre entrevistado e entrevistadores, à medida que ambos se engajam na reconstrução, na reflexão e na interpretação do passado. Essa cumplicidade pressupõe necessariamente que ambos reconheçam suas diferenças e respeitem o outro enquanto portador de uma visão de mundo diferente, dada por sua experiência de vida, sua formação e sua cultura específica. Assim, cabe ao entrevistador, em primeiro lugar e principalmente, respeitar o entrevistado como produtor de significados diferentes dos seus, e de forma nenhuma tentar dissuadi-lo de suas convicções e opiniões, ou ainda tentar convencê-lo de que está “errado” e de que deveria aderir às posições do entrevistador.

Após identificar as pessoas que mais apareceram nos relatos, selecionamos seis docentes para entrevistar, conforme aponta o quadro abaixo. Buscamos identificar cenários, situações e pessoas.

⁴⁴ Toda pesquisa que envolve a relação com pessoas conforme o CEP envolver eventuais riscos, os que consideramos de maior importância foi a relação afetiva diante das memórias que as fotografias poderiam suscitar.

⁴⁵ Toda a documentação foi previamente aprovada de acordo com as normas do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFG (Anexo 1), alinhada com a legislação nacional. O roteiro e o TCLE podem ser verificados estão disponíveis nos Apêndices F e G respectivamente.

⁴⁶ Sugerimos ao grupo entrevistado o uso de material pessoal de proteção descartável, porém, a partir da segunda entrevista, optamos por apresentar parte do material que estava fragilizado em formato digital para proteger as pessoas e o acervo.

Quadro nº 3 – Pessoas entrevistadas

Nome	Conjuntos de fotografias	Período de atuação no CEPAE	Área de Atuação
A.H.S.	07; 20; 44; 76; 106 Fotos Digitais: 2004; 2005; 2014; 2016; 2017	Abril de 1993 a dezembro de 2022 [29 anos] Aposentado	Educação Física Diretor Coordenador Pedagógico
A.F.S.	20; 23; 49; 55; 59; 65; 73; 75; 99; 103; Fotos Digitais 2005	Novembro de 1995 [...] [29 anos]	Pedagogia e Artes Visuais Coordenador Pedagógico
S.S.C.	20; 23; 44; 49; 59; 99; 100	Abril de 1992 a março de 2018 [26 anos] Aposentada	Pedagogia Coordenadora Pedagógica
E.B.T.R.	07; 20; 30; 49; 56; 71; 76; 87; 96; 99; 100; 106; Fotos Digitais 2005	Março de 1993 a março de 2017 [24 anos] Aposentada	Educação Física Diretora
N.M.G.S.	11; 19; 20; 56; 87; 106	Dezembro de 1994 [...] [30 anos]	Pedagogia Coordenadora Pedagógica Diretora
T.O.	07; 12; 13; 23; 29; 44; 73; 96; 100; 103; 106	Janeiro de 1994 [...] [30 anos]	Música

Fonte: Silva, 2024.

O Quadro nº 3 apresenta o grupo de entrevistados de acordo com a área de atuação no CEPAE, trata-se de profissionais da educação que atuaram em sala de aula e no âmbito da gestão escolar, com exceção a entrevistada T. O. Os lugares ocupados por este grupo, na comunidade Cepaeana, pode justificar suas visibilidades nos registros, haja vista que de seis pessoas, três exerceram o papel de gestão na direção da escola.

O papel de educadora, e de artista musical, a frente de projetos registrados em diferentes ocasiões, seja em aberturas de eventos, ou datas de marcos do calendário escolar, fez a professora de música se destacar nas imagens. Segundo a entrevistada, anualmente, desenvolvia um espetáculo musical no projeto de extensão que tem coordenado ao longo dos anos, que já passou por diferentes formatos. Junto dela, é possível ver nos registros docentes da mesma área, e outros profissionais que participaram das ações artísticas desenvolvidas.

As seis pessoas atuaram por mais de duas décadas na escola, três se aposentaram e três continuam em atividade. Embora A.F.S; S. S. C.; N. M. G. S. e T.O. tenham concentrado suas atividades nos anos iniciais, esta última, juntamente com A.H.S. e E.B.T.R. desenvolveram atividades com estudantes do 1º ano do ensino fundamental ao ensino médio. O grupo aparece nos conjuntos fotográficos

07, 20, 100, 106, demonstrando compartilhar momentos em comum, apontando a possibilidade de compartilhar memórias e enfoques diferentes dos mesmos registros.

Como já foi registrado, a escolha deste grupo foi realizada a partir da observância do acervo do CEPAE, seguindo pistas do objeto, observando sua potencialidade e limitações. Afinal, consideramos o que identificamos e optamos pelo recorte possível no momento da pesquisa, como afirmou Mauad (1996, p. 5):

[...] há que se considerar a fotografia como uma determinada escolha realizada num conjunto de escolhas possíveis, guardando esta atitude uma relação estreita entre a visão de mundo daquele que aperta o botão e faz 'clic'.

Diante das escolhas cabíveis, vejamos o que foi possível compreender dos relatos colhidos sobre o acervo fotográfico do CEPAE.

2.3 Esquecer impede de acessar os guardados da memória⁴⁷

Apresentar as fotografias para o grupo que seria entrevistado teve como expectativa dialogar sobre o acervo do CEPAE visando ampliar o leque de identificação das pessoas e a compreensão acerca das situações presentes nos registros.

Ao apresentarmos registros não identificados para as entrevistadas T.O. e N.M.G.S., se identificaram em fotografias que não havíamos previsto previamente. Este movimento corroborou com nossa perspectiva de ampliar o mapeamento das pessoas presentes no acervo. No entanto, o primeiro elemento que apareceu nos relatos foi aquele que se ausentou, ou seja, o esquecimento. De acordo com Nora (1993), o lembrar existe na dialética com o esquecimento. Nossa memória, vulnerável a deformações, usos e manipulações, não pode guardar tudo.

Para Aleida Assmann (2011), nossos processos de recordação, seguem as regras gerais dos mecanismos psíquicos, singular conforme o desenvolvimento de cada pessoa. No entanto, a autora reiterou que, no âmbito coletivo e institucional, esses procedimentos se organizam de modo diferente por serem guiados por uma

⁴⁷ Parafraseando Paul Ricœur (2007, p. 452) “muitos esquecimentos se devem ao impedimento de ter acesso aos tesouros enterrados na memória”, consideramos que, nem tudo que a memória guarda são “tesouros”, há recordações que suscitam angústias e tristezas, assim como as que despertam sentimentos de alegria.

política específica de recordação e esquecimento, que envolve práticas culturais, comunicação e o uso de dispositivos de armazenamento, como bem destacou:

Indivíduos e culturas constroem suas memórias interativamente através da comunicação por meio da língua, de imagens e de repetições ritualísticas, e **organizam suas memórias com o auxílio de meios de armazenamento externos e práticas culturais**. Sem estes não é possível construir uma memória que transponha gerações e épocas — o que significa também que a constituição da memória se modifica juntamente com o estado oscilante de desenvolvimento dessas mídias. (Idem, 2011, p. 24)

Convergindo com o que Nora (1993) afirmou, a memória necessita de lugares para habitar. Assmann (2011) insere o esquecer e o lembrar na fronteira entre o intra e o extrapsíquico, afinal o corpo estabiliza lembranças, por meio da afeição, de hábitos, e repetição, porém, os mais diversos dispositivos que se desenvolveram ao longo do tempo contribuem para manter essas memórias vivas.

Nas narrativas das pessoas entrevistadas o esquecimento foi um evento unânime. Ao se depararem com as fotografias, alguns elementos eram reconhecidos, conseguiam reafirmar sua presença naquela localidade ou a participação em uma determinada situação. Porém, afirmaram o esquecimento com frases do tipo: “Não me lembro que pessoas são essas”; “Não me lembro que situação foi essa, que evento foi”; “Não me lembro”; “Não sei se poderei te ajudar na sua pesquisa” ou “Espere um pouco, logo me recordarei o nome dessa pessoa”.

Para Paul Ricœur (2003, p. 6) esquecer e lembrar estaria interligado, haja vista que “o esquecimento tem igualmente um polo ativo ligado ao processo de rememoração, essa busca para reencontrar as memórias perdidas, que, embora tornadas indisponíveis, não estão realmente desaparecidas”, ou seja, estão guardadas em algum lugar da memória. Afirmou ainda que “muitos esquecimentos se devem ao impedimento de ter acesso aos tesouros enterrados na memória” (Idem, 2007, p. 452), e nesse quesito há de se considerar que nem tudo que se lembra é tido como preciosidade, sinônimo de descoberta alegre, há lembranças que suscitam angústias, tristezas, raiva, etc.

Neste sentido, Maria Francysnalda Oliveira Dourad (2017), evidenciou um dano à confiabilidade da memória, uma seleção narrativa, que demonstra a impossibilidade de narrar tudo. Ao dialogar com a obra de Ricœur, Silvia Maria Brandão Queiroz (2014) traçou, simultaneamente, um elo entre o esquecimento, o lembrar e o fazer historiográfico. Para ela, seria possível encontrar positivities no

esquecimento, construir questionamentos e preencher lacunas. Neste caso, reconhecemos que determinadas lacunas talvez não sejam preenchidas, daí a importância de pensar formas de cuidar dos registros do passado e do presente, para não ficarmos refém do esquecimento.

Outro fator unânime entre as pessoas do grupo, foi de reconhecer as pessoas, porém, não lembrar seus nomes. Muitas vezes conseguiam relacioná-los a outras personalidades: “Essa mulher foi esposa de um professor de outra unidade na UFG”; “Me lembro dessa professora, era da área de História, se transferiu para outra instituição. Fez um trabalho excelente aqui”. Em outro contexto, ao identificarem alunos e alunas, atribuíam lugares de afetos e sinônimos de características que faziam as lembranças chegarem:

[...] Aqui essa menina que era danada também, né? [...]

[...] Essa menina foi uma das assim, os pais dela ficavam ficaram loucos porque ela não passou, deu um problema na prova e todos passaram, praticamente todos passaram, e ela era aluna padrão [...]

[...] Esse menino foi um menino muito custoso, que eu não vou lembrar o nome dele agora, ele deu trabalho demais pra gente. [...]

[...] Ela tinha o cabelinho assim bem magrinha, essa aqui que eu estou doida para lembrar o nome dela, e eu não estou conseguindo lembrar.⁴⁸

Percebe-se nos relatos que, ao não conseguir se lembrar do nome de quem viam nas fotografias, em sua fala, recorreram aos atributos físicos, visíveis, ou afetivos que possibilitaram evocar outras imagens na memória, a fim de reconstituir suas lembranças diante do que observavam nas fotografias. Essas imagens, são carregadas de juízos de valor, ou outros dispositivos, utilizados na tentativa de resgatar as informações esquecidas.

Notou-se também uma espécie de saudosismo, seja em suas identificações, como de outros colegas, com expressões de comparações relativas ao passado e ao momento e o atual: “[...] Nossa! Como eu era jovem aqui!”; “[...] Olha os professores aqui! Olha... que saudades!”. Essas falas, demonstram que lembrar e esquecer são processos conflitantes, sendo essa nostalgia também uma possibilidade de regresso a dor, “[...] Vivemos tantas coisas neste CEPAE”, uma fala ambígua que esconde a qualidade desse rememorar, tal como Nora (1993, p. 9) afirmou:

⁴⁸ Trechos recortados de diferentes entrevistas.

Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confrontam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções.

Talvez, seja por isso que, preencher as lacunas deixadas pelas categorias estabelecidas seja uma tarefa tão difícil, ou impossível. Diante do que objetivávamos com as entrevistas, com certeza foi atuado mais no que não conseguimos encontrar do que no que buscávamos. Ou seja, as lacunas com que nos deparamos, são pistas para pensarmos outros movimentos na história. Em uma pesquisa, os contornos se desfazem e diversas linhas se aproximam para mostrar que em qualquer área, a homogeneidade é frágil e a pluralidade se faz.

Aproveitamos o momento de diálogo para tirar dúvidas quanto a composição e organização do acervo. Reparamos que os conjuntos 16, 21 e 82, evidenciaram diferentes tipos de registros de um mesmo evento. Perguntamos ao grupo sobre este evento, cujos registros parecem ter se fragmentado na organização do arquivo, conforme é possível observar:

Fotografia 12 – Conjunto 16; Apresentação 1997



Fonte: Acervo do CEPAE; Conjunto 16; outubro/1997

Fotografia 13 – Conjunto 21; Apresentação s/d



Fonte: Acervo do CEPAE; Conjunto 21; s/d

Fotografia 14 – Conjunto 82; Apresentação 1997



Fonte: Acervo do CEPAE; Conjunto 82; novembro/1997.

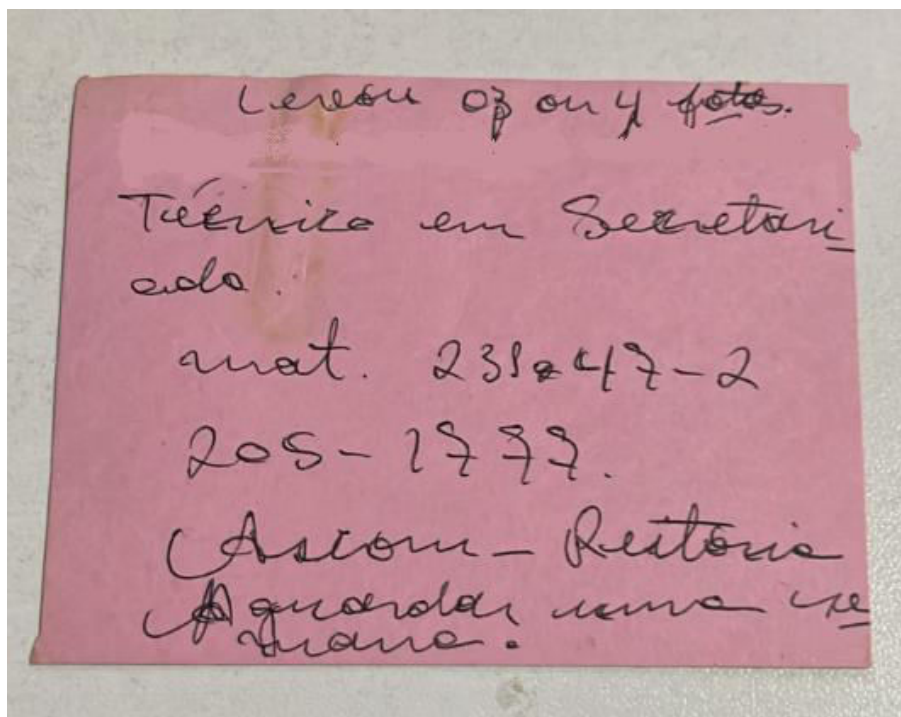
A fotografia do conjunto 16, tem uma indicação temporal de outubro de 1997, no canto inferior esquerdo, data marcada na imagem revelada pela Fujioka, empresa goiana de fotografia. O cenário, aparentemente, feito por cartazes pintados e balões coloridos, contempla uma apresentação cultural de crianças. A segunda imagem desse trio fotográfico, não apresenta indicação temporal e foi produzida, ou revelada, em um formato preto e branco, com o mesmo cenário. A última fotografia, com o

mesmo cenário, data de novembro de 1997, canto inferior direito, foi revelada pela empresa goiana de artigos de óptica Fujifoto. Ambas têm em comum um número de apresentação artística de diferentes crianças. Inferimos que seja do mesmo evento dada as características da decoração.

A entrevistada N.M.G.S, ao ser perguntada sobre a imagem, não soube identificar a situação registrada. Possivelmente, essa seja uma questão difícil de ser alcançada em respostas deterministas, pois denota a complexidade da natureza de um o acervo fotográfico da escola. Confirma o movimento que sobre um acontecimento existiram registros de produtores diferentes, por conta das marcas de revelação e tempo identificadas.

Há conjuntos preservados em álbuns originais com marcações identificando a origem da doação, com nome de professores/as que trabalharam no CEPAE. O conjunto 78 foi encontrado vazio, com um bilhete informando que algumas fotos foram retiradas por uma pessoa do quadro da universidade de outra unidade:

Fotografia 15 – Conjunto 78; Bilhete



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 78, s/d.

O bilhete acima, indica uma tentativa de registro de modo a evitar a dispersão do acervo, porém não é possível saber quem o fez, e, se tal ação foi concluída. Para Abdala (2013), bem como para Kossoy (2012), a forma como as instituições organizam seus arquivos, demonstram preocupação em preservar a memória. No

âmbito da educação, Abdala (2013, p. 118), afirmou que essa função é reforçada pelas práticas escolares:

Essas imagens marcam a passagem do tempo, o que foi e o que é, uma das formas pelas quais a fotografia é percebida e utilizada. Permitem a comparação entre o passado e o presente. Utilizadas como ornamentos na sala dos professores, na diretoria ou no hall de entrada das escolas, as imagens antigas do prédio também despertam o sentimento de orgulho pela escola. Desse modo, as fotografias dos prédios escolares fixadas nos próprios prédios assumem um caráter pedagógico, que engloba, especificamente no caso de fotografias da própria escola, o ensino da valorização da escola e de sua história, da relação entre passado e presente.

As fotografias do CEPAE conforme observado nas categorias, e na fala dos/as entrevistados/as cumprem com o propósito de marcar a passagem do tempo, permitir comparar passado e presente, olhar para o passado com diferentes perspectivas, como saudosismo, crítica, admiração e ausências de lembranças. No entanto, a forma como as fotografias foram guardadas, abre margem para indagações e dúvidas.

Os registros em exposição atualmente na escola, datam de períodos recentes em comparação ao que encontramos no acervo, também carecem de identificação, de condições e disposição para a preservação do material. Compreende-se que guardar, e proteger, arquivos públicos não são tarefas fáceis, além do papel da guarda, trata-se de um espaço procurado pela população que busca documentos em momentos históricos distintos.

Porém, no que tange as fotografias do CEPAE, não diferente de outros acervos da Universidade Federal de Goiás, assim como outras instituições educativas, há de se dizer que seu acondicionamento se deu de forma precária e desorganizada. No entanto, de acordo com Oliveira (2002, p. 33, grifo nosso), essa fragilidade nas formas de preservação dos lugares de memória não são uma exclusividade das instituições educativas:

As fotografias guardadas em arquivos, **mesmo os pessoais**, sofrem a **falta de informações** que possibilitem a identificação de seus retratados, a data e lugar nos quais foram tomadas. Uma vez desaparecidos os atores da encenação, desaparecem também muitos detalhes esclarecedores. O que resta são pistas, rastros.

Mesmo no âmbito da vida privada, os acervos fotográficos carecem de identificação e de acondicionamento correto. Assim, o que resta de disponibilidade

são rastros, pequenas evidências que buscamos no relato das pessoas que compartilharam o registro.

Por mais que busquemos preparar o ambiente mais adequado possível para a realização das entrevistas, lidamos com imprevistos, interrupções, o que Rodrigues (2006) apontou como uma das dificuldades de reconstituir elementos do passado com narrativas. Este autor defendeu a perspectiva de que o trabalho com fotografias requer que a coleta dos depoimentos seja realizada em um espaço que favoreça o acesso às memórias, de preferência o mesmo local em que o registro foi realizado, evitando ao máximo interromper as pessoas entrevistadas, o que demandaria um tempo considerável e o mínimo de intervenção por parte de quem realiza a escuta.

Ao comparar os relatos acerca da mesma foto, observamos que pessoas podem ter compreensões diferentes de uma mesma imagem, conforme já afirmado, tomamos como referência o Conjunto 87.

Fotografia 16 – Conjunto 87; Glória a Deus nas alturas



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 87, s/d.

Na imagem acima, nota-se a presença da professora E.B.T.R. ao centro, e N.M.G.S no canto direito. A faixa ao fundo refere-se a uma oração cristã católica, comumente adaptada para hinários⁴⁹. Perguntamos para as entrevistadas a que contexto se referia a foto, cada uma apresentou uma resposta diferente. A professora

⁴⁹ Coleções de canções cantadas em atos religiosos.

N.M.G.S. não se lembrava do contexto, mas fez uma observação acerca da laicidade e da religião no espaço escolar:

[...] Não tem nada a ver essa frase, né? Assim, a escola é laica, mas naquela época, era totalmente diferente. O entendimento que a gente tem agora é tudo diferente. Eu compro esses quadrinhos (apontando para a decoração na sala da direção da escola) para colocar aqui na sala, porque a minha irmã tem uma loja, mas, eu falo, não tem nada que diga sobre religiosidade, a escola é laica, e não pode ter nada relacionado a isso. Isso aqui (a fotografia) foi no período que a E.B.T.R. era a diretora. SILVA. N. M. G. [55a] 04/12/2023.

A entrevistada T.O., assim como N.M.G.S., afirmou que houve um período na organização didática do CEPAE que o calendário de festas e datas comemorativas tinha presença marcante nas atividades acadêmicas da escola. As datas não eram somente celebradas, mas reforçadas com atividades, apresentações e outras formas de manifestações artísticas. Ao questionarmos a professora E.B.T.R. (24.01.2024), esta afirmou que a imagem seria referente a “uma época que a gente emprestou a escola para uma igreja, para ela é fazer um evento autorizado pela Reitoria, e tudo mais”, sendo esse momento, possivelmente, compartilhado com estudantes da escola.

Essa situação reforça os limites da memória, da fotografia e da ausência de organização do acervo, que impossibilita acessar e saber mais sobre esse evento. Ainda assim, permite vislumbrar as contradições e mudanças da escola. Trata-se de uma escola laica, que não tem a disciplina, como obrigatória, nem momento, de ensino religioso na matriz curricular. No entanto, nota-se que o conteúdo de religião está presente em outros momentos.

De acordo com Luiz Antônio Cunha (2018), a onda laica brasileira, formada desde os tempos do período imperial, avançou e, a partir dos anos 1870, em um ritmado balanço de concessões, principalmente com a igreja católica, nos mais diferentes campos. A escola, sobretudo a pública, é um campo de disputas, que segundo o autor, convive nos limites da legislação e do currículo. Ainda há o espaço, do limbo entre o real e o oficial, no qual, mesmo em espaços afirmadamente laicos, orações, canções, eventos do calendário cristão, se fazem presentes, conforme Cunha (2018, p. 902) destacou:

Ao voltar a atenção para o interior das escolas públicas de ensino fundamental, vê-se que, mesmo onde os docentes declaram reconhecer a legitimidade do Estado laico, existem orações em reuniões de professores, celebrações de eventos do calendário cristão, apresentação de alunos em datas festivas com músicas religiosas e textos bíblicos afixados em salas de aula e corredores.

Mais do que os alunos, os professores é que têm o impulso para trazer a religião para dentro da escola. Muitos deles são adeptos de religiões cristãs, que incentivam seus fiéis ao proselitismo, de modo que lhes parece natural a utilização do espaço público da escola para propagarem suas crenças mediante práticas supostamente universais.

Desse modo, como destacado, observa-se que, na dinâmica pedagógica, práticas de religião são colocadas para dentro das escolas nos mais diferentes formatos, marcando momentos, cristalizando convicções, reforçando ideias e comportamentos. Outro exemplo de fotografia que nos inquietou e suscitou debates foi o conjunto 79, que reúne um grupo de crianças em frente a uma igreja.

Fotografia 17 – Conjunto 79 Crianças em frente à igreja



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 79, s/d.

A professora N.M.G.S. quando questionada, afirmou que o local se parecia muito com a Igreja Matriz de Campinas, em Goiânia. Os entrevistados A.F.S. e S. S. C. quando questionados sobre a foto, afirmaram a possibilidade de compor parte do projeto “Visitando e construindo conhecimento”, desenvolvido pela equipe dos anos iniciais do ensino fundamental. Porém, ficaram em dúvida se tratava-se da igreja de Goiânia sugerida ou uma das igrejas da Cidade de Goiás. A igreja, nesse contexto, era um espaço de visita observado na construção urbana, considerando seu papel de imposição na construção de uma cidade. A visita, nesse sentido, segundo as pessoas entrevistadas, integrava um conjunto de trabalho pedagógico.

A foto do Conjunto 79 está presente na composição do mosaico da página 3, e nas páginas 10 e 11 da publicação comemorativa “Colégio Aplicação: 40 anos de educação em Goiânia” (CEPAE, 2008). O que suscitou outra dúvida, percebemos que algumas imagens presentes no livro não estavam junto ao acervo original, algumas, como esta que citamos, se encontravam soltas na caixa que armazenava as fotografias.

Além disso, como já citado, percebemos, ao reexaminar todos os conjuntos, que algumas imagens que constam no livro não pertenciam a nenhum dos grupos constituídos. Mais uma vez, reforçamos a precariedade de organização do arquivo, muitas vezes não priorizada diante de demandas impostas a urgência do cotidiano. Ou ainda, a dificuldade de rastrear a movimentação e a retirada de documentos, uma vez que existe a possibilidade da pessoa responsável por fazê-lo não ter devolvido o material da forma devida.

O acesso e uso das fotografias, demonstram o papel das instituições escolares como produtoras de registros que circulam dentro e fora de suas delimitações. Ação que nos faz refletir sobre o olhar acerca do fazer educacional, mas também das transformações urbanas e históricas, como afirmou Abdala (2013, 46):

A escola não só produz imagens, como também foi alvo, ao longo do tempo, da produção de imagens refletidas pelo olhar social, urbano e histórico. A escola constituiu-se como uma das maiores instituições responsáveis pela produção e difusão de imagens mentais e documentais, e pela influência direta em nossa percepção de mundo.

Ao mesmo tempo que produz recortes de sua realidade, a instituição escolar é invadida pelo olhar externo, de quem adentra, registra e sai sem muitas vezes conhecer as regras da dinâmica cultural desse espaço, registros que carregam as concepções de quem o produziu e se relacionam com o mundo ao qual pertencem. No que tange a circulação das fotografias, ainda que a movimentação do acervo contribua para sua eventual dispersão, este também é um processo importante, que leva aquilo que a instituição produz para outros espaços, provocando outras problemáticas.

Por fim, ao indagar as pessoas entrevistadas acerca do que sentiram ao contemplar as fotografias, destacamos os seguintes apontamentos:

Ter visto as fotos, ter vivenciado tudo enquanto estava olhando, foi como se estivesse mergulhando num túnel do tempo, né? E é como

se eu percebesse vários CEPAEs entende? Não é só esse CEPAE que eu vivencio agora[...]. SILVA. A. H. da. [63 a.] 14/12/2023

Uma coisa fantástica [...] São memórias, lembranças, daquilo que nós realizamos lá no trabalho. Assim fantástico... fantástico... Coisas que eu não me lembrava mais absolutamente, entendeu? Que me fez reviver, era como se eu agora estivesse dentro desse trabalho. Era como se fosse hoje isso tudo. Eu me sinto muito rejuvenescido, hoje certamente vai ser um dia, assim, que eu vou ficar lembrando dessas fotos, entendeu? SILVA. A. H. da. [63 a.] 14/12/2023

Momento de memória né? Porque fotografia tem disso, né? Te leva para aquele momento, como eu trabalho muito com a questão da memória da ancestralidade, porque as histórias que eu conto hoje foram contadas por gerações outras, não é? Eu fico muito feliz de ter alguém no CEPAE preocupado e querendo pesquisar essa memória fotográfica. Porque traz indícios que talvez as pessoas não se lembrariam de falar, não é? RODRIGUES. E. B. T. [65 a.] 24/01/2024.

Percebe-se nos depoimentos acima que a fotografia permitiu momentaneamente retornar ao passado, reviver memórias que misturam a história do CEPAE com a história individual, principalmente, tendo em vista que, do conjunto de seis profissionais, quatro tiveram filhos/as que estudaram na escola. Durante as entrevistas, puderam contemplar momentos importantes de sua trajetória profissional, rever colegas da instituição, contemplar a infância de crianças da família e de outras, que frequentavam suas casas. As lembranças que reverberavam angústia, tristeza ou raiva foram sobrepostas por outros sentimentos rememorados, ou foram habilmente disfarçadas nos depoimentos.

Ao mesmo tempo, percebemos que, os relatos compõem uma memória coletiva do que a escola representou, e representa, um espaço de formação, de trabalho realizado a muitas mãos, um campo de debates, de dissensos, conflitos, de luta pela escola pública, conforme Andrade (2004, p. 63) afirmou:

A fotografia é impregnada pela memória coletiva, ou seja, o passado perpetuado e vivo na consciência dos indivíduos. A imagem fotográfica cumpre o papel de ponto de partida da memória, sintetizando o sentimento de pertinência a uma dada sociedade. Crescentemente, entre os historiadores e cientistas sociais em geral, a história passa a ser escrita a partir da memória coletiva. Assim, conforme se observa, a história pode ser compreendida como a forma científica assumida pela memória coletiva.

Em suas narrativas, essas pessoas, também evidenciaram que construíram seus próprios registros e acervos fotográficos, mantidos em arquivos pessoais, e ao se depararem com os registros da instituição demonstraram consciência dos

cruzamentos e vínculos estabelecidos. Daí a importância de problematizar esses registros, diante do que Kossoy (2012, p. 168) destacou:

A vida, no entanto, continua e a fotografia segue preservando aquele fragmento congelado da realidade. Os personagens retratados envelhecem e morrem, os cenários se modificam, se transfiguram e também desaparecem. O mesmo ocorre com os autores-fotógrafos e seus equipamentos. De todo o processo, somente a fotografia sobrevive, algumas vezes em seu artefato original, outras vezes apenas o registro visual reproduzido. Os assuntos registrados nesta imagem atravessaram os tempos e são hoje vistos por olhos estranhos em lugares desconhecidos: natureza, objetos, sombras, raios de luz, expressões humanas, por vezes crianças, hoje mais que centenárias, que se mantiveram crianças.

Os depoimentos refletem o olhar da vida que continuou e se deparou com os momentos congelados pela fotografia. São reflexões que combinam aprendizados com os registros vividos sob o olhar do presente, retornando ao passado. As pessoas retratadas perceberam transformações pessoais no decorrer do tempo associadas às transformações do CEPAE instituição educativa pública, lugar de diversidade e campo de estágio da UFG.

As narrativas apresentadas pelo grupo entrevistado reforçam a necessidade de organizar e manter o acervo dessa escola preservado. A fim de suscitar outras problemáticas de pesquisa e resguardar o passado não só da instituição, mas de tantas outras pessoas. Vejamos que práticas propostas pela universidade podem contribuir com essa atividade.

2.4 Práticas institucionais de conservação de arquivo na UFG

A disponibilidade das fontes é uma condição imprescindível para a realização da pesquisa historiográfica, de acordo com Valdez et. al. (2015), guardar memórias excede o ato de depositá-las em um espaço, de forma imóvel, mas tem um propósito de revisitá-las, para reconstituir histórias de pessoas, de grupos, desvelando aquilo que foi negligenciado, silenciado ou esquecido. As autoras indicam que a memória deve ser compartilhada, para possibilitar elaborações, leituras, escritas e o acesso à história. Sobre o hábito de cuidar dos espaços em que armazenam os documentos, elas afirmam (idem, p. 9):

Em geral, os espaços educacionais, movidos por diferentes motivos, mas em especial pela prática não usual de cuidar da história e da memória, mantêm pouco, ou quase nada, de seus documentos.

Quando os mantêm, geralmente estão dispostos, ou amontoados, em locais impróprios, fato que legitima a pouca importância atribuída a esses materiais. São os chamados “arquivos mortos”, locais fechados, abarrotados de pastas empoeiradas, amontoadas, documentos expostos sob a ação do calor, saturação do ar, umidade, raios solares, e sobretudo, à propagação de pragas. Além, do mau acondicionamento, é comum a incineração de papéis considerados “inúteis”. Assim como se queimam tóxicos, documentos preciosos para a escrita da história da educação são transformados em cinzas, eliminando as possibilidades de outras escritas da história. Essas práticas são postas em diferentes modalidades de ensino, seja nas instituições ensino fundamental e médio, seja no ensino superior.

Como observado, cuidar de seu acervo, independentemente do tipo de fonte é um desafio que se impõe as instituições educacionais, e conseqüentemente a quem se dedica em pesquisar sua historicidade. A Universidade Federal de Goiás, desde sua criação, demonstrou iniciativas para lidar com suas produções documentais, o regimento do ano de 1973 (UFG, 1973, p.74), Subseção III, artigo nº119, indicava a existência de uma seção de arquivo com o objetivo de:

a) organizar, guardar, e manter atualizada a documentação relativa à vida escolar dos alunos e dos ex-alunos da Universidade e executar outras funções correlatas e indispensáveis à consecução de seus fins específicos ou que lhe sejam confiadas pelo Diretor da Divisão.

Além disso, também apontava a existência de um arquivo geral, responsável pela gestão, guarda, conservação e organização de processos e outros documentos da universidade. Entre os anos 1970 e 1983, a documentação da universidade ficou sob responsabilidade da Seção de Registro e Expedição e do Arquivo Geral (UFG, 2017) subordinada ao Serviço de Comunicação, ligado ao Departamento de Serviços Gerais. Entre os anos 1983 e 1996, com outra reorganização na estrutura universitária, essa mesma Seção, passou a se ligar a Pró-Reitoria de Administração e Finanças, mantendo a subordinação.

Após 1996, o Serviço de Comunicação se torna uma Divisão, em âmbito administrativo, recebe maior autonomia na gestão de suas atividades, com uma secretaria e duas seções. A primeira, Seção de Recebimento e Expedição, era destinada à execução das atividades de Protocolo Central, setor destinado à entrega, recebimento, tramitação e distribuição de documentos. A segunda, Seção de Arquivo, tornou-se responsável pela guarda, manutenção e conservação dos acervos de todos os órgãos e unidades da UFG.

Em 2010, a Resolução Consuni nº 02/2010, criou o Centro de Informação, Documentação e Arquivo da UFG (Cidarq) “órgão responsável pelo planejamento e desenvolvimento da gestão técnica da informação e de documentos de valor administrativo, acadêmico ou histórico” da universidade. Percebe-se nesse movimento, transformações advindas de orientações normativas federais, como a Lei nº 8.159, de 08 de janeiro de 1991 (Brasil, 1991), que estabeleceu diretrizes acerca da política nacional de arquivos públicos e privados, e outros dispositivos legais subjacentes que possibilitaram a criação da Comissão Permanente de Avaliação de Documentos da UFG em exigência ao Decreto nº 4.073, de 3 de janeiro de 2002.

Esses movimentos, impulsionados pela administração pública federal, criam estratégias de proteção e divulgação de boas práticas para a conservação dos dispositivos de memória. O Cidarq publicou, em 2017, um Manual de gestão de documentos arquivísticos (UFG, 2017), com conceitos, orientações, princípios e normativas de gestão documental da universidade, além de promover cursos e outras atividades formativas destinadas às pessoas que trabalham na instituição.

Esse trabalho, desenvolvido pelo Cidarq, é fundamental para “manter a prática de contribuir com a captação, sistematização, descrição e arquivamento digital de documentos relativos à educação” de acordo com Valdez et. al. (2015, p. 8). Diante disso ressaltamos a parceria para com esta pesquisa, na orientação técnica, e outras como o projeto “Infovias e Educação” que deu origem ao “Museu Virtual da Educação em Goiás” (2002) em parceria com a Rede de Estudos de História da Educação de Goiás; o “Projeto Cinquenta Anos da Faculdade de Educação: 1963:2018”, que conforme afirmou a professora Diane Valdez, em entrevista ao programa Conexões⁵⁰ da TV UFG, tratou a documentação dessa unidade que estava amontoadada no Núcleo de Estudos e Documentação Educação Sociedade e Cultura (Nedesc), organizou, higienizou, digitalizou, em um período de oito (8) anos, em parceria com arquivistas, mais de trinta estagiários/as, organizando 1390 caixas de arquivo, aproximadamente 3.000 m de documentos. Um projeto experimental, lançado na plataforma *Atom* do Cidarq.

⁵⁰ Conexões: Documentos contam a história da FE/UFG disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pAOrnnI7hRw>. Acesso em 14/10/2024.

Citamos ainda, as atividades com a documentação do Centro Memória Viva da UFG⁵¹, a “Casa da Memória” um movimento de valorização da história e da cultura goiana, com exposições de documentos e fotografias de temas diversos, juntamente com o mobiliário dos primeiros móveis e os atos processuais da Justiça Federal de Goiás, a documentação da organização não governamental Ipê Rosa, de Goiânia, resultante de uma parceria com a Faculdade de Ciências Sociais (FCS) e o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade (Ser-tão)⁵².

Há ainda outros projetos não citados desenvolvidos com outras unidades, que demonstram a preocupação e o papel da universidade com sua história. Percebe-se que as mudanças do Cidarq, acompanham a expansão da UFG, porém, diante da complexidade e extensão da instituição, não é possível responsabilizar um único órgão que acumula tantas outras funções, por cuidar de todo o patrimônio histórico constituído ao longo dos anos.

É preciso que cada unidade tome para si esse cuidado, como profissionais especialistas em sua área de ensino, preocupados não apenas com os avanços técnicos, teóricos, didáticos, etc.; mas com olhar para a historiografia, pensando, indagando e dialogando com o passado, de suas respectivas áreas de atuação. A universidade conta com excelentes profissionais no âmbito da arquivologia e conservação de documentos, habilitados para orientar quem se interessar e se dispor nessa jornada.

Expressando nosso compromisso com a história da universidade, o próximo capítulo discute como a trajetória institucional do CEPAE pode ser narrada por fotografias produzidas ao longo dos anos em que esta escola se constituiu como espaço destinado ao ensino, pesquisa, extensão e estágio para as licenciaturas.

⁵¹ Documentação e Memória referente a educação popular e a educação de jovens e adultos em Goiás, produzidos de 1960 até o contexto atual. Está organizada em três coleções, Coleção “Movimento de Educação de Base em Goiás” [MEB], criada pela professora Maria Emília de Castro Rodrigues, que reúne documentos do MEB que tratam de sua organização e funcionamento administrativo e pedagógico, incluindo materiais didáticos e programas de ensino; A Coleção “Pesquisa Documental na Secretaria de Educação do Estado de Goiás: Redescobrimo a história da Educação de Jovens e Adultos - EJA em Goiás”, criada pela professora Maria Margarida Machado que reúne um de documentos relativos as atividades educacionais da rede estadual de ensino e do Conselho Estadual de Educação de Goiás. Essa coleção também contempla artigos sobre EJA identificados na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP) do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

Ver mais em <https://memoria.cidarq.ufg.br/index.php/centro-mem-ria-viva>.

⁵² Ver mais em <https://memoria.cidarq.ufg.br/index.php/ipe-rosa-14>.

CAPÍTULO III – “OLHA O PASSARINHO!!!”: NARRATIVAS SOBRE O ACERVO FOTOGRÁFICO DO CEPAE

*A fotografia é algo que nos pega pela mão e diz, venha ver.
Esse ver depende do discernimento de cada olhar.
Sendo a foto um fragmento e, mesmo sob o crivo de uma
interpretação pessoal, passível de relativização, ela não está
impossibilitada de mostrar a realidade e, por isso, propor uma ação.*
Rogério Ferrari⁵³

Neste capítulo apresentamos o acervo fotográfico do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, composto por fotografias impressas e digitais localizadas no arquivo da escola. Acrescentamos imagens em formato digital cedidas pela Secretaria de Comunicação da UFG, para compor categorias e comparar com alguns registros⁵⁴.

Iniciamos explorando dados acerca da quantidade, localização temporal do acervo e nossa decisão metodológica para analisar as fotografias em suas categorias temáticas.

3.1 Histórias da educação em imagens: o acervo fotográfico do CEPAE

Como já registramos, o acervo fotográfico do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação é composto por imagens impressas e digitais, que foram localizadas no arquivo da secretaria escolar. São aproximadamente mil quinhentas e quarenta e sete (1.547) imagens impressas, incluindo fotos da galeria de pessoas que ocuparam a gestão na função de direção, álbuns de diversos tamanhos e registros de diferentes atividades realizadas na escola.

Conforme é possível observar na distribuição do Quadro nº 4, parte dessas fotografias sofreram danos diante da exposição a agentes naturais e formas de armazenamento. Cerca de cem (100), estão aderidas entre si, de modo que não foi possível separá-las para análise. Localizamos, ainda, novecentas e sessenta e sete (967) fotos em formato digital, nos computadores e dispositivos de armazenamento

⁵³ FERRARI, Rogério. **Exposição Fotográfica Ciganos**. Catálogo digital Acervo fotográfico de 30 imagens do Cotidiano de Ciganos em preto e branco realizadas com filme TRIX 400 em 2010/2011 com dimensões 40x60cm. Centro Cultural Câmara dos Deputados. Brasília, setembro de 2014.

⁵⁴ Foram localizadas na Secretaria de Comunicação da UFG – Secom, um conjunto documental de 5.400 imagens, produzidas no período de 2006 a 2021.

da secretaria. O que representa um baixo quantitativo diante da potência de produção dos mecanismos digitais.

Quadro nº 4 – Quantidade de fotografias por década

Década	Quantidade
Galeria da Diretoria	10
Sem data	717
1968-1979	150
1980-1989	12
1990-1999	450
2000-2009	775
2010-2018	394

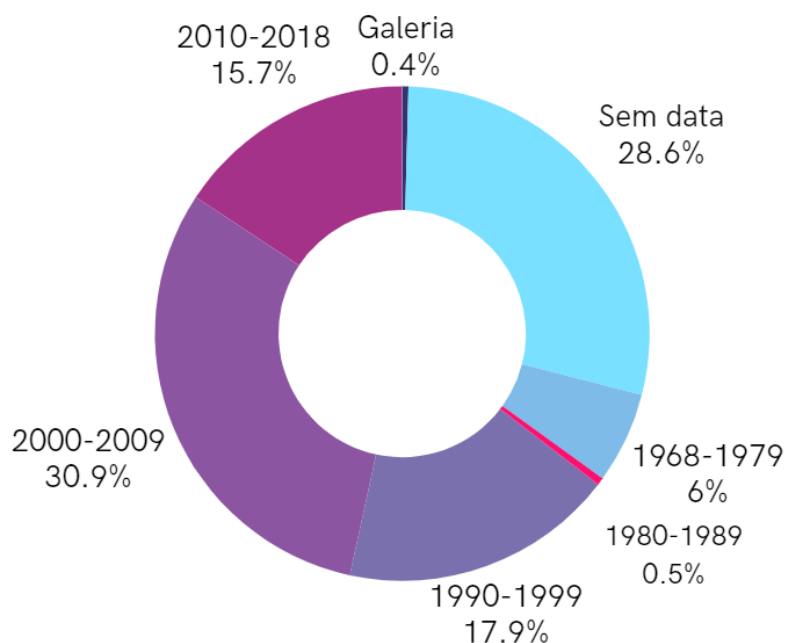
Fonte: Silva, 2024.

Observamos no quadro, que a maioria das fotos carece de identificação temporal, não possuem legenda ou outras marcações que possibilitem identificar seu contexto de produção, autoria, ou como a imagem chegou ao acervo. A quantidade de registros sem identificação temporal pode nos causar a ilusão de que algum período tenha sido mais privilegiado do que outro, ou que as lacunas do acervo sejam maiores do que o observado. É preciso ter em mente que a ausência de informação é um dado importante a ser considerado na análise, seguindo ainda, o pressuposto por Abdala (2013, p. 51):

Desse modo, para **a análise da fotografia como fonte documental** devem ser considerados **os aspectos relativos** à forma e ao **conteúdo**, respectivamente: as técnicas e recursos utilizados pelo fotógrafo; o figurativo, ou os objetos, personagens e a cena enfocados. Além disso, é necessário verificar a **inserção do documento em uma série temática** ou sequencial ou a sua existência avulsa, bem como **a presença de linguagem escrita de identificação no verso ou anverso da fotografia**.

Buscou-se nos registros aproveitar ao máximo toda e qualquer marcação, anotações, ou qualquer outro indício que possibilitasse compreender mais sobre o contexto de produção das fotografias. Desconsiderando as fotos sem identificação, observamos, como demonstrado no Gráfico nº 7, um aumento no número de fotos impressas no período de 1990 a 1999, um período de popularização da fotografia no cotidiano, que se estendeu a vida escolar, e cresceu nas décadas de 2000 a 2009 e 2010 a 2018, com as fotografias em formato digital.

Gráfico nº 7 – Percentual de fotografias por década



Fonte: Silva, 2024.

Diante do tamanho do acervo, foi preciso escolher uma metodologia para discutir e apresentar a historicidade de forma compatível com a escrita da tese. Trazer todas as imagens seria inviável, uma estratégia incompatível que não contribuiria para a compreensão dos objetivos da pesquisa. Olhar para a totalidade do acervo permitiu compreender que todas as imagens compunham uma narrativa sequencial, ainda que disposta fragmentadamente. Uma vez que realizamos a leitura prévia do acervo, identificando pessoas e lugares possíveis, revisitamos as fotografias repetidamente, indagando qual seria a melhor forma de apresentá-las.

A solução encontrada foi de criar categorias temáticas que representassem as narrativas observadas nas fotografias do acervo, em diferentes momentos. Com base nos trabalhos de Abdala (2013), Bileski (2021), Eberhardt (2013) e Martins (2008), elaboramos essas sequências conceituais consoante o perfil dos registros disponíveis.

Analisamos as categorias, ainda que em alguns momentos possamos nos deter em alguns aspectos da leitura de uma fotografia ou de outra, essas narrativas precisam ser lidas em conjunto, como um processo discursivo, no qual estão presentes fatos de repetição. Esse conceito, de acordo com Kossoy (2012), se manifesta quando observamos padrões em uma sequência fotográfica, ainda que

individualmente cada imagem carregue um assunto, existem elementos que podem se repetir. Essa recorrência é denominada por Lima e Carvalho (2009, p. 45) como um padrão visual que indicam formas de funcionamento da sociedade:

Para o historiador que mobiliza fontes fotográficas na sua investigação sobre a sociedade, as análises raramente se restringem a uma única imagem. Trabalha-se, em geral, com séries documentais, pois **só por meio da recorrência** é possível aferir o alcance de determinadas soluções formais e temáticas socialmente adotadas. Em outras palavras, trata-se de **identificar aqueles elementos que constituem padrões visuais** em funcionamento na sociedade. Assim, diante de fontes fotográficas, o historiador não pode prescindir de métodos de análise que partam das especificidades da imagem, mas que devem alcançar sempre uma perspectiva plural, quer dizer, relacionando-a com outras.

Nessa perspectiva, ao ler as fotografias, é preciso considerar sua pluralidade, sua capacidade de evidenciar múltiplos aspectos diante de um suporte bidimensional. O registro se relaciona com outros documentos, sejam eles escritos ou não, para compor um panorama de um contexto histórico diverso e complexo, conforme apontou Mauad (1996, p. 10):

Historicamente, a fotografia compõe, juntamente com outros tipos de texto de caráter verbal e não-verbal, a textualidade de uma determinada época. Tal ideia implica **a noção de intertextualidade** para a compreensão ampla das maneiras de ser e agir de um determinado contexto histórico: à medida que os textos históricos não são autônomos, necessitam de outros para sua interpretação. Da mesma forma, **a fotografia** - para ser utilizada como fonte histórica, ultrapassando seu mero aspecto ilustrativo - **deve compor uma série extensa e homogênea** no sentido de dar conta das **semelhanças e diferenças próprias ao conjunto de imagens** que se escolheu analisar.

Diante disso, a escolha por trabalhar com categorias, implica no reconhecimento da fotografia como um texto não-verbal, que se relaciona com outras produções, apresentando semelhanças e diferenças que podem ser agrupadas de acordo com suas tipologias. Isso nos permite uma leitura temática, que independe da ordem cronológica, haja vista que está em discussão os sentidos percebidos, conforme destacou Abdala (2013, p. 111), que unem as fotos em cada categoria identificada:

Para desconstruir as imagens e compreender seu sentido, e **para criar ou ratificar categorias**, é necessário, em primeiro lugar, **identificar as convenções cristalizadas**. É preciso **estabelecer distinção entre** o conteúdo **factual**, objetivo e **figurativo** das imagens e o convencional, ou seja, **os sentidos que lhe foram**

atribuídos ao longo do tempo, procurando identificar as permanências e, mais do que isso, os motivos pelos quais certas convenções se fixaram. Parece certo que identificar convenções requer um grande repertório de referências culturais e, metodologicamente, o trabalho com séries.

A abordagem escolhida, permite uma leitura que dialoga com a análise técnica-iconográfica de Kossoy (2012) e a combinação iconográfica/iconológica apresentadas por Burke (2017), derivada dos estudos de Panofsky. Para ambos os pesquisadores, ao ler uma fotografia, deve-se realizar um detalhamento sistemático do conteúdo, inventariando todas as informações possíveis, sua constituição plástica, estética, personagens, fatos, cenário, etc. Um procedimento realista, baseado no que se observa e lê diante do que se apresenta na imagem. Uma vez, realizado o levantamento visual, parte-se para as questões subjetivas, indagar o que estaria oculto, as escolhas possíveis diante daquele registro. O que nos remete a análise semiótica desse conteúdo.

Na semiologia, como referenciado por Lima e Carvalho (2009), observamos as informações visuais reveladas nos sistemas de valores, crenças, ideologias, visões posicionadas de mundo, que advém da cultura de quem produziu, e de quem lê, as fotografias. Esse discurso visual, para ser comunicado, precisa ser traduzido em palavras, para que a troca de informações seja efetiva, um desafio que segundo Leite (1993, p. 16) reforça as ambiguidades entre a leitura e a compreensão do que está expresso uma vez que “as imagens precisam ser traduzidas por palavras, tanto para a sua análise como para sua comunicação, o que acrescenta à polissemia da imagem as ambiguidades provocadas pela alteração do código”.

Diante disso, estabelecemos as categorias temáticas para nomear o que foi visualmente observado no acervo fotográfico do CEPAE, haja vista o argumento de Abdala (2013, p. 113), acerca da composição da fotografia escolar que:

[...] é permeada pelos aspectos de cultura escolar, configurada pelas hierarquias, símbolos e cenários, é possível categorizar as representações fotográficas do universo escolar, percebendo as recorrências e similitudes temáticas e compositivas.

Conforme proposto por Eberhardt (2013), foram identificadas temáticas distintas dentre os conjuntos de fotos. Entendeu-se que cada temática se apresentava de modo recorrente em diferentes fotografias ao longo do recorte de cinquenta anos de trajetória institucional da escola (1968-2018), com aspectos específicos que as diferenciava:

Quadro nº 5 – Categorias observadas no acervo fotográfico do CEPAE

1. Arquitetura	1.1 Externa	Características do espaço físico e da cultura material escolar.
	1.2 Interna	
2. Ambiente escolar	2.1 Prática de ensino	Cenas típicas que informam pedagogicamente acerca ambiente escolar, tanto na prática de ensino, situações em sala de aula, ou em aulas específicas, com planejamento e objetivos pré-estabelecidos, quanto no cotidiano escolar, em momentos espontâneas com menor grau de direcionamento.
	2.2 Cotidiano	
3. Eventos	3.1 Internos	Registros de momentos de celebrações realizadas no espaço da instituição ou não.
	3.2 Externos	
4. Aula Campo		Atividades de campo, visitas e viagens.
5. Retratos	5.1 Coletivos	Instantes performáticos que captam poses coletivas ou individuais.
	5.2 Individuais	

Fonte: Silva, 2024.

Ao retomar a análise do acervo, com as categorias temáticas em vista, seguiu-se a proposta de Bileski (2021) de trabalhar com amostragem representativa, pois não apresentaremos a totalidade das fotografias, e sim, amostras distribuídas em grupos. Sendo assim, ao discutir cada tema, analisaremos em blocos destacando detalhes de algumas imagens que compõe a amostra da categoria em evidência.

3.2 Entre casas e escolas: o difuso caminho da arquitetura escolar

No Brasil a preocupação com a construção de ambientes específicos para as necessidades escolares, de acordo com Eberhardt (2013) teve início a partir da segunda metade do século XIX. Até então, as atividades educativas eram realizadas em casas de professores/as, ou prédios criados para outras finalidades eram adaptados para o funcionamento educacional.

A autora citada destacou que, com a expansão urbana, entre o final dos séculos XIX e início do XX, os registros fotográficos escolares passaram a contemplar a arquitetura escolar como um espaço de destaque, sobretudo, nos grandes centros urbanos. A escolha por prédios era uma opção de profissionais da

fotografia que viam nas estruturas estáticas uma oportunidade de melhor aplicar suas técnicas fotográficas, haja vista que a imagem se fixava melhor do que em corpos em movimento.

Ao se observar as fachadas de prédios escolares, é possível acompanhar, de acordo com Eberhardt (2013), as mudanças efetivadas na construção de espaços de educar, e a reconstrução deles, ao se considerar que esses ambientes sofreram com as condições adversas do tempo, passando por reformas e alterações.

No que diz respeito ao CEPAE, observaram-se as características da arquitetura externa, e interna, da escola, as transformações sofridas, considerando principalmente o projeto arquitetônico conforme detalhado por Wilton de Araújo Medeiros (2010). Como já foi ressaltado, o documento de criação da escola (UFG, 1967) destacou que as atividades da escola, inicialmente, eram desenvolvidas na FCHL, no Setor Central, em 1970 se transferiu para a Faculdade de Educação, no Setor Universitário e posteriormente, teve prédio próprio no Campus Samambaia. Ou seja, esta instituição ocupou três espaços físicos diferentes.

3.2.1 O espaço material educativo e a arquitetura externa

Iniciamos com as imagens da arquitetura externa do CEPAE no atual prédio da Faculdade de Educação para, em seguida, focar nas fotografias da construção do prédio próprio, inaugurado em 1980. Pensar e discutir a interlocução entre história e memória diante da construção, dos usos, das modificações e alterações do espaço escolar, de acordo com Medeiros (2010), significa perceber como a relação escola, o espaço educativo, com o prédio e o espaço material é produtora de significados que precisam ser problematizados, daí a importância de refletir acerca da história dos edifícios que abrigam as instituições.

Para Medeiros (2010), o projeto arquitetônico da escola, dialoga com o contexto dos anos 1970, período em que o Brasil, após o golpe militar de 1964, vivia em plena ditadura. Entre a censura e a violência imposta, os investimentos públicos destinados à infraestrutura deveriam evidenciar o poder da nação por meio de obras de porte faraônico, como a Rodovia Transbrasiliana e a construção de prédios públicos com fins cívicos e administrativos. Esses projetos eram organizados pelos Planos de Desenvolvimento Integrados (PDIGs) encarregados de impulsionar a urbanização e captar arquitetos para projetar tais construções, conforme o mesmo autor afirmou (2010, p. 46):

Nesse período, um “código formal” **havia tomado conta da arquitetura nacional**, no qual a forma se antepõe ao uso, trazendo um modelo de desenho a priori – “com isso, a forma passou a imperar sobre a função, na medida em que os programas tiveram que se conter em formas puras”. É nesse período, que, em Goiânia, **são construídos os prédios das faculdades** de Direito e de **Educação** da UFG, **no Campus I**. Esses prédios, **semelhantemente aos primeiros construídos no Campus II** da UFG2, guardam essas **características formalistas fortemente marcadas pelo uso do concreto aparente**.

Como podemos observar nas Fotografia 18 e na Fotografia 19, a marca do concreto aparente nas estruturas, não cobertas por tinta ou revestimento, assim como o autor destacou. No pátio interno, onde o projeto tende a manifestar uma interação com a natureza, há predominância desse elemento nas colunas, vigas a mostra e nos bancos.

Fotografia 18 – Fachada: Faculdade de Educação



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 02, s/d.

Fotografia 19 – Lateral direita pátio interno: Faculdade de Educação



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 02, s/d.

O modelo de construção observado aponta para a história arquitetônica da UFG e para a história das edificações goianienses, sobretudo, de um ponto de vista da periferia, na região norte. A Fotografia 20 apresenta a Rua 235, Setor Leste Universitário, em frente a Faculdade de Educação, na qual é possível observar diferenças arquitetônicas no espaço, na tecnologia dos carros, na arborização da via e ocupação dos prédios.

Fotografia 20 – Rua 235 em frente à Faculdade de Educação



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 01, 1979.

Essa imagem se insere numa narrativa de registro dos alunos da 3ª série do 1º Grau do Colégio Aplicação, porém ao se juntar as demais na sequência do álbum, simultaneamente, conta a história dos bairros de Goiânia. As fotografias mostram transformações no espaço urbano da capital goiana, diferenças quanto as formas de ocupação e construção de casas e prédios.

Neste sentido permitem perceber como a história da universidade e da sua localidade se relacionam, ambas crescem juntas, acompanhando o desenvolvimento urbano, político e humano de cada período histórico. Os registros relacionados a região norte, sobretudo, falam de mudanças na periferia, um assunto que muitas vezes não é contemplado se comparado a regiões centrais ou consideradas de maior prestígio econômico na cidade.

Dessa forma, nas Fotografia 21 e Fotografia 22, observamos o encontro da Avenida Presidente Kennedy com o início da GO-080 que dá acesso à cidade de Nerópolis. Esse trecho contempla o Setor Santa Genoveva, Jardim Pompéia e São Judas, dando acesso ao Campus Samambaia, trajeto comum, seja via transporte público ou particular.

Fotografia 21 – Av. Presidente Kennedy com o início da GO-080



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 01, 1979.

Fotografia 22 – Vista Panorâmica da cidade de Goiânia–GO-080



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 01, 1979.

Essas fotografias registram uma atividade de caminhada de discentes e docentes do Colégio de Aplicação ao Campus II, em comemoração ao Dia do Estudante e Dia dos Pais em agosto de 1979. Conforme é possível observar na sequência das Fotografia 23, Fotografia 24 e Fotografia 25, o registro considera a caminhada com objetivo de visitar a construção do prédio que abrigaria as atividades do colégio.

Fotografia 23 – Estudantes e professora caminhando as margens da GO-080



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 01, agosto/1979.

Fotografia 24 – Estudantes na Av. Ver. José Monteiro Setor Negrão de Lima



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 01, agosto/1979.

Fotografia 25 – Grupo em frente a construção do Colégio de Aplicação



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 01, agosto/1979.

As fotografias apresentadas demonstram que a comunidade escolar acompanhou a construção do prédio que ocupariam no final das obras, edifício que

segundo Medeiros (2010), foi projetado com finalidade educacional pelo arquiteto Caiubi Schultz, que havia se mudado do Rio de Janeiro para a capital goiana em 1973 para compor a equipe de planejamento do governador Leonino Di Ramos Caiado (1971-1975).

Nesse contexto, Goiânia, de acordo com o autor, era um campo que se mostrava promissor para arquitetos e engenheiros, pois a capital estava em expansão. Schultz conciliou projetos e construções de escolas públicas estaduais com inúmeros trabalhos no campo da construção civil residencial. Arquitetonicamente, o projeto foi concebido em 1974, da concepção ao final das obras, a construção do Colégio Aplicação durou seis anos. De acordo com Medeiros (2010, p. 48-49), o arquiteto recusou construir o projeto parcialmente por acreditar que a execução da obra em partes resultaria na perda de inteligibilidade do estilo arquitetônico na totalidade. Isso porque:

Para Schultz, um partido e um estilo arquitetônico não deve ser “completado”, mas sim “ampliado”. Isso mostra, em boa medida, que a sua obra é marcada pela singularidade do modo **como concebe a arquitetura**, não vendo o prédio como simples **produto do processo construtivo industrial**, ou unicamente resultante de resposta técnica, nem tampouco simples adequação à demanda construtiva.

Para o autor, a singularidade da arquitetura do Colégio de Aplicação se relacionava com a forma como Schultz pensava a educação no Brasil. Sua mãe, Zenaide Cardoso Schultz, foi pedagoga assistente de Anísio Teixeira no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep). Enquanto frequentava o curso de arquitetura, ele se reunia com intelectuais do Ministério da Educação. O arquiteto trabalhou com Luiz Erasmo Moreira, na Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (CNEA/Inep).

Logo, a forma de pensar o espaço educacional de Schultz está alicerçada em uma concepção de prática educacional que se ampara nos conceitos de Anísio Teixeira, principalmente nas afirmações presentes na obra *Educação não é privilégio* (1957), conforme destacou Medeiros (2010, p. 59):

A iluminação natural que incide sobre os pátios internos do prédio é um bom exemplo de continuidade e convergência entre os elementos arquitetônicos. Para Schultz, os espaços internos proporcionados pelos pátios também configuram parte do “currículo oculto”, acima referido. Schultz acredita que o conjunto de pátios da escola indica que **os espaços de aprendizado escolares**

localizam-se para além dos espaços fechados das salas de aula. A característica dos pátios proporcionaria vivências somente possíveis de serem realizadas em espaços menos formais. **No pátio, ocorre perfeita integração entre luminosidade, visualidade, e integração entre interior e exterior do prédio.**

Percebe-se que para Schultz o prédio escolar é um espaço educativo, daí sua insistência para que o projeto fosse totalmente executado. Como se pode observar na Fotografia 26, no piso superior, a iluminação natural que advém da abertura do pátio interno incide nos corredores, assim como as várias aberturas nas janelas e no telhado que propiciam o uso da luz natural. O pátio e os corredores iluminados são espaços educativos, como se pode observar na imagem.

Fotografia 26 – Estudantes no corredor segundo piso prédio principal



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 38, s/d.

De acordo com Silva (2019, p. 82), a relação com a luz “[...] remete à ideia religiosa do criacionismo, no qual Deus cria a luz e assim cria o mundo, uma tática usada expressivamente na história da educação brasileira, sobretudo no século XIX, para justificar a relevância da instrução”. Assim, o conhecimento é representado pela iluminação e as trevas pela ignorância.

Outro aspecto evidenciado na relação educativa com o prédio escolar são suas formas e funções na organização do poder. Ao analisar as contribuições de Michel Foucault no que se refere às práticas de subjetivação no contexto escolar, Maria de Lourdes Faria dos Santos Paniago (2005) destacou que na escola há uma

série de dispositivos e procedimentos utilizados para promover a fabricação⁵⁵ de indivíduos. Um dos aspectos evidenciados pela autora com relação à arquitetura escolar é o panoptismo⁵⁶, um dispositivo de poder, criado principalmente para as prisões, cuja dinâmica permite vigiar inúmeras pessoas sem que estas saibam.

Neste caso o que observamos no pátio do interno, são espaços quadriculados que permitiam observar vários grupos de pessoas e impedir que formassem grupos desordenados que oferecessem perigo a estrutura de poder vigente. O mesmo caso se aplica a ordenação dos alunos em fila, espaços específicos para refeições e as estruturas de acesso ao prédio que permitem observar e controlar os corpos, moldando-os durante o processo educativo.

No entanto, Paniago (2005) também coloca a possibilidade de resistência e rompimento com as formas de poder, na medida em que as pessoas se apropriam dos espaços e lhes concedem novo significado. Algo que também se observa nos registros fotográficos do CEPAE. Percebemos que os espaços externos da escola são utilizados de diferentes formas, em integração com a natureza, tornando-se espaços educativos como se pode observar nas Fotografia 27 e Fotografia 28.

Fotografia 27 – Aula em espaço externo



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 92, setembro/ 2005.

⁵⁵ De acordo com Paniago (2005), para Foucault o sujeito é o resultado de uma prática, ou seja, é fabricado. Dessa forma, a educação escolarizada, seria um dispositivo encarregado de produzir, ou fabricar, um tipo determinado de indivíduos.

⁵⁶ O panoptismo de acordo com Paniago (2005), é dispositivo de poder da teoria de Foucault. Criado no século XVIII, por Bentham trata-se de uma estrutura de vigilância, comum em prisões, na qual uma pessoa ou grupo, pode ser observado por um único vigia, numa estrutura central, geralmente uma torre, que possibilite uma visão total dos presos, sem que estes se percebam vigiados.

Fotografia 28 – Parque infantil na lateral do prédio principal



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 40, setembro/ 2005.

Essa construção, criada com propósitos educacionais específicos, teve sua construção registrada em fotografias, conferindo importância ao movimento de transição de prédio. A inauguração, em 1980, está contemplada na Fotografia 29, registrada pelo jornal *O Popular*:

Fotografia 29 – Inauguração do Colégio Aplicação



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 101, Departamento Fotográfico *O Popular* 01/08/1980, Fotógrafo Yosikazy Maeda.

Ao longo do tempo o prédio passou por reformas, para melhorias estruturais, como conservar e manter condições de segurança e uso do espaço, como podemos notar na Fotografia 30.

Fotografia 30 – Fachada do prédio principal



Fonte: Secom UFG, 26/05/2009.

Mesmo diante das alterações, algumas estruturas foram conservadas, com poucas modificações, somente com o necessário para a manutenção da segurança. É o caso das estruturas de concreto aparente e das pedras na passarela de ligação do pátio externo com o pátio interno e nas laterais da escola. Para Medeiros (2010, p. 63), o uso desses elementos marcantes do projeto de Schultz, que expressam a “força simbólica relacionada à ideia de institucionalização da educação, tal como intencionou o arquiteto”, reforça a ideia de solidez presente no conhecimento e na formação via instrução pública.

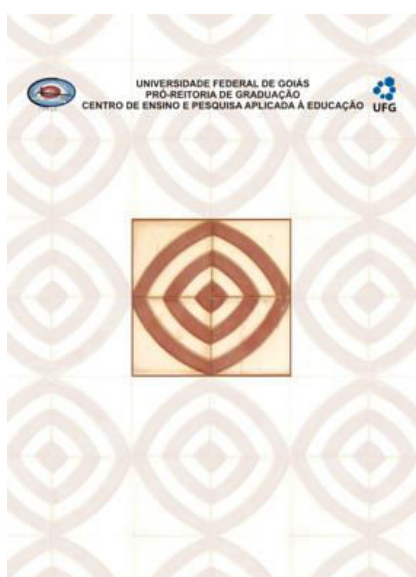
São características estruturais que permaneceram ao longo do tempo, assim como os azulejos feitos de ladrilho hidráulico que compõem as fachadas leste e oeste (do prédio principal) da escola. Isso, no entanto, não impediu que os usuários deste espaço atribuíssem, segundo o mesmo autor (2010, p. 63), novos sentidos e significados a esses elementos, pois:

A imagem desses ladrilhos hidráulicos recentemente **tem sido reconhecida como símbolo do CEPAE**. Tornou-se relevante na composição da imagem da instituição, e tem sido empregado nos cartazes de promoção de eventos e outras publicações vinculadas à

Unidade – ou seja, **tem sido empregado na construção imagética da identidade institucional.**

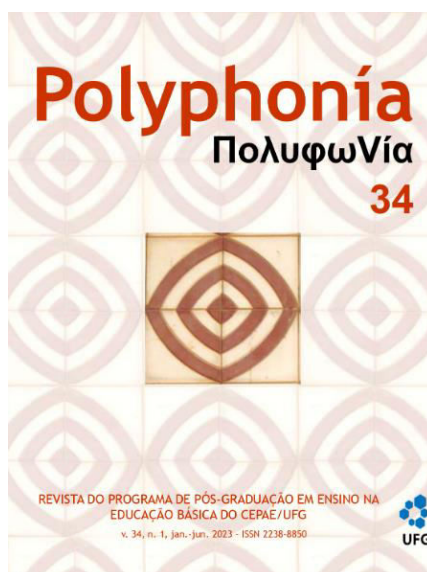
Observa-se que a comunidade escolar se apropriou desse elemento inserindo-o em sua identidade institucional, como exemplo podemos citar materiais como pastas para entregas de documentos (Figura 1), e a capa da *Revista Polyphonia* do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica – PPGEEB (Figura 2), assim como capas de livros organizados por docentes (Figura 3).

Figura 1– Modelo de Pasta para entrega de documentos acadêmicos



Fonte: Arquivo do CEPAE, s/d.

Figura 2 – Capa da Revista Polyphonia



Fonte: <https://revistas.ufg.br/sv>, acesso em 19/03/2024.

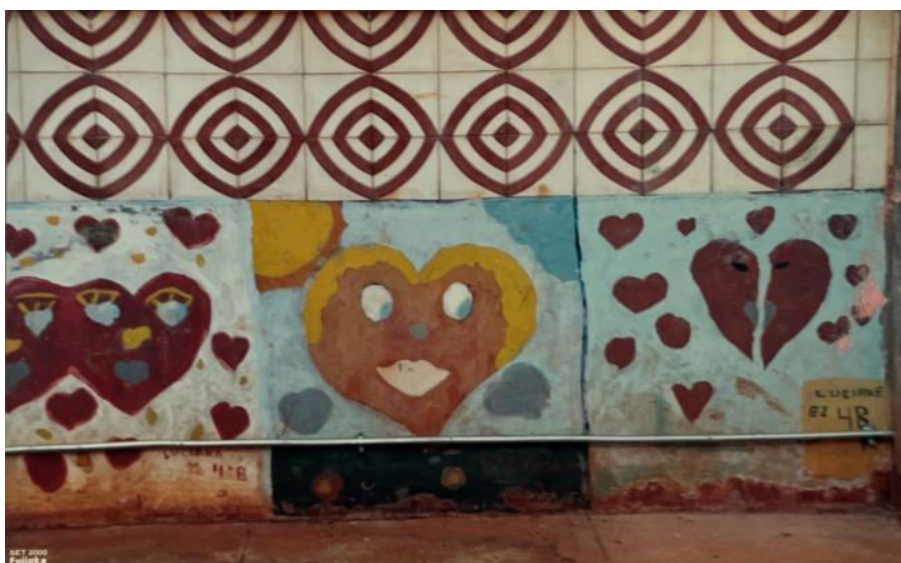
Figura 3 – Capa do livro CEPAE 50 Anos de História



Fonte: Arquivo Pessoal, 10/04/2019.

A apropriação do ladrilho utilizado na composição do painel da fachada, conforme afirmado por Medeiros (2010), contribuiu para integrar a estética da arquitetura à imagem simbólica construída pela comunidade escolar, estabelecida no prédio, representando uma identidade de pertencimento. Ainda que este espaço tenha se alterado diante das reformas, percebe-se um jogo entre a manutenção e a transformação. Em determinados momentos, a comunidade escolar, encontrou formas de se integrar a este espaço e se expressar, como observado na Fotografia 31.

Fotografia 31 – Registro de pintura na fachada do prédio principal



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 37, setembro/2000.

Por fim, nos registros de arquitetura externa acrescentamos a Fotografia 32, do prédio do Departamento de Educação Infantil (DEI), que até 2013 era denominado Creche da UFG e desenvolvia suas atividades como órgão ligado a Pró-Reitoria de Assuntos da Comunidade Universitária (Procom), atualmente Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE). Localizado no Campus Samambaia, em localização à parte do CEPAE, o prédio foi inaugurado em 1989, com um projeto diferente. O mesmo conta com área administrativa, cozinha, despensa, sala da nutrição, lactário, lavanderia, sanitários para uso adulto e infantil, salas de aula, refeitório, pátio, varanda e parquinho.

Fotografia 32 – Fachada DEI



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Creche_UFG.jpg 31/08/2007.

Nota-se no acervo ausência de mais registros do DEI, o que se pode explicar devido a sua recente incorporação ao CEPAE, ou pelo fato de ter uma localização afastada do prédio original, dificultando compartilhar e transferir arquivos de maior tempo de existência, revelando a necessidade de propor estratégias de acesso, integração e preservação desses materiais. Assim como o prédio principal do CEPAE, o espaço do DEI passou por alterações com objetivo de melhorar a acessibilidade física e preservar a construção existente, o que pouco alterou a estrutura, e possibilitou a apropriação do espaço conforme as necessidades cotidianas.

Os registros fotográficos da arquitetura externa mostraram como a comunidade escolar estabeleceu, em diferentes locais e períodos, relações diferentes com o uso do espaço. Algumas proposições projetadas por Caiubi Schultz permaneceram no espaço, quase que de forma intocável, como nas paredes de pedra, ainda que muitos não saibam o motivo de sua manutenção. No próximo tópico, os registros se destinam a discutir as relações com a arquitetura interna, os usos das salas de aulas, auditórios e demais espaços.

3.2.2 Lugares e formas de educar: arquitetura interna

Os registros fotográficos referentes a arquitetura interna, de acordo com Eberhardt (2013) atestam da funcionalidade e do uso dos espaços como salas de aula, laboratórios, banheiros, bibliotecas e contemplam também a cultura material escolar, mobiliário, mesas cadeiras, livros, pias, bebedouros, cozinhas, etc.

Incorporar a cultura material escolar na história da educação implica considerar que tudo nesse ambiente serve de evidência do passado e pode indicar aspectos das formas de educar. De acordo com Wilma Fontana de Souza Alvares (2019, p. 6), essa cultura expressa contextos, saberes e valores específicos de cada tempo, e deve ser lida em correspondência ao seu momento histórico, haja vista a necessidade de “tomar cuidado para não atribuir sentido equivocado a um objeto escolar, já que o cotidiano escolar apresenta diversas formas de usos ou interesses sobre um determinado artefato”. Os artefatos escolares, por sua vez, se vinculam a concepções e práticas pedagógicas relacionadas ao projeto político e social de cada período e localidade, haja vista as relações sociais que a escola estabelece extramuros.

Ao atestar a existência desses espaços e objetos, Eberhardt (2013, p. 94) denotou “que, além da necessidade de fotografar os espaços dos prédios internamente, havia a necessidade de registrá-los como eram utilizados, com suas devidas funções na organização e no funcionamento escolar”. Ou seja, considerando as alterações dos espaços, as modificações nos objetos e nos seus usos, tais registros permitem evocar maquinários ausentes no contexto presente, ou observar a transformação destes ao longo do tempo.

Assim como na subcategoria anterior, esta também se inicia com as fotos no prédio da Faculdade de Educação, que contemplam o período em que o local era compartilhado com o Colégio de Aplicação. Registros dos espaços como corredor

de acesso à secretaria (Fotografia 33), o mobiliário da sala de aula vazia (Fotografia 34), o laboratório de ciências (Fotografia 35) e a sala de material de expediente (Fotografia 36), poderiam indicar uma forma de comprovar o uso dos recursos despendidos com o funcionamento do CA, previstos no Processo nº 04814, de 30/06/1967 (UFG, 1967).

Fotografia 33 – Corredor de acesso lado direito da Faculdade de Educação



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 02, s/d.

Fotografia 34 – Sala de Aula da Faculdade de Educação



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 02, s/d.

Fotografia 35 – Laboratório de Ciências



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 02, s/d.

Fotografia 36 – Sala de material de expediente



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 02, s/d.

Nas fotografias apresentadas, observa-se um cenário de uso adulto, sem a presença de crianças, ainda que outros registros demonstrem a presença de estudantes do ensino de 1º Grau, o equivalente ao ensino fundamental. Esta série fotográfica, com objetos e espaços, sem a presença de pessoas, evidencia a condição de exposição dos objetos como vitrine, o que conforme abordado por Oliveira (2002, p. 68), reforçou um caráter de exibição mágica e misteriosa acerca do universo escolar:

As imagens de salas vazias parecem ser uma possibilidade estética criada a partir da fotografia, influenciada certamente por sua capacidade de documentar os monumentos eleitos pela sociedade. As pinturas, que tratam das instituições escolares em geral mostram imagens de ação, demonstram a prática. Mas as imagens de espaços internos vazios, possibilidade explorada pela fotografia, documentam e direcionam a leitura das possibilidades arquitetônicas e materiais da instituição.

Esse ar místico que envolve os artefatos do passado se faz presente nos museus e perpetua os monumentos na história. Funcionando em espaço próprio, o espaço do CA adquiriu características que denotam as especificidades do público infante juvenil, como se pode observar na Fotografia 37.

Fotografia 37 – Sala de Aula



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 32, julho/1995.

A organização da sala de aula expressa concepções educacionais. Na foto acima, observa-se o uso de cartazes e imagens que remetem a uma proposta de

alfabetização fundamentada na perspectiva do letramento social, que dialoga com o cotidiano dos/as estudantes. De acordo com João Wanderley Geraldi (1995), a construção e o uso da linguagem são um processo de interação social, construído e reconstruído nas relações interpessoais e nos ambientes socioculturais.

A presença e o uso dos cartazes nas salas, ainda expressa os ideais de ensino que pautaram a criação do CEPAE, uma aprendizagem pautada na experimentação dos espaços, nas vivências dos estudantes, o que dialoga com a presença do ensino intuitivo, como afirmado por Oliveira (2002, p. 68): “as vitrines, os cartazes constituintes do museu escolar revelam o *ver* como sentido privilegiado do ensino intuitivo”. Os registros das salas de aula reforçam o comprometimento teórico presente na afirmação de Varizo (2020, p. 49) que enfatizou o compromisso com um ensino que oportunizasse vivências sociais:

Esse cenário, a nosso ver, **nega o ensino tradicional** que visa oferecer ao aluno uma quantidade expressiva de conteúdo, ou seja, o enciclopedismo que apela para a memória. Não é o conteúdo em si que importa, é a **natureza da experiência**, isto é, se esta oferece ou não oportunidade de o educando vivenciar um processo social, melhor dizendo, situações da realidade vivida.

Ao negar o ensino tradicional e defender as experiências vivenciais como formas de aprendizado, percebe-se uma concepção educacional que reconhece e respeita a capacidade reflexiva e criadora das/os estudantes, conforme a pesquisa de Costa (1997) realizada no CEPAE. Esse exercício requer assumir compromisso com um processo de ensino que oportunize situações potencializadoras de apreensão de significado e sentido em diferentes conteúdos e áreas de conhecimento.

Assim como se faz presente na arquitetura externa, elementos do projeto arquitetônico de Caiubi Schultz dialogam com os aspectos educacionais no desenho das salas de aula e demais espaços internos. Medeiros apontou a integração entre luminosidade e visualidade nas salas de aula. As janelas foram confeccionadas com vidro transparente, para que professores/as e alunos/as dispusessem ao máximo de iluminação natural, além de conferir visibilidade ininterrupta à paisagem exterior ao prédio.

Diante do processo de apropriação do espaço, com uso de instrumentos tecnológicos de projeção que demandavam um ambiente com diminuição de luz, optou-se por vedar as janelas, pintando os vidros, rompendo-se com a proposta do projeto arquitetônico, segundo Medeiros (2010, p. 60), de modo que:

Se por um lado **o impedimento da visibilidade da transparência do vidro significa diminuição da luminosidade no interior da sala**, por outro lado, tal impedimento **significa também ausência de integração estética entre interior e exterior** do prédio por meio da transparência do vidro. Assim, podemos perceber que **as discontinuidades promovidas durante a apropriação do espaço** construído pelos seus usuários também **produzem rupturas funcionais e estéticas**. Ainda que a vedação das janelas tenha causado a diminuição do índice lumínico, e, com isso, a consequente instalação de luz elétrica, **há um sentido e um significado impressos nas vivências do espaço da sala de aula que interdita o acesso visual do aluno ao exterior do prédio, e mesmo à cidade lá fora**.

As adequações do espaço modificaram a relação da comunidade escolar com o ambiente, para um fim educacional diferente do pensado por seu projetista. Não é possível inferir se tais alterações podem ser definidas como benéficas ou não, pois diante do processo de apropriação as pessoas transformaram esse espaço conforme suas necessidades como se apresenta na fotografia a seguir.

Fotografia 38 – Sala de aula com vidros pintados

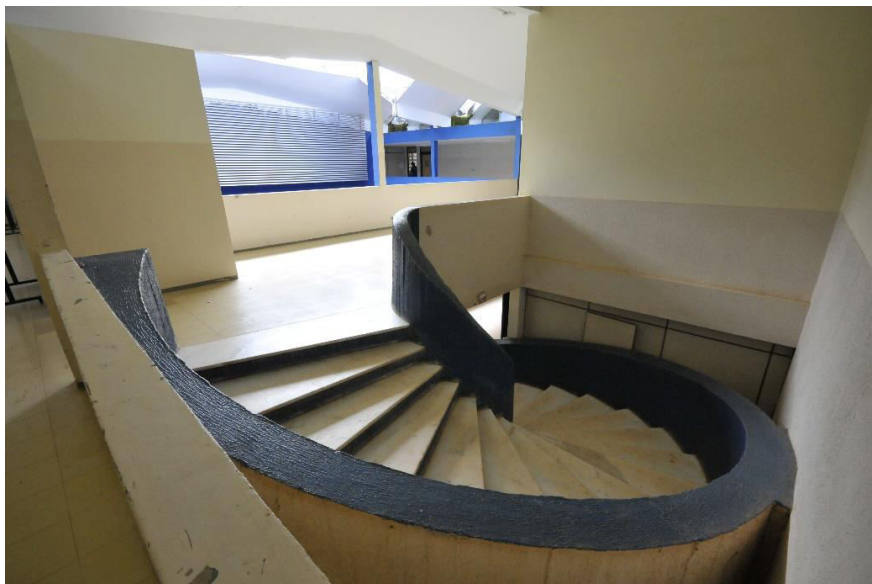


Fonte: Secom UFG, 26/02/2010, Fotógrafo: Carlos Alberto Siqueira.

A foto acima, demonstra a adaptação realizada com vedação dos vidros, mesmo com luz elétrica, a incidência de claridade natural modifica o ambiente, permitindo diferentes usos e apropriações desse espaço. Outro aspecto estético da construção diz respeito a escada de acesso ao segundo piso que, de acordo com

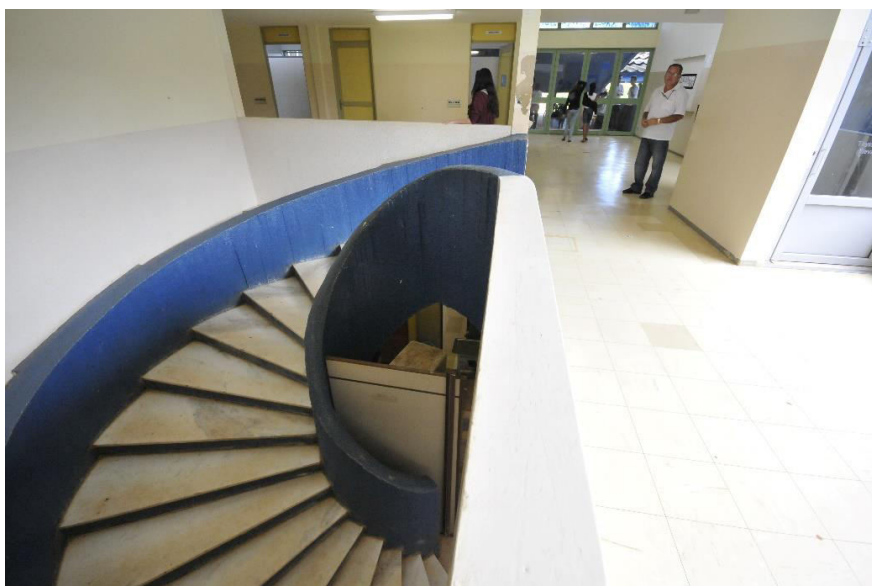
Medeiros (2010), sua posição central no edifício foi planejada como ápice de convergência do conjunto arquitetônico. Como pode ser observada nas Fotografia 39 e Fotografia 40.

Fotografia 39 – Escada do CEPAE



Fonte: Secom UFG, 26/02/2010, Fotógrafo: Carlos Alberto Siqueira.

Fotografia 40 – Escada vista lateral



Fonte: Secom UFG, 26/02/2010, Fotógrafo: Carlos Alberto Siqueira.

A centralidade e a imponência da escada ressaltada pela pedra e o concreto aparente, expressa virtuosidade técnica na elaboração do projeto com o objetivo de “destacar monumentalmente a ideia de “ascensão” como principal produto da atividade educacional” (Medeiros, 2010, p. 52). Para o mesmo autor, a posição

central da escada e seu material construtivo foram definidos não apenas pela beleza, ou por aspectos técnicos, mas com intencionalidade simbólica de representar a promoção espiritual e social promovida pela educação escolar. Assim, a escada seria mais do que um espaço de passagem entre o térreo e o primeiro piso, representaria a materialização de uma concepção do sistema e da prática educacional.

As ideias de Schultz para a concepção do espaço educacional do CEPAE estão alinhadas com uma concepção de educação que se aproxima do projeto de criação da escola, um espaço de livre circulação e aproximação da natureza que propiciasse o aprendizado e a experimentação. No entanto, Medeiros (2010) apontou que houve divergências entre o projeto concebido e a construção final, em parte, pela apropriação dos sujeitos, e pela forma de execução das obras. São diferenças que vão desde o acabamento da escada, que deveria ser totalmente em concreto, tendo sido acrescentada a pedra, até a construção do auditório e disposição de salas.

No caso do auditório foram encontradas várias diferenças do projeto original, o acesso foi modificado e, segundo Medeiros, Schultz afirmou que foi utilizada uma inclinação diferente da especificada, prejudicando a estética, o conforto e a segurança dos usuários, como se pode observar nas Fotografia 41 e Fotografia 42.

Fotografia 41- Atividade no auditório do CEPAE



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 81, s/d.

Fotografia 42 – Atividade no auditório do CEPAE 2008



Fonte: Secom UFG, 31/10/2008.

Mesmo com as críticas do arquiteto o auditório do CEPAE se manteve nessas condições até a reforma realizada em 2017, com adequações de segurança e acessibilidade.

Fotografia 43 – Auditório do CEPAE reformado



Fonte: Secom UFG, Catálogos de Auditórios, disponível em:
https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/84/o/AUDITORIO_UFG-A4-SAMAMBAIA-small.pdf

Este processo reforça as afirmações de Medeiros (2010, p. 60) a respeito das vivências da espacialidade, pois as atribuições de sentidos e de significados nem sempre coincidem com o que foi pré-determinado pelo projeto:

[...] nas vivências da espacialidade, **atribuições de sentido e significado nem sempre coincidem com as atribuições pré-determinadas seja pelo projeto, seja pelo prédio construído.** Percebe-se também que, no nível da apropriação dos espaços construídos, outros sentidos e significados foram impressos pelos usuários do auditório. No arquivo de imagens do C/UGF, **há grande quantidade de fotografias que registram os mais diversos tipos de eventos ocorridos no auditório, indicando a versatilidade do espaço e a aceitação** do usuário para apropriar-se dele nas mais diferentes ocasiões.

Independente das divergências apontadas entre o projeto e a construção, as fotografias demonstram que a comunidade escolar se apropriou do espaço do auditório para diferentes funções, aulas, exposições de filmes, realização de eventos. As fotos documentam, de acordo com Medeiros (2010), que docentes e discentes na medida em que fazem uso do espaço também o modificam, são construtores, e possibilitam formas diferenciadas de experiência estética.

Outro ambiente utilizado de diferentes formas é a biblioteca. A Fotografia 44 apresenta esse espaço ainda na Faculdade de Educação. Assim como os outros espaços, supõe-se que era compartilhado com estudantes da graduação.

Fotografia 44 – Biblioteca da Faculdade de Educação



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 02, s/d.

A biblioteca, localizada no prédio principal, no pavilhão entregue em 1980, não ficou alheia as modificações e apropriações observadas nos demais espaços. No prédio do Campus Samambaia, a biblioteca se diferencia por conter elementos infantis e pelo uso para além de espaço de leitura ou armazenamento e empréstimo de livros, como se pode observar nas Fotografia 45 a Fotografia 48.

Fotografia 45 – Atividade na biblioteca 1994



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 83, novembro/1994.

Fotografia 46 – Biblioteca CEPAE 2003



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 61, outubro/2003.

Fotografia 47 – Balcão da Biblioteca 2011



Fonte: Acervo pessoal, 25/05/2011.

Fotografia 48 – Biblioteca 2017



Fonte: Secom UFG, Fotógrafo: Carlos Alberto Siqueira, 20/09/2017.

Percebe-se que na década de 1990, via Fotografia 45, a biblioteca era uma referência, um lugar de estudos, de produção de conhecimento, um ambiente no qual

acontecia palestras, rodas de leitura e consultas e empréstimos de livros. A Fotografia 46 indica um ambiente de circulação que separava estudantes e demais pessoas do ambiente reservado a organização dos livros com um balcão. Nas imagens, notam-se cartazes pedagógicos somados a elementos lúdicos decorativos que se multiplicam ao longo do tempo nas fotos subsequentes. Este movimento, modificou o espaço, tornando-o atrativo para crianças e adolescentes (Fotografia 48) de todas as idades e graus de escolaridade, o balcão foi substituído por outro que possibilitasse livre circulação e acesso às estantes (Fotografia 47).

Nas fotografias que consideram a temática arquitetura interna e externa observou-se a intencionalidade indicada por Eberhardt (2013) de apresentar os ambientes organizadamente, sem pessoas circulando nesses espaços, ou de forma que a presença destas se manifestasse a mais harmoniosa possível. Esta ausência, conforme destacou a autora, pode dificultar a compreensão do cotidiano escolar historicizado nas imagens, induzindo a questionamentos sobre a ausência de pessoas que fazem parte deste ambiente. Ou ainda, como Oliveira (2002) destacou, contribuir para uma visão mística do espaço escolar, como um lugar destinado a pessoas de um intelecto sagrado, desconsiderando as tensões políticas e econômicas que permeiam o acesso e permanência na escola.

Ainda que prevaleça uma tendência a representar um espaço chamado de harmonioso, há registros que vão na contramão desse paradigma, apresentando interferências, como pichações, ou estragos de mobiliários, como se observa nas imagens abaixo.

Fotografia 49 – Porta de entrada segundo piso acesso via rampa



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 22, s/d.

Fotografia 50 – Banco deteriorado



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 22, s/d.

Mais uma vez evoca-se a estratégia da suposição diante desses registros, que podem indicar presumida tentativa de denunciar o estado de estrago do prédio, a fim de buscar recursos e alternativas de reparo junto as autoridades competentes. Há também a possibilidade de que esse tenha sido um trabalho pedagógico de documentação de perspectivas ou denúncias sobre o ambiente escolar.

São inúmeras as possibilidades dos registros fotográficos que quando utilizados no âmbito didático potencializam-se em diferentes perspectivas. No

próximo tópico a temática contempla as imagens registradas no ambiente da sala de aula na realização de atividades de ensino e rotinas cotidianas.

3. 3 Relações traçadas no ambiente escolar: mais representar e explicar do que contar verdades

As práticas de ensino, ainda que não sejam homogêneas, são retratadas nas fotografias que contemplam situações em sala de aula e outros ambientes, como laboratórios, pátios, quadras e atividades de disciplinas específicas. As fotos do cotidiano referem-se, dentre outras, a situações, como hora do recreio, momento de refeições, visitas, momentos que não demandam um planejamento rígido com tendência a espontaneidade.

Segundo Abdala (2012, p. 132), as fotografias que registram situações de ensino, são representações que sintetizam tanto a atividade docente quanto as relações traçadas entre todas as pessoas que circulam no ambiente escolar. De modo que:

As cenas típicas **informam pedagogicamente** sobre as funções sociais. A cena tem **forte vinculação com a teatralização**, e constitui-se como espécie de alegoria da composição social. Considera-se ainda que, no geral, as cenas **não têm preocupação com a realidade**. A verossimilhança não é necessária, pois o importante é o **conteúdo que vai explicar essa sociedade**. Assim, as imagens estão a serviço mais de representar e explicar do que de apresentar a verdade. (grifo nosso)

As cenas fixadas nas fotografias fornecem informações sobre as relações estabelecidas entre sujeitos(as) sociais e práticas pedagógicas realizadas. A representação não está, obrigatoriamente, conectada à realidade, mas, seu conteúdo consegue explicar o funcionamento social. Segundo Chartier (1988, p.20), a representação é diferente do representado, “é um instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma “imagem” capaz de o reconstituir em memória e de o figurar tal como ele é”.

Nesse sentido, as fotografias dessa categoria, oferecem elementos do ambiente de ensino e do cotidiano escolar que estão ausentes, no tempo presente, foram substituídos, ou retratam pessoas que não frequentam mais a instituição, porém, estão fixados na imagem fotográfica, e por isso capazes de se fazer lugares de memória.

3.3.1 Práticas de Ensino

As fotografias da subcategoria temática de ensino, observam os registros de situação em sala de aula e disciplinas específicas. Nessas situações, é possível observar diferentes relações de estudantes entre si e com docentes em situações diversas para problematizar os discursos transmitidos. Tendem a ser momentos que antecederam um planejamento prévio, relacionado ao currículo e objetivos de ensino.

Fotografia 51 – Sala de Aula anos iniciais



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 102, 1995.

Na Fotografia 51, observa-se a professora⁵⁷ com a turma sentada em pequenos grupos. A classe está decorada por cartazes, utilizados como recurso didático, com figuras retiradas de revistas. O mesmo tipo de recurso se repete no próximo registro:

⁵⁷ Professora N.M.S.G.; optamos por citar o nome de professoras(es) pelas iniciais. Confira no “Apêndice A” a lista com os nomes completos.

Fotografia 52 – Estudantes em pequenos grupos



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 33, 1995.

Essa dinâmica organizacional, em pequenos grupos, ou em duplas se aplica aos anos iniciais do ensino fundamental, nos anos finais e no ensino médio, visualiza-se outro sistema de organização. As turmas sentam-se em fileiras ou, quando necessário, se arranjam em forma de círculo:

Fotografia 53 – Aula de Filosofia



Fonte: Secom UFG, 31/08/2006.

Ainda que se reconheça a não neutralidade do fotógrafo, o elemento comum que une os três registros é a espontaneidade dos estudantes, concentrados em suas atividades ou no docente diante de si. Outra explicação para a aparente harmonia pode ser um direcionamento normativo que demande obediência às normas escolares. Mais uma vez, observamos os dispositivos de poder da teoria foucaultiana, destacados por Paniago (2005), ao reafirmar que na escola, a organização em fileiras, a vigilância constante, a organização das pessoas no espaço, os exames e outras atividades compõe mecanismos de controle dos corpos.

Há de se considerar que existe uma diferença temporal de dez anos entre as Fotografia 52 e a Fotografia 53, que pode influir na organização observada. Ainda assim, observamos que nos anos iniciais há uma organização de ambiente diferente, conforme afirmou Lusinete Vasconcelos de Souza (1995, p. 25):

Na organização da classe, as carteiras eram arrumadas formando grupos, para que os alunos interagissem e dialogassem durante as atividades de leitura e escrita. De modo geral, as crianças tinham liberdade para escolher e os seus pares e constituíam os grupos naturalmente. [...] As paredes da sala estavam sempre enfeitadas com as produções artísticas feitas pelas crianças, além de cartazes com propagandas diversas, obtidos em casas comerciais ou bancas de revistas.

Essa intencionalidade, segundo a autora, tinha por objetivo despertar o interesse das crianças, direcionando-as para atenção nos textos escritos, replicar situações de leitura, contribuir para vivências de aquisição do conhecimento, propiciar oportunidades de interação com diversidades de escrita semelhantes ao seu ambiente de convivência fora da escola. O que reforça a relação da prática pedagógica com as ideias pedagógicas já afirmadas.

Outro aspecto que se destaca são os registros das aulas de Educação Física, a Fotografia 54 e a Fotografia 55, demonstram que os espaços utilizados para as aulas dessa disciplina são os mais variados possíveis: quadra, pátio e dependências fora do prédio escolar.

Outro aspecto que se destaca são as fotos das aulas de Educação Física.

Fotografia 54 – Aula de Ginástica Ginásio FEFD



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 38, s/d.

Fotografia 55 – Vôlei de Balão



Fonte: Acervo do CEPAE, 2005.

Nota-se, neste movimento, a intenção de proporcionar vivências corporais diversas a fim de explorar situações cotidianas capazes de oportunizar aprendizados diversos. A pesquisa de Natália Macedo Nunes (2014) reconheceu a Educação Física como uma disciplina curricular importante para a formação de estudantes no âmbito da comunidade escolar Cepaeana. A autora destacou como eixo central do currículo a prática esportiva, tomando como objetivo a identificação do esporte e de

jogos como prática social, uma oportunidade de vivenciar regras e papéis e contribuir no desenvolvimento social, político, cultural e econômico de estudantes. A professora Lusirene Costa Bezerra Duckur (2003, p. 97) assim reiterou essa organização pedagógica:

O dia-a-dia escolar leva-nos a buscarmos alternativas que ultrapassem o campo das ideias, do discurso, das aulas de história, pura e simplesmente, para as ações práticas e concretas sobre o processo de construção do esporte, isto é, a ideia é simular ações e situações próximas às ocorridas no decorrer do processo de construção dos conteúdos da cultura corporal, embora essa não seja uma indicação feita por nenhuma tendência pedagógica da Educação Física.

A diversidade dos registros, reforça a proposta de uma prática pedagógica pautada em experiências diversificadas, tanto em conteúdo, quanto em espaços. Outros registros apontam para essa proposta didática, que se aplica não só na disciplina de Educação Física, mas também em outras áreas do saber. São práticas realizadas em espaços diferentes da sala de aula, evidenciando a apropriação do pátio, a presença de pessoas externas convidadas a compartilhar conhecimentos, o uso de instrumentos musicais, e também de plantas, frutas e outros elementos retirados da natureza a fim de propiciar vivências de construção do conhecimento como indicam a Fotografia 56 até a Fotografia 61.

Fotografia 56 – Aula no Pátio com temática de povos originários



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 38, s/d.

Fotografia 57 – Aula de Artes com convidada



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 52, s/d.

Fotografia 58 – Aula com o Cartunista Jorge Braga



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 38, s/d.

Fotografia 59 – Aula de música com teclado



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 71, s/d.

Fotografia 60 – Aula de Música com instrumentos



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 74, setembro/1990.

Fotografia 61 – Aula sobre alimentos naturais e plantas



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 38, s/d.

Essa sequência fotográfica, reitera o uso de espaços diferenciados e específicos, como a sala de música, quadra, pátio, auditório, etc. Dialoga com a categoria da arquitetura escolar, uma vez que, demonstra a comunidade escolar se apropriando dos espaços com múltiplas finalidades. Observamos o uso de recursos diversos, como cartazes, plantas, instrumentos musicais, modelos anatômicos, bolas, retomando os múltiplos usos dos artefatos escolares na construção do conhecimento.

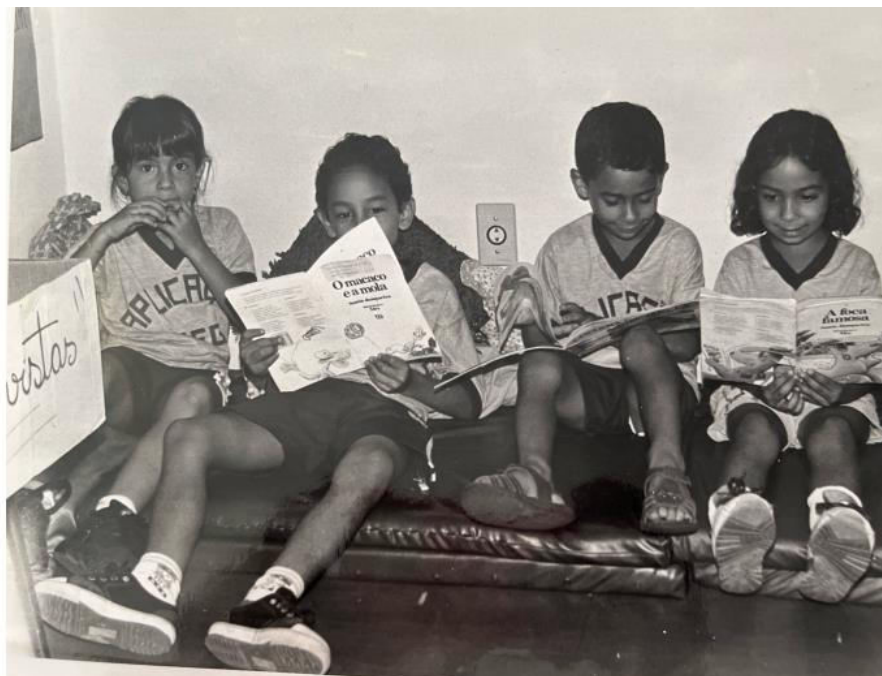
As fotografias, denotam alternância de momentos individuais e coletivos, demonstrando uma abordagem pedagógica ora individualizada, ora socializada, indicando um ensino pautado em experiências constituídas de vivências e valores que entusiasmam o aprendizado. Há também, situações que não se enquadram no planejamento didático, as ações do cotidiano que serão apresentadas no próximo tópico.

3.3.2 Formação intelectual, cultural e cidadã: imagens do cotidiano

Observa-se nesse conjunto de fotografias registros de situações do cotidiano escolar que se repetem, como o momento das refeições, o recreio, situações de

leitura e execuções de projetos. São atividades que demonstram espontaneidade e menor direcionamento, como se observa nos registros dessa subcategoria temática.

Fotografia 62 – Crianças em momento de leitura



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 102, 1995.

Fotografia 63 – Estudantes Anos Iniciais retirando livros na biblioteca



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 103, outubro/1996.

A Fotografia 62 e 63 destacam situações de incentivo à leitura, realizadas na biblioteca que, de acordo com Guida (2018, p. 31) é uma responsabilidade da instituição educativa ofertar para estudantes livros e condições de apreciação do

hábito de ler no ambiente escolar, haja vista “[...] o quanto a leitura literária é importante e imprescindível para o aprendizado e formação intelectual, cultural e cidadã dos jovens”. Os registros apresentam diferentes situações de frequência nas atividades executadas na biblioteca em que se observa demonstração de satisfação e interesse no ato executado.

Fotografia 64 – Equipe da biblioteca organizando o acervo



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 04, s/d.

A Fotografia 64 apresenta trabalhadoras da biblioteca organizando o acervo, função primordial para manter as atividades do local. No acervo, observamos que são contemplados nos registros em maior número a presença de docentes e estudantes, em contraposição às demais pessoas que compõem o quadro de trabalhadores do CEPAE. Uma das hipóteses estabelecidas é o fato do primeiro grupo se apresentar em maior número, ou estarem à frente das atividades de ensino, seja na organização ou como público-alvo.

Faz-se necessário reconhecer que, para realizar as atividades pedagógicas, há um conjunto de pessoas que trabalham para este fim, organizando espaços, prestando diferentes serviços, recebendo os estudantes ou preparando a merenda escolar. Pessoas de diferentes empresas terceirizadas ou técnicos/as administrativos/as em cargos vinculados ao efetivo da união. São pessoas fundamentais que executam atividades diárias essenciais ao funcionamento da

escola, que escapam, ou não são incluídas no recorte das fotografias. Essa lacuna permite outro estudo que posteriormente faremos, pois trata de visibilizar e invisibilizar grupos no ambiente escolar, por meio do lugar que ocupam.

Na sequência, observamos dois instantes que quase se misturam o recreio e o momento das refeições.

Fotografia 65 – Recreio



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 41, s/d.

Fotografia 66 – Estudantes anos iniciais organizando lanche



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 51, julho/1996.

Nas fotografias acima destacamos o recreio e o lanche, uma oportunidade de socialização para estudantes, que apresenta organização diferente para anos iniciais e anos finais do ensino fundamental e médio. Para os anos iniciais, do 1º ao 5º ano, o lanche é ofertado em sala de aula, servido por docentes antes do recreio. Nos anos finais, 6º ao 9º ano, e no ensino médio é oferecido durante o recreio, sendo responsabilidade de cada estudante retirá-lo no balcão do pátio com a equipe de alimentação e nutrição escolar.

A escola conta com uma ampla área verde, que pode ser utilizada nesse momento, porém, a maioria dos estudantes dos anos finais e ensino médio se concentra no pátio coberto, próximo ao local onde as refeições são servidas como demonstra a Fotografia 64. As crianças dos anos iniciais são separadas por um uma cerca de alambrado e não se misturam com estudante maiores durante o recreio.

Por fim, vemos na Fotografia 65, um exemplo de oportunidade de usar o momento do lanche como trabalho pedagógico. As crianças foram envolvidas no preparo do que parece ser uma salada de frutas, demonstrando que tudo que é feito no ambiente escolar pode ser transformado em atividade de aprendizado.

Na Fotografia 67 observamos as professoras S.S.C. e M.F.T.B. numa demonstração lúdica. Não foi possível, na entrevista com a primeira educadora a compreender a origem desse registro, que foi feito na biblioteca, identificada pelo balcão vermelho e pelas portas amplas ao fundo direito.

Fotografia 67 – Apresentação lúdica de professoras



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 59, julho/1996.

A foto indica a apropriação dos espaços para uso diversificado, o lúdico como instrumento didático para fins de ensino, demonstrando disponibilidade das professoras em recorrer a diferentes materiais para alcançar os objetivos propostos nos projetos realizados.

Fotografia 68 – Saúde Geral Avaliação Otorrino Laringológica



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 62, s/d.

Fotografia 69 – Saúde Odontológica: escovação e bochecho com flúor



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 63, setembro/1995.

A Fotografia 68 é uma das poucas com referência de registro, com a seguinte anotação no verso: “Saúde Geral Avaliação Otorrino Laringológica”. A Fotografia 68 integra um conjunto no qual consta a seguinte observação “Saúde Odontológica: escovação e bochecho com flúor (Estágio Curricular Supervisionado)”. Vale ressaltar que o CEPAE foi criado para ser um campo de estágios curriculares das licenciaturas da UFG, porém passou a receber práticas de outros cursos como Nutrição, Psicologia e outros.

Esses registros indicam abertura da escola em incluir em suas atividades espaço para outros cursos, que não são licenciaturas, realizarem atividades de extensão com a comunidade escolar, levando estudantes, nesse caso em específico, projetos de cuidado com a saúde. Reforça uma variação no que tange aos projetos desenvolvidos, contemplando propostas de docentes da escola e de outras unidades da UFG.

O universo do cotidiano escolar é repleto de atividades, as fotografias elencadas são um recorte da diversidade presente no CEPAE, com seus projetos, propostas educacionais e singularidades como visibilidades e invisibilidades do coletivo da escola. Evidenciam, situações de ensino aprendizagem, sejam elas planejadas, ou não.

No próximo tópico apresentaremos registros de eventos, uma categoria que emerge dos momentos de ensino, promovendo situações de interação com a comunidade.

3.4 Dentro e fora da escola: sociabilidades e aprendizagens

Essa categoria diz respeito aos registros que contemplam relações estabelecidas com a comunidade escolar e a sociedade goiana. Os eventos incluem festas calendarizadas, encontros de professores(as), jogos, culminância de projetos e outros movimentos pedagógicos, sociais, festivos, comemorativos, etc.; que marcam a relação com as famílias e autoridades. Os eventos externos se referem a atividades realizadas fora da escola, em diálogo com as propostas de conhecimento da instituição, uma possibilidade de visibilidade das ações que ficam restritas a comunidade cepaeana.

Esses momentos se inserem na cultura escolar e, de acordo com Abdala (2013, p. 158) “[...] configuram-se como parte significativa do processo de escolarização, pois a preparação e a realização das festas escolares podem oferecer oportunidades para trabalhar preceitos morais e conteudísticos”. Ou seja, o planejamento para estes momentos concentra um potencial formativo, que segundo a autora, pode se desdobrar em outras atividades. Nesse sentido, os registros dessas festividades, além de preservar a memória pessoal na trajetória escolar, também documenta o fazer educacional de cada tempo histórico.

Do ponto de vista da relação entre fotógrafo/a e evento, Sontag (2004, p. 12) afirmou que “[...] tirar fotos é um evento em si mesmo”, a onipresença das câmeras em determinadas situações elege aquele momento a categoria de memorável, algo digno de ser fotografado, independentemente de seu conteúdo. Segundo a autora, esse ímpeto em registrar tem o propósito de apresentar a existência da foto, que se torna a responsável por conferir ao acontecimento um tipo de imortalidade, ao *sobre-existir* a realidade e a efemeridade do mundo.

No que diz respeito a realização dos eventos em si, Abdala (2013) definiu que são compostos por três momentos o *pré-evento*, o *evento* e o *pós-evento*. O primeiro é dedicado à organização e planejamento, o segundo a realização do que foi preparado, e por fim o último, é o período após o evento no qual se tem uma reorganização do espaço, uma avaliação das atividades que se desenvolveram, sendo este também o momento para guarda de tudo que foi produzido como memória dos acontecimentos. Para a autora, os registros fotográficos se fazem presentes em todas as etapas do evento, documentando a presença dos convidados e autoridades, reforçando o caráter formal das atividades e sua importância para comunidade escolar.

3.4.1 Celebrações pedagógicas: eventos escolares

Os registros de eventos escolares são aqueles promovidos e realizados no âmbito do espaço da escola, tais como; festas, projetos, encontro de professores, jogos, reuniões e outros. Segundo Abdala (2013, p. 150) são momentos de visibilidade e exposição do trabalho pedagógico, nos quais os registros fotográficos atuam tanto como material expositivo, quanto lugar de memória. A mesma autora destacou que os eventos carregam em si uma característica de celebração de momentos considerados excepcionais, haja vista que:

A escola é, por excelência, **o lugar onde se aprende a comemorar** as datas cívicas, históricas e, inclusive, as religiosas. Para a comemoração, é preparada e oferecida aos alunos e aos seus familiares uma programação composta de ações próprias do universo escolar, tais como apresentação de coral, exposição de trabalhos infantis, apresentações teatrais, muito frequentemente registradas sob a forma de fotografias. Numa retrospectiva histórica, o sentido da comemoração **e, numa perspectiva mais ampla, o próprio sentido de comemorar e as representações** que esse tipo de ação engendra no âmbito do universo escolar, particularmente na produção de conjuntos de representação, como é o caso do álbum fotográfico, foram registrados e preservados como momentos excepcionais.

Os registros fotográficos demonstram o papel social da escola no que tange ao aprendizado das práticas comemorativas históricas, cívicas e religiosas. São as primeiras celebrações sociais nas quais as crianças se inserem, fora do ambiente familiar, conforme demonstrou o trecho acima. No CEPAE, as fotografias enfatizam a realização dos seguintes eventos escolares: mostra de trabalhos pedagógicos e científicos, realização de sorteio de ingresso, reuniões com presença de famílias, festas e reuniões de docentes.

As Fotografias 70 a 73 contemplam os registros das chamadas mostras pedagógicas, situações em que projetos de ensino, ou extensão, realizados na escola, resultaram na realização de eventos, como: oficinas, feiras científicas, lançamento de livros e outros momentos que receberam diferentes nomes. Segundo as pessoas entrevistadas, eram realizados uma vez ao ano. Nessas ocasiões, havia atividades ora reservadas para estudantes da instituição, ora abertas para a comunidade.

Fotografia 70 – Oficina de modelagem



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 05, s/d.

Fotografia 71 – Mostra Pedagógica: capoeira e cultura afro-brasileira



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 05, s/d.

Fotografia 72 – Estudantes usando microscópio em exposição



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 23, 2002.

Fotografia 73 – Lançamento da Coleção Gwaia



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 30 – verso da foto lançamento coleção *Gwaia* de literatura infanto juvenil, s/d.

Observamos na série acima, a realização de diferentes atividades que possibilitam a comunidade escolar contato com diferentes manifestações artísticas e culturais, algumas delas nem sempre contemplada no currículo obrigatório da época, como a cultura afro-brasileira. Já a exploração de instrumentos como o microscópio, integrava o ensino, e a pesquisa científica no Projeto Político Pedagógico de Curso do CEPAE (UFG, 2018).

Outro momento realizado simultaneamente às feiras científicas eram as apresentações culturais, adicionadas a programação dos eventos na abertura ou encerramento das atividades. Nas entrevistas realizadas as pessoas relataram que apresentações com instrumentos, coral de docentes ou estudantes, e, contação de histórias eram práticas realizadas com maior frequência. Em algumas ocasiões estudantes da graduação da UFG ou convidados/as externos/as se apresentavam conforme os registros a seguir:

Fotografia 74 – Coral de docentes do CEPAE



Professores (as) do coral: 1) T.O; 2) E. F. O. P.; 3) S.S.C; 4) L. R. S.; 5) D. S. A.; 6) M.A.G.S.B.; 7) A.F.S.; 8) A. H. S. e 9) M.V.L.

Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 23, 2002.

Fotografia 75 – Apresentação Musical



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 23, 2002.

Fotografia 76 – Professora tocando teclado



Legenda: 1) Professora T.O.

Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 73, outubro/2003.

As Fotografias 77 e 78, registram eventos esportivos que receberam denominações variadas conforme a intencionalidade dos organizadores, ora jogos internos e/ou externos, ora festival de cultura corporal, campeonatos esportivos, etc. Em sua maioria integravam o currículo da disciplina de Educação Física, sendo sua organização realizada por docentes dessa área de ensino, porém houve momentos em que estudantes, em especial os mais atuantes no grêmio e nos anos finais do ensino médio, também se envolviam na iniciativa desses eventos.

Fotografia 77 – Futebol de sabão



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 73, outubro/2003.

Fotografia 78 – Roda de Capoeira



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 72, outubro/1990.

Fotografia 79 – Jogos 2005



Fonte: Acervo do CEPAE, Jogos CEPAE 2005, 11 de junho de 2005.

Na ocasião dos eventos esportivos havia premiações com medalhas, troféus e brindes arrecadados de patrocinadores. Os registros chamam atenção para a presença de estudantes de diferentes idades, demonstrando que a programação

contemplava estudantes dos anos iniciais ao ensino médio. Percebemos mais uma vez, na Fotografia 77, a integração com a cultura afro-brasileira, no que diz respeito a prática de capoeira. Uma possibilidade de inserção e discussão de temáticas necessárias a formação do público estudantil, vivenciada de maneira lúdica e participativa.

Os registros 80 e 81, contemplam a realização de apresentações natalinas. Como já afirmado no capítulo anterior, e como observado no Projeto Político Pedagógico de Curso do CEPAE (UFG, 2018), a disciplina de Ensino Religioso não consta na matriz curricular da escola como disciplina obrigatória, é um tema estudado no diálogo com os diferentes campos do saber científico.

Como discutido no capítulo anterior, o CEPAE não pode ser considerado uma escola integralmente laica, mesmo que se note a ausência da disciplina curricular de ensino religioso, e a realização de projetos paralelos, tais como grupos de oração em suas dependências. As fotografias da sequência confrontam a laicidade que deveria predominar no espaço público.

Fotografia 80 – Coral Natalino



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 08, s/d.

Fotografia 81 - Musical Natalino

Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 12, dezembro/1996.

As fotografias, assim como as entrevistadas N.M.G.S, E.B.T.R. e T.O., confirmaram que, as celebrações de datas comemorativas, como natal, páscoa, Dia das Mães e outras, eram parte do currículo e das atividades da escola, conforme se observa nos registros das apresentações natalinas, no contexto das fotos localizadas. Esses registros evidenciam que em determinados momentos do passado, foram realizadas atividades vinculadas a expressões religiosas cristãs, reafirmando sua presença no contexto escolar, como já registrado⁵⁸.

Na sequência, observamos que as Fotografias de Fotografia 81 e Fotografia 82 contemplam a realização da Festa da Chuva, um projeto destinado à educação ambiental que culminava no plantio de sementes no início da estação chuvosa. Não foi possível levantar quem era o responsável pelo projeto. A professora E.B.T.L. relatou na entrevista que ao assumir a direção, este já era realizado, de modo que, em sua gestão, ela deu continuidade e apoio às ações desenvolvidas. Segundo a ex-diretora, os balões lançados eram doados por uma pesquisadora externa, feitos de material biodegradável. O projeto visava contribuir com políticas de reflorestamento do Campus Samambaia, em ações coordenadas com apoio da administração superior.

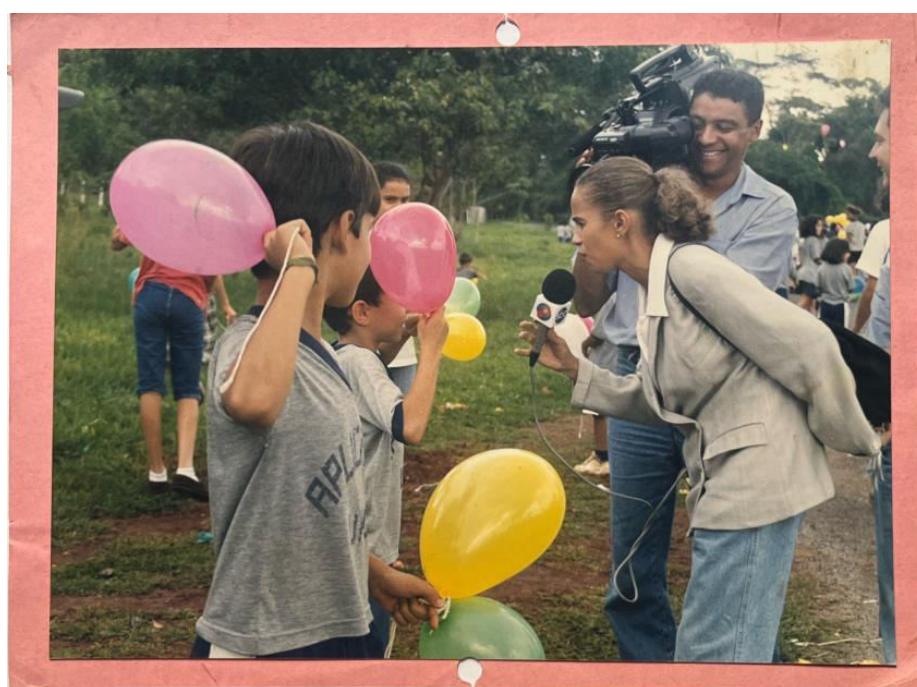
⁵⁸Discutimos sobre essas expressões no capítulo 2, no tópico: 2.3 Esquecer impede de acessar os guardados da memória.

Fotografia 82 – Festa da Chuva



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 41, s/d.

Fotografia 83 – Festa da chuva: entrevista com reportagem de TV



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 41, s/d.

As imagens demonstram que havia adesão de estudantes ao projeto. A cobertura de um canal de TV aberta na foto 83, sinaliza que este projeto, além de mobilizar a comunidade escolar, era uma oportunidade de dialogar com a sociedade

goiana sobre temas relacionados ao conhecimento na universidade, conferindo visibilidade aos projetos desenvolvidos nesse espaço.

Conforme informado anteriormente, desde 1988, o CEPAE adotou como forma de ingresso o sorteio público, ocasião que promovia interesse da comunidade externa, pois se trata de uma ação que garantiria, ou não, uma vaga na escola. Um momento que envolvia docentes, pessoal do quadro administrativo, a comunidade escolar e principalmente a sociedade civil interessada em acessar vagas na escola. A sequência de fotografias da Fotografia 84 a 87 contempla esses momentos.

Fotografia 84 – Sorteio 1



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 54, s/d.

Fotografia 85 – Sorteio 2



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 54, s/d.

Fotografia 86 – Sorteio: público



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 54, s/d.

Fotografia 87 – Sorteio: mesa



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 54, s/d.

As quatro primeiras fotos demonstram como era realizado o sorteio até o ano de 2020. De acordo com o número de inscritos para cada turma eram fixados diante dos globos, o valor de lugar corresponde a cada um, centena, dezena e unidade. Eram convidadas pessoas do público, que assinavam a ata de presença para girar cada globo e retirar os números, formando número do candidato, que era conferido na lista e anunciado por quem apresentava o sorteio. Geralmente, era uma pessoa da direção que presidia os trabalhos, a partir de 2020, o sorteio passou a ser realizado via software eletrônico e desde 2021, em razão da pandemia de Covid-19, a transmissão ocorre de forma *on-line*.

Ainda que no ato da realização do sorteio, a presença não fosse obrigatória, as quatro imagens demonstram concentrar muitas pessoas para acompanhar o processo, proporcional ao número de pessoas inscritas. No ano de 2015, por exemplo, houve 5.012 inscritos, em 2020 teve 2.571 inscrições. A cada ano observam-se flutuações que podem ser em decorrência das alterações do calendário escolar ou outras eventualidades.

Não é possível nas imagens reconhecer em que local foi realizada essa edição do sorteio. Não há registro no conjunto fotográfico indicando ano e local de realização, e, ao se comparar com as fotos da arquitetura do CEPAE percebe-se que o auditório utilizado difere do único auditório localizado no prédio da escola. Assim como o CEPAE, os demais prédios da universidade passaram por alterações, dificultando a identificação desse espaço. Percebemos que diante do crescimento

do público que acompanhava o sorteio, outras estratégias foram adotadas, como a realização desse evento no pátio (Fotografia 88), com disposição de carteiras escolares para o público.

Fotografia 88 – Sorteio: pátio



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 67, s/d.

A Fotografia 89, apresenta o acréscimo de um telão disponibilizado para acompanhar a lista de sorteados em tempo real, prática que, posteriormente, passou a ser usada no sorteio eletrônico. Nota-se que as modificações tecnológicas e estratégicas nos procedimentos adotados, acontecem com a experiência acumulada, avanços e acesso à tecnologia.

Fotografia 89 – Sorteio 2017



Fonte: Acervo do CEPAE, 02/02/2017.

A participação no sorteio presencialmente era uma forma de abrir as portas da escola para a comunidade externa e proporcionar contato das famílias com o ambiente do CEPAE. Nessas ocasiões, enquanto as famílias acompanhavam os procedimentos do sorteio, as crianças brincavam no parque e na quadra.

Outra oportunidade de socialização eram as reuniões das famílias, denominadas de “reunião de pais”, ainda que fossem as mães as que compareciam em absoluto maior número. Havia, e ainda há, as reuniões calendarizadas para entrega de boletins e acompanhamento do desempenho escolar, porém não foram localizados registros fotográficos dessas atividades. Os 90 e 91 apresentam uma dessas ocasiões. As pessoas entrevistadas reconheceram a presença de alguns estudantes entre o público:

Fotografia 90 – Reunião com pais e docentes



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 44, s/d.

Fotografia 91 – Reunião com pais e docentes



Legenda: 1) G.M.V.L.S.; 2) C.M.F.A.; 3) S.S.C.; 4) A.H.S.; 5) E.B.T.R.; 6) T. M. S.F.M.
 Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 44, s/d.

Ao entrevistar A.H.S.; A.F.S., S.S.C. e E.B.T.R. não foi possível identificar a natureza da reunião registrada, porém, diante da faixa fixada ao fundo, foram unânimes em supor que poderia se tratar de uma reunião do Círculo de Pais e Mestres (CPM), atualmente Associação de Pais e Mestres (APM)⁵⁹. O professor A.H.S. foi presidente do grupo e tesoureiro durante o período em que teve filhos(as) como estudantes na escola, reforçando a suposição de que a reunião seria uma iniciativa da CPM/APM.

As fotografias 92 a 94 contemplam três os registros em ocasiões diferentes de festas juninas, tradição brasileira que segundo Max L. M. Pina, Gleiciene F. M. Borges e Maria da Piedade S. L. Oliveira (2017, p.138), foi agregada como uma manifestação cultural presente em todo território nacional, afirmando que, esse tipo de evento “tornou-se uma mistura cultural, por reunir e unir uma variedade de práticas sociais e elementos simbólicos tais como: míticos, rurais, urbanos, tradicionais, modernos, sagrados, profanos, em que as significações se unem umas às outras”.

⁵⁹ De acordo com o Estatuto da Associação de Pais e Mestres do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás, APM/CEPAE/UFG (2007), esta entidade foi fundada em 04 de agosto de 1995, sob forma de pessoa jurídica de direito privado, constituída como associação civil sem fins lucrativos, de duração indeterminada, apresentando estatuto, CNPJ, e diretoria independente.

Fotografia 92 – Festa Junina 1996



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 52, novembro/1996.

Fotografia 93 – Festa Junina 1999



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 58, 1999.

Fotografia 94 – Festa Junina Country



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 66, 1999.

O território brasileiro é vasto, complexo e dotado de regionalidades, no entanto, existem elementos comuns nas festas juninas. De acordo com Pina *et. al.* (2017): a fogueira, características religiosas como santos/as católicos, a origem rural, roupas de estampas floridas e xadrez, chapéu, o casamento matuto e a culinária que privilegia alimentos como milho e a mandioca. A dança de quadrilha é considerada a atração principal dessas festas.

As fotografias reforçam elementos culturais que permanecem ao longo do tempo, com variedade de estilo, haja vista que na foto 94 se apresenta um estilo sertanejo urbanizado, ou *country*, com uso de calça jeans e camisa para ambos os gêneros. É um contexto no qual se faz presente a relação família e escola, tanto na presença quanto na organização do evento, pois há registros de barracas de vendas de alimentos, de jogos e o acompanhamento dos familiares que assistem e registram as apresentações.

A Fotografia 93 apresenta uma “foto da foto”, uma pessoa de cada lado faz um registro fotográfico ao mesmo tempo. O brilho do flash de uma das câmeras foi captado e a luz artificial se posicionou na imagem, saturando-a e invisibilizando quem fazia uma das fotografias.

As imagens captadas na festa escolar reforçam o lugar de memória afetiva, como afirmado por Sontag (2004) ao descrever a fotografia como um passatempo difundido socialmente, utilizado por indivíduos para celebrar seus feitos e estimar

seus registros. Muitas vezes, não importa o conteúdo, mas a relação de afeto que se estabelece com a foto realizada.

Outro exemplo de celebração no CEPAE é a Festa da Família, uma reunião de confraternização, que até o ano de 2019 ocorria ao final do ano letivo com organização da direção e da APM, conforme registra a Fotografia 95.

Fotografia 95 – Festa da Família 2016



Legenda: Presidente da APM, A.N.F.

Fonte: Secom, Festa da Família, Fotógrafa: Camila Caetano, 17/12/2016.

Na imagem acima há o envolvimento da APM na organização e execução do evento. Diferentes pessoas trabalham para que essa festividade aconteça e cada uma desempenha algum papel neste evento, a direção coordena, o serviço de nutrição elabora o cardápio e prepara os alimentos, a APM cuida da venda de tickets, compra os mantimentos e auxilia nas atividades que forem necessárias.

A equipe docente aproveita o momento para realizar mostras pedagógicas que demonstrem a conclusão dos projetos desenvolvidos ao longo do ano letivo⁶⁰. Além de ser um momento de arrecadar fundos⁶¹ com a venda de alimentos, esse é um momento de confraternização, diálogo, apresentações culturais e celebração do

⁶⁰ Em algumas situações o ano letivo pode se desvincular do ano calendarizado em razão de intercorrências, porém a festa da família é celebrada sempre no encerramento como último dia letivo, ou nos últimos dias de atividades, num sábado.

⁶¹ As receitas da APM são destinadas a cobrir eventualidades demandas pela família e pela escola, sendo apresentadas a direção, bem como a comunidade por meio de prestação de contas conforme preconiza o seu estatuto (APM/CEPAE/UFG, 2007).

encerramento de um ciclo. Desde 2020, após a pandemia ocasionada pelo vírus SARS-CoV-2, essa atividade foi suspensa e não retomada no calendário escolar.

As fotografias de 96 a 98 registram uma reunião entre docentes. Esse conjunto documental não apresenta registro de ano, nem caracterização do evento, não foi possível identificar se apenas docentes e discentes se fazem presentes, ou se há membros da comunidade externa.

Fotografia 96 – Reunião no hall de entrada.



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 69, s/d.

Fotografia 97 – Professora em uso da palavra



Legenda: 1) Professora M.P.E.F.F.

Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 69, s/d.

Fotografia 98 – Troca de presentes



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 69, s/d.

Na Fotografia 96, aparece o professor L.J.M. falando ao microfone. Ele exerceu dois mandatos como diretor, o primeiro entre os anos 1986-1990 e outro entre 1994-1997. Na imagem Fotografia 96, as pessoas entrevistadas identificaram a professora de Artes M.P.E.F.F., que também aparece fazendo uso da palavra. O microfone demonstra a necessidade de comunicar-se com um grupo maior, conforme observamos o público ao redor.

Observa-se também nas duas últimas imagens arranjos de flores, que na Fotografia 97 aparenta ser entregue a uma estudante, indicando uma espécie de premiação, porém, não foi possível acessar mais informações acerca do momento registrado.

As Fotografias 99 e 100 também indicam uma reunião docente, desta vez sem a presença de estudantes. É possível ver as professoras Z.D.A. e M.S.C. segurando arranjos de flores, diante de uma mesa com alimentos e demais pessoas reunidas.

Fotografia 99 – Docentes em reunião



Legenda: 1) Z.D.A.; 2) M.S.C.; 3) N.M.G.S.

Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 55, novembro/1996.

Fotografia 100 – Abraços e despedidas



Legenda: 1) A.F.S.

Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 55, novembro/1996.

Nas entrevistas, A.F.S.; S.S.C. e N.M.G.S, não identificaram o teor da atividade, porém indicaram a possibilidade de ser um evento de despedida de docentes se aposentando. Podemos especular isso pelos abraços na foto 100 que indica um clima de encerramento. Outra sequência fotográfica que não foi possível identificar a natureza foram os registros 101 e 102.

Fotografia 101 – Reunião Março 2000



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 35, março/2000.

Fotografia 102 – Reunião Março 2000



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 35, março/2000.

A data de registro da fotografia, no canto inferior esquerdo indica o mês de março, podemos intuir a possibilidade de uma comemoração ao dia internacional da mulher, data em que era, e ainda é, comum presenteá-las com flores e reservar momentos de destaque nas programações institucionais. Ainda que haja a possibilidade de ser uma coincidência, mais uma vez, percebe-se o quanto datas calendarizadas encontram-se enraizadas culturalmente no contexto escolar, e que o CEPAE não foge dessa regra.

Em outro evento promovido pela instituição, reuniu diferentes gerações de pessoas que trabalharam na escola, com destaque para o registro de mulheres que ocuparam o cargo de direção. As fotografias 103 e 104 datam de dezembro de 1998, no ano em que o CEPAE completou trinta (30) anos de funcionamento.

Fotografia 103 – Ex-diretoras e trabalhadoras do CEPAE



Legenda: 1) Z.C.M.V.; 2) Z.D.A.; 3) M.B.M.; 4) M.P.E.F.F.; 5) M.S.C.; 6) M.F.A. e 7) C.V.
Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 106, dezembro/1998.

Fotografia 104 – Ex-Diretoras e ex-professoras do CEPAE



Legenda: 1) M.A.C.Z.; 2) E.B.T.R., 3) M.P.E.F.F. e 4) S.A.M.C.

Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 106, dezembro/1998.

Esse conjunto de registros evidencia que celebrar marcos temporais de existência se faz necessário no processo de constituição da história institucional do CEPAE. Fez-se necessário evocar a trajetória de pessoas que trabalharam na escola para tentar compreender parte da história e compartilhá-la com quem não viveu esse contexto, daí a ligação do novo com o passado. E.B.T.R., à época em seu primeiro mandato, aparece com ex-diretoras e outras pessoas que exerceram em algum momento posições de gestão na escola.

De acordo com Hobsbawm (1998), todas as pessoas constroem algum tipo de relação com o passado, seja para negá-lo, seja para valorizá-lo enquanto normativa para o presente, de modo que, não é possível esgotar os usos sociais do passado. Nesse sentido, vale pensar, ao celebrar as três décadas da escola, se estariam à foto, e se enaltece o modelo de gestão das professoras presentes no registro, em uma expressão de poder, por serem inúmeras as possibilidades de olhar para o passado.

Diante dos registros fotográficos dos eventos escolares internos, nota-se a adesão e participação de docentes, estudantes, familiares e convidados(as) externos/as à comunidade escolar em diferentes situações, o que seria uma forma de atestar o sucesso do evento de acordo com Abdala (2013, p. 161): “os registros fotográficos dos eventos, evocando **o caráter documental e irrefutável** da

fotografia como testemunho do real, focam frequentemente a assistência, buscando a comprovação visual de que o evento foi bem-sucedido”.

As fotos, além de registrar o momento, poderiam expressar uma prova de realização do que foi planejado, executado, da participação do público e de sua adesão. A mesma autora (p. 158) reiterou que as festas e comemorações são parte intrínseca do calendário e da cultura escolar, portanto:

Representam, assim, um **caráter pedagógico inegável e propício** a outros desdobramentos, por exemplo, o seu registro por meio de fotografias, com o intuito de preservar esses momentos de campos de memória pessoal da trajetória escolar.

Dessa forma, concluímos que as fotografias do CEPAE registraram momentos de educação presentes no cotidiano escolar que se constituíram em momentos de formação fora da sala de aula, em um ambiente festivo e lúdico, que emergem de práticas culturais na qual a escola está inserida. Além de promover aprendizagem de conteúdos, incitam o desenvolvimento de habilidades sociais por meio do trabalho coletivo, se tornando também momentos de memória pessoal afetiva.

No próximo tópico, apresentaremos os registros dos eventos externos, e as relações da escola nos espaços fora das edificações do CEPAE ao longo do tempo.

3.4.2 Projetos que se encontram: eventos externos

Os eventos escolares dessa subcategoria se diferenciam por acontecerem em espaços diferentes do prédio escolar localizado no Campus Samambaia. São situações que indicam possibilidades de como a comunidade escolar se relacionou com a sociedade goianiense em diferentes circunstâncias, como manifestações sociais, apresentações, projetos de formação, etc.

A primeira sequência contempla as Fotografias 105 a 108, são registros da participação de estudantes do CEPAE, no movimento *Fora Collor*⁶² em Goiânia identificados pelo uniforme azul-claro com o desenho da “corujinha”⁶³. De cara

⁶² O movimento *Fora Collor* foi uma resposta da sociedade civil, que pressionou o legislativo durante o processo de *Impeachment*, no qual os jovens foram projetados como um grupo de destaque e mobilização por pintarem seus rostos com tintas da cor da bandeira nacional. Para mais informações acerca da participação da juventude nesse movimento indicamos a tese de Claitonei de Siqueira Santos (2020) “*Veja o que a Veja fez: o jogo de ocultamento dos jovens nas manifestações de 1992*”.

⁶³ De acordo com Thomas Bulfinch (2002), a coruja era o animal preferido da deusa da sabedoria, Minerva, ou Atena para os gregos, sendo associada ao conhecimento, filosofia e educação. No entanto não localizamos informações que justificassem a adoção desse símbolo no uniforme do CEPAE.

pintada, ou não, ocupam lugares na Praça Cívica (Monumento das Três Raças) e caminham pelas ruas de Goiânia com adolescentes e jovens de outras instituições.

Fotografia 105 – Fora Collor



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 46, s/d.

Fotografia 106 – Caminhada fora Collor



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 53, s/d.

Fotografia 107 – Estudantes em grupo



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 53, s/d.

Fotografia 108 – Professor acompanhando



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 46, s/d.

De acordo com Santos (2020), o movimento protagonizado por jovens no Brasil, constituído como “cara pintada” foi uma construção midiática importante, inerente ao *impeachment* do ex-presidente Fernando Collor de Mello (1990-1992). A presença da juventude, segundo o autor, foi um marco histórico nos movimentos sociais, diante do significativo número de jovens nas ruas, sem auxílio de partidos, entidades representativas ou profissionais da política partidária.

A exposição de “caras pintadas” nos meios de comunicação legitimou o movimento e deu espaço às reivindicações populares que estes ajudaram a expor, de acordo com Santos (2020, p. 22), pode ser considerada “uma perspectiva de memória histórica acerca dos acontecimentos, pois, geralmente, a linguagem que utilizam é vista como a expressão da própria realidade”.

As fotografias acima, indicam que o CEPAE se inseriu na dinâmica da luta democrática naquele momento, demonstrando que a escola é influenciada pelas questões políticas, econômicas, culturais e sociais a sua volta. Reforçam também o compromisso com uma educação democrática, um aspecto defendido por Varizo (2020, p. 87) no que tange aos fundamentos educacionais da escola:

A escola pensada: uma escola democrática, solidária e igualitária, que visasse formar um cidadão autônomo, cômico de suas responsabilidades sociais, que soubesse atuar de maneira colaborativa, no qual a aprendizagem se dá através da experiência, sendo que o ensinar primasse em contribuir para que o educando aprendesse a aprender.

Ao permitir e registrar a participação de estudantes nesse movimento, a escola se reconhece como um espaço formativo para além dos conteúdos e vivências da sala de aula. Esse foi o único registro de participação em atos políticos que localizamos no acervo da escola.

A fotografia 109 registra uma apresentação realizada em local não identificado por nenhum dos entrevistados. De acordo com a professora T.O., essa produção foi um roteiro literário produzido por outra docente em torno da temática da obra *Sítio do Picapau Amarelo* de Monteiro Lobato.

Fotografia 109 – Apresentação Sítio do Picapau Amarelo



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 53, julho/1996.

Entre o público, percebe alguns estudantes com uniforme semelhante ao da escola no período referido nas imagens anteriores (julho de 1996), porém não se encontram informações acerca desse evento, como local de realização. O que podemos inferir é que em comparação a outros registros, não se trata do auditório do CEPAE.

A Fotografia 110 registra um musical produzido pela professora T.O. sobre o descobrimento do Brasil.

Fotografia 110 – Apresentação Revoada Descobrimento



Legenda: Professora T.O.

Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 13, s/d.

Em entrevista, a docente afirmou que produziu muitos musicais ao longo de sua trajetória, apresentados, sobretudo, pelo projeto de extensão “Revoada”. Um dos objetivos do projeto era o de apresentar em espaços fora da escola. Esta apresentação poderia ter ocorrido em um dos auditórios do Centro de Convenções de Goiânia, local em que frequentemente apresentava. Após essa conversa, fomos pesquisar e comparar imagens disponíveis no site oficial do Centro de Convenções de Goiânia. Percebeu-se que o teatro em questão se tratava do auditório “Lago Azul” que faz parte do complexo.

Outra apresentação do projeto coordenado por T.O. aconteceu no prédio da Justiça Federal, na rua 19, no Setor Central de Goiânia. A Fotografia 111, indica a professora coordenando este momento.

Fotografia 111 – Apresentação Justiça Federal



Legenda: Professora T.O.

Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 71, s/d.

De acordo com T.O., as apresentações do projeto Revoada eram uma forma de compartilhar a formação artística oferecida aos estudantes do CEPAE para as famílias e outras pessoas da capital. A função de um projeto de extensão é esta, além da justa oportunidade de crianças de outras escolas participarem e assistirem espetáculos. Isso amplia as possibilidades de diálogos com a comunidade externa.

Outro projeto de extensão registrado nas fotografias foi o Programa *Gwaya* de Contadores de Histórias,⁶⁴ destinado à formação de leitores(as) com apresentação de histórias e formação de multiplicadores⁶⁵. A Fotografia 112 registra uma das apresentações do grupo.

⁶⁴ Fonte: <https://gwaya.CEPAE.ufg.br/p/934-projeto>

⁶⁵ Pessoas que passavam pelo curso de formação de contadores de história.

Fotografia 112 – Gwaya: Noite Eros Uma vez



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 43, 13/junho/2003.

Dentre as atividades do *Gwaya* estavam previstas várias frentes de atuação, a principal delas era a formação de contadores/as de histórias. O grupo se apresentava em instituições educativas, hospitais e outros espaços. O perfil do grupo que integrava o *Gwaya*, era diverso, quase sempre composto por professoras/es, mas sempre foi coordenado por docentes do CEPAE, por ser um projeto cadastrado pela instituição.

Foi criado, para dar espaço à formação de crianças e adolescentes contadoras/es de histórias, o Grupo *Gwaynha*, que reproduzia sessões de contação de histórias e multiplicavam leitores e leitoras. Entre outras ações, o projeto, que ainda atua, promoveu um curso de Especialização em Contação de Histórias (*lato sensu*) e lançou uma coleção de literatura infanto juvenil.

As imagens de 113 a 117 registram o Encontro de Educadores do Ensino Básico, um dos eventos com maior número de registros, aparece nos conjuntos fotográficos nº 07, 20 e 106.

Fotografia 113 – Encontro de Educadores da Educação Básica: abertura



Legenda: 1) Professora T.O.

Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 07, setembro/1997.

Fotografia 114 – Encontro de Educadores da Educação Básica: N.M.G.S.



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 20, s/d.

Fotografia 115 – Encontro de Educadores da Educação Básica



Legenda: 1) L.F.D.⁶⁶; 2) E.B.T.R. e 3) F.T.;⁶⁷
Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 20, s/d.

Fotografia 116 – Encontro de Educadores da Educação Básica: A.H.S.



Legenda: 1) A.H.S.
Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 07, s/d.

⁶⁶ L.F.D. Professor Emérito da Faculdade de Educação, no final da década de 1990 se destacou no PPGE na produção de pesquisas no âmbito das políticas educacionais.

⁶⁷ F.T. Engenheiro Civil e Professor Universitário, exerceu mandato de vereador 3 vezes em Goiânia e uma vez de deputado estadual em Goiás.

Fotografia 117 – Encontro de Educadores da Educação Básica: A.F.S. e S.S.C.



Legenda: 1) A.F.S. e 2) S.S.C.
 Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 20, s/d.

Todas as pessoas entrevistadas aparecem nesses registros, A.H.S.; A.F.S.; E.B.T.R.; N.M.G.S.; S.S.C. e T.O., foram unânimes em afirmar que o encontro teve mais do que uma edição. Não foram localizados relatórios, anais, notícias em jornais ou outras informações sobre a atividade. O Currículo Lattes do professor A.H.S. menciona sua participação no II Encontro de Educadores do Ensino Básico e I Encontro de Contadores de História de Goiás com o tema *Organização do Trabalho Pedagógico e Avaliação da Aprendizagem no Ensino Fundamental e Médio* no ano de 1999.

Os registros acima desvelam um dos maiores desafios dessa pesquisa, o evento mais registrado é o que tem menos informações disponíveis. Nas entrevistas, não conseguimos destacar quais registros eram de cada edição. Os encontros, conforme os relatos e registros, contavam com uma programação extensa, incluindo mesa de abertura, palestras, debates, oficinas em salas menores, e, em algumas edições, apresentações de trabalho. Não se restringia a profissionais com vínculo à universidade, se destinava a formação continuada de profissionais da educação das redes pública municipal e estadual.

Alguns elementos se repetem nas fotografias, como arranjos de flores e forros usados nas mesas, isso dificulta separar as edições para futuras pesquisas, pois nesta tese não é possível fazer isso. Como não foi possível identificar se são ornamentos naturais, ou artificiais, há a possibilidade de serem reaproveitados de uma edição para outra. Na Fotografia 117 em destaque com círculo em vermelho

há uma pasta preta, em alguns registros é possível ler a impressão no material que se refere ao Encontro de Educadores do Ensino Básico, sem indicação de ano ou edição, mais um material que poderia ser aproveitado em encontros subsequentes.

Nas entrevistas, cada pessoa, a sua maneira, apresentou aspectos da relação do CEPAE com a formação de professores nesse evento. A discussão de temas pertinentes à educação básica com pesquisadores/as de referências e a formação em oficinas que permitia o diálogo próximo entre profissionais das redes públicas proporcionando troca de experiências.

Foi discutida também a relação do CEPAE e da própria universidade com as secretarias municipais e estadual de educação, estabelecendo referências no que diz respeito a formação de professoras (os), em um contexto de transição que havia em Goiás, pois muitos/as professores/as eram leigos ou em processo de formação. A recém-criada Lei de Diretrizes e Bases Educacionais, aprovada em 1996, movimentou a busca por qualificação superior de profissionais que atuavam com formação em nível médio ou de forma leiga.

Além deste evento o CEPAE promoveu iniciativas de formação continuada, na forma de encontros, oficinas e cursos, como podemos observar nas fotografias 118 e 119, que tiveram como público-alvo profissionais das redes públicas que atuavam na educação básica.

Fotografia 118 – Organização do evento



Legenda: 1) Professor A.H.S.
Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 76, s/d.

Fotografia 119 – Oficina



Legenda: 1) Professora E.B.T.R.

Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 76, s/d.

Os registros fotográficos relacionados a formação de professores/as, demonstram que o CEPAE se comprometeu, ao longo do tempo, na formação inicial e continuada de profissionais da educação pública. Na etapa inicial, se destacam as experiências de estágio supervisionado com diferentes cursos de licenciatura. Na trajetória de profissionais que atuavam em diferentes redes de ensino, a formação continuada acontecia em encontros e grupos de estudo, organizados para discutir temas relacionados a avaliação, planejamento e práticas pedagógicas.

As Fotografias 119 a 123, registram a 54ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC, que ocorreu em Goiânia entre 07 e 12 de julho de 2002⁶⁸. A SBPC é uma entidade sem fins lucrativos com objetivo de promover o avanço científico e tecnológico no Brasil⁶⁹, criada em 1948, a entidade tem secretarias regionais nos estados brasileiros e promove reuniões e outras atividades para debater e difundir o avanço da ciência.

⁶⁸ Ver mais em <https://sbpcacervodigital.org.br/communities/c01473b7-5e56-4f93-80ea-ed22a713dbd6> Acesso em 23/12/2024.

⁶⁹ <http://portal.sbpcnet.org.br/a-sbpc/quem-somos/>

Fotografia 120 – Mesa 54ª SBPC



Legenda: 1) R.F.A.T.; 2) E.B.T.R.

Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 96, julho/2002.

Fotografia 121 – Participantes da Reunião SBPC



Legenda: 1) E.R.O.; 2) S.M.G.L.

Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 96, julho/2002.

Fotografia 122 – Participantes SPBC



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 96, julho/2002.

Fotografia 123 – Participantes SPBC



Legenda: Professora T.O.

Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 96, julho/2002.

Fotografia 124 – Mesa SBPC



Legenda: 1) I.M.C. (FE) e 2) G.M.S.L.
 Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 96, julho/2002.

A cidade de Goiânia sediou duas reuniões da SBPC, a 54ª em 2002 e a 63ª em 2011. Percebe-se nos registros a presença de pessoas do quadro docente e administrativo do CEPAE, da Faculdade de Educação, autoridades no âmbito da gestão da universidade e de outros órgãos ligados a instituições educativas como sindicatos e secretarias de educação. Os registros acima, se referem a Expoeducação, espaço de debate acerca das perspectivas educacionais que compôs a programação da 54ª reunião em 2002. De acordo com Abdala (2013, p. 158) “a presença de autoridades aos eventos reforça o seu caráter formal e a sua importância”, dessa forma, os registros revelam o prestígio do evento em receber tais personalidades naquele momento.

Além disso, nota-se que houve adaptações no espaço para receber e acomodar o número de participantes, foi necessário transformar a quadra de esportes coberta (Fotografia 122) em auditório, mais uma vez reforçando a capacidade de usuários do prédio escolar se apropriarem dos espaços para diferentes usos, conforme a necessidade de cada momento.

A sequência de registros indica a inserção do CEPAE enquanto *locus* de ensino e pesquisa, no debate promovido pela SBPC. O número de participantes no evento e as autoridades envolvidas, demonstram o alcance que a atividade teve, confirmando que o público presente abrangia docentes das redes públicas de ensino. Nas entrevistas realizadas não conseguimos precisar a temática discutida nos

registros, mas diante das pessoas identificadas, supõe-se que o tema era de interesse educacional, proporcionando uma interlocução entre a pesquisa e a atuação docente.

Por fim, encerramos com a Fotografia 125 até a Fotografia 127 com registros de cerimônias de formatura. A primeira foto foi realizada no Centro de Cultura e Eventos Professor Ricardo Freua Bufáical, no Campus Samambaia.

Fotografia 125 – Formatura 2014



Legenda: 1) S.A.S.; 2) L.D.N.; 3) M.J.O.F.A.; 4) O.A.V.A.; 5) N.M.G.S.; 6) L.M.A.N.; 7) C.F.C. e 8) P.C.V.A.

Fonte: Secom UFCG, Fotógrafo: Carlos Alberto Siqueira, 16/01/2014.

A seguinte é de uma cerimônia no auditório da Faculdade de Educação, no Setor Universitário, a última foi realizada no teatro *Asklepiós*, na Faculdade de Medicina, no mesmo setor.

Fotografia 126 – Formatura 2017



Fonte: Secom UFG, Fotógrafo: Carlos Alberto Siqueira, 19/01/2017.

Fotografia 127 – Formatura 2019



Fonte: Secom UFG, Fotógrafo: Carlos Alberto Siqueira, 17/01/2019⁷⁰.

Embora a formatura seja um evento previsto anualmente no calendário acadêmico, não foram localizados registros anteriores a 2009. Inicialmente, o padrão utilizado era a vestimenta preta, esporte fino, como alternativa a locação de trajes, que poderia variar de uma turma para outra. A Fotografia 127, embora seja de 2019,

⁷⁰ Embora essa imagem esteja fora do interstício da pesquisa, considerou-se oportuno apresentá-la para demonstrar a diferença da cerimônia após adoção das vestimentas padronizadas pela UFG, haja vista que não localizamos registros da formatura de 2018.

demonstra que o CEPAE, assim como os demais cursos de graduação da UFG, foi contemplado nas políticas de inclusão da universidade, que passaram a oferecer as vestimentas padronizadas sem custo aos participantes das cerimônias, possibilitando a participação dos que antes não podiam arcar com este custo.

As alternâncias de local, do Campus Samambaia para o Setor Universitário, representam uma tentativa de reduzir os custos do espaço de realização da formatura. O público presente nas cerimônias do ensino médio é menor que o público da graduação. A justificativa inicial da gestão superior era usar um espaço condizente, que demonstrasse acolhimento proporcional ao público esperado.

Observou-se também que após o evento muitas famílias buscavam um espaço para estender as comemorações, sendo que o Setor Universitário seria uma alternativa com mais opções próximas para este propósito. A mudança da Faculdade de Educação para a Faculdade de Medicina fez-se em razão da busca por um auditório em melhores condições de receber o público.

De acordo com Eberhardt (2013, p. 121) os registros das cerimônias de formatura demonstram “a relevância que este tipo de registro representava aos pais e alunos era importantíssima e carregada de significados, tendo em vista que esta educação os deixaria preparados para seguir a vida profissional”. Para a autora, isso dialoga com a possibilidade de ascensão social que a educação representa para as famílias. Ter uma fotografia com um diploma, com as vestes de cerimônia, junto as autoridades da escola, ou docentes que foram importantes em sua trajetória educacional, se converte em um momento elegido a categoria de memorável, que se torna objeto de rememoração.

As formaturas do CEPAE celebram o fim da etapa básica de escolarização, marcando o fim e o início de outro ciclo. Se estabelece como um rito de passagem que contempla outras celebrações como a aula da saudade e festividades de confraternização. Os registros fotográficos das cerimônias são posteriormente disponibilizados sem custos, via site e outras ferramentas, pois são realizados pela equipe de comunicação da universidade. Assim podem se constituir como de lugares afetivos de memória, diante do que este momento representa para algumas famílias e estudantes.

Percebemos nos registros do CEPAE, diferentes tipos de eventos realizados no espaço escolar, e fora deste. De modo geral, podemos afirmar que são momentos destinados às vivências coletivas, para estudantes e suas famílias, conforme reforçou Abdala (2013, p. 163-164):

A escola é o espaço do coletivo, e as fotografias dos eventos reforçam esse aspecto. Assim como **o evento é uma vitrine da escola** e de suas práticas, é também o momento em que se **apresentam à comunidade escolar e à sociedade os resultados do trabalho escolar**. Assim, as fotografias desses momentos têm a função de salvaguardar concretamente suportes de memória de momentos célebres e inesquecíveis, tanto na trajetória das instituições quanto na das pessoas que as compõem. As fotografias sobrevivem às gerações que vivenciam esses momentos.

Os eventos realizados com a participação dos estudantes, apresentam para a comunidade resultados das atividades pedagógicas desenvolvidas no cotidiano escolar. As apresentações culturais, são manifestações artísticas que combinam expressões corporais, musicais e plásticas com conteúdo do currículo obrigatório, mesclando diferentes dimensões do conhecimento.

Os eventos promovidos por docentes, destinados à formação da categoria, ou ao debate de temas relacionados ao ensino, por sua vez, contam com a participação de outros profissionais da educação, aproximando a pesquisa científica da universidade com o fazer pedagógico traçado no cotidiano das escolas públicas.

3.5 Passeando pelos arredores⁷¹: vivências fora da escola

Esta categoria se destina a discutir os registros fotográficos do CEPAE com enfoque nas aulas campo. São momentos como saídas para visitas de museus, espetáculos, espaços de aprendizagem e viagens, que têm como proposta serem possibilidades de aprendizado, ou situações de descontração. Para Eberhardt (2013, p. 108) “[...] o passeio propõe a quebra da rotina da sala de aula, ao deixar o prédio escolar, que implica determinada disciplina; os alunos exibem um comportamento que corresponde a esta variação de lugar”, sendo assim, são experiências de ensino-aprendizagem construídas em espaços diferentes do ambiente escolar.

As fotografias 128 e 129, apontam que o CEPAE, desde seus primeiros anos quando ainda era Colégio de Aplicação, já propunha em suas atividades pedagógicas essa forma de vivência. Embora nesse conjunto documental não haja registros na localidade objetivada, Bertioga, cidade no litoral de São Paulo, percebe-

⁷¹ A expressão “Passeando pelos arredores” é uma referência a dissertação de mestrado de Dias (2018) que analisa a obra didática *Goiaz coração do Brasil*, o primeiro livro de História para crianças, adotado pelo governo do Estado de Goiás, em 1934, para uso nos grupos escolares, de autoria da educadora Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro. O livro de leitura, faz uso da como forma de instigar a curiosidade seus leitores/as.

se o ambiente de despedida próximo do embarque. O deslocamento foi realizado com ônibus de turismo e não com veículo oficial da universidade. Não foi possível alcançar informações acerca do objetivo dessa viagem.

Fotografia 128 – Viagem a Bertioga (SP)



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 01, outubro/1979.

Fotografia 129 – Viagem a Bertioga (SP): ônibus



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 01, outubro/1979.

As fotografias 130 e 131 registram uma viagem à cidade de Ouro Preto em Minas Gerais. Não foi possível precisar o objetivo da viagem, embora os locais

visitados sugeriram propósito de estudo, em várias áreas como na literatura, artes, história e geografia. O conjunto documental 34, no qual as fotos se inserem apresenta uma imagem do grupo na praia, o que sugere a cidade de Ouro Preto como uma das paradas do itinerário.

Fotografia 130 – Ouro Preto (MG): grupo



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 34, outubro/1987.

Fotografia 131 – Ouro Preto (MG): Museu da Inconfidência



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 53, outubro/1987.

A Fotografia 132 a 134 registram atividades do Projeto Visitando e Construindo o Conhecimento⁷², desenvolvido com estudantes da 4ª série do Ensino Fundamental⁷³, em visita à cidade de Pirenópolis. Em entrevista, o professor A.F.S. afirmou ser comum levar os estudantes a esta localidade, alternando com visitas à Cidade de Goiás para observar elementos da cultura e da natureza.

Fotografia 132 – Visitando e construindo o conhecimento: Cinepirineus



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 68, setembro/1995.

⁷² Descrição na contracapa do conjunto documental.

⁷³ Atualmente corresponde ao 5º Ano.

Fotografia 133 – Visitando e construindo o conhecimento: Pirenópolis(GO)



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 68, setembro/1995.

Fotografia 134 – Pirenópolis (GO) cerrado



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 68, setembro/1995.

A Fotografia 135, registra a visita de estudantes do ensino médio a cidade de Brasília (DF), acompanhados do professor A.H.S., que em entrevista afirmou que o objetivo dessa viagem foi assistir os trabalhos da câmara de educação, uma

possibilidade de compreender o funcionamento do sistema político brasileiro. Além disso, o referido professor lembrou de outras saídas para outros estados, que organizou, como uma viagem para o Rio de Janeiro com estudantes do último ano do ensino médio.

Fotografia 135 – Brasília (DF)



Fonte: Acervo do CEPAE, Viagem à Brasília, 16/04/2004.

As Fotografias de 136 e 137 registram uma das visitas ao Zoológico de Goiânia, que se repetiu com diferentes turmas ao longo da história do CEPAE. Geralmente com caráter de observação de animais da fauna, com propósitos de educação ambiental. As imagens caracterizam dois tipos de registros, um que se preocupa em registrar o grupo reunido e outro que se destina a registrar o ambiente visitado. Essa segunda característica é presente nos álbuns de viajantes que contribuíram, de acordo com Sontag (2004) com a popularização da fotografia e a necessidade inerente de se registrar com imagens os locais visitados.

Fotografia 136 – Grupo em visita ao Zoológico de Goiânia



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 06, novembro/1985.

Fotografia 137 – Animais do zoológico: aves no lago



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 38, s/d.

As imagens seguintes registram o embarque e o trajeto em ônibus institucional para um passeio, que não foi identificado, um momento que perpassa o deslocamento entre o ponto de saída e o ponto previsto para realizar a atividade agendada.

Fotografia 138 – Ônibus da UFG



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 102, 1995.

Fotografia 139 – Crianças no ônibus



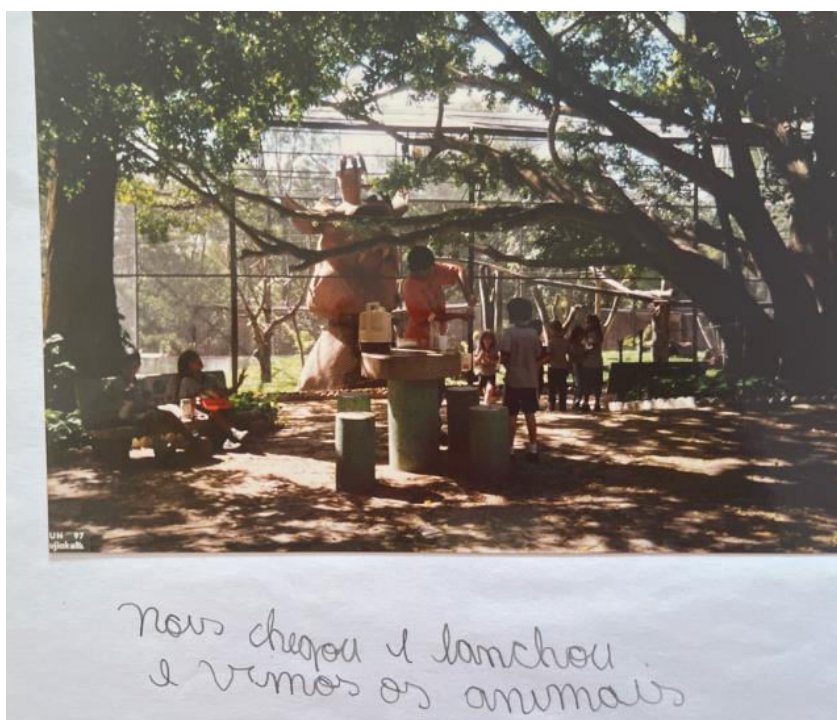
Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 102, 1995.

A primeira imagem (Fotografia 138) permite observar as transformações tecnológicas nos meios de transportes que atenderam a frota da universidade. A segunda (Fotografia 139), demonstra o quanto as aulas campo excedem o momento formativo para um momento afetivo de expectativa da parte dos estudantes. As crianças no ônibus expressam curiosidade, um brilho no olhar, de quem espera encarar uma aventura frente ao desconhecido.

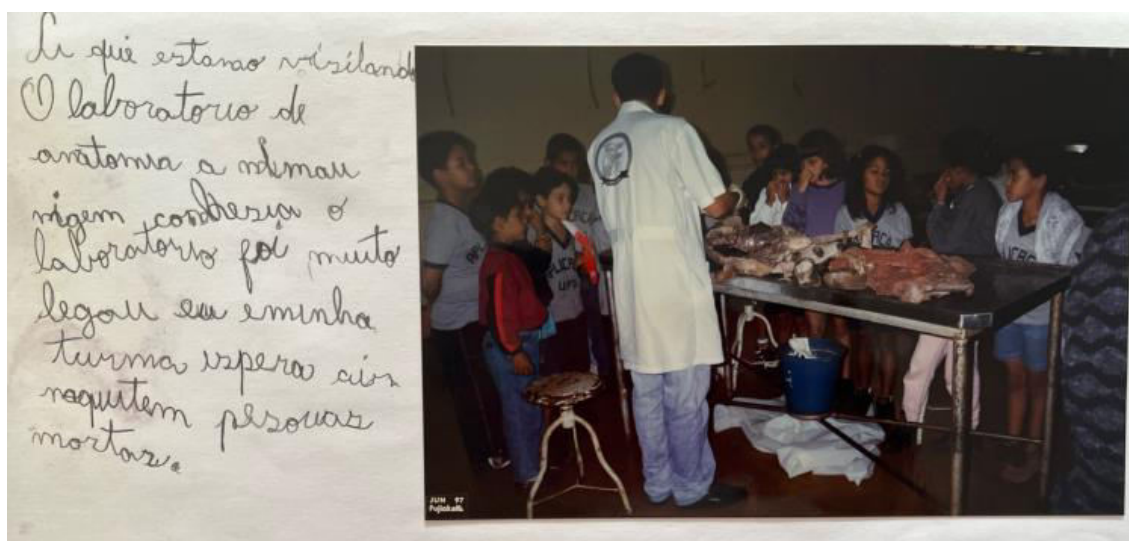
As visitas em grupo têm potencial de contribuir com sentimento de coletividade, incentivando o trabalho mútuo, no qual um estudante assume o compromisso de cuidar do outro. Possibilita desenvolvimento do autoconhecimento e autonomia na medida que desafia crianças e adolescentes a cuidarem de si, aprender a ouvir e seguir orientações que são repassadas por docentes durante as atividades.

As fotografias 140 a 142 apresentam a multiplicidade de uso do objeto fotográfico. Ao mesmo tempo que documenta a visita, a foto serve de instrumento pedagógico. De acordo com a professora S.S.C. essa era uma atividade realizada com crianças dos primeiros anos do ensino fundamental, para o desenvolvimento da habilidade escrita. Após a visita eram distribuídas fotografias para que construíssem um relato utilizando-se das imagens.

Fotografia 140 – Registro de visita ao zoológico



Fotografia 141 – Registro de visita ao laboratório de anatomia



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 98, 1997.

Fotografia 142 – Registro de retorno do passeio



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 98, julho/1997.

Além de visitar museus, galerias e outros espaços públicos, a própria UFG tornou-se espaço de visitação e aprendizado como podemos ver na Fotografia 143. O que pode ser um elemento facilitador nas relações de ensino desenvolvidas na

escola, a proximidade com a universidade poderia propiciar uma rede de contatos com outros profissionais e colaborando com acesso aos locais visitados.

Fotografia 143 – Visita ao viveiro



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 18, abril/1997.

Os registros por Goiânia e região metropolitana possibilitam observar a transformação dos espaços urbanos em diferentes perspectivas. As Fotografias 144 e 145, por exemplo, evidenciam as transformações na região sul da cidade, próximo ao setor Alto da Glória e ao Shopping Flamboyant, que por conta do aquecimento do mercado imobiliário nas última duas décadas sofreu modificações de forma consideravelmente.

Fotografia 144 – Região Sul Goiânia: Embratel



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 39, s/d.

Fotografia 145 – Região Sul Goiânia



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 39, s/d.

Os registros fotográficos das aulas campo demonstram, de acordo com Varizo (2020, p. 49) uma perspectiva de ensino que reforça o princípio educacional de criação do CEPAE, uma escola que priorizasse um aprendizado a partir de vivências socialmente significativas, em contato com a natureza, com as diversas dimensões da vida, do trabalho, da arte, da cultura, ciência e da política, na contramão de um conteúdo fechado e determinista.

As fotografias testemunham o compromisso de um ensino pautado na formação de conceitos de forma coletiva em espaços diversos. Em entrevista o professor A.F.S. traduziu essa visão em uma “preocupação de formação cidadã desde a infância”, ou seja, uma intencionalidade pedagógica que se manifestava nas atividades registradas.

Diante da diversidade de público estudantil presente no CEPAE, vale registrar o significado dessas aulas campo, que para além de uma situação de ensino, conforme afirmado por Eberhardt (2013, p. 173) “representava para muitos alunos a única possibilidade de conhecer novos locais”, sendo, portanto, uma forma de ampliar as experiências culturais e sociais como um direito das/os alunas/os.

3.6 Retratos de antepassados, solenes, empertigados⁷⁴

A categoria dos retratos aborda momentos performativos, que não se enquadram nas categorias anteriores, embora produzidos no ambiente escolar. São situações que captaram registros de poses coletivas ou individuais. Para Rodrigues (2006, p. 74) estas fotos “[...]contemplariam instantes performáticos, considerando inclusive que a própria presença da câmera já demandaria uma performance; ninguém consegue ficar completamente indiferente ao fato de ser fotografado”, ou seja, diante da câmera é quase que automático assumir uma pose, geralmente ensaiada.

3.6.1 Retratos Coletivos

Neste subitem, procurou-se contemplar registros de grupos de docentes, discentes, pessoal administrativo, famílias e outros. São imagens que alternam entre situações espontâneas, em que o grupo não se arruma para a câmera e situações posadas, em que o grupo se prepara para ser fotografado, adotando uma postura corporal a ser registrada.

A Fotografias 146 e 147 indicam situações em que grupos de estudantes foram registrados de formas distintas. Na primeira o grupo de estudantes parece não notar a presença da câmera, continuam com sua atividade independente do que seja, apresentando uma pose descontraída.

⁷⁴ Verso do poema Velho Sobrado, de Cora Coralina, *In: Poemas dos Becos de Goiás*, 1980.

Fotografia 146 – Estudantes no gramado da FE



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 01, 1979.

Fotografia 147 – Estudantes no auditória da FE



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 01, 1979.

Na segunda fotografia, o grupo de estudantes demonstra olhar fixamente para quem está fotografando, com exceção de uma pessoa, cada demonstra uma postura e uma expressão, aparentando estar à espera da realização do registro.

Com relação a postura, ensaiada para o registro, observamos que mesma situação se repete na Fotografia 148, o grupo se arranja, como se procurasse a melhor composição para a imagem, há um alinhamento membros inferiores e superiores, bem como o posicionamento das mãos. O sorriso pode ser uma expressão de alegria do momento, ou remeter ao pedido de quem está fotografando. Observamos que há um código postural implícito de acordo com o gênero de cada um.

Fotografia 148 – Professores e alunas



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 11, s/d.

Outro exemplo relacionado as posturas de gênero está na Fotografia 149, a professora ao centro apresenta uma postura condicionada ao gênero feminino como: sentar-se ereta, pernas cruzadas ou próximas em razão do uso de saia ou vestido. São imposições que ditam seu comportamento e seu lugar de autoridade e referência para as mulheres mais jovens do grupo.

Fotografia 149 – Professora e grupo de estudantes na biblioteca



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 25, setembro/1990.

As alunas, talvez mais confortáveis pelo uso da calça jeans, apresentam uma postura mais relaxada em comparação com a docente, supostamente por serem mais jovens e não estarem condicionadas aos hábitos impostos ao seu gênero. Os alunos do sexo masculino, por sua vez, são os que menos demonstram uma preocupação com a postura e o comportamento no registro. São marcas de gênero, que se impõe no véu da cultura familiar, geracional, patriarcal que adentram ao ambiente escolar, evidenciando diferenças com relação ao que é esperado de cada pessoa na sociedade.

Ao observar a as Fotografias de 150 a 152, nota-se que, as professoras, mesmo quando posam para a foto, percebendo o momento do registro demonstram menor preocupação com a postura.

Fotografia 150 – Professoras sentadas no chão



Legenda: Professora N.M.G.S.

Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 21, outubro/1997.

Fotografia 151 – Professoras em exposição de trabalhos



Legenda: 1) E.B.T.R.; 2) N.M.G.S.; 3) L.C.F.R.M. e 4) S.A.S.

Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 71, s/d.

Fotografia 152 – Equipe docente Anos iniciais



Legenda: 1) A.F.S.; 2) S.M.G.L.; 3) G.M.V.L.S.; 4) J.R.A. e 5) T.M.S.F.M.
Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 73, outubro/2003.

A adoção de uma postura mais descontraída, principalmente no que tange a figura feminina demonstra uma menor preocupação com padrões visuais de comportamento e uma busca mais profunda por uma postura profissional invisível a câmera. Convém observar que os três últimos registros são mais recentes em comparação a Fotografia 149, o que pode significar mudanças na forma como essas pessoas se permitem ser vistas. Isso pode indicar também, que o papel que as professoras, maioria nessa categoria, desempenham no contexto escolar é observado em sua postura profissional. Possivelmente estão sendo avaliadas diante de seu planejamento, suas publicações acadêmicas, e na relação cotidiana com seus pares e com estudantes, uma situação que não pode ser captada pela fotografia.

As Fotografias 153 e 154 apresentam retratos coletivos de turmas, o que nos faz observar que, tanto a postura de docentes, quanto de estudantes, rompe com o padrão clássico de registro de turmas observados em acervos escolares, que prezam por uma imagem aparentemente organizada, com fileiras ou alunos sentados.

Fotografia 153 – Turma professor R.P.M.



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 102, 1995.

Fotografia 154 – Turma A.F.S.: Feliz Natal



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 103, julho/2002.

É perceptível uma tentativa de organização do grupo para o registro, porém, prevalece a espontaneidade das crianças. Alguns olham em outra direção, adotando a postura de sua preferência. Ainda que a fotografia tenha o poder de congelar instantes, de montar registros performados, prevaleceu a dinâmica espontânea do momento registrado.

Por ser um espaço de convivência das famílias, foram localizados alguns registros de retratos familiares no acervo do CEPAE, como se observa na Fotografia 155. Segundo Rodrigues (2006, p. 25) “os retratos de família seriam o registro fiel de nossas vidas”, um produto cultural, produzido em diferentes contextos ao longo do tempo, que permite aproximar os membros de um grupo ainda que estejam distantes na medida em que a foto é contemplada.

Fotografia 155 – Família



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 39, s/d.

Os retratos familiares são uma potente forma narrativa, segundo Ana Maria Mauad e Itan Cruz Ramos (2017), pois são uma estratégia de permanência para grupos e comunidades reafirmarem suas práticas, compartilhar suas histórias, e se garantirem. Para Leite (1993), essa forma de registro reforçou a ideia de uma memória coletiva, presente nos álbuns de família, que contribuíram para que quase todas as pessoas pudessem se transformar em objeto-imagem, ter um registro de si, e daqueles que compõe o seu núcleo de origem.

As famílias retratadas nas fotografias do CEPAE estavam, provavelmente, participando de algum evento da escola. Logo, estes são retratos do acaso, como a mesma autora reiterou, poderiam não expressar a imagem que aquele grupo gostaria de transparecer, ou como se davam as relações entre as pessoas ali reunidas, haja vista que:

A conformação espacial gerada pela perspectiva condiciona os retratos de família. A foto de família suprime distâncias. Se membros da família estiverem indispostos entre si, a foto permitirá, concretamente, que eles se reaproximem, nem que seja por um momento, em união no pequeno retângulo fotográfico. Assim, tais fotos serão sempre de uma família visualmente próxima, “unida”.

Novamente observamos os aspectos ambivalentes da fotografia, ainda que possamos dizer muito acerca da adesão e participação das famílias no espaço escolar, ou ainda, apresentar nos registros diferentes formatos de composição desses grupos, expressando a diversidade da sociedade. Não é possível acessar aspectos subjetivos dessa composição, nem mesmo tomá-la como espelho da realidade. Aquilo que vemos como um pai e uma mãe, pode não ser, ou ainda, ser um instante performado diante da solicitação de quem fotografou o momento.

Uma fotografia de um coletivo, de um grupo, é totalmente diferente de um retrato individual, neste sentido, no último tópico, apresentamos o que foi possível perceber com relação a estes registros.

3.6.2 O retrato que modela o desenho: as poses individuais

Os retratos individuais, de acordo com Abdala (2013), registram personalidades ligadas à escola, pessoas públicas da área da política, ex-alunos, patronos, diretoras/es e professoras/es. No caso do CEPAE o acervo contempla pessoas que ocuparam a função de direção da escola e, em algumas situações há registros de estudantes e docentes realizados pela equipe da Secom/UFG por ocasião de entrevistas.

Para nossa análise separamos as imagens da galeria destinada as pessoas que estiveram na direção da escola, são fotografias que no final dos anos 1990, foram substituídas por retratos em desenho preto e branco⁷⁵. Os quadros estão expostos no corredor de entrada do prédio principal, no acesso pelo estacionamento, destinado para a entrada da equipe de trabalho da instituição.

São doze (12) retratos, a exceção do quadro da professora E.B.T.R., que foi levado por esta, para manutenção e não retornou à escola, o que totaliza treze (13) docentes que concluíram o exercício no cargo de direção⁷⁶. De acordo com a professora N.M.G.S. cada docente ao final do seu exercício na função de direção

⁷⁵ Não foi possível levantar o motivo que gerou a troca e a reprodução dessas fotografias por desenhos.

⁷⁶ Ver lista completa no Apêndice C

providencia seu retrato apresentado em reunião do Conselho Diretor ou algum evento da escola.

Observamos nesses registros, uma forma de tornar a memória presente, tornando esses artefatos monumentos, um hábito que de acordo com Abdala (2013) se manifesta na exposição de placas, troféus, quadros com menções consideradas honrosas ou, no caso do CEPAE, se apresenta na galeria de fotos de pessoas que ocuparam o cargo de direção. Essa galeria está abrigada em um espaço de ampla circulação, de uma passagem obrigatória de quem acessa a escola por essa entrada cotidianamente. Trata-se de um marco de alternância de poder, de transição do tempo, como a mesma autora reiterou (Idem, p. 118):

Essas imagens **marcam a passagem do tempo**, o que foi e o que é, uma das formas pelas quais a fotografia é percebida e utilizada. Permitem a **comparação entre o passado e o presente**. Utilizadas como ornamentos na sala dos professores, na diretoria ou no hall de entrada das escolas, as imagens antigas do prédio também **despertam o sentimento de orgulho** pela escola.

Ainda que sirvam para perpetuar a memória e reconhecer o trabalho dessas pessoas, questionamos se os estudantes e a equipe de trabalho da instituição, nos mais diferentes cargos e funções, conhecem a trajetória de vida profissional e privada, dessas pessoas.

Não se pode ignorar que a gestão de uma escola não é feita apenas por quem ocupa a direção, é um trabalho coletivo, feito a muitas mãos, por uma equipe composta também por vice-direção, coordenação, comissões e grupos de trabalho. Priorizar uma pessoa na galeria parece uma tentativa de apagar o trabalho desenvolvido pelo coletivo que se reveza em funções e partilham do esforço de gerir uma escola grande e complexa como o CEPAE.

Separamos fotografias de quatro pessoas que ocuparam o cargo de direção da escola, que tiveram suas fotografias substituídas por retratos em desenhos.

Fotografia 156 – Professora S.A.M.C.; 1ª Diretora



Fonte: Acervo do CEPAE, Galeria de Diretoras(es): S.A.M.C. 1ª Diretora 1968-1970

A professora S.A.M.C. foi a primeira diretora da instituição CEPAE, foi ela quem presidiu a comissão organizadora responsável pela criação do Colégio de Aplicação. Foi a responsável pelo processo (UFG, 1967) que demanda permissão para o funcionamento da escola, redigindo e assinando despachos nos autos. Foi professora da cadeira de Didática Geral na Faculdade de Educação.

A escola teve, até o ano de 2024, catorze (14) pessoas na função de gestor escolar, considerando a diretoria atual, percebemos que nove (9) destas são mulheres. A presença feminina no magistério é um fato crescente desde o final do século XIX, de acordo com Anaete Regina Schelbauer e Juliana Keller Nogueira (2007), por muitos motivos, dentre eles a ampliação das escolas no Brasil, a expansão do acesso à educação, acompanhada dos cursos de nível médio e superior destinados a formação desse grupo. No entanto, as autoras reiteram outros motivos tais como (Idem, p. 91):

A ampliação das escolas no Brasil contribuiu para gerar argumentações que atribuía às mulheres o papel de educadoras da nação. Apesar desse discurso sexista que predominava na sociedade da época, a profissão docente significou um começo, uma abertura para que as mulheres pudessem ter acesso ao conhecimento e adentrarem no campo profissional. Nesse contexto histórico era viável que a mulher desempenhasse a função de educadora, regeneradora da sociedade, desde que correspondesse

a expectativa esperada de sua conduta moral, imposta por uma sociedade moralizadora.

Em que pese toda questão moralizante, ou ainda, toda imposição cultural que levou mulheres para a docência, pode-se pensar que esta profissão poderia ter sido uma das poucas opções de trabalho profissional na época. A mulher poderia ser mestra ou professora, por carregar “dons” construídos de maternidade e de cuidar, além da responsabilidade de ser exemplo de moral e de virtude. Por outro lado, não podemos ignorar que a saída feminina para o mercado de trabalho, seja no magistério, provocou mudanças consideráveis no poder do patriarcado. Também não se pode negar o papel que estas desempenharam na história da educação brasileira, formando profissionais das mais diversas áreas do conhecimento.

No que tange o CEPAE, observamos que as diretoras compõem a maioria do grupo de representantes da gestão. Os aspectos ressaltados em suas fotografias e retratos como observado na foto da primeira professora, remetem a uma imagem aparentemente dócil, um sorriso performado, roupas claras e acessórios delicados. Assim como a literatura, os relatos de viajantes, de acordo com Leite (1993, p. 62) esboçavam estereótipos de mulheres em tempos que não havia fotografias. No entanto, distanciando no tempo, nota-se que algumas fotografias seguem perpetuando imagens construídas de delicadezas e aparente submissão. Observa-se parte deste conceito na imagem seguinte:

Fotografia 157 – Professora A.C.T.S.; 3ª Diretora



Observamos neste retrato elementos de suavização da imagem, semelhantes à foto anterior. O importante destaque é para o fato desta professora ser uma mulher negra que conquistou, possivelmente com alto preço, à posição de diretora na segunda metade da década de 1970. Um período que não havia políticas de cotas e debates inclusivos como há atualmente e, ainda que estes movimentos tenham crescido de forma extremamente positiva, a galeria, composta de quatorze gestores/as, apresenta somente duas pessoas negras⁷⁷. A galeria merece um estudo sobre isso.

No movimento da história da educação brasileira, ainda que se observe um acesso crescente de mulheres no acesso à educação, que se manifesta na presença maior destas no magistério, não se pode perder de vista que o acesso à instrução percorreu um longo caminho para se expandir. Igualmente, não se pode ignorar que as trajetórias, e os empecilhos, são muito diferentes para mulheres brancas e negras.

Há de se considerar no feminismo, de acordo com Sueli Carneiro (2003), que existem desigualdades intragênero, as condições específicas de ser mulher negra, em geral pobre, são diferentes da mulher branca, cada uma desempenhou, e desempenha, papéis específicos na luta. A professora A.C.T.S, graduou-se em Pedagogia pela Universidade Católica de Goiás, hoje PUC/GO (1965) e cursou doutorado em Ciência da Educação pela *Université Paris-Descartes* (1990).⁷⁸

Além da direção do CEPAE, ocupou cargos decisivos na UFG, esteve à frente da Pró-reitora de Extensão do Campus Goiânia e foi uma das responsáveis pela criação do Campus da UFG na cidade de Jataí na região sudoeste de Goiás. Na ocasião de seu falecimento⁷⁹, em 2021 pelo vírus da Covid 19, várias pessoas destacaram seu papel determinante, foi lembrada como uma educadora sensível, de ideias progressistas⁸⁰, uma precursora da expansão da universidade e a única mulher negra a ocupar a direção do CEPAE.

Em comparação com os registros femininos, observamos que os retratos dos ex-diretores da galeria, performam outra imagem, que contrasta com a observada

⁷⁷ De acordo com o Estatuto da Igualdade Racial, Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010, a população negra é definida pelo conjunto de pessoas que se autodeclararam pretas e pardas, conforme o quesito cor ou raça usado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

⁷⁸ Ver mais em: <https://portalufj.jatai.ufg.br/n/138749-ufj-lamenta-falecimento-da-prof-ana-caritas-teixeira-de-souza> Acesso em: 01/09/2024.

⁷⁹ Ver mais em: <https://ufg.br/n/138750-nota-de-falecimento> Acesso em: 01/09/2024.

⁸⁰ Ver mais em <https://inumeraveis.com.br/ana-caritas-teixeira-de-souza/> Acesso em 23/12/2024.

nas professoras na mesma função, conforme é possível perceber nas Fotografias 158 e 159.

Fotografia 158 – Professor L.J.M., 8º e 10º diretor



Fonte: Acervo do CEPAE, Galeria de Diretoras (es): J. L.M.; 8º e 10º Diretor 1986-1990 / 1994-1997.

Fotografia 159 – Professor A.A.C., 11º diretor



Fonte: Acervo do CEPAE, Galeria de Diretoras (es): A.A.C.; 11º Diretor 1997-1998.

As professoras dos retratos anteriores foram registradas em uma postura de aparente amabilidade, serenidade, ressaltando a feminilidade. O perfil dos professores J.L.M. e A.A.C., ressaltam atributos de seriedade, sobriedade e altivez. São aspectos que ressaltam o lugar de poder dos homens, no código da sociedade patriarcal. De acordo com Abdala (2013), o posicionamento levemente virado para um dos lados, o olhar fixo, sério, aufere aparente dignidade, sendo a pose uma característica importada dos retratos pintados.

Ainda que Varizo (2020) ressalte o projeto de criação do CEPAE como um espaço democrático de ensino e gestão, as fotografias parecem criar uma imagem diferente para quem exerce a figura principal de poder. As diretoras são apresentadas de forma amável, condutoras do saber, àquelas que indicam o bom caminho. Os diretores são representados como homens fortes, capazes de impor o domínio.

Desde o mandato da professora E.B.T.R. não há mais fotografias para servir de modelo aos retratos de pessoas que ocuparam a direção da escola. Separamos alguns registros para discutir como a presença dessas autoridades foram registradas em outros momentos. A Fotografia 150, apresenta 12ª diretora da escola, em um dos eventos.

Fotografia 160 – Professora E.B.T.R.; 12ª diretora



Fonte: Acervo do CEPAE, Conjunto 49, novembro/2002, Professora E.B.T.R. 12º diretora, 1998-2002.

A professora aparece em diferentes registros, antes e durante a sua gestão, demonstrando relação contígua com a vida pública da escola. São situações que destacam seu papel nas atividades da comunidade escolar, como na imagem acima, evidenciando os trabalhos realizados.

A ex-diretora M.J.O.F.A., Fotografia 161, em comparação com os últimos a ocuparem este cargo, é a que tem menor quantidade de registros.

Fotografia 161 – Professora M.J.O.F.A.; 13ª e 14ª diretora.



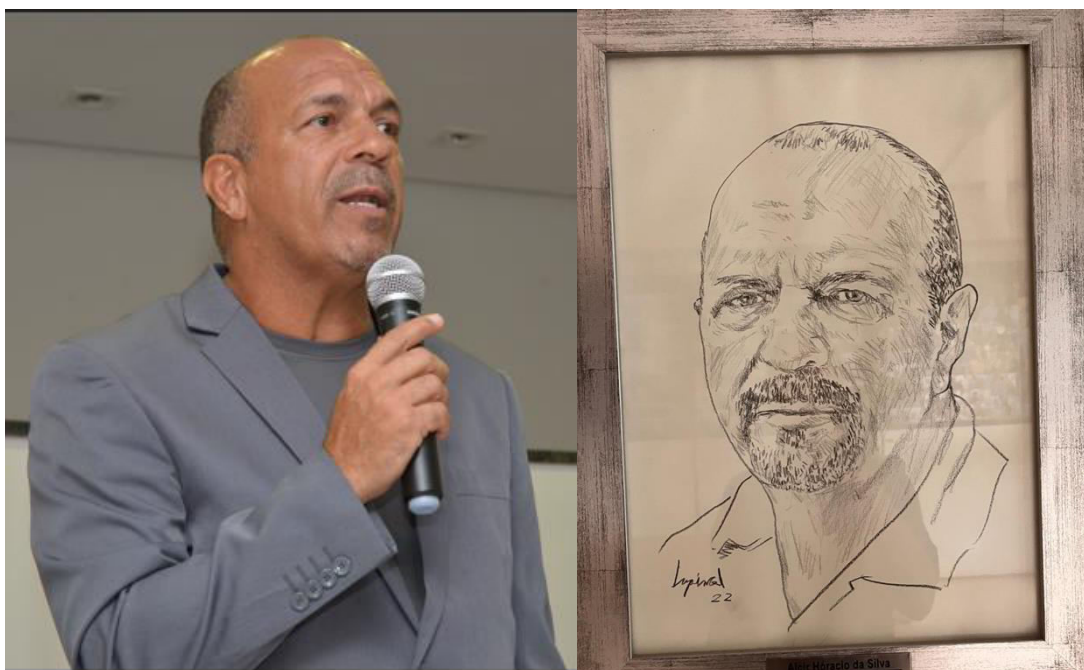
Fonte: Secom UFG, Fotógrafa: Adriana Silva 26/06/2014, *Professora M.J.O.F.A.; 13ª e 14ª diretora 2006-2010 / 2010-2014.*

Pode ser que esta seja uma característica própria da personalidade da professora, haja vista que a maioria de suas fotografias se concentram na função administrativa, como esta que destacamos em um registro da Secom/UFG, que foi produzida, possivelmente, em razão de alguma entrevista ou evento da escola. Seu retrato em desenho, conserva elementos suavizantes⁸¹ como de suas antecessoras, por ser uma produção de sua escolha, pode indicar como a ex-diretora escolheu ser lembrada na comunidade.

⁸¹ Consideram-se elementos suavizantes em retratos aqueles recursos que transmitem uma sensação de leveza e amenidade à imagem. Expressões faciais serenas, acessórios femininos como joias delicadas e lenços são exemplos clássicos desses elementos, contribuindo para um visual mais suave e harmonioso.

O professor A.H.S., Fotografia 162, aparece em diversos registros, nas mais diferentes ocasiões, nos eventos, em aulas, em reuniões, mesmo antes de seus dois mandatos na direção.

Fotografia 162 – Professor A.H.S.; 15º e 16º diretor.



Fonte: Secom UFG, reinauguração do auditório, 24/4/2015, Professor A.H.S. 15º e 16º diretor, 2014-2016 / 2016-2022.

Os registros indicam outra manifestação que pode ser considerada singular, no que tange a sua personalidade, o fato de estar em constante movimento, de ser alguém que se expressa com facilidade, e por isso, ser constantemente visto fazendo uso da palavra. Em seu retrato, também se fazem presentes os elementos de visualização lateralizada, indicativo de honra, mas também se percebe elementos de suavidade, que contrastam com suas expressões fotografadas. Outra escolha performática, manifestada no retrato em desenho.

Os retratos individuais do acervo do CEPAE não fogem ao que reforçou a pesquisa de Abdala (2013), carregam um tom laudatório, elogioso, saudoso, que mostra o melhor ângulo das personalidades que ocuparam cargos de liderança ou prestígio na comunidade escolar. Reforçam o poder que a fotografia tem de mostrar um lado da história, e sua limitação enquanto registro plano, que esconde o que está fora do alcance das lentes, neste caso, as tensões que envolvem o exercício da direção, o peso que o poder representa, e as ambivalências de ser quem precisa “dizer não” e está subordinado as regras da administração superior.

As categorias apresentadas neste capítulo reforçam a complexidade do ambiente escolar que se relaciona com a história da educação. Uma história que se constrói num tempo e espaço que se modifica, que é apropriada pelas pessoas que dela participam, adaptando-a conforme suas necessidades. Que se realiza em diferentes situações aulas, rotinas, eventos, passeios, guardados em registros que carregam uma cultura e também afetos e desafetos. Percebemos que a fotografia cumpre seu papel, ressaltado por Furtado (2020, p. 48):

mais do que qualquer outra possibilidade material, a fotografia **comprova a existência do passado**, e, recorrendo à recordação, muitas vezes silenciosa, torna-se **fonte inesgotável** enquanto memória. Nesse sentido, ela evoca, contemporaneamente, a co-presença do espectador no evento ocorrido no passado, quando de sua criação.

Mesmo transitando entre o real e o representado a fotografia é uma evidência que comprova os acontecimentos do passado, podendo ser explorada de forma inesgotável, em diferentes perspectivas. Sua potência transporta quem as contempla de volta à cena, dando a falsa impressão de vivenciar, ou reviver, o momento registrado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Hoje eu atingi o reino das imagens, o reino da despálavra.
 Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades humanas.
 Daqui vem que todas as coisas podem ter qualidades de pássaros.
 Daqui vem que todas as pedras podem ter qualidades de sapo.
 Daqui vem que todos os poetas podem ter qualidades de árvore.
 Daqui vem que os poetas podem arborizar os pássaros.
 Daqui vem que todos os poetas podem humanizar as águas.
 Daqui vem que os poetas devem aumentar o mundo com as suas
 metáforas.
 Que os poetas podem ser pré-coisas, pré-vermes, podem ser pré-
 musgos.
 Daqui vem que os poetas podem compreender o mundo sem
 conceitos.
 Que os poetas podem refazer o mundo por imagens, por eflúvios,
 por afeto.
 Manoel de Barros⁸²*

Tecer uma tese sobre fotografias escolares foi como adentrar no reino das imagens da “despalavra”, assim como descreveu Manoel de Barros, para traduzir em palavras aquilo que somente as imagens, com suas ambivalências, conseguem expressar. As fotografias do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, foram potentes ao tecer qualidades, humanizar objetos, lugares e tempos, aumentar o mundo fragmentado, esconder tensões, imperfeições, mágoas, etc. Um objeto de fascinação do qual, por diversas vezes, foi difícil se afastar e construir a crítica.

Daí a complexidade de se propor considerações finais a esta tese, haja vista que as indagações postas ao início podem nos parecer por vezes inconclusas. No caminho das imagens, evocaram outros olhares e as inquietações se assentaram, porém, faz-se necessário colocar um ponto quase final, fechar esse ciclo e pensar nas possibilidades que se abrem ao futuro.

Em sua trajetória, o CEPAE produziu diversos documentos, dentre os quais destacamos as fotografias escolares em seu acervo. Dialogar com essa fonte, considerando as condições de sua produção e armazenamento, demandou compreender a historicidade do CEPAE, relacionar com outras pesquisas realizadas e construir os caminhos necessários para analisar essas produções.

Diante da historicidade de mudanças e transformações, percebemos que o acervo de fotografias escolares acompanha esse processo. Registraram diferentes atividades de ensino, pesquisa e extensão, são memórias de natureza

⁸² BARROS, Manoel de Barros. *Despalavras*, In: **Obra Completa**. São Paulo: Leya, 2000

diversificada, que correspondem à prática pedagógica realizada neste espaço escolar.

O acervo foi constituído ao longo de muitos anos, acumulando registros provenientes de diferentes origens, processo de composição que não foi registrado com as particularidades necessárias, pois há álbuns com anotações de quem doou, outros sem qualquer informação de data, local, pessoas presentes nas imagens e situação fotografada.

Considerando o estado em que encontramos o material, notamos que foi transferido de lugar, remexido para compor exposições, manuseado por profissionais da escola, talvez ex-estudantes, que, porventura, retornaram ali em busca de memórias. Nesse processo, o acervo foi se desintegrando, dispersando, exposto a situações adversas, como condições de acondicionamento precárias que acentuaram o processo de decomposição dos registros.

Entendemos que as instituições educacionais são responsáveis pela organização e preservação de seu acervo institucional, no entanto, considerando a dinâmica das instituições públicas, com rotatividade de pessoal, falta de material adequado e a condição dos prédios. Percebemos que, mesmo diante de iniciativas institucionais como manuais, legislações, cursos e documentos orientadores, as fotografias do CEPAE foram danificadas por diferentes circunstâncias.

Durante a pesquisa para a escrita da tese, buscamos melhorar essas condições realizando limpeza, troca das caixas, identificando e mapeando o acervo, na tentativa de colher dados acerca da produção e das situações registradas. Realizamos entrevistas para ampliar a coleta informacional e nos deparamos com a dupla face da memória, o lembrar e o esquecer.

O trabalho de preservação e guarda do acervo demonstrou-se um procedimento incomum diante de outras pesquisas que lidam com um arquivo no qual os materiais já se encontram previamente organizado. Foi um desafio que demandou leituras, diálogos e o aprendizados de habilidades específicas para lidar com as fontes e prolongar sua preservação.

Considerando nosso vínculo laboral com o CEPAE e com a universidade, não foi um esforço empreendido em vão, pois contribuiu para estabelecer laços com outras pessoas neste espaço, que tem se dedicado à preservação de acervos, além de retornar para a escola com conhecimentos a serem compartilhados. Colocar em prática o que foi aprendido é uma forma de contribuir com a conservação destas e outras fontes.

No processo de identificação do acervo, percebemos que algumas pessoas se mostraram mais visíveis do que outras. Nesse sentido, buscamos dialogar com as memórias para ampliar as informações acerca das fotografias. Nas entrevistas realizadas percebemos que a “fotografia é memória e com ela se confunde”. No diálogo, foi possível expandir a identificação do acervo, porém, o elemento que mais se fez presente foi o esquecimento.

As ausências se manifestaram para nos mostrar que na pesquisa historiográfica as lacunas existem, e algumas vezes não serão preenchidas da forma como esperamos. É preciso respeitar o esquecimento e compreender que este também é parte da memória, uma das limitações que encontramos, e que dita o lugar das lembranças. Muitas vezes, o que salta são os estereótipos e atributos de valor, que versam sobre as dificuldades da trajetória subjetiva de cada pessoa ouvida.

Ao perguntarmos ao grupo entrevistado como se sentiram ao contemplar os registros do CEPAE, apreendemos o papel da fotografia em suas vidas, ao serem unânimes em lembrar de seus próprios acervos, oferecendo-se para compartilhá-los. Confirmando o lugar de afeto que seus álbuns têm em seus pertences, junto aos álbuns de família, cujo conteúdo muitas vezes não importa, o que tem valor são os afetos e desafetos guardados.

Ainda que metade das pessoas entrevistadas tenha se aposentado, observamos que, ao contemplarem as fotografias, manifestaram um sentimento de pertencimento à instituição, reconhecendo-se como parte da história CEPAE, um lugar que ocuparam por tanto tempo. Apresentaram consciência das relações construídas com colegas de profissão, com filhos/as que lá estudaram e os desafios vividos. Admitiram o papel significativo que o CEPAE teve como local de trabalho, onde se dedicaram durante a maior parte da vida. Uma convivência que, para além de ser harmônica, inclui confrontos, enfrentamentos, disputas, aborrecimentos e outros.

No mapeamento do acervo, identificamos lugares, temporalidades e pessoas que ajudassem a pensar e compreender aspectos da prática pedagógica, dos espaços formativos, da dinâmica social dessa instituição a partir de seus registros fotográficos. Percebemos que a história da escola está vinculada a história da Faculdade de Educação que se integra na história da UFG e de outras instituições públicas.

As marcações temporais e outras evidências cronológicas não são o mais importante nessa narrativa contada pelas fotografias, mas sim os padrões de

repetição que se manifestaram em diferentes momentos nessa trajetória. Diante disso, pensamos as categorias temáticas como forma de acesso e compreensão dessa história institucionalizada. Essa categorização nos permitiu dialogar com os registros fotográficos do acervo do CEPAE independente da ordem em que fossem acessados, e demonstrou que o conteúdo revelado é mais importante do que a cronologia dos acontecimentos.

Essas categorias demonstraram que a escola se constituiu num espaço físico concebido a partir de uma concepção de educação, apropriado ao longo do tempo pelas pessoas, ressignificado e aproveitado de distintas formas. Os registros destrinchados em aulas, momentos de socialização, como o lanche e o recreio, eventos dentro e fora da escola, como apresentações, jogos, cursos, exposições e palestras, demonstram que a vida escolar se inscreve num ambiente social e ciclos diversificados.

Os momentos vividos por docentes, estudantes, famílias e pessoas da sociedade civil adquiriram um sentido simbólico e se tornaram artefatos da memória. Após eternizados, foram revisitados em mostras e atividades pedagógicas, evidenciando as múltiplas atribuições da fotografia no espaço escolar.

Esta tese nos lembrou da necessidade de visitar o passado congelado nas imagens, questionar as datas e celebrações realizadas no ambiente escolar, o culto e a memória das pessoas, com a importância de publicizar o que está guardado nos arquivos empoeirados. Nas entrevistas realizadas, reconheceram a importância de se discutir a história do CEPAE, de preservá-la e dar visibilidade a tudo que foi realizado ao longo de mais de cinquenta anos de existência neste espaço. A prática de guardar e preservar a memória e a história é de todas as pessoas, mas precisa ser efetivada no próprio CEPAE.

Durante treze anos trabalhando nessa escola, diversas vezes ouvimos queixas da comunidade de como se sentiram esquecidos e invisibilizados em muitas situações na universidade. Sabemos que este é um espaço de disputa de poder e tensionamentos, porém, batalhar por reconhecimento perpassa em primeiro lugar por conhecer e tomar posse de sua própria história.

Muitas pessoas passam pelo CEPAE desconhecendo o processo de constituição deste espaço, sem saber as lutas e desafios encarados para que este centro de ensino se estabelecesse. Uma história que precisa ser conhecida, discutida, em sala de aula, reuniões e demais atividades. O acervo de fotografias

pode ser exposto para a comunidade interna e para a sociedade externa que sustenta a universidade pública com pagamento de impostos.

No coletivo, podemos dividir a visibilidade, podemos fazer uma exposição, um álbum fotográfico de forma remota e impressa, tomar o acervo como instrumento para escrever literaturas, cartas, filmes, encontros e rodas de conversas com gente que passou pela escola, que reconhece a relevância de uma escola pública onde se aprende pelos registros.

Em seus princípios, o CEPAE se constituiu como espaço educacional democrático, destinado à educação básica, desenvolvimento de pesquisa e formação inicial e continuada de professores. A primeira por meio de estágio e a segunda, por meio de cursos. Quanto ao lugar da formação inicial, parece estabelecido e consolidado, porém, percebe-se um distanciamento no que tange à formação continuada. É importante reestabelecer diálogo com secretarias de educação municipais e estaduais, reiterando o papel da universidade pública no que diz respeito à proposição de estratégias de ensino. De gestão cientificamente construída, com base em pesquisas, combatendo o neoliberalismo, o conservadorismo e a ultradireita que tem tomado o espaço público com estratégias de privatização e militarização do ensino.

“Desconhecer a história é uma ameaça à democracia”⁸³, logo, expor essas fotografias, implica em trazer à consciência o que significa para o CEPAE, ser uma escola democrática onde há respeito pelo debate, pela exposição de ideias e espaço para o dissenso. É preciso olhar para o passado e repensar qual o sentido dessa escola, e, o que move o fazer pedagógico da educação infantil a pós-graduação.

⁸³ Valdez *et al* (2015).

REFERÊNCIAS

Fontes

BRASIL, Câmara dos deputados. **Decreto-lei nº 9.053, de 12/03/1946**. Cria um ginásio de aplicação nas Faculdades de Filosofia do país. Rio de Janeiro, 12 de Março de 1946.

_____. Ministério da Educação, Conselho Federal de Educação: (1962). **Parecer 292/62**, de 14 de novembro de 1962. Fixa a parte pedagógica dos currículos mínimos relativos aos cursos de licenciatura. Brasília: Documenta nº 10, 10 Dez. 1962, p. 95-100.

_____. **Lei nº 4.024**, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

_____. **Portaria nº 694**, de 23 de setembro de 2013. Estabelece as diretrizes e normas gerais para o funcionamento dos Colégios de Aplicação vinculados às Universidades Federais. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 189, p. 9, 30 set. 2013.

_____. **Parecer CEB nº: 01/99 de 29 de janeiro de 1999**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de Professores na Modalidade Normal em Nível Médio. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica – Brasília, DF.

_____. **Estatuto da Igualdade Racial**. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Brasília – DF.

CEPAE (2008). **Colégio Aplicação: 40 anos de educação em Goiânia**. 24 f. Livreto. Cegraf/UFG. 2008.

_____. **Estatuto da Associação de Pais e Mestres do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás, APM/CEPAE/UFG**. (2007). Disponível em: <https://cepae.ufg.br/p/apm> Acesso em: 21/08/2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG). **Regimento da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras**. Goiânia, GO, 1962.

_____. **Processo nº 04814 de 30/06/1967**. Dispõe sobre a criação do Colégio de Aplicação da UFG.

_____. **Regimento da Reitoria da Universidade Federal de Goiás**. Decreto nº 72.774 de 10 de setembro de 1973. Portaria nº 01118, de 26 de setembro de 1973. Universidade Federal de Goiás.

_____. **Resolução CONSUNI-CEPEC-CC/UFG Nº 02**, de 29 de novembro de 13. Altera/atualiza o Estatuto da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, GO, 2013.

_____. **Manual de gestão de documentos arquivísticos**. Centro de Informação, Documentação e Arquivo UFG (Org.). Goiânia: Gráfica UFG, 2017. 136 p.

_____. **Projeto Pedagógico de Curso do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicado à Educação - CEPAE/UFG**. Câmara Superior de Graduação (CSG), Processo SEI nº 23070.002995/2018-52. Goiânia: CEPAE, 2018.

Entrevistas

COSTA. Sônia Santana da. [63 a.]; SANTOS. Ataíde Felício dos. [63 a.]. 12/01/2024. [Entrevista cedida a] Danielly Cardoso da Silva. Goiânia: 2024.

OLIVEIRA. Telma. [59 a.] 29/11/2023. [Entrevista cedida a Danielly Cardoso da Silva. Goiânia: 2023.

RODRIGUES. Edvância Braz Teixeira. [65 a.] 24/01/2024. [Entrevista cedida a Danielly Cardoso da Silva. Goiânia: 2024.

SILVA. Alcir Horácio da. [63 a.] 14/12/2023. [Entrevista cedida a] Danielly Cardoso da Silva. Goiânia: 2023.

SILVA. Neisi Maria da Guia. [55] 04/12/2023. [Entrevista cedida a] Danielly Cardoso da Silva. Goiânia: 2023.

Fotografias

Acervo Fotográfico do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação – CEPAE/UFG [1968?] – 2018.

Fotografias do acervo digital da SECOM/UFG (Autorias diversas) 2006-2021.

Bibliografia

ABDALA, Raquel Duarte. **Fotografias escolares: práticas do olhar e representações sociais nos álbuns fotográficos da Escola Caetano de Campos (1895-1966)**. 314 fl. 2013. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

AGUIAR, Ângelo Antônio de. **Fontes fotográficas no Ensino de História: uma proposta didática com as fotografias de Claro Jansson sobre a Guerra do Contestado**. 2021. 139 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Ensino de História. Florianópolis, 2021.

AIRD, Maitê Custódio Rios. **O Jardim da Infância Público anexo à Escola Normal da Praça: um estudo sobre o gênero (1896-1926)**. 2015. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ALMEIDA, Wilson Ricardo Antoniassi de. **Terceiro Grupo Escolar De Limeira-SP (1940-2010): a dinâmica do tempo-espaço escolar.** 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

ALVES, 'Suzele Sany Lacerda. **O Grupo Escolar José Emílio de Aguiar: um capítulo da história da educação primária de Coromandel-MG (1961-1971).** 2020. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

AMARAL, Henrique Sá. **Entre a memória e o esquecimento: um percurso sobre o anarquismo no Rio de Janeiro.** 2020. 184 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2020.

AMORIM, Marcos Vinicius dos Santos. **Árvores, carrinhos e investigações: narrativas sobre a comunicação na sala de aula de matemática.** 2019. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) -Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Diante das fotos de Evandro Teixeira, *In: Amar se aprende amando.* Editora Record, Rio de Janeiro, 1985. Versão Digital.
ANDRADE, Maíra Leão de Campos. **A fotografia na história da educação: fonte de pesquisa e memória.** 110 fl. 2004. Dissertação (mestrado) Programa de Pós-Graduação Em Educação da Universidade de Sorocaba, São Paulo, 2004.

ANJOS, Diva Araujo B. **Aspectos fonético-fonológicos da variedade lingüística usada pelos alunos do Colégio de Aplicação da UFG no início do processo de alfabetização.** 90 f. 1994. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 1994.

ARAÚJO, Cristina Batista de. **O cotidiano escolar: a linguagem articulando saberes, poderes e sujeitos.** 2007. 116 f. (Mestrado em Letras e Linguística) Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2007.

ARAÚJO, José Luciano de. Olhares, construções: imagens sobre crianças do Ipiranga 1980-2000. 2006. 244 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

ARAÚJO, Maria Cristina de Albuquerque. A Reforma Carneiro Leão em Pernambuco. *In: MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck; VIDAL, Diana; ARAÚJO, José Carlos Souza. (Orgs.) Reformas educacionais: As manifestações da escola nova no Brasil (1920-1946).* Uberlândia: Editora EDUFU, 2011.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BALBINO, Giovane Silva. **A Igreja Católica e o Estado na educação profissional em Pouso Alegre - MG (1917-1947).** 2020. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2020.

BARBOSA, Audrey Franciny. **Foto Bianchi: retratos e representações visuais do escolar (Ponta Grossa/PR. 1913-1943)**. 2019. 157 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2019.

BARROS, José D'Assunção. **A Fonte Histórica e seu lugar de produção**. Petrópolis: Editora Vozes, 2020.

_____. **O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BARROS, Manoel de Barros. **Obra Completa**. São Paulo: Leya, 2000.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Nota sobre a fotografia. Tradução de Júlio Castañón Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BEISIEGEL, Celso de Rui. **Estado e educação popular: um estudo sobre a educação de adultos**. 1ª ed. São Paulo: Pioneira, 1974.

BELIEIRO, Thiago. Granja. (2022). Qual o lugar da educação libertadora no ensino de História? A presença do pensamento de Paulo Freire na revista História & Ensino. **Revista História Hoje**, 11(23), 274–301.

BICCAS, Maurilane de Sousa. Reforma Francisco Campos: estratégias de formação de professores e modernização da escola mineira (1927 a 1930). *In*: Miguel, Maria Elisabeth Blanck; Vidal, Diana; Araújo, José Carlos Souza. (Orgs.) **Reformas educacionais: As manifestações da escola nova no Brasil (1920-1946)**. Uberlândia: Editora EDUFU.

BILESKI, Mery Carolina Andrade. **Imagem e educação: uma análise sociológica de ritos de interação escolares em fotografias**. 2021. 96 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Artes e Letras, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau. 2021.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis**. Tradução de David Jardim Júnior. 26ª ed. Rio de Janeiro, 2002. (versão digital)

BURKE, Peter. **A revolução francesa da historiografia: a escola dos Annales (1929-1989)**. São Paulo, ed. Universidade Estadual Paulista, 1991.

_____. **Testemunha ocular. História e imagem**. Bauru: Edusc, 2017.

_____. **Variedades de história cultural**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

CABRAL, Larissa Evelyn Silva. **Nas entrelinhas do espaço escolar: o devir da prática educativa**. 2020. 139 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

CAMPOS, Geraldo. Faria. Um certo Colégio de Aplicação, posteriormente CEPAE, UFG... entre 1970 e 2000. **Revista Polyphonia**, v. 2010: Volume Especial, p. 3–15, 16 dez. 2010.

CARVALHO, Cleydon Araújo de. **Projetos de extensão em cultura corporal no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da UFG: da participação à formação humana crítica**. 2020. 214 f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

CARVALHO, Maria Alice de Sousa. **Escrita, repetição e elaboração**. 2011. 88 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

_____. **Sob(re) o texto: o domínio do significado**. 2000 132 f. (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2000.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Reformas da instrução pública. *In: 500 anos de educação no Brasil*. LOPES, Eliana Marta Teixeira, FARIA FILHO, Luciano Mendes VEIGA, Cynthia Greive. (org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CASTRO, M. L. **A superdotação na primeira infância sob a perspectiva das políticas públicas em educação especial**. 2020. 214 f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

CASTRO, Meire Luiza de. **A superdotação na primeira infância sob a perspectiva das políticas públicas em educação especial**. 2020. 214 f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020. CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; *revisão técnica [de] Arno Vogel. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

CINTRA, Erica Piovam de Ulhôa. Ensino profissional feminino em Curitiba: a Escola Técnica de Comércio São José (1942-1955). 2005. 281f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2005.

COSTA, Sônia Santana. **Dialeiticidade em sala de aula: uma leitura sobre o processo de construção de escrita a partir do conceito de zona de desenvolvimento proximal**. 1997. 168 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 1997.

CRISTO, Moises Levy Pinto. **Labirintos da memória: experiências educativas de ex-internos da Colônia de Marituba/PA (1940-1970)**. 2019. 214f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2019.

CUNHA, Luiz Antônio. Ensino Superior e Universidade no Brasil. *In: 500 anos de educação no Brasil*. LOPES, Eliana Marta Teixeira, FARIA FILHO, Luciano Mendes VEIGA, Cynthia Greive. (org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

_____. Três décadas de conflitos em torno do ensino público: laico ou religioso? **Educação & Sociedade**. [On-line] Campinas, v. 39, nº. 145, p.890-907, out.-dez., 2018.

CURY, Carlos Roberto Jamil. A Educação Básica no Brasil. **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 80, p. 168–200, set. 2002.

DE REZENDE, Jofre Marcondes. Entrevista: professor Joffre Marcondes de Rezende. **Revista UFG**, Goiânia, v. 9, n. 1, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48167>. Acesso em: 30/03/2024.

DELBONI, Juber Helena Baldotto. **Escola multisseriada, infâncias, e comunidade tradicional pomerana: diálogos mediados por imagens e memórias**. 2020. 199 f. Tese (Doutorado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2020.

DEMESA, Itandehuy Castañeda. **Abordagens das práticas comunitárias em espaços públicos por meio da poesia têxtil**. 2019. 172 f. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

DIAS, Ana Raquel Costa. **Biografias de Mulheres na História da Educação: Benedicta Stahl Sodré, Branca Alves de Lima e Iracema Furtado Soares de Meireles (Século XX)**. 2023. 391 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.

_____. **“Passeando pelos arredores”: o ensino de História para crianças no livro Goiaz coração do Brasil (1934)**. 2018. 169f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, v. 12, n. 23, p. 100–122, 2007.

DUBET, Francois; DANILO Martuccelli. Educación y sociología. *In: En la escuela. Sociología de la experiencia escolar*. Buenos Aires: Editorial Losada. 1998. p. 399-460.

DUCKUR, Lusirene Costa Bezerra. **Em busca da formação de indivíduos autônomos nas aulas de Educação Física**. 2003. 154 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2003.

EBERHARDT, Camila. **Fotografias de ensino: memória e representações imagéticas da educação pública na cidade de Torres/RS (1960-1980)**. 2013. 218 f. Dissertação. (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, 2013.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2006.

FELIPE, Eduardo Ribeiro. **A importância dos metadados em bibliotecas digitais: da organização à recuperação da informação**. 2012. 110 fls.

Dissertação. (Mestrado em Ciência da Informação). Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2012.

FERRARI, Rogério. **Exposição Fotográfica Ciganos**. Catálogo digital Acervo fotográfico de 30 imagens do Cotidiano de Ciganos em preto e branco realizadas com filme TRIX 400 em 2010/2011 com dimensões 40x60cm. Centro Cultural Câmara dos Deputados. Brasília, setembro de 2014.

FERREIRA, Marisa Medeiros. **Psicologia escolar no CEPAE: trajetória histórica do serviço de psicologia do colégio de aplicação da UFG**. 2018. 177 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

FONTOURA, Fabriscio Luiz. **Juventude e escola: um estudo a partir da visão dos estudantes**. 2013. 110 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. 2013.

FRANGELLA, Rita de Cássia Prazeres. Colégio de Aplicação e a instituição de uma nova lógica de formação de professores: um estudo histórico no Colégio de Aplicação da Universidade do Brasil. **Anais do I Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2000, Rio de Janeiro. I Congresso Brasileiro de História da Educação. Rio de Janeiro: 2000, 10 p.

FRAZÃO, Sheila Cristina. **A orientação da pesquisa na perspectiva do professor de ensino médio**. 2022. 187 f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022.

FURTADO, Rita Márcia Magalhães. O silêncio pulsante das imagens: o documentário como resgate da memória através da fotografia de corpos silenciados pela ditadura. **Artefilosofia**, Edição Especial, Dezembro/2020, P. 43-56.

GABRIEL, Sônia Maria da Silva. **João Baptista de Mello e Souza: trajetórias e memórias de um professor**. 2020. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP. 2020.

GALVÃO, Milene Aparecida Padilha. **Escolas e Faxinais: regiões de saberes, lugares de memória (1980- 2014)**. 2015. 118 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História - Mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati-PR.

GATTI, Márcia Marise de Carvalho. **O uniforme escolar e a cultura material: quando o objeto conta a história (1930-1970)**. 2020. 134 f. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, 2020.

GERALDI, João Wanderley. Linguagem e Trabalho linguístico. In: **Portos de Passagem**. S. Paulo: Martins Fontes, 1995. (p. 01-58).

GERMANO, José Willington. **Estado militar e a educação no Brasil (1964-1985)**. São Paulo: Cortez, 2011.

GUIDA, Rosemarilany Barbosa. **A mediação da leitura literária na biblioteca escolar: uma experiência com alunos de 5º ano do CEPAE/UFG**. 2018. 157 f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

GUSMÃO, Renata dos Santos. **O Padre Geraldo e sua Escola Amor Divino (1958 – 1964)**. 2021. 86p. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Educação. Recife, 2021.

HOBBSAWN, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998,

KIMPARA, Minoru Martins. **Colégios de Aplicação e a prática de ensino: questões atuais**. 1997. 175 f. Dissertação de Mestrado em Educação -Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 4. ed. - São Paulo: Ateliê Editorial, 2012

LEITE, Lusitonia da Silva. **A expressão da compreensão de alunos com dificuldades de aprendizagem em Matemática ao trabalhar com o Material Cuisenaire**. 2009. 194 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Exatas e da Terra) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família: leitura da fotografia histórica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

LIMA, Adilson Carlos de. **Fotografia, memória e Ensino de História: trabalhadores do café no interior paulista**. 2020. 179 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2020.

LIMA, Nilvania Damas Silva. **Teorias pessoais e percepções de cinco professores de inglês em formação universitária**. 2008. 155 f. (Mestrado em Letras e Linguística) Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2008.

LIMA, Solange Ferraz de e CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Fotografias: usos sociais e historiográficos**. In: **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 29-60.

LOPES, Eliane Marta Teixeira & GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.

LUIZ, Marilda Cabreira Leão. **Retratos da escola: a organização do acervo fotográfico e a utilização de imagens como fontes em história da educação**. 2012. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2012.

MAGUETA, Rita de Cássia de Matos. **Arquivo histórico sindicato dos bancários de Porto Alegre: diagnóstico da documentação fotográfica**. 2011. 72 f. Monografia de Especialização. Curso de Pós-Graduação *Lato-Sensu* a distância em Gestão de Arquivos. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria/RS, 2011.

MANGUEL, Alberto. O espectador comum: a imagem como narrativa. In: MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 15-33.

MARTINS, José Reinaldo Castro. **Passado e modernidade no Maranhão pelas lentes de Gaudêncio Cunha**. 2008. Dissertação (Mestrado em Teoria e Pesquisa em Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MARTINS, Poliana Carvalho. **A organização da educação física na educação infantil no DEI/CEPAE/UFG**. 2019. 138 f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.

MAUAD, Ana Maria; RAMOS, Itan Cruz. Fotografias de família e os itinerários da intimidade na história. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, p. 155-178, jan./jun. 2017.

MEDEIROS, Wilton de Araújo. Arquitetura do Colégio de Aplicação (UFG): História e memória de uma "sinceridade material"(1974-1980). **Revista Polyphonia**, n. 2010: Volume Especial, p. 43-67, 2010.

MENDES, Sarah de Lima. **A criança pela lente da fotografia: representações e culturas no jardim de infância modelo de Natal (1953-1965)**. 2020. 290 f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Educação, Natal, 2020.

MESQUITA, Deise Nanci de Castro Mesquita; FILETTI-MOURA, Elisandra. Programa de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica CEPAE/UFG: cinco anos de pesquisa e formação profissional em nível stricto sensu. In: **Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás - 50 anos de história**. MESQUITA, Deise Nanci de Castro (org.). – Goiânia: / Editora Espaço Acadêmico 2018.

MOLINA, William Fernandes e SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. Os Colégios de Aplicação no sistema educacional brasileiro: contexto de criação e reverberações no ensino de Teatro. **Urdimento**, Florianópolis, v. 2, n. 38, ago./set. 2020.

MORAIS Rosa Maria Ribeiro de. **O acompanhamento individual de uma criança autista em seu processo de escolarização**. 2021. 89 fls. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO.

MORAIS, Luciano Eurípedes. **Se não fosse essa escola aqui da Martinésia, eu acho que eu seria um analfabeto até hoje: representações sobre as escolas combinadas de Martinésia, 1962 a 1985 (Distrito de Martinésia, Uberlândia - MG)**. 2020. 222 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

MOREIRA, Marilene Barcelos. **A boniteza da implementação da Lei 10.639/03 no ensino de química esperando criticamente superar os estigmas étnico-raciais do ambiente escolar**. 2022. 217 f. Tese (Doutorado em Química) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo: E.P.U/MEC, 1976.

NASCIMENTO, Sebastião Valério Silveira do. **A criança na fotografia: o retrato da infância na primeira metade do século XX em Belém do Pará (1900 a 1950)**. 2012. 113 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Belém, 2012. Programa de Pós-Graduação em Educação.

NORA, Pierre. Entre Memória E História: A Problemática Dos Lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. *In: Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História*, 10. São Paulo: PUC-SP. N° 10. 1993.

NUNES. Natália Macedo. **A pedagogia crítico-superadora e o esporte escolar: um estudo sobre a proposta curricular da Educação Física do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás**. 2014. 154 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade de Brasília. Brasília, 2014.

OLIVEIRA, Andréa de. **História De Instituições Escolares De São Francisco Do Sul, SC: 1835 - 1935**. 2019a. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2019.

OLIVEIRA, Ilse Leone Borges Chaves de. **Memórias de Leitores: uma história construída na trama dos discursos escolares**. 2012. 296 f. Tese (Doutorado em Linguística, Letras e Artes) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

OLIVEIRA, Jean Jones Freire Viana de. **O projeto político-Pedagógico do CEPAE: limites e possibilidades na construção da cidadania**. 2000. 356 f. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2000.

OLIVEIRA, Larissa Rosa de. **As políticas públicas de acesso à informação e de incentivo à leitura e sua aplicação na biblioteca escolar**. 2022. 195p. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica). Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO. 2022.

OLIVEIRA, Mirtes Cristina Martins de. **Palimpsestos: fotografias da Escola Normal da Praça (1889-1910)**. 2002. 145 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica (PUC) - São Paulo. São Paulo. 2002.

OLIVEIRA, Rosana Carla de. **Paulistinha, a Creche Universitária da UNIFESP: a construção identitária de uma história multifacetada (1971 a 1996)**. 2019b. 230 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2019.

- PAGNAN, Valéria Bastelli. **Da produção de identidades: a constituição do sujeito em narrativas fotográficas sobre a vida**. 2010. 180 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco. Itatiba, 2010.
- PAIVA, Vanilda. **História da educação popular no Brasil: educação popular e Educação de Adultos**. (6a ed.). São Paulo, SP: Edições Loyola.
- PANIAGO, Maria de Lourdes Faria dos Santos. Vigiar e punir na escola: A microfísica do poder. **Revista Eletrônica de Educação do Curso de Pedagogia do Campus Avançado de Jataí da Universidade Federal de Goiás [Vol I - n.1] [jan/jul] 2005**.Paniago (2005)
- PAULILO, André Luiz. A Reforma Carneiro Leão no Distrito Federal (1922-1926). *In*: Miguel, Maria Elisabeth Blanck; Vidal, Diana; Araújo, José Carlos Souza. (Orgs.) **Reformas educacionais: As manifestações da escola nova no Brasil (1920-1946)**. Uberlândia: Editora EDUFU.
- PEREIRA, Maria Cristina Correia Leandro. À margem da página: imagens “marginais” nos manuscritos medievais. *In*: **IX Congresso APCG: Associação de pesquisadores de crítica genética**. Belo Horizonte: C/Arte, 2008
- PESSANHA, Eurize Caldas; ASSIS, Wanderlice da Silva; SILVA, Stella Sanches de Oliveira. História do ensino secundário no Brasil: o caminho para as fontes. **Roteiro**, [S. l.], v. 42, n. 2, p. 311–330, 2017.
- PINA, Max Lanio Martins, BORGES, Gleiciene Ferreira Magalhães, & OLIVEIRA, Maria da Piedade Sousa Lisboa. (2017). A Festa do Arraiá do Descoberto: Uma identidade cultural em transformação. **Élisée - Revista De Geografia Da UEG**. Porangatu, V. 6, n.1, p. 137-159, jan./jun. 2017.
- PINEDA, Silvana Schuler. **O casarão da várzea visto por dentro: trajetórias escolares de alunos do Colégio Militar de Porto Alegre**. 2009. 241 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.
- RAMOS, Rafaela de Moraes. e SILVA. Camila Cerqueira dos Santos. Departamento De Educação Infantil: trajetória recente e perspectivas de consolidação de uma proposta crítico-emancipadora para a Educação Infantil. *In*: **Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás - 50 anos de história**. MESQUITA, Deise Nanci de Castro (org.). – Goiânia: / Editora Espaço Acadêmico. 2018.
- RAMOS, Rafaela de Moraes. **Planejamento, registro e avaliação: instrumentos que ressignificam a prática docente na educação infantil**. 2016. 187 f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.
- REZENDE, Márcia Pereira Dutra de. **A elaboração de jogos de ecologia por estudantes do Ensino Médio: Perspectivas para a avaliação da aprendizagem no ensino de biologia**. 2012. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Ciências e Matemática). Programa de Pós-graduação em Ciências e Matemática,

RIBEIRO, Roberta Rocha. **A transitividade em cartas do leitor à luz do funcionalismo**. 2009. 113 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística, Letras e Artes). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

RICŒUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François [et al.]. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

_____. **Memória, história e esquecimento**. Conferência escrita e proferida em inglês por Paul Ricœur a 8 de março de 2003 em Budapeste sob o título “Memory, history, oblivion” no âmbito de uma conferência internacional intitulada “Haunting Memories? History in Europe after Authoritarianism”. Disponível em: <http://www.uc.pt/fluc/uidief/textos_ricoeur/memoria_historia>. Acesso em 10/09/2024.

RODRIGUES, Leo dos Reis. **Retratos de família, imagens na memória**. 2006. 146f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006.

ROSSONI, Rodrigo. **Vidas fotográficas: fotocartografando experiências na/da Escola de Fotógrafos Populares no Complexo da Maré - Rio de Janeiro**. 2009. 266 p. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, ES, 2009.

SANTOS, Ataíde Felício dos. **Formação de conceitos históricos por escolares da 5ª série do Ensino Fundamental no CEPAE/UFG**. 2001 244 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2001.

SANTOS, Claitonei de Siqueira. **Veja o que a Veja fez: o jogo de ocultamento dos jovens nas manifestações de 1992**. 2020. Tese de Doutorado. 214 f. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2020.

SANTOS, Cristina Ribeiro dos. **Gênese documental de álbuns fotográficos escolares: entre avanços e ausências**. 2017. 123 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Londrina, 2017.

SAVIANI, Dermeval. Os balanços na historiografia da educação brasileira: sentidos e perspectivas. In: NEPOMUCENO, Maria de Araújo; TIBALLI, Elianda Figueiredo Arantes. **A educação e seus sujeitos na história**. Belo Horizonte: Editora Fino Traço, 2007. P. 149-161.

SGOBIN, Alexsandro Aparecido. **10.000 passos: fotografias, anarquismos e caminhos bifurcados nas práticas de aula de Geografia em escolas da periferia de Campinas**. 2013. 98 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. 2013.

SILVA, Alcir Horácio da. **A organização do trabalho pedagógico e a avaliação**

da aprendizagem na Educação Física no Colégio de Aplicação da UFG. 2010. 308 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador, 2010.

SILVA, Alcir Horácio da. CEPAE/UFG – 50 anos de História. *In: Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás - 50 anos de história.* MESQUITA, Deise Nanci de Castro (org.). – Goiânia: / Editora Espaço Acadêmico. 2018a.

SILVA, Karla Rodrigues da. **A leitura literária de clássicos, dinamizada a partir de dois ambientes: a biblioteca e a sala de aula.** 2021. 134 f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica). Programa de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica, Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO. 2021.

SILVA, Maria Raquel Gomes da. **Letramento informacional e literário na Educação Básica.** 2015. 140 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GOIÂNIA, 2015.

SILVA, Roberta Alves da. **O conselho de classe no CEPAE/UFG: implicações para a avaliação da aprendizagem e a organização do trabalho pedagógico.** 2018b. 165 f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

SILVA, Danielly Cardoso da. **“Você deveria ter vergonha de viver num país com tantos analfabetos”:** A Campanha Publicitária do Mobral na Revista Veja (1970-1975). 2019. 142f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

SILVEIRA, Débora de Barros. **Falas e imagens: a escola de educação infantil na perspectiva das crianças.** 2005. 175 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005.

SIQUEIRA, Maria Silvério da Silva. **A biblioteca e a iniciação científica no ensino médio: contribuições do letramento informacional na formação de jovens pesquisadores.** 2023. 134 f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUSA, Joana Darc de. **O fanzine como estratégia pedagógica para o ensino da geometria na educação básica.** 2020. 198 f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

SOUZA, Andréa Alves da Silva. **Lili inventa o mundo onde não falta poesia: a mediação da leitura literária nas séries iniciais do ensino fundamental.** 2015. 136 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino na Educação Básica) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

SOUZA, Lusinete Vasconcelos de. **O sentido na produção de textos de criança em fase de alfabetização.** 1995. 211f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 1995.

SOUZA, Rosemeire Maria de. **Imagens da escola como mediadoras do processo formativo dos jovens no ensino da arte: diálogos com a história, memória e ambientes intraescolares**. 2014. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação. Vitória, 2014.

STIVAL, Beatriz Pita. **Criatividade nas práticas pedagógicas da Educação Infantil**. 2020. 167f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias). Universidade Estadual de Goiás, Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas, Anápolis, GO.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é privilégio**. 5 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2012.

VALDEZ, Diane; FERREIRA, Maíra Soares; RODRIGUES, Maria Emilia de Castro; MACHADO, Maria Margarida. Sobre guardar histórias e evitar o esquecimento: o lugar social do arquivo. *In: A história guardada no Centro Memória Viva: Educação de Jovens e Adultos, educação popular e movimentos sociais*. VALDEZ, Diane; FERREIRA, Maíra Soares; RODRIGUES, Maria Emilia de Castro; MACHADO, Maria Margarida. (Orgs.) Goiânia: Cãnone Editorial, 2015.

VARIZO, Zaira da Cunha Melo.; FERREIRA, Maria Judy de Mello. De Colégio de Aplicação a Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação: uma trajetória. **Revista Polyphonía**, v. 2010: Volume Especial, Goiânia, p. 19–40, 17 dez. 2010.

VARIZO, Zaíra da Cunhe Melo. **Uma escola experimental democrática, da vida e para a vida (1968-1974)**. Curitiba. Appris, 2020.

VELASCO, Rafael de Souza; **Recordações em pauta: uma narrativa sobre a Banda Marcial da Escola Técnica Federal de Pelotas (ETFPEL) entre as décadas de 60 e 70**. 2019. 129 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia) - Instituto Federal Sul-rio-grandense, Pelotas, 2019.

VIEIRA, Vanda Domingos. **Geometria e Álgebra: uma proposta de ensino**. 1997. 124f. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1997.

WUNDER, Alik. **Foto quase grafias: o acontecimento por fotografias de escolas**. 2008. 127p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.

Sites e Links

AUDITÓRIO https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/84/o/AUDITORIO_UFG-A4-SAMAMBAIA-small.pdf Acesso em: 02/05/2024.

BDTD <https://bdtb.ibict.br/vufind> Acesso em: 20/02/2021.

CATÁLOGO <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/> Acesso em: 20/02/2021.

CENTRO <https://memoria.cidarq.ufg.br/index.php/centro-mem-ria-viva> Acesso em: 31/08/2024.

CRIAÇÃO <https://jornal.ufg.br/n/135985-a-criacao-da-ufg-uma-ousadia-historica> Acesso em: 20/04/2024.

GWAYA <https://gwaya.cepae.ufg.br/p/934-projeto> Acesso em: 20/05/2024.

INUMERÁVEIS <https://inumeraveis.com.br/ana-caritas-teixeira-de-souza/> Acesso em 23/12/2024.

IPE <https://memoria.cidarq.ufg.br/index.php/ipe-rosa-14>. Acesso em: 31/08/2024.

MUSEU <https://acervo.museu.ufg.br/missao> Acesso em: 02/03/2024.

PORTALUFJ <https://portalufj.jatai.ufg.br/n/138749-ufj-lamenta-falecimento-da-prof-ana-caritas-teixiera-de-souza> Acesso em: 01/09/2024.

SBPC <http://portal.sbpcnet.org.br/a-sbpc/quem-somos/> Acesso em: 30/04/2024.
_____. <https://sbpcacervodigital.org.br/communities/c01473b7-5e56-4f93-80ead22a713dbd6> Acesso em 23/12/2024.

TAINACAN <https://tainacan.org/> Acesso em: 02/03/2024.

UFG <https://ufg.br/n/138750-nota-de-falecimento> Acesso em: 01/09/2024.

YOUTUBE <https://www.youtube.com/watch?v=pAOrnnI7hRw> Acesso em: 20/09/2024.

APÊNDICES**Apêndice A – Lista de pessoas citadas**

A.A.C. – Armando Alves de Carvalho
A.C.T.S. – Ana Cáritas Teixeira de Souza
A.F.S. – Ataíde Felício dos Santos
A.H.S. – Alcir Horácio da Silva
A.N.F. – Adilton Nogueira Filho
A.P.D. – Alteniza Pereira Duarte (Zita)
C.F.C. – Claudiane Freire Corrêa
C.M.F.A – Celia Maria Freitas Antunes
C.V. – Célia Vianna
D.S.A. – Denise Silva Araújo
E.B.T.R. – Edvânia Braz Teixeira Rodrigues
E.F.O.P. – Elizabeth Francisca de Oliveira Pereira
E.R.O. – Elson Rodrigues Olanda
G.M.V.L.S. – Gene Maria Vieira Lyra Silva
I.M.C. – Ildeu Moreira Coêlho
J.R.A. – Joana Rosa de Almeida
L.C.F.R.M. – Lydia Christina Ferreira Rezende de Medeiros
L.D.N. – Luclécia Dias Nunes
L.F.D. – Luiz Fernandes Dourado
L.M.A.N. – Luiz Mello de Almeida Neto
L.R. S. – Luzia Rodrigues da Silva
M.B.M. – Marina Bretones Moura
M.F.A. – Maria Freire Alves
M.F.T.B. – Maria de Fátima Teixeira Barreto
M.I.B.P. – Maria Izabel Barnez Pignata
M.J.O.F.A. – Maria José Oliveira de. Faria Almeida
M.P.E.F.F. – Mafalda Paz Esteves Ferreira Fonseca
M.S.C. – Maria Salet Coelho
M.V.L. – Marcos Vinícius Lopes
M.A.G.S.B. – Maria Amélia das Graças Silva Barbosa.
N.M.G.S. – Neisi Maria da Guia Silva
O.A.V.A. – Orlando Afonso Valle do Amaral

P.C.V.A. – Paulo César Vieira de Araújo

R.F.A.T – Raquel Figueiredo Alessandri Teixeira

R.P.M. – Rony de Paula Mendonça

S.A.M.C. – Sílvia Alessandrini Monteiro de Castro

S.A.S. – Sirley Aparecida de Souza

S.F.A. – Silmara Ferreira Antunes

S.M.G.L. – Sílvia Maria Gama Lyra

S.S.C. – Sônia Santana Costa

T.M.S.F.M. – Telma Maria Santos de Faria Mota

T.O. – Telma de Oliveira

Z.C.M.V. – Zaíra da Cunha Melo Varizzo

Z.D.A. – Zuleika Duarte Alves

Apêndice B – Quantidade de fotografias distribuídas por ano:

Ano	Quantidade
Galeria Diretores	10
1979	150
1980	1
1985	6
1987	5
1990	52
1992	27
1994	1
1995	92
1996	137
1997	80
1998	8
1999	53
2000	56
2001	7
2002	69
2003	68
2004	79
2005	468
2009	28
2010	41
2014	333
2016	10
2017	10
Sem Data	717

Fonte: Silva, 2024.

Apêndice C – Lista de docentes que ocuparam o cargo de direção no CEPAE:

1. Silvia Alessandri Monteiro de Castro – 1ª diretora, 1968-1970;
2. Zaíra da Cunha Melo Varizo – 2ª diretora, 1970-1974;
3. Ana Cáritas Teixeira de Souza – 3ª diretora, 1975-1979;
4. Ambrozina Amália Coragem Saad – 4ª diretora, 1979-1980;
5. Paulo Marcelino – 5º diretor, 1980-1981;
6. Olnei Freire de Queiroz – 6º diretor, 1981-1982;
7. Marília Lara do Amaral Oliveira – 7ª diretora, 1982-1986;
8. Luiz José de Macedo – 8º e 10º diretor, 1986-1990 / 1994-1997;
9. Maria Alzira Cavalcanti Ziller – 9ª diretora, 1990- 994;
10. Armando Alves de Carvalho – 11º diretor, 1997-1998;
11. Edvânia Braz Teixeira Rodrigues – 12ª diretora, 1998-2002;
12. Maria José Ferreira Almeida – 13º e 14ª diretora, 2006-2010 / 2010-2014;
13. Alcir Horácio da Silva – 15º e 16º diretor, 2014-2016 / 2016-2022;
14. Neisi Maria da Guia Silva – 17ª diretora, 2022-2026.

Apêndice D – Teses e Dissertações sobre Fotografia Escolar

Autoria	Categoria	Programa	Ano de Defesa	Título	Palavras-chave	Observações
1. Abdala (2013) Rachel Duarte Abdala	Tese	Educação	2013	Fotografias escolares: práticas do olhar e representações sociais nos álbuns fotográficos da Escola Caetano de Campos (1895-1966)	Fotografia; Escola Normal Caetano de Campos; São Paulo; Fotografias Escolares; Álbuns fotográficos escolares	Estudo sobre as temáticas da fotografia escolar considerando os subtemas que elas englobam. Foram identificados quatro temas: arquitetura, práticas escolares, retratos e eventos. Estudaram-se as relações entre fotografia e escola em suas diversas dimensões. 122 imagens no trabalho Pesquisa em acervo organizado
2. Aguiar (2021) Ângelo Antônio de Aguiar	Dissertação	Ensino de História (Profissional)	2021	Fontes Fotográficas no Ensino de História: uma proposta didática com as fotografias de Claro Jansson sobre a Guerra do Contestado	Fotografia; Claro Jansson; Memória; Ensino de História; Guerra do Contestado	Analisou as possibilidades e potencialidades do uso de fotografias no ensino de História. Propõe uma metodologia teoricamente aos professores do ensino básico que desejam trabalhar com este tipo de documentação em contexto escolar. Fonte: fotografias de Claro Jansson sobre a Guerra do Contestado. O uso da fotografia como objeto didático Pesquisa durante a pandemia em acervo digitalizado de composição privada familiar
3. Aird (2015) Maitê Custódio Rios Aird	Dissertação	Educação	2015	O Jardim da Infância público anexo à Escola Normal da Praça: um estudo	Jardim da infância; Infância; Gênero.	Analisou como se demarcava as diferenças de gênero, e os diferentes mecanismos de educação para meninos e meninas segundo a teoria froebeliana no Primeiro Jardim

				sobre gênero (1826-1926)		da Infância Público anexo à Escola Normal da Praça na cidade de São Paulo. A fotografia é uma das fontes utilizadas.
4. Almeida (2016) Wilson Ricardo Antoniassi de Almeida	Tese	Educação	2016	Terceiro Grupo Escolar de Limeira - SP (1940-2010): a dinâmica do tempo-espaço escolar	Cultura Escolar; História Institucional; Fotografia Escolar; Depoimento. Terceiro Grupo Escolar de Limeira – SP.	Pesquisou aspectos da cultura escolar e da história do Terceiro Grupo Escolar de Limeira, estado de São Paulo, abrangendo o período de sua criação até 2016. Fez uso do potencial das fotografias escolares, por meio de sua leitura e interpretação, aliadas a depoimentos como fonte histórica e de memória para a educação. 148 imagens Foco na trajetória institucional, na história da cidade de São Paulo.
5. Alves (2020) Suzele Sany Lacerda Alves	Dissertação	Educação	2020	O Grupo Escolar José Emílio de Aguiar: um capítulo da história da educação primária de Coromandel-MG (1961-1971)	História da educação; Grupo Escolar; Representação; Crianças pauperizadas; Coromandel-MG.	Investigou a criação e implantação do Grupo Escolar José Emílio de Aguiar no período de 1961 a 1971 e sua representação social na cidade de Coromandel – MG. Fontes: atas de instalação da escola, livro de registro de matrículas, livro de resultados finais, termo de posse dos funcionários, livro registro de ponto dos funcionários, ofícios, jornais, fotografias e entrevistas semiestruturadas.
6. Amaral (2020) Henrique Sá Amaral	Dissertação	Ensino de História	2020	Entre a memória e o esquecimento: um percurso sobre o anarquismo no Rio de Janeiro	Anarquismo; Educação Anarquista; Percurso Pedagógico; Sindicalismo Revolucionário; República Oligárquica.	Pesquisa voltada ao desenvolvimento de atividades pedagógicas comprometidas com a geração de conhecimentos críticos como a valorização da trajetória de

						trabalhadores que ressignificaram espaços de luta na cidade do Rio de Janeiro que inspirados por autores e práticas anarquistas, foram capazes de elaborar movimentos de resistência ao modelo político-econômico da época. Apresentaram ferramentas de sensibilização e comunicação Fontes: artigos, poemas, registros fotográficos de greves e assembleias
7. Andrade (2004) Maíra Leão de Campos Andrade	Dissertação	Educação	2004	A Fotografia na história da educação: fonte de pesquisa e memória	Educação; Fotografia; Memória; Método.	Revisão de pesquisas para sustentar o uso da fotografia em história da educação 12 imagens
8. Araújo (2006) José Luciano de Araújo	Dissertação	História Social	2006	Olhares, registros e construções: imagens sobre crianças do Ipiranga 1980-2000	Fotografia; Infância; Memória; História; Ipiranga.	Baseada principalmente em fotografias. Explorou espaços e ocasiões relevantes para moradores do Bairro Ipiranga em São Paulo nas duas últimas décadas do século XX. Imagens de crianças produzidas por fotógrafos eventuais, de diferentes instituições (escolas, igrejas, residências, creches) em diferentes coleções)
9. Balbino (2020) Giovani Silva Balbino	Dissertação	Educação	2020	A Igreja Católica e o Estado na Educação Profissional em Pouso Alegre - MG (1917 - 1947)	Relações Igreja Católica e Estado; Formação Profissional; Relações de gênero; Escola Profissional Delfim Moreira; Escola	O objeto de pesquisa é a formação profissional de trabalhadores e trabalhadoras pela igreja católica na primeira metade do século XX na cidade de Pouso Alegre em Minas Gerais. Objetivo: compreender o papel da Igreja Católica em aliança

					Doméstica Santa Terezinha.	com o poder público, na organização da educação profissional Fontes: artigos e anúncios de três jornais e fotografias que permitiram observar os registros de alunos nas oficinas, dos prédios escolares e das autoridades políticas e religiosas com alunas e alunos. 21 figuras; 18 fotografias
10. Barbosa (2019) Audrey Franciny Barbosa	Dissertação	História, Cultura e Identidades	2019	Foto Bianchi: retratos e representações visuais do escolar (Ponta Grossa/PR, 1913-1943)	Retratos escolares; Foto Bianchi; Representação Visual	Analisou a representação dos espaços escolares pontagrossenses registrados pelo estúdio Foto Bianchi entre 1913 e 1943. Trabalho com arquivo organizado. 66 imagens
11. Bileski (2021) Mery Carolina Andrade Bileski	Dissertação	Educação	2021	Imagem e Educação: uma análise sociológica de fotografias escolares	Rituais de interação; Cotidiano escolar; Espaços educacionais; Fotografias escolares.	Análise de conteúdo das fotografias escolares publicadas nas revistas eletrônicas <i>Veja</i> e <i>Carta Capital</i> . Investigou representações da sala de aula, das interações entre pessoas na amostragem representativa. 11 imagens
12. Cintra (2005) Erica Piovam de Ulhoa Cintra	Dissertação	Educação	2005	Ensino Profissional feminino em Curitiba: A Escola Técnica de Comércio São José (1942-1955)	Educação feminina; Ensino profissional; Educação católica; Educação século XX; História-século XX; Curitiba – Paraná.	O trabalho versa sobre a congregação religiosa a constituição da escola técnica e a carreira das alunas em contabilidade em detrimento do magistério. Fotografia como fonte complementar combinada com documentos da congregação, leis decretos, ofícios, dados estatísticos, relatórios de agentes públicos, depoimentos e jornais. 29 imagens

13. Costa (2008) 14. Ana Valéria de Figueiredo da Costa	Tese	Educação	2008	Imagens Fotográficas de Professoras: uma trajetória visual do magistério em escolas municipais do Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX	Imagens Fotográficas; Professoras; Rio de Janeiro; Primeira República.	Investigou, através de registros e reproduções fotográficas, as relações sociais, usos e costumes que emergem das imagens de professoras de escolas municipais do Rio de Janeiro, no período compreendido entre final do século XIX (década de 1890) e início do século XX (décadas iniciais), analisando como a imagem das professoras vem sendo veiculada e agregada a valores pelo documento fotográfico, refletida no cotidiano e nas práticas escolares da época focalizada neste estudo 79 fotografias
15. Cristo (2019) 16. Moises Levy Pinto Cristo	Dissertação	Educação	2019	Labirintos da memória: experiências educativas de ex-internos da Colônia de Marituba/PA (1940-1970)	Experiências educativas; Hospital Colônia de Marituba; Lepra.	O estudo teve como objetivo analisar as experiências educativas de ex-internos no Hospital Colônia de Marituba/PA, nos anos de 1940-1970. Fontes: entrevistas, documentos históricos, anais de conferências, manuais, jornais locais, registros fotográficos, fichas leprologicas, revistas e livros 40 imagens
17. Delboni (2020) Juber Helena Baldotto Delboni	Tese	Educação	2020	Escola multisseriada, infâncias, e comunidade tradicional pomerana: diálogos mediados por imagens e memórias	Infâncias; Imagem; Memória; Escola multisseriada; Comunidade.	Analisou as mediações da imagem fotográfica no grupo de pessoas pomerana de Caramuru, no diálogo entre infâncias, comunidade e memórias. Busca dimensionar a relação entre a escola e a comunidade, na parceria entre as escolas multisseriadas

						Diário de campo, produção de fotografias e rodas de conversas com suporte de fotografias históricas 47 imagens
18. Eberhardt (2013) Camila Eberhardt	Dissertação	História	2013	Fotografias de Ensino: memória e representações imagéticas da educação pública na cidade de Torres/RS (1960-1980)	Fotografia; Educação; Desfiles Cívicos.	Analisou os arquivos fotográficos de três instituições de ensino, busca identificar que usos, funções e representações que as fotografias possuem nas escolas, considerando a forma como foram organizadas ao longo dos anos. Total de imagens 446 no acervo. 99 imagens na dissertação Gráficos com o percentual de fotografias por escola, por ano, com identificação, PB e coloridas Quadro das categorias temáticas
19. Fontoura (2013) Fabriscio Luiz Fontoura	Dissertação	Educação	2013	Juventude e Escola: um estudo a partir da visão dos estudantes	Jovens; Etnografia; Fotografia; Escolas; Educação	Investigou o que os jovens da/o oitava série/nono ano de uma escola pública do município de Campinas (SP) têm a dizer sobre a escola, a partir de fotografias realizadas por eles. As imagens foram divididas em temas, considerando as legendas atribuídas pelos respectivos autores, e foram discutidas em grupo. 6 imagens Não tem lista de figuras
20. Gabriel 2020 Sônia Maria da Silva Gabriel	Dissertação	Educação	2020	João Baptista de Mello e Souza – Trajetórias e memórias de um professor	História Cultural; Ensino de História; Memórias; Identidade Docente; Primeira República.	Esta pesquisa analisa as trajetórias e memórias de João Baptista de Mello e Souza (1888- 1969), professor que iniciou sua carreira nas primeiras décadas do século XX Fontes: acervo pessoal composto por artigos, crônicas, fotografias,

						livros didáticos, teses, obras literárias e anotações, dentre outros documentos. 19 figuras 4 fotografias
21. Galvão (2015) Milene Aparecida Padilha Galvão	Dissertação	História	2015	Escolas e Faxinais: regiões de saberes, lugares de memória (1980-2014)	Faxinais; Escola; Memória; Fotografias; Saberes; Regiões.	Estudo a respeito dos faxinais, na região centro sul do estado do Paraná, e a escola, espaço educativo com metodologias e salas multisseriadas diante do contexto pesquisado. Os faxinais, ou faxinalenses são comunidades tradicionais camponesas cuja formação social se caracteriza pelo uso comum da terra e dos recursos florestais e hídricos disponibilizados na forma de criadouro comunitário. 47 imagens Fotografias e entrevistas como fontes de memória.
22. Gatti (2020) Márcia Marise de Carvalho Gatti	Dissertação	Educação	2020	O uniforme escolar e a cultura material: quando o objeto conta a história (1930-1970)	Cultura Escolar; Uniforme Escolar; História Cultural.	A pesquisa tem como objeto central o uniforme escolar, discutindo suas relações com o contexto educacional na perspectiva da História Cultural e das possibilidades por ela trazidas, principalmente nas últimas quatro décadas. Metodologia utilizada foi qualitativa, documental e iconográfica. 62 figuras
23. Gusmão (2020) Renata dos Santos Gusmão	Dissertação	Educação	2020	O Padre Geraldo e sua Escola Amor Divino (1958 – 1964)	Biografia; Padre; História Oral; Memória.	Analisou a história e memória do Padre Geraldo Magela na implementação da Escola Amor Divino no Jardim Jordão, Pernambuco, entre 1958 e 1954.

						Fontes entrevista narrativa e registros fotográficos e levantamento documental. 16 imagens
24. Lima (2020) Adilson Carlos de Lima	Dissertação	Ensino de História	2020	Fotografia, memória e ensino de história: trabalhadores do café no interior paulista	Trabalhadores rurais; Fotografia; Ensino de História.	Investigou a história de trabalhadores rurais cafeeiros no município de Tejupá-SP, nas fotografias registradas pelas famílias, para realizar uma leitura dos elementos marcantes que atravessam esses registros, com o objetivo de oferecer, um material didático com fotografias que pudesse ser como documento histórico em sala de aula. Não enumerou as fotografias em lista sequencial.
25. Luiz (2012) Marilda Cabreira Leão Luiz	Dissertação	Educação	2012	Retratos da escola: a organização do acervo fotográfico e a utilização de imagens como fontes em história da educação	Educação; História da Educação; Fotografia.	Realizou a organização das imagens fotográficas da Escola Estadual Rotary Dr. Nelson de Araújo na cidade de Dourados-MS. Analisou as fotografias simultaneamente com a organização e catalogação dos registros, divididos em acervo físico original, de reprodução, e digital, este último disponível para acesso. 20 imagens
26. Martins (2008) José Reinaldo Castro Martins	Dissertação	Ciências da Comunicação	2008	Passado e modernidade no Maranhão pelas lentes de Gaudêncio Cunha	Fotografia; Gaudêncio Cunha; História; Cultura, Maranhão.	Analisou as fotografias que formam o <i>Álbum do Maranhão</i> de 1908, encomendado ao fotógrafo Gaudêncio Cunha pelo Governo do estado para a Exposição Nacional no Rio de Janeiro em 1908. 61 fotografias

						15 ilustrações
27. Mendes (2020) Sarah de Lima Mendes	Tese	Educação	2020	A criança pela lente da fotografia: representações e culturas no jardim de infância modelo de Natal (1953-1965)	Criança; Infância; Fotografia; Cultura Infantil e Cultura Escolar.	Analisou as representações de crianças e infâncias nas imagens fotográficas produzidas no Jardim de infância Modelo de Natal, em meados de 1953 a 1965. Apresenta quadros temático das fotografias. 12 figuras 62 fotografias
28. Morais (2020) Luciano Eurípedes Morais	Dissertação	Educação	2020	<i>Se não fosse essa escola aqui da Martinésia, eu acho que eu seria um analfabeto até hoje:</i> representações sobre as escolas combinadas de Martinésia, 1962 a 1985 (Distrito de Martinésia, Uberlândia – MG)	História da escolarização rural; Escolas rurais; Memórias; Representações; Distrito de Martinésia.	Investigou a história das Escolas combinadas de Martinésia, no distrito de Martinésia, Uberlândia – MG, no período de 1962 a 1985. Analisou as práticas educativas desenvolvidas na instituição observando de que forma elas foram significadas pelas pessoas que lá estudaram. Fontes: Arquivo Público de Uberlândia e na Escola Municipal Antonino Martins da Silva; entrevistas, jornal Correio de Uberlândia, pasta contendo registros sobre as escolas municipais rurais de Uberlândia; fotografias; livros de registro de matrículas; de chamada; de atas; de ponto e de resultado final de aproveitamento; termos de visita de inspeção escolar; quadro geral do estabelecimento de ensino; fichas de matrícula e diários de classe. 11 imagens

29. Nascimento (2012) Sebastião Valério Silveira do Nascimento	Dissertação	Educação	2012	A Criança na Fotografia: o retrato da infância na primeira metade do século XX em Belém do Pará (1900 a 1950)	Infância; Álbum de família e Fotografia.	Investigou as representações da infância na fotografia de crianças na cidade de Belém do Pará da primeira metade do século XX. Ressalta a importância da fotografia enquanto documento histórico 54 imagens
30. Oliveira (2002) Mirtes Cristina Marins de Oliveira	Tese	Educação	2002	Palimpsestos: Fotografias da Escola Normal da Praça (1889-1910)	Não apresenta	Analisa as alterações encontradas na produção fotográfica realizada no âmbito da Escola Normal Caetano de Campos, no período entre 1889 e 1910. Discute a imagem e as representações da escola diante do poder republicano a partir de 2 álbuns de fotografias. 130 imagens
31. Oliveira (2019a) Andréa de Oliveira	Dissertação	Educação	2019	História de instituições escolares de São Francisco Do Sul, SC 1835 - 1935	História de instituições escolares; História da Educação, São Francisco do Sul.	Analisa o processo histórico de institucionalização de escolas em São Francisco do Sul no período de 1835 a 1935. Fontes: pesquisa documental, utilizando documentos como livros de atas da Câmara de Vereadores, Leis Orçamentárias, documentação de escolas, fotografias e imprensa. 36 figuras
32. Oliveira (2019b) Rosana Carla de Oliveira	Dissertação	Educação	2019	Paulistinha, a Creche Universitária da UNIFESP: a construção identitária de uma história multifacetada (1971 a 1996)	Instituição Escolar; Creche Universitária; Comunidade Infantil; Paulistinha; Memória.	Apresenta a história da Creche Universitária Paulistinha, da Universidade Federal de São Paulo [UNIFESP], instituição criada na década de 1970 para atender aos filhos das funcionárias da Escola Paulista de Enfermagem - EPE,

						vinculada à Escola Paulista de Medicina - EPM. fontes: documentos da Creche e da Escola Paulista de Enfermagem - manuais, pareceres, editais e documentos pessoais dos entrevistados, como registros, fotografias e entrevistas. 53 imagens
33. Pagnan (2010) Valéria Bastelli Pagnan	Dissertação	Educação	2010	Da produção de identidades: a constituição do sujeito em narrativas fotográficas sobre a vida	Discurso; Sujeito, Representação, Identidade; Dispositivo pedagógico.	Discutiu a constituição de sujeitos no espaço escolar a partir de uma experiência didática desenvolvida durante as aulas de Língua Portuguesa em cinco salas de Ensino Médio de uma escola pública em Amparo (SP) durante o ano de 2007. Fonte: produção de um álbum em que cada aluno narra sua história de vida com imagens e textos. Não lista nem enumera imagens.
34. Pineda (2009) Silvana Schuler Pineda	Tese	Educação	2009	O Casarão da Várzea visto por dentro: trajetórias escolares de alunos do Colégio Militar de Porto Alegre	Trajетórias escolares; Colégio Militar de Porto Alegre; fotografias escolares; <i>alma mater</i>	Analisou as trajetórias de vida dos estudantes egressos do Colégio Militar de Porto Alegre; com diferentes perfis, gênero, etnia, inserção socioeconômica, desempenho escolar, aptidão para atividade física, alunos internos, alunos populares, a maioria não privilegiada economicamente. 112 imagens A autora insere as imagens sem problematizar. As fotografias

						reforçam as afirmações textuais como ilustrações.
35. Rodrigues (2006) Leo dos Reis Rodrigues	Dissertação	Educação	2006	Retratos de família Imagens na memória	Fotografia; Retratos de família; Pintura; Educação visual; Arte da Memória; Renascimento; Perspectiva artificial.	Analisou das fotografias de álbum de família, com entrevistas. Propõe uma educação visual do olhar, a fotografia como objeto de educar as memórias. 173 Figuras – fotografias e pinturas
36. Rossoni (2009) Rodrigo Rossoni	Tese	Educação	2009	Vidas fotográficas: fotocartografando experiências na/da Escola de Fotógrafos Populares no Complexo da Maré	1) Fotógrafos; Escola de Fotógrafos Populares; Observatório de Favelas; Práticas Educacionais; 2) Cartografia; Movimentos subjetivos; Fenomenologia; 3) Fotocartografia; 4) Experiência: Benjamin.	Pesquisa cartográfica de inspiração fenomenológica que investiga a experiência de jovens fotógrafos da Favela da Maré (RJ), que cursaram a Escola de Fotógrafos Populares, pertencente ao Observatório de Favelas. Não enumerou as imagens
37. Santos (2017) Cristina Ribeiro Dos Santos	Dissertação	Ciência da Informação	2017	Gênese documental de álbuns fotográficos escolares: entre avanços e ausências	Álbum fotográfico; Gênese documental; Fotografia; Recurso Informacional; Organização e Representação da Informação e do Conhecimento.	Pesquisa Documental, analisa os elementos que caracterizam o álbum fotográfico como um Recurso Informacional e os pressupostos da gênese documental por meio da narrativa. Método de análise de conteúdo, quadro com objetivos e atividades para alcançá-los, quadro com composição dos álbuns. 23 imagens sem lista
38. Sgobin (2013) Alexsandro Aparecido Sgobin	Dissertação	Educação	2013	10.000 passos: fotografias, anarquismos e caminhos bifurcados nas práticas de aula de Geografia em	Pedagogia; Anarquismo; Fotografia; Escolas Públicas	Trata de uma experiência realizada em escolas da periferia da cidade de Campinas (SP), entre os anos de 2009 e 2012, utilizando fotografias de pichações manipuladas digitalmente (fotopotências). Não se

				escolas da periferia de Campinas		trata de um uso “novo” para as fotografias em ambiente escolar, mas de um caminho potencializador de naturezas mesmas da fotografia. Imagens não enumeradas.
39. Silva (2019) Carla Cristina Jacinto da Silva	Tese	Educação	2019	A história da educação de mulheres pobres nas instituições escolares noturnas primárias de Uberlândia/MG (1933-1959): espaço de luta e resistência pela escolarização	História da Educação; Educação de mulheres; Escolas noturnas primárias de Uberlândia/MG.	
40. Silveira (2005) Débora de Barros Silveira	Tese	Educação	2006	Falas e imagens: a escola de educação infantil na perspectiva das crianças	1. Educação infantil; 2. Pesquisa – metodologia; 3. Imagens fotográficas; 4. Escolas.	Pesquisa de natureza qualitativa, coleta de dados com foco nas crianças de cinco anos de idade que compunham uma das turmas de uma escola municipal de educação infantil da cidade de São Carlos (SP) Fonte: produção e diálogos sobre as fotografias, observações e entrevistas. 41 imagens
41. Souza (2014) Rosemeire Maria De Souza	Dissertação	Educação	2014	Imagens da escola como mediadoras do processo formativo dos jovens no ensino da arte: diálogos com a história, memória e ambientes intraescolares	Imagens; Mediação; Jovem; História; Memória; Ambientes Intraescolares.	Apresenta as imagens da escola como mediadoras do processo formativo dos jovens no ensino da Arte em diálogo com a história, a memória e ambientes intraescolares. 62 imagens
42. Velasco 2019 Rafael De Souza Velasco	Dissertação	Educação e Tecnologia (Profissional)	2019	Recordações em pauta: uma narrativa sobre a banda marcial	Banda Marcial; Escola Técnica Federal de Pelotas; Juventude.	A pesquisa apresenta uma narrativa da história da Banda Marcial da antiga ETFPEL, a partir das

				da Escola Técnica Federal de Pelotas (ETFPEL) entre as décadas de 60 e 70		entrevistas de seus integrantes, visando a entender melhor as relações que esses estabeleciam com a Banda, com a música e com a instituição. Fonte: História Oral e a fotografia como fonte histórica. 29 figuras
43. Wunder (2008) Alik Wunder	Tese	Educação	2008	Foto quase grafias: o acontecimento por fotografias de escolas	Fotografia; <i>acontecimento</i> , escol; Gilles Deleuze; Roland Barthes; linguagem	Investigou o que mora no hábito de fotografar escolas, dialoga com as diferentes temporalidades da fotografia escolar e a poética visual da fotografia escolar. Fotografias não enumeradas e não listadas, apresenta diagramação criativa, fora do padrão ABNT, não discute ou analisa as imagens apresentadas.

Apêndice E– Teses e Dissertações sobre o CEPAE

Na organização das teses e dissertações sobre o CEPAE, optamos por incluir a palavra-chave utilizada para identificar o trabalho na guia de buscadores das plataformas utilizadas.

Palavra-chave utilizada na busca	Autoria	Ano de Defesa	Título do Trabalho	Tipo	Programa de Pós-Graduação	Palavras-chave do trabalho	Observações
CEPAE	1.Amorim (2019) Marcos Vinícios dos Santos Amorim	2019	Árvores, carrinhos e investigações: Narrativas sobre a comunicação na sala de aula de matemática.	Dissertação	PPGEEB	Educação Matemática; Comunicação; Pesquisa Narrativa.	Analizou a comunicação em aulas de matemática, em situações investigativas de resolução de problemas, e a relação entre alunos e professores nesse contexto.
Colégio de Aplicação UFG	2.Anjos (1994) Diva B. dos Anjos	1994	Aspectos fonético-fonológicos da variedade linguística usada pelos alunos do Colégio de Aplicação da UFG no início do processo de alfabetização	Dissertação	Letras	Não apresenta.	Trabalho não localizado; confirmado local de pesquisa pelo título
CEPAE	3.Araújo (2007) Cristina Batista de Araújo*	2007	O cotidiano escolar: a linguagem articulando saberes, poderes e sujeitos	Dissertação	Letras	Não apresenta.	Trabalho não localizado, confirmado com a autora local de pesquisa

CEPAE	4.Cabral (2020) Larissa Cabral	2020	Nas entrelinhas do espaço escolar: o dever da prática educativa	Dissertação	Antropologia	Educação escolar; Docência; Tática criativa; Etnografia; devir.	Estudo da prática docente no cotidiano escolar.
CEPAE	5.Carvalho (2000) Maria Alice de Sousa Carvalho*	2000	Sob(re) o texto: o domínio do significado	Dissertação	Educação	Não apresenta.	Trabalho não localizado, confirmado com a autora local de pesquisa
CEPAE	6.Carvalho (2011) Maria Alice de Sousa Carvalho*	2011	Escrita, repetição e elaboração	Tese	Educação	Aquisição; escrita; repetição; elaboração.	Discuti o papel das brincadeiras lúdicas no processo de aquisição da leitura e da escrita, a partir da psicanálise e dos estudos iniciais de Sigmund Freud, articulando corpo e linguagem.
CEPAE	7.Carvalho (2020) Cleydon Araújo de Carvalho*	2020	Projeto De Extensão Em Cultura Corporal No Centro De Ensino E Pesquisa Aplicada À Educação Da Ufg: Da Participação À Formação Humana Crítica	Dissertação	PPGEEB	Extensão Universitária; Educação Física; Cultura Corporal; Esporte.	Investigou os fatores que contribuem na participação e formação dos estudantes da segunda fase do ensino fundamental nos projetos de extensão, realizados no CEPAE, no campo da cultura corporal, no âmbito da prática pedagógica da educação física.
CEPAE	8.Castro (2020) Meire Luiza de Castro	2020	A Superdotação Na Primeira Infância Sob A Perspectiva Das Políticas Públicas Em Educação Especial	Dissertação	PPGEEB	Ensino-aprendizagem; Educação Infantil; Altas habilidades/superdotação; Formação do professor.	Pesquisa destinada a criar estratégias para auxiliar docentes da educação infantil na identificação de altas habilidades e superdotação.
CEPAE	9.Costa (1997)	1997	Dialeiticidade em Sala de aula: uma leitura	Dissertação	Educação	Não apresenta.	Analisou o processo pedagógico de constituição

	Sônia Santana da Costa*		sobre o processo de construção de escrita a partir do conceito de zona de desenvolvimento proximal				da escrita a partir do conceito de zona de desenvolvimento proximal de Vygotsky, numa perspectiva histórico-dialética referenciada em Luria e Bakhtin
CEPAE	10.Demesa (2019) Itandehuy Castañeda Demesa	2019	Abordagens das práticas comunitárias em espaços públicos por meio da poesia têxtil	Dissertação	Arte e Cultura visual	Poesia têxtil; Instituições públicas; Escola; Processos criativos; Produção Artística; Feminismo.	Analisou a manifestação dos processos criativos coletivos de mulheres jovens em espaços públicos em oficinas realizadas, uma delas no CEPAE.
Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada À Educação	11.Duckur (2003) Luzirene Costa Bezerra Dukur*	2003	Em busca da formação de indivíduos autônomos nas aulas de educação física	Dissertação	Educação Física	Educação Física; Práticas Pedagógicas; Escola.	Discutiu as metodologias e práticas em educação física escolar, numa perspectiva sociocultural, tendo como fonte de análise a experiência docente do CEPAE.
Colégio de Aplicação	12.Ferreira (2019) Marisa de Medeiros Ferreira*	2019	Psicologia escolar no CEPAE: trajetória histórica do serviço de psicologia do colégio de aplicação da UFG.	Dissertação	Psicologia	História da Psicologia Escolar; Psicologia Escolar; Colégios de Aplicação; CEPAE; UFG.	Investigou o desenvolvimento do setor de psicologia escolar do CEPAE e suas relações com o campo de atuação em âmbito regional e nacional.
CEPAE	13.Frazão (2022) Sheila Cristina Frazão	2022	A orientação da pesquisa na perspectiva do professor de ensino médio	Dissertação	PPGEEB	Pesquisa escolar; Biblioteca; Bibliotecário; Professor; Ensino Médio.	Pesquisa destinada a promoção das práticas de letramento informacional e a construção de instrumentos que auxiliem docentes e estudantes na busca e coleta de dados

							para pesquisa em diálogo com profissionais da biblioteconomia.
CEPAE	14.Guida (2018) Rosemarilany Barbosa Guida*	2018	O papel da biblioteca escolar na mediação da leitura: uma experiência com alunos de 5º ano do CEPAE/UFG	Dissertação	PPGEEB	Ensino na Educação Básica; Biblioteca Escolar; Formação de Leitores; Mediação.	Investigou a importância da biblioteca escolar e a atuação do bibliotecário na formação do hábito de leitura dos estudantes nos anos finais do ensino fundamental.
CEPAE	15.Leite (2009) Lusitonia da Silva Leite	2009	A expressão da compreensão de alunos com dificuldades de aprendizagem em Matemática ao trabalhar com o Material Cuisenaire	Dissertação	Educação em Ciências e Matemática	Ensino na Educação Básica; Biblioteca Escolar; Formação de Leitores; Mediação.	Investigou a como os alunos dos 5º e 6º anos do ensino fundamental, com dificuldade de aprendizagem, expressam suas compreensões matemáticas utilizando o Material Cuisenaire, nas situações de ensino.
CEPAE	16.Lima (2008) Nilvânia Damas Silva Lima	2008	Teorias pessoais e percepções de cinco professores de inglês em formação universitária	Dissertação	Letras e Linguística	Teorias pessoais; percepções; formação universitária; ensino e aprendizagem de inglês. Retiradas do artigo	Trabalho não localizado, confirmado local de pesquisa com artigo homônimo de mesma autoria. Verificou como os participantes da pesquisa, cinco professores/as de inglês em formação universitária, percebiam ou teorizavam o processo de ensino aprendizagem da língua inglesa.
CEPAE	17.Martins (2019) Poliana Carvalho Martins*	2019	A Organização Da Educação Física Na	Dissertação	PPGEEB	Ensino; Educação Física; Educação	Discutiu o ensino de educação física na

			Educação Infantil No Dei/CEPAE/Ufg			Infantil; Psicologia Histórico-Cultural.	educação infantil para crianças de 1 a 2 anos.
CEPAE	18.Morais (2021) Rosa Maria Ribeiro de Moraes	2021	O Acompanhamento Individual De Uma Criança Autista Em Seu Processo De Escolarização	Dissertação	PPGEEB	Autismo; Escolarização; Subjetividade	Argumentou acerca da importância da inclusão das crianças autistas na educação inclusiva no processo de escolarização no ensino regular. Estudo de caso com aluno do 4º ano do CEPAE, na perspectiva psicanalista.
Trabalho localizado no diálogo com docentes da escola	19.Moreira (2022) Marilene Barcelos Moreira*	2022	A Boniteza Da Implementação Da Lei 10.639/03 No Ensino De Química – Esperando Críticamente Superar Os Estigmas Étnico- Raciais Do Ambiente Escolar	Tese	Química	Educação Antirracista; Cultura; Educação Libertadora; Lei 10.639/03; Ensino de Química.	Pesquisa acerca da interdisciplinaridade entre a disciplina de Química e a temática da diáspora africana realizada com estudantes da 2ª e 3ª séries do ensino médio do CEPAE na disciplina eletiva “Química na cozinha: alimentação e a diáspora africana”.
CEPAE	20.Nascimento (2022) Samuel Rodrigues do Nascimento	2022	Intervenções urbanas como estratégia no ensino de artes visuais: Experimentações artísticas no espaço público	Dissertação	PPGEEB	Educação básica; Ensino; Artes visuais; Intervenção urbana.	Discutiu a intervenção urbana com estudantes do ensino médio, entendendo o espaço público como possibilidade de construção de visualidades artísticas e questionadoras.
CEPAE	21.Sabota (2008) Barbra Sabota	2008	Estágio supervisionado de LE: um estudo de caso sobre a formação universitária de	Tese	Letras e Linguística	Não apresenta	Trabalho não localizado, confirmado local de pesquisa com resumo homônimo de mesma autoria. Estudo de caso

			professores de inglês na UFG.				com licenciandos do curso de Português-Inglês para investigar as condições de formação inicial e como estes são preparados ao exercício da docência no estágio supervisionado realizado no CEPAE.
CEPAE	22.Nunes (2014) Natália Macedo Nunes	2014	A Pedagogia Crítico-Superadora E O Esporte Escolar: Um Estudo Sobre A Proposta Curricular Da Educação Física Do Centro De Ensino E Pesquisa Aplicada À Educação Da Universidade Federal De Goiás	Dissertação	UNB	Pedagogia crítico-superadora; Educação Física; Esporte.	Analisou a proposta curricular do ensino de Educação Física do CEPAE na perspectiva da teoria histórico crítica.
CEPAE	23.Oliveira (2000) Jean Jones Freire Viana de Oliveira	2000	O Projeto Político-Pedagógico Do CEPAE: Limites E Possibilidades Na Construção Da Cidadania	Dissertação	Educação	Não apresenta.	Analisou o Projeto Político Pedagógico do CEPAE e suas possibilidades de contribuição para a formação cidadã.
CEPAE	24.Oliveira (2012) Ilse Leone Borges Chaves de Oliveira*	2012	Memórias de Leitores: uma história construída na trama dos discursos escolares	Tese	Letras e Linguística	Memória; discurso; leitura; formação do leitor.	Investigou a relação da escola com os processos de formação do leitor com estudantes do ensino médio. Fundamenta-se nos pressupostos foucaultianos de análise do discurso.
CEPAE	25.Oliveira (2022)	2022	As políticas públicas de acesso à	Dissertação	PPGEEB	Ensino na Educação Básica; Políticas	Discutiu como as políticas públicas destinadas a

	Larissa Rosa de Oliveira		informação e de incentivo à leitura e sua aplicação na biblioteca escolar			públicas de acesso à informação; Biblioteca escolar; Democratização do conhecimento; Promoção da leitura.	criação e manutenção de bibliotecas escolares podem contribuir com a formação de leitores/as na educação básica.
CEPAE	26.Ramos (2016) Rafaela de Morais Ramos*	2016	Planejamento, Registro E Avaliação: instrumentos que ressignificam a prática docente na Educação Infantil	Dissertação	PPGEEB	Ensino; Educação Infantil; Planejamento; Registro; Avaliação.	Investigou como docentes da educação infantil vinculam teoria e prática na realização do planejamento, dos registros e avaliações n contexto da educação infantil.
CEPAE	27.Rezende (2012) Márcia Pereira Dutra de Rezende	2012	Jogos em Ensino de Biologia: possibilidades avaliativas.	Dissertação	Educação em Ciências e Matemática	Elaboração de jogos; Avaliação da Aprendizagem; Ensino de Biologia.	Analisou a aplicação de jogos lúdicos na disciplina de Biologia com estudantes do ensino médio do CEPAE.
CEPAE	28.Ribeiro (2009) Roberta Rocha Ribeiro	2009	A transitividade em cartas do leitor à luz do funcionalismo	Dissertação	Letras e Linguística	Transitividade; Carta ao leitor; Funcionalismo; Gêneros do discurso; Tipologia Textual.	Analisou tendências na organização transitiva do gênero literário carta ao leitor a partir de produções de estudantes da quarta série do ensino fundamental do CEPAE.
CEPAE	29.Santos (2001) Ataíde Felício dos Santos*	2001	Formação De Conceitos Históricos Por Escolares Da 5ª Série Do Ensino Fundamental No CEPAE/Ufg	Dissertação	Educação	Não apresenta	Analisou o processo de formação de conceitos de estudantes da quinta série do ensino fundamental de oito anos na disciplina de História.
Colégio de Aplicação	30.Silva (2010) Alcir Horácio da Silva*	2010	A organização do trabalho pedagógico e a avaliação da	Tese	Educação	Avaliação; Organização do	Discutiu a organização do trabalho pedagógico e o processo de avaliação da

			aprendizagem no Educação Física no Colégio de Aplicação da UFG			Trabalho Pedagógico; Educação Física.	aprendizagem no âmbito da disciplina de Educação Física tendo como referência o projeto de ensino do CEPAE.
CEPAE	31.Silva (2012) Simei Araújo Silva	2012	Ideologia, educação e literatura: a indústria cultural na interface com a formação da criança	Tese	Educação	Ideologia; Educação; Indústria Cultural; Literatura Infantil; Teoria Crítica.	Investigou a identificação dos estudantes do 1º e do 3º ano dos anos iniciais do ensino fundamental com o conteúdo das histórias narradas na atividade "Hora do conto" realizada na biblioteca, e outras literaturas do contexto familiar.
Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada À Educação	32.Silva (2015) Maria Raquel Gomes da Silva	2015	Letramento Informacional E Literário Na Educação Básica	Dissertação	Letras	Biblioteca Digital; Leitor e Leitura Literária; Letramento Informacional e Literário.	Tem como foco a relação leitor escolar com a biblioteca digital, ferramenta de acesso e manejo de informações necessárias à formação literária. Estudo caracterizado como Pesquisa-Ação Integral Sistêmica (PAIS) combinando princípios da antropologia e da Pedagogia.
CEPAE	33.Silva (2018b) Roberta Alves da Silva	2018	O Conselho De Classe No CEPAE/Ufg: Implicações Para A Avaliação Da Aprendizagem E A Organização Do Trabalho Pedagógico	Dissertação	PPGEEB	Conselho de Classe; Avaliação; Organização do Trabalho Pedagógico.	Analisou a realização do conselho de classe no CEPAE e suas implicações para a avaliação da aprendizagem e a organização do trabalho pedagógico.

CEPAE	34.Silva (2021) Karla Rodrigues da Silva*	2021	A leitura literária de clássicos, dinamizada a partir de dois ambientes: a biblioteca e a sala de aula	Dissertação	PPGEEB	Leitura literária; Formação do leitor; Biblioteca escolar; Mediação de leitura.	Investigou como as ações de incentivo e promoção à leitura, utilizando-se de clássicos da literatura brasileira, a exemplo o autor Machado de Assis, podem ser produtivas quando há parceria entre bibliotecários/as e docentes.
CEPAE	35.Siqueira (2023) Maria Silvério da Silva Siqueira	2023	A biblioteca escolar e a iniciação científica no ensino médio: contribuições do letramento informacional na formação de jovens pesquisadores	Dissertação	PPGEEB	Iniciação científica; Biblioteca escolar; Ensino médio; Letramento Informacional; Fonte de informação.	Estudo acerca do letramento informacional como desenvolvimento de competência em informação dos estudantes do ensino médio em efetivo contato com a iniciação científica no exercício de busca e uso de fontes de informação.
CEPAE	36.Sousa (2020) Joana Darc de Sousa*	2020	O Fanzine Como Estratégia Pedagógica Para O Ensino Da Geometria Na Educação Básica	Dissertação	PPGEEB	Fanzine pedagógico; Estratégia Pedagógica; Geometria; Arte; Ensino; Educação Básica; Educação Matemática.	Investigou as possibilidades pedagógicas do uso do fanzine como estratégia para o ensino de geometria nas aulas de matemática na interdisciplinaridade entre Artes e Educação Matemática.
Colégio de Aplicação	37.Souza (1995) Luzinete Vasconcelos de Souza*	1995	O Sentido Na Produção De Textos De Criança Em Fase De Alfabetização	Dissertação	Educação	Não apresenta.	Analisou produções escritas de crianças em fase de alfabetização diante das teorias de Vygotsky e Bahktin.

Trabalho localizado no diálogo com docentes da escola	38.Souza (2015) Andréa Alves da Silva Souza*	2015	Lili Invento O Mundo Onde Não Falta Poesia: A Mediação Da Leitura Literária Nas Séries Iniciais Do Ensino Fundamental	Dissertação	PPGEEB	Leitura literária; Poesia; Criança; Mediação; Contexto escolar e familiar.	Investigou o papel e as relações da família e da escola na mediação da leitura literária, com ênfase em poesia, no processo de aprendizagem e formação de leitores/as
CEPAE	39.Stival (2020) Beatriz Pita Stival*	2020	Criatividade nas práticas pedagógicas da Educação Infantil	Dissertação	Educação, Linguagem e Tecnologias (UEG)	Educação Infantil; Práticas Pedagógicas; Escolas Criativas; Pensamento Complexo.	Estudo de caso que investiga por que a criatividade se torna perceptível nas práticas pedagógicas direcionadas a educação infantil
CEPAE	40.Vieira (1997) Vanda Domingos Vieira	1997	Geometria E Álgebra: Uma Proposta De Ensino	Dissertação	Educação	Não apresenta.	Analisou a proposta de ensino de matemática, no que tange ao conteúdo de geometria e álgebra, com estudantes da sétima série do ensino fundamental de oito anos do CEPAGE.

* Docente, técnico/a-administrativo/a, ou ex-docente, ex-tecnico/a-administrativo/a do CEPAGE.

Fonte: Silva, 2024

Apêndice F – Lista de identificação das fotografias do acervo

Conjunto	Quantidade	Data	Descrição	Pessoas identificadas/ Observações
01	149	1979	Álbum de capa azul escuro. Maioria das folhas fixadas. Legendas: Construção do CA, Alunos 3ª Série do I Grau 1979; Posse da diretoria do CCE; Caminhada ao Campus comemoração ao Dia do Estudante e Dia dos Pais AGO 1979; Dia da Árvore Campus 21.09.1979; Viagem a Bertiooga 2º Colegial OUT 79; III Encontro Nacional de CA 1979 (Recorte Jornal)	
01.A	1	Junho/1979	Foto avulsa. Tamanho e formato igual as fotos conjunto 01, data e marcações no verso iguais.	
02	57	s/d	Fotos coladas em folha tamanho ofício. Faculdade de Educação, Instalações, Preto e branco, avarias de mofo.	
03	2	Setembro/1999	Apresentação em teatro	
04	10	s/d	Biblioteca	Neisi
05	11	s/d	Fotos com manchas de umidade. Mostra cultural científica. Anotação: Saulo de Tarso Aluno filho da professora Ilse Leone. Professor Wagner Santos	Silmara; Neisi
06	6	Novembro/1985	Visita ao zoológico, animais, foto da turma.	
07	7	Setembro/1997	Encontro de educadores do Ensino Básico	Alcir; Edivânia; Telma; relacionado com os conjuntos 20 e 106
08	3	[Dezembro]	Apresentação natalina	Andrea; Telma Maria
09	3	Junho/2001	Crianças sentadas no pátio	
10	3	Outubro/1999	Apresentação Cultural	Telma Maria
11	2	s/d	professores e alunas	Geraldo Campos
12	11	Dezembro/1996	Apresentação	Telma
13	13	s/d	Apresentação	Telma
14	2	Janeiro/1996	apresentação	
15	6	s/d	Dia do Biólogo	
16	3	Outubro/1997	Apresentação	Relacionado com conjunto 07 e 21
17	13	s/d	Apresentação	Telma Maria
18	2	Abril/1997	Visita ao Viveiro	

19	3	Julho/1997	Crianças, maquete. Anotação no verso: Neisi 1997, Tema: O bairro	
20	93	s/d	Anotação no Verso: Encontro Gwaia contadores de História CEPAE UFG. Descrição nas pastas: II Encontro de Educadores do Ensino Básico. Última foto dúvida se pertence ao conjunto	Edivânia; Diane; Luiz Dourado; Sônia; Ataíde; Alcir; Ilse; Silmara; Neisi; Élon; Danilo; relacionado com os conjuntos 07 e 106
21	3	[Outubro/1997]	Apresentação	Mesmas pessoas e cenário conjunto 16 e 82
22	10	s/d	Espaço físico.	Manchas de umidade
23	34	2002	V Mostra de Trabalhos culturais e científicos do CEPAE/UFG 2002	Denise; Telma; Alcir; Ataíde; Sônia; Luzia; Wanderley. Manchas de umidade
24	16	s/d	Camiseta azul formandos 2008. Anotação no quadro	Professor Israel? Manchas de umidade. Deformação por colagem
25	4	Setembro/1990	atividade na biblioteca	Manchas de umidade
26	4	s/d	Grupos de pessoas (famílias)	Manchas discretas
27	4	s/d	Projeto Bem-te-ouvi; Projeto Bem-te-vi; Mostra de trabalhos Científicos Culturais; Merenda Escolar	Wanderley. Manchadas de umidade
28	2	Fevereiro/2003	Apresentação	
29	7	Outubro/2003	Ambientes diversos, biblioteca	Telma
30	6	s/d	Festa da chuva; Lançamento coleção Gwaia de Literatura Infante-Juvenil; Projeto Cantinho de Leitura	Edivânia; manchas discretas
31	4	Setembro/1995	sala de aula, alunos fazendo tarefa	
32	3	Julho/1995	Sala de aula vazia, cartaz turma da professora Andrea	Manchadas de umidade
33	2	1995	Estudantes fazendo tarefa; Anotação no quadro 1995, Professora Andrea	
34	5	Outubro/1987		
35	17	Março/2000	Professoras lanchando, dia da mulher? Flores na mesa	Silmara; manchadas de umidade
36	6	s/d	Anotação: Teatro Drogas	
37	4	Setembro/2000	Painéis pintados nas paredes	
38	40	s/d	Fotos enumeradas com anotações no verso; Escola Aécio, Vila Itatiaia Waldemar Mundim, Vila Itatiaia C.S.U.; Colégio	[Ginásio da Faculdade de Educação Física], fotos

			de Aplicação; Apresentação; Alunos vestidos e pintados de índios; Atividade no ginásio; animais diversos (Zoológico)	manchadas, sujas, pontas gastas, todas tem o número 85 no verso
39	8	s/d	Fotos coladas em papéis coloridos; famílias e apresentações	Telma Maria
40	1	Setembro/2005	Parquinho; foto colada em papel colorido	
41	12	s/d	Festa da Chuva; fotos coladas em papel colorido; alunos com balões coloridos; repórter da TV serra dourada	Manchadas de umidade
42	2	2/12/1996	Anotação: fotos entregues pela Ana Maria; Festa Junina	
43	6	13/06/1996	Gwaya - Noite Eros uma vez	Manchadas
44	27	s/d	Faixa ao fundo: Nós somos caipiras, mas não somos bobos CPM-CEPAE	Ilse; Alcir; Sonia; Edivânia; Célia; Telma;
45	21	s/d	Alunos na biblioteca; Alunos em sala; Sorteio de vagas	
46	24	s/d	Passeata com cartazes fora Collor	
47	11	s/d	Passeata com cartazes fora Collor	
48	8	out/1998	Alunos sentados no auditório, Alunos na biblioteca	
49	10	Novembro/2002+s/d	Alunos na mesa de lanche; exposições; apresentação	Sônia; Joana; Ataíde; Edivânia
50	3	Julho/1996	Alunos no ônibus, Evento na quadra	
51	11	Julho/1996	Lanche na parte externa	[Andrea]
52	16	Novembro/1996	Alunos reunidos com roupas juninas, alunos reunidos no pátio, fotos de uma sala	
53	27	Julho/1996	Apresentação em auditório, Alunos apresentando e assistindo	
54	33	s/d	Anotação na contracapa: Sorteio; pessoas no palco com os globos; auditório lotado(amplo)	
55	15	Novembro/1996	Professores reunidos com lanches	Ataíde; Maria Izabel; Fernando
56	26	s/d	Festa junina	[Neisi]; [Edivânia]
57	35	Setembro/2000	Imagens das pinturas na área externa da escola; Anotação: Fotos Cleide Vilela	
58	20	1999	Festa junina 1999	
59	11	1995/1996	Alunos em situações diversas em sala e ao ar livre	[Ataíde]; [Silvia]; Sônia
60	5	s/d	festa junina, alunos no ônibus, alunos reunidos	
61	26	Outubro/2003	Alunos com trabalhos de artes; biblioteca; espaços da escola	Comparar com Conjunto 7

62	10	[1995]	Saúde geral avaliação otorrinolaringológica (1995); exposição aves e mamíferos	Silvia, Gene
63	18	Setembro/1995	Saúde odontológica (estágio curricular supervisionado)	
64	14	Novembro/1996	Paisagem; cachoeira; crianças sem uniforme; Fazenda Santa Branca	
65	19	s/d	Professor com alunos em sala; inauguração da quadra	Ataide (a primeira foto parece destoar do conjunto)
66	28	1999	Festa junina 1999	
67	15	s/d	Sorteio no pátio e no auditório; plantio de mudas de árvore	
68	21		Anotação: Visitar construindo o conhecimento - Pirenópolis 4ª série	
69	25	s/d	Evento/reunião no hall em frente a escada; evento na quadra	Luís Macedo
70	6	s/d	Alunos em sala; no pátio e no auditório	
71	9	s/d	Projeto Bem-te-ouvi; Projeto Cultura em Movimento; Coral do CEPAE; Alunos em aula (utilizando teclado); Encontro de Educadores do Ensino Básico	Edivânia; Neisi; Ivone (FE); Denise; Telma; Sônia
72	7	Outubro/1990	Roda de capoeira	
73	33	Outubro/2003	Desfile no pátio; alunos na biblioteca; futebol de sabão no gramado; alunos em sala	Ataide; Silvia; Gene; Joana; Telma Maria
74	12	Setembro/1990	Alunos na biblioteca; em sala e no auditório; alunos apresentando	
75	8	Julho/1996+s/d	Alunos no ônibus; na biblioteca; em sala no auditório	Ataide
76	20	s/d	1º Encontro de professores 1º fase (na caixa) adultos (professores?) em sala e situações diversas	Alcir; Newton; Edivânia
77	5	Abril/Setembro/1995	Alunos em sala; roda no pátio; auditório	
78	0	s/d	Álbum vazio com bilhete sobre alguém que levou fotos	
79	1	s/d	Alunos na porta de uma igreja	Matriz de Campinas -Goiânia; Foto usada no livro 40 anos
80	1	s/d	Árvores do entorno da escola	Foto usada no livro 40 anos
81	2	s/d	Anotação: Sr. Divino Segurança amigo educador; alunos assistindo aula no auditório	Manchadas de umidade
82	1	Novembro/1997	Apresentação	Relacionado com conjunto 16 e 21

83	1	Novembro/1994	Alunos sentados em cadeiras vermelhas	Foto usada no livro 40 anos
84	1	s/d	Alunos dos anos iniciais (pequenos) acompanhados de professora em atividade ao ar livre	
85	1	Maio/1997	Alunos caminhando no bosque	
86	4	Junho/2001	Apresentação no pátio, Alunos menores	
87	1	s/d	Faixa ao fundo: Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens	Edivânia, Telma Maria, [Neisi] (no canto?)
88	1	s/d	Professoras reunidas em um auditório paredes de tijolinho	Silmara; [Sirley ou Joana]; Telma Maria; Silvana (no fundo); [Neisi]
89	1	s/d	Professora em sala com atividade de inglês no quadro	
90	1	s/d	Pessoas reunidas em volta de uma maquete (professoras e alunas?)	[Célia Sebastiana]; [Maria Amélia]; foto com avaria por colagem
91	2	s/d	Pessoas em ambiente administrativo [secretaria?]	Marcas de cola no verso
92	1	Setembro/2005	Estudantes (anos iniciais?) em mesas na área externa com professora de vestida com camiseta de Geografia	
93	1	s/d	Alunos em exposição (quadro na parede) uniforme cinza gola azul	
94	1	s/d	mesa de lanche com frutas e folhagens, adolescente e adultas em volta	
95	6	s/d	Mulheres (professoras?) em dinâmicas de grupo; exposição de livros e personagens fantasiados do grupo empresarial Rio Quente Resorts, crachá de hotel e pulseiras de identificação	Álbum de fotos sem capa somente no plástico
96	19	Julho/2002	54ª Reunião Anual da SBPC - Goiânia	Telma; Silvia; Edivânia; Sirley; Clêidna; Telma Maria; Fernando; Ildeu (FE); Gene; Ilse; Élson
98	24	Julho/1997	Atividade com fotos de visita ao laboratório de anatomia animal; Zoológico e Parque Mutirama com escrita de alunos	Fotos coladas em folhas de papel ofício, com escrita de crianças da 1ª série; algumas folhas sem foto; Circular informando visita ao museu ornitológico; foram contadas apenas as fotos
99	6	Novembro/2002	Festa da chuva; alunos no pátio; plantando árvores e lanchando	Edivânia; Fernando; Ataíde; Clêidna; Sônia

100	17	s/d	Apresentação cultural em tenda; crianças com blusas laranjadas; fotos coladas com fita crepe em papel de gramatura dura; manchas de umidade, apresentação musical no auditório (conjunto 27 e 71)	Telma; Telma Maria; Sônia; Sirley; Edivânia; [Gene]; Denise
101	1	Agosto/1980	Departamento fotográfico O popular, Inauguração Colégio de Aplicação Fotógrafo Yosikazu Maeda vista lateral do prédio do estacionamento	01/08/1980
102	39	1995	Calendário na parede; alunos em sala; na quadra; na biblioteca; em ônibus; fotos coladas em papel frente e verso; algumas se repetem	Rony; papel com manchas e marcas de umidade; fotos em preto e branco
103	22	Outubro/1994; s/d; Outubro/1996	Alunos em sala; na biblioteca; com plantas; festa junina, auditório, fotos coladas em papel, manchas e avarias por umidade	Telma Maria; Ataíde
104	10	1968-1998	Galeria de diretoras e diretores	Ver lista
105	29	23 a 27 de abril/1990	Fotografias da IV Semana do Livro Infantil e Juvenil do C.A. 23 a 27 de abril 1990 Biblioteca do C.A.	
106	42	Dezembro/1998; s/d; Setembro/1997	Encontro Nacional de Educadores da Educação Básica; fotos coladas em folha tamanho A3 de gramatura média; atividades em diferentes ambientes; salas, auditórios; pátio; apresentação de alunos	Alcir, Edivânia, Gene, Fernando, Telma, Telma Maria, Neisi, [Sirley], Maria Izabel, Andrea, manchas de umidade; relacionado com os conjuntos 07 e 20
107	27	Festa Junina 26/06/1992	Álbum Verde Festa Junina	
108	105	s/d	Número aproximado de fotos coladas	
Total:	1.547			

Fonte: Silva, 2024.

Apêndice G – Roteiro de entrevista:

Pesquisadora responsável e entrevistadora: Danielly Cardoso da Silva

E-mail: danielly_carodoso@ufg.br

Telefone de contato:

Entrevistado/a:

Data:

Local:

Horário:

Recursos: gravador, canetas, lápis, bloco para anotações.

O roteiro de entrevista abaixo faz parte da pesquisa intitulada **MEMÓRIA E HISTÓRIA: REGISTROS FOTOGRÁFICOS DO CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO - CEPAE/UFG (1968-2018)**. Caso você, não se sinta confortável com as perguntas e: quiser realizar uma pausa; desejar interromper sua participação na pesquisa ou outro motivo, informe, imediatamente, à pesquisadora responsável.

Bloco	Objetivos do bloco	Questões orientadoras	Perguntas de recurso e de aferição
Apresentação	Explicar os objetivos da entrevista; Criar um ambiente propício.	Agradecer a disponibilidade do/da entrevistado/da; Informar sobre o processo da gravação; Explicitar o objetivo do estudo; Garantir a confidencialidade dos dados; Explicar o procedimento	Há alguma dúvida quanto aos procedimentos informados? Podemos iniciar, ou continuar, com as perguntas?
Identificação	Caracterizar o/a entrevistado o/a	Qual seu nome? Qual sua vinculação com o Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação	Deseja acrescentar alguma informação acerca da sua

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

		(CEPAE/UFG)? Por quanto tempo esteve vinculado à instituição?	vinculação?
Apresentação das fotos	Memória e conhecimento do contexto de produção dos registros	O que pode me dizer acerca das imagens apresentadas? Que situações estão presentes na imagem? Poderia identificar as, ou algumas, pessoas que compõe esse registro? Sabe o ano, e local, em que esse registro foi produzido? Quem os realizou?	Essa situação registrada é uma aula? Um evento? Que tipo de evento? Qual o público-alvo?
Memória e afetividade	Compreender a relação do/da entrevistado/da, com as fotografias apresentadas	Qual sentimento lhe ocorre ao observar as fotografias?	
Pergunta de recurso	Levantar pontos que não tenham sido resolvidos nas afirmativas anteriores	Apresentaremos perguntas de recurso para confirmar afirmações que não ficaram evidentes	

Apêndice H – Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TECLE)

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa MEMÓRIA E HISTÓRIA: REGISTROS FOTOGRÁFICOS DO CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO - CEPAE/UFG (1968-2018). Meu nome é Danielly Cardoso da Silva, sou o (a) pesquisadora responsável e minha área de atuação é Estado, Políticas Educacionais e História da Educação. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, em qualquer etapa da pesquisa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelo (a) pesquisador (a) responsável, via e-mail Danielly: danielly_cardoso@ufg.br e, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (62) 99285-5686, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar e WhatsApp. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá contactar o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, que a instância responsável por dirimir as dúvidas relacionadas ao caráter ético da pesquisa. O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP-UFG) é independente, com função pública, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, criado para proteger o bem-estar dos/das participantes da pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

A presente pesquisa tem como objetivo geral problematizar a respeito das permanências e das mudanças acerca da história do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação CEPAE/UFG (anteriormente chamado de Colégio Aplicação da UFG), tomando as fotografias como fonte de referência. Você poderá participar da pesquisa observando as fotografias do acervo da escola, e respondendo em entrevista qual o contexto de produção desse material, ajudando a identificar as pessoas presentes e as situações registradas e para isso deverá reservar um período de 30 a 60 minutos em intervalos a serem agendados conforme sua disponibilidade. Não haverá custo para participação da pesquisa. Em caso de danos, você tem o direito de pleitear indenização, conforme previsto em Lei. Você receberá uma cópia deste termo assinado pela pesquisadora responsável.

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação

Se você não quiser que seu nome seja divulgado, está garantido o sigilo que assegure a privacidade e o anonimato. As informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas. Ao participar das entrevistas você poderá sentir algum desconforto proveniente de emoções ocasionadas pela lembrança registrada nas fotografias, nesse momento você pode solicitar um tempo para se recompor, uma pausa para continuidade da participação ou até mesmo interromper sua colaboração com a pesquisa. Isso vale para situações de cansaço durante qualquer momento. As fotografias serão apresentadas em formato digital, em notebook ou tablet da pesquisadora, porém caso seja necessário manusear algum item em seu formato original será disponibilizado luvas, óculos de proteção e máscara a fim de evitar exposição a agentes naturais que possam provocar alergia.

Durante todo o período da pesquisa e na divulgação dos resultados, sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de alguma forma, identificar-lhe, será mantido em sigilo. Todo material ficará sob minha guarda por um período mínimo de cinco anos. Para condução da entrevista é necessário o seu consentimento para utilização de um gravador, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- Permito** a utilização de gravador durante a entrevista.
- Não permito** a utilização de gravador durante a entrevista.

As gravações serão utilizadas na transcrição e análise dos dados, sendo resguardado o seu direito de ler e aprovar as transcrições. Pode haver necessidade de utilizarmos sua voz em publicações. Faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- Autorizo** o uso de minha voz em publicações.
- Não autorizo** o uso de minha voz em publicações.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua opinião em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

- Permito** a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

() **Não Permito** a divulgação da minha opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver também a necessidade de utilizarmos sua imagem em publicações, faça uma rubrica entre os parênteses da opção que valida sua decisão:

() **Permito** a divulgação da minha imagem e identificação nos resultados publicados da pesquisa.

() **Não Permito** a divulgação da minha imagem e identificação nos resultados publicados da pesquisa.

Pode haver necessidade de dados coletados em pesquisas futuras, desde que seja feita nova avaliação pelo CEP/UFG. Assim, solicito a sua autorização, validando a sua decisão com uma rubrica entre os parênteses abaixo:

() **Permito** a utilizar esses dados para pesquisas futuras.

() **Não Permito** a utilizar esses dados para pesquisas futuras.

Declaro que os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu,,
abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado **MEMÓRIA E HISTÓRIA: REGISTROS FOTOGRÁFICOS DO CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO - CEPAE/UFG (1968-2018)**. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) responsável **Danielly Cardoso da Silva**, sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito e que recebi uma cópia deste termo devidamente assinada.

Goiânia, de de

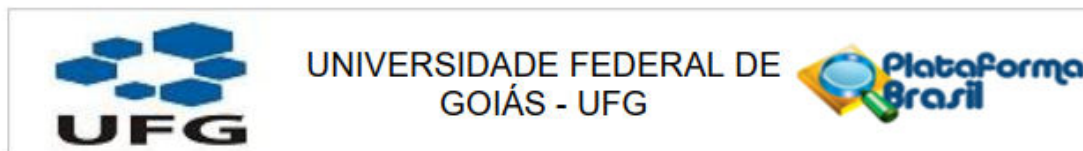
Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

Assinatura por extenso do(a) participante

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

ANEXOS

Anexo 1 – Parecer consubstanciado CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: MEMÓRIA E HISTÓRIA: REGISTROS FOTOGRÁFICOS DO CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO - CEPAE/UFG (1968-2018)

Pesquisador: Danielly Cardoso da Silva

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 69679923.0.0000.5083

Instituição Proponente: Universidade Federal de Goiás - UFG

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.164.835

Apresentação do Projeto:

O Projeto MEMÓRIA E HISTÓRIA: REGISTROS FOTOGRÁFICOS DO CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO - CEPAE/UFG (1968-2018) de autoria de DANIELLY CARDOSO DA SILVA, pretende investigar a história do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação – CEPAE/ UFG, antigo Colégio de Aplicação, unidade específica de educação básica da Universidade Federal de Goiás, utilizando como fonte a análise os registros fotográficos disponíveis no arquivo da instituição. A pesquisa pretende referenciar-se na perspectiva teórico metodológica da história cultural que, de acordo com a proponente, considera a ampliação das fontes e o entrecruzamento de diversos elementos históricos fundamentais na constituição do passado.

Objetivo da Pesquisa:

Tomando as fotografias como fonte de referência, a pesquisa tem como objetivo geral apresentar quais permanências e mudanças podem ser problematizadas acerca da história do CEPAE. Desse modo, interroga sobre: O que significava a cinquenta anos atrás tirar uma foto numa universidade pública? Qual o objetivo desses registros? O que os registros recolhidos desvelam e revelam sobre essa instituição de educação básica? Qual valor histórico que esses registros fotográficos escolares possuem?

Como objetivos específicos, pretende:

*discutir o papel da fotografia como fonte para a memória e a história.

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br



Continuação do Parecer: 6.164.835

- *Organizar, identificar, classificar e digitalizar as fotografias disponíveis no arquivo do CEPAE.
- *Estabelecer categorias de análise para discutir a dimensão constitutiva da história desta escola de educação básica.
- *Comparar e cruzar informações de outros documentos institucionais com as fotografias encontradas.
- *Realizar entrevistas com professores e com servidores técnicos, ativos e ou aposentados, para recompor os elementos de memória apresentados nas fotografias.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

sobre a ponderação entre riscos e benefícios, o projeto pretende seguir procedimentos metodológicos éticos que possibilitem problematizar sobre os registros fotográficos, de forma a causar o mínimo de desconforto aos participantes. A entrevista objetiva a identificar as pessoas presentes e as situações registradas e deverá ocorrer no período de 30 a 60 minutos, em intervalos a serem agendados, conforme a disponibilidade dos entrevistados. De forma implícita, o pesquisa deixa claro os benefícios coletivos e institucionais.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma relevante pesquisa, bem estruturada, tanto do ponto de vista formal como conceitual, apresenta bibliografia pertinente a área pesquisada e metodologia compatível.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A pesquisadora apresenta os termos solicitados por este Comitê e afirma que, caso não seja possível contatar as pessoas nas fotos a tempo da conclusão da pesquisa todas as imagens utilizadas serão descaracterizadas de modo que seja protegida a identificação dos sujeitos. Constam:

Autorização da direção da instituição para utilização e tratamento do acervo fotográfico.

Certidão de Ata com aprovação para desenvolvimento do projeto.

Termo de Compromisso devidamente assinado.

Folha de rosto devidamente assinada.

Cronograma: com previsão de entrega de relatório final

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Roteiro de Entrevistas

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br



Continuação do Parecer: 6.164.835

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Acrescentar no TCLE a informação que o participante da pesquisa receberá uma via do documento, assinada pelo participante de pesquisa, pelo pesquisador, e rubricada em todas as páginas por ambos. Diante do exposto, considero o projeto aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UFG considera o presente protocolo APROVADO. O mesmo foi considerado em acordo com os princípios éticos vigentes. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado, e lembramos que o(a) pesquisador(a) responsável deverá encaminhar ao CEP-UFG os relatórios parciais e o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12 e Resolução CNS n. 510/16. O prazo para entrega do Relatório é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa, previsto para maio de 2025.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_2128385.pdf	16/05/2023 09:39:54		Aceito
Outros	termo_compromisso_completo.pdf	16/05/2023 09:39:32	Danielly Cardoso da Silva	Aceito
Outros	roteiro_entrevista_tese.pdf	28/04/2023 08:30:50	Danielly Cardoso da Silva	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_assinado.pdf	28/04/2023 08:26:34	Danielly Cardoso da Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_DANIELLY.pdf	25/04/2023 12:10:36	Danielly Cardoso da Silva	Aceito
Outros	parecer_CEPAE.pdf	25/04/2023 12:09:38	Danielly Cardoso da Silva	Aceito
Outros	certidao_de_ata.pdf	25/04/2023 12:09:23	Danielly Cardoso da Silva	Aceito
Declaração de concordância	autorizacao.pdf	25/04/2023 12:07:34	Danielly Cardoso da Silva	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_revisado.pdf	25/04/2023 12:06:15	Danielly Cardoso da Silva	Aceito

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110

Bairro: Campus Samambaia, UFG

CEP: 74.690-970

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3521-1215

E-mail: cep.prpi@ufg.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
GOIÁS - UFG



Continuação do Parecer: 0.164.835

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

GOIANIA, 05 de Julho de 2023

Assinado por:

**Rosana de Moraes Borges Marques
(Coordenador(a))**

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2, sala 110

Bairro: Campus Samambaia, UFG

CEP: 74.690-970

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3521-1215

E-mail: cep.prpi@ufg.br